

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

RITOMÍDIA: DO RITUALÍSTICO AO MIDIÁTICO.

**A midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana
na perspectiva da Capoeira Angola**

Carem Cristini Nobre de Abreu

Belo Horizonte

2012

Carem Cristini Nobre de Abreu

RITOMÍDIA: DO RITUALÍSTICO AO MIDIÁTICO.
A mediação das culturas populares de raiz de matriz africana
na perspectiva da Capoeira Angola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Orientador: José Márcio Barros

Co-orientador: Júlio Pinto

Belo Horizonte

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A162rt Abreu, Carem Cristini Nobre de
Ritomídia: do ritualístico ao midiático: a mediação das culturas populares de raiz de matriz africana na perspectiva da capoeira angola / Carem Cristini Nobre de Abreu. Belo Horizonte, 2012.
219f.: il.

Orientador: José Márcio Barros
Coorientador: Júlio Pinto
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

1. Comunicação de massa. 2. Cultura popular. 3. Capoeira - Angola. 4. Mídia (Propaganda). I. Barros, José Márcio. II. Pinto, Júlio. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. IV. Título.

Carem Cristini Nobre de Abreu

RITOMÍDIA: DO RITUALÍSTICO AO MIDIÁTICO.
A midiaticização das culturas populares de raiz de matriz africana
na perspectiva da Capoeira Angola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

José Márcio Pinto de Moura Barros – PUC Minas

Júlio César Machado Pinto – PUC Minas

Alexandre Barbalho – UECE/UFC

Eduardo Antônio de Jesus – PUC Minas

Belo Horizonte, 03 de dezembro de 2012

Dedico este estudo às culturas de raiz de matriz africana
de Belo Horizonte (MG), mais especificamente à Capoeira Angola.
A todos os antepassados que criaram a resistência cultural afro na diáspora.
Especialmente a Acotirene, Zumbi,
Besouro, Mestres Pastinha, João Pequeno, João Grande,
Moraes, Rogério, Dunga e João Angoleiro.
A todos os mestres populares, do presente, do passado e do futuro.
A um Brasil mais justo, sem preconceitos,
com respeito civil as diversidades socioculturais.

AGRADECIMENTOS

A minha família de laços consanguíneos e as famílias de laços espirituais. Ao meu filho Icaro. Aos amigos Adriano Cabral e Shirley Rodrigues e aos apoiadores que estiveram comigo nesse percurso. De alguma forma eles me incentivaram e me deram algum tipo de estrutura para seguir em frente. Que todos nós aprendamos qual é o resultado da soma do apoio certo com a força da determinação.

Agradeço especialmente a minha mãe Ana, por ter me ensinado a escrever ainda aos três anos de idade e ao meu pai Mário, por me incentivar a me dedicar aos estudos e por aguçar o meu gosto pela leitura. Ao professor de português João Pamplona, que ainda no primário me encaminhou no mundo das letras e da escrita. Agradecimentos sinceros aos guias espirituais e ao meu mestre de capoeira angola, João Angoleiro, por desde 1995 estar ao meu lado, apoiando e me orientando com primazia e determinação no campo da cultura popular.

Agradeço de coração ao meu orientador *ad eternum*, Julio Pinto, por há mais de 20 anos ser o guia de minha trajetória acadêmica. Por ter acreditado em meu potencial, ainda nos primeiros momentos da graduação e me conduzido rumo à semiótica. Minha vida é antes e depois da busca pela compreensão do “sentido”. Agradecimentos mais que especiais ao querido orientador José Márcio Barros, que com tolerância, dignidade e muito aporte teórico, tornou possível a materialização dessa pesquisa acadêmica.

Imensos agradecimentos ao povo e a cultura de Minas Gerais, e em especial ao de Belo Horizonte: receberam-me contidos, mas de braços abertos. Ao me tornar belo-horizontina, eu me senti um pouco mais “gente”. Ê Minas!

***Até que os leões tenham suas histórias,
os contos de caça glorificarão sempre o caçador***

Provérbio africano, tradição oral.

RESUMO

Como as culturas de raiz de matriz africana, que possuem a transmissão de saberes fundada na presença e na oralidade, se apropriam e utilizam dos dispositivos sociotécnicos virtuais? Na atualidade as mídias digitais e em especial as redes sociais, são utilizadas pelas culturas ancestrais como forma estratégica de atualização de suas tradições? Esse estudo investigou o processo de midiatização, ocorrido entre 2010 e 2012, de uma manifestação de cultura de raiz conhecida como capoeira angola. Mais especificamente a pesquisa procurou entender como vem acontecendo a utilização de mídias - como as redes sociais, site e blog - por dois grupos angoleiros de Belo Horizonte, MG: a Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH) e a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa). Os resultados apontam para uma singular estratégia comunicativa de difusão das culturas tradicionais no campo social, que articula permanência, mudança e atualização dos modos de produção de sentidos. Os quais configuram os processos internos de comunicação e formação e os processos externos de publicização, num agenciamento singular entre o tradicional e o contemporâneo.

Palavras chave: midiatização, cultura de raiz de matriz africana, capoeira angola, dispositivo, semiótica, interação.

ABSTRACT

How do the cultures of African roots, which rely on the transmission of knowledge based on presence and orality, appropriate and utilize virtual socio-technical devices? Nowadays, are digital media, and especially the social networks, used by ancestral cultures as a strategic way of updating their traditions? The present study has investigated the process of mediatization, in the period between 2010 and 2012, of a root cultural manifestation known as *capoeira angola's*. The research tried particularly to understand how the use of social media, websites, and blogs has been made by two angola groups in Belo Horizonte, Minas Gerais: Fundação Internacional de Capoeira Angola [International Foundation for Angola Capoeira] (Fica-BH) and Associação Cultural Eu Sou Angoleiro [Cultural Association I am Angolan] (Acesa). The results point at a peculiar communicative strategy to divulge traditional cultures within the social field, one which articulates permanence, change, and the updating of processes of meaning production. Such a strategy shape the internal communication and external publicization processes, in a peculiar line of action between the traditional and the contemporary.

Key words: mediatization, African root cultures, capoeira angola's, device, semiotics, interaction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS 1, 2 e 3 – Praia da Estação	35
FOTO 4, 5 e 6 – Marcha Fora Lacerda	35
FOTOS 6 e 7 - A capoeira sendo midiaticizada no início do século XX.....	64

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - FICA-BH: objetos de análise.....	89
TABELA 2 - ACESA: objetos de análise.....	89
TABELA 3 – CONTEÚDOS MUDIÁTICOS ANALISADOS.....	90
TABELA 4- OBJETO EMPÍRICO: BLOG INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA).....	95
TABELA 5- OBJETO EMPIRICO: SITE INSTITUCIONAL DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO (Acesa).....	97
TABELA 6- COMPARATIVO MÍDIAS INSTITUCIONAIS.....	99
TABELA 7- ANÁLISE COMPARATIVA MARCADORES DE TRADIÇÃO	106
TABELA 8- ANÁLISE COMPARATIVA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO.....	108
TABELA 9.A- LOGOMARCA FICA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO	109
TABELA 9.B- LOGOMARCA ACESA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO.....	109
TABELA 10- OBJETO EMPIRICO: REDE SOCIAL DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA-BH)	119
TABELA 11- OBJETO EMPIRICO: REDE SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO – ACESA.....	120
TABELA 12- ANÁLISE MÍDIAS REDES SOCIAIS	123
TABELA 13- ANÁLISE COMPARATIVA MARCADORES DE TRADIÇÃO.....	125
TABELA 14- ANÁLISE COMPARATIVA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO/ MARCADORES DE TRADIÇÃO.....	127
TABELA 15- UTILIZAÇÃO DOS DISPOSITIVOS PELAS CULTURAS DE RAIZ....	137

LISTA DE ABREVIATURAS

Fica-BH – Fundação Internacional de Capoeira Angola Belo Horizonte

Acesa- Associação Cultural Eu Sou Angoleiro

RMBH- Região Metropolitana de Belo Horizonte

Onu – Organização das Nações Unidas

Unesco - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - RITOMÍDIA midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana.....	13
2 CULTURA E INTERAÇÃO: pressupostos teóricos, campo social e dos media.....	19
2.1 INTERATIVIDADE EM CONSTRUÇÃO: processos subjetivos da comunicação.....	19
2.2 A RELAÇÃO DO CAMPO SOCIAL COM O CAMPO DOS MÍDIAS: ritualização e amplificação do poder dos movimentos sociais e das culturas populares.....	29
2.2.1 <i>VISIBILIDADE SOCIAL, VISIBILIDADE MÍDIÁTICA: relações intrínsecas do Campo Social e o Campo dos Mídias e sua relação com a hipernormatividade, os dispositivos sócio-técnicos e a difusão de conhecimentos ancestrais</i>	36
2.2.2 <i>CAMPO DOS MEDIA: ritualização e cultura popular</i>	45
 3 MÍDIATIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES DE RAIZ DE MATRIZ AFRICANA: o caso da capoeira angola em Belo Horizonte	50
3.1 CONCEITOS: Cultura de raiz de matriz africana, gesto negro, tradição, culturas populares e a diversidade cultural.....	51
3.2 A CAPOEIRA ANGOLA E SER “ANGOLEIRO”: constituição histórica, identitária e midiática no Brasil e em Belo Horizonte.....	60
3.2.1 <i>Contribuições da oralidade para o entendimento do papel sociocultural da capoeira para a cultura brasileira</i>	62
3.2.2 <i>Capoeira na mídia: um novo local para a difusão das ritualidades angoleiras</i>	68
3.2.3 <i>Experimentando a tradição: sobre a vivência dessa empírica dessa autora no mundo da capoeira angola</i>	73
3.2.4 <i>Pontuação de elementos tradicionais na prática angoleira</i>	78
3.3 A capoeira angola em Belo Horizonte: grupos analisados	84
3.3.1 <i>Proposta de estudo da midiatização da capoeira angola em Belo Horizonte</i> ..	86

4 MEDIATIZAÇÃO EM ANÁLISE: questões a serem elucidadas e suas variáveis analíticas	92
4.1 MÍDIAS INSTITUCIONAIS: análise semiótica e etnográfica do blog da Fica-BH e do site da Acesa e os Regimes de Interação.....	95
4.1.1 <i>MÍDIAS INSTITUCIONAIS: Marcadores de Tradição relacionados aos Níveis de Significação</i>	<i>102</i>
4.1.2 <i>MÍDIAS INSTITUCIONAIS: Apropriação e Ações de Resistência</i>	<i>110</i>
4.1.3 <i>RELAÇÕES DE PODER E DISPOSITIVO: estudo de caso nas mídias institucionais e sociais da Fica-BH e Acesa.....</i>	<i>116</i>
4.2 MÍDIAS SOCIAIS: análise semiótica e etnográfica das redes sociais da Fica-BH e Acesa e seus regimes de interação	118
4.2.1 <i>MÍDIAS SOCIAIS: Marcadores de Tradição relacionados aos Níveis de Significação.....</i>	<i>125</i>
4.2.2 <i>MÍDIAS SOCIAIS: Apropriação e Ações de Resistência</i>	<i>128</i>
4.3 MÍDIAS INSTITUCIONAIS e SOCIAIS: Relações de Poder e Dispositivo..	134
5 CONCLUSÕES.....	140
REFERÊNCIAS.....	159
ANEXOS A e B (entrevistas com mestres e administradores das mídias).....	165
ANEXO C – TABELA 4c – OBJETO EMPÍRICO: BLOG INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (Fica-BH).....	173
ANEXO D – TABELA 5d – OBJETO EMPÍRICO: SITE INSTITUCIONAL DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO (Acesa).....	190
ANEXO E – TABELA 10 e – OBJETO EMPÍRICO: REDE SOCIAL Fica-BH.....	201
ANEXO F – TABELA 11f - OBJETO EMPÍRICO: REDE SOCIAL Acesa.....	210

1 INTRODUÇÃO - RITOMÍDIA: midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana¹

A mídia é um novo dispositivo tecnológico para se produzir relações sociais; portanto é uma forma de vida, que vem alterando costumes, crenças, afetos e a própria estruturação das percepções. (SODRÉ, 2006, posfácio)

Em menos de 50 anos as transformações tecnológicas e mercadológicas possibilitaram que cada vez mais e mais cidadãos, de diferentes extratos socioeconômicos, tivessem acesso aos meios de comunicação e se tornassem potenciais produtores de conteúdos comunicacionais através dos meios eletrônicos. A acessibilidade a equipamentos como telefone celular, câmeras fotográficas e de vídeo, internet e a disseminação de informação nas redes sociais têm ampliado a produção e veiculação de conteúdos comunicativos e a visibilidade de ações locais em escala global. Nesse contexto de ampliação do acesso e utilização dos aparatos sócio-técnicos, mudanças estruturais têm ocorrido nos campos simbólico, social e midiático, chegando inclusive a setores até então ausentes do campo das inovações tecnológicas, como por exemplo, os grupos de cultura popular no Brasil.

O termo Ritomídia é um neologismo criado especificamente para este estudo. Ele sugere um movimento de troca simbólica, que provavelmente possa estar ocorrendo no padrão da tradição das culturas populares de raiz de matriz africana, através da união bilateral e contínua, entre expertises advindas da ritualização dos contatos face a face, dentro do campo virtual de mediação tecnológica. A partir de tal reflexão o estudo a seguir objetiva investigar se está ocorrendo mesmo um processo de apropriação midiática por parte das culturais tradicionais. E entender se o acesso a sites, blogs e redes sociais por esses grupos pode estar criando para eles um novo lugar político de enunciação e reafirmação identitária. Ou falando de outro modo, o problema aqui investigado refere-se principalmente à interpretação sobre como vem ocorrendo a difusão de experiências e trocas simbólicas no mundo virtual para aqueles grupos que vivem na contemporaneidade pela manutenção e difusão das culturas tradicionais. A idéia é entender como ocorrem às interações virtuais num campo social aonde essas trocas, originariamente, só ocorriam de

¹ Para efeito deste estudo será considerado que a cultura popular de raiz de matriz africana em Belo Horizonte é composta pelos coletivos de religiosidades afro (Congado, Candombe e Candomblé), de música e dança (Samba, Reggae, HipHop e Dança Afro) e de ação sociocultural educativa (Capoeira Angola). A questão será melhor discutida na p.51.

forma presencial. Afinal, *por que e como* os processos ritualísticos remotos e tradicionais, que se configuram através de identidades ancestrais, estão sendo mediados, ou seja, disseminados nos novos espaços comunicativos? Vale ressaltar que nesse estudo a mediação será interpretada como o processo de produção de sentidos em esferas midiáticas e sua configuração como experiência de reterritorialização identitária, reflexão e mobilização sociocultural.

Para efeito do estudo proposto serão objeto de análise as estratégias comunicativas ocorridas entre 2009 e 2011, geradas pelo processo de mediação de dois grupos de capoeira angola de Belo Horizonte (MG), aqui analisados como representantes das manifestações das culturais brasileiras de raiz de matriz africana. São eles a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa) e a Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH). O primeiro possui 10 frentes de trabalho na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e é responsável pela disseminação da prática angoleira na capital de Minas Gerais. O segundo possui 18 frentes de trabalho em quatro estados brasileiros e em cinco continentes, sendo responsável pela disseminação da prática angoleira pelo mundo.

Mas por que analisar justamente o processo de mediação da comunicação e difusão da capoeira angola no contexto das outras manifestações culturais de raiz? Um fator importante que justifica a escolha do objeto de estudo dessa pesquisa acadêmica relaciona-se ao fato da capoeira ter sido registrada, em 15 de julho de 2008, como um bem cultural imaterial brasileiro pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Isso significa o reconhecimento institucional dessa expressão cultural como patrimônio e memória. Há de se considerar também o fato da capoeira angola possuir um arcabouço simbólico tradicional ancestral a ponto de ser reconhecida, no meio das manifestações culturais populares como sendo um dos componentes fundantes das chamadas culturas de raiz de matriz africana, junto ao samba, ao frevo e ao candomblé². Outro fator determinante para a realização

² Conteúdo da entrevista de Mestre Cobra Mansa exclusiva para a pesquisa do “DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá” (Belo Horizonte/MG, julho 2012) realizada por essa autora com mais de 40 mestres da cultura popular brasileira dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Alagoas. Os resultados da pesquisa, constam no documentário televisivo do referido DVD e apontam para a possibilidade daquilo que é conhecido hoje como capoeira angola ser uma cultura com mais de 500 anos de tradição no Brasil. O documentário e os outros 15 produtos culturais intermediários resultantes da referida pesquisa foram produzidos através da obtenção do “Prêmio Capoeira Viva 2007” (MINC) e dos recursos do Fundo Estadual de Cultura (SEC/MG). Veja detalhes em <http://paznomundocamara.blogspot.com/>. A

dessa pesquisa se deve ao fato de apesar da capoeira estar presente em vários estados brasileiros e em mais de 150 países³, foi notado a escassez de estudos acadêmicos abrangentes na área da comunicação que enfocassem especificamente a análise das estratégias de mediação das culturas de raiz de matriz africana e mais especificamente o caso da capoeira angola, tema aqui proposto.

No âmbito da comunicação social um dos desafios desse estudo está justamente em se buscar entender como se mediatizam os processos de transmissão de saberes anteriormente ancorados exclusivamente nas interações presenciais e na oralidade. Para além do senso comum das críticas ao fenômeno global da mediação dos campos sociais, não há como negar que a globalização dos costumes tem ampliado também a importância da ação humana nos âmbitos social, cultural, histórico e local. E mais: é possível que essa facilitação do acesso aos meios de produção de conteúdo esteja contribuindo de forma efetiva para que “os novos organismos sociais de participação assumam os mídia como campos estratégicos para a ação” (LINHARES, 2006, apud RAYA, 1997, p. 162 e 169).

A idéia é verificar se tal percepção de Linhares está ocorrendo no campo social, pois é possível que tal processo possa estar desencadeando no campo das mídias uma espécie de “reterritorialização midiática” do mundo da cultura. Dito de outra forma: o acesso e a apropriação das novas tecnologias de comunicação por indivíduos e grupos socioculturais não hegemônicos talvez estejam sendo utilizadas como *dispositivo* capaz de proporcionar a redução dos efeitos da exclusão, e diminuir os impactos da *hipermodernidade*⁴ no desmembramento social do padrão da tradição. Importante ressaltar que dispositivo aqui é entendido a partir da perspectiva de Agamben, ou seja, como um conjunto complexo de práticas, de saberes, de medidas, de instituições, cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar os gestos e os pensamentos. Ou seja, talvez a mediação do campo social por esses grupos esteja funcionando na prática como instrumento contra o poder persuasivo da cultura dos hegemônicos.

realização é da ATOS Central de Imagens em co-produção com a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro.

³ Fonte: trecho do documento Certidão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que registrou o Ofício dos Mestres de Capoeira como um bem imaterial, em 20/11/2008.

⁴ Veja detalhamento sobre os conceitos de *hipermodernidade* e *dispositivo* no item 2.2.1 VISIBILIDADE SOCIAL, VISIBILIDADE MIDIÁTICA (...), p.36.

Mas afinal, de que maneira as culturas populares se põem em evidência? As culturas de raiz de matriz africana estarão mesmo realizando uma apropriação midiática? Este estudo vai se concentrar em desvendar também se existe uma midiatização das interações em grupos de cultura popular tradicional. Se existe, será que ela contribui para que tais grupos possam perpetuar sua cultura, reforçar seu poder, sua tradição e atualizar seus códigos identitários, amplificando assim sua participação no espaço público? A idéia é entender como grupos tradicionais, que possuem uma cultura mitológica, ritualística, ancestral, com a transmissão de saberes fundada na presença, se utilizam de aparatos tecnológicos virtuais, no sentido de perpetuar sua cultura e amplificar seu poder social. Ou seja: entender como os movimentos socioculturais de raiz de matriz africana de Belo Horizonte, especificamente o movimento sociocultural denominado capoeira angola, caracterizado pela manutenção de sua tradição ritualística, se utiliza e se apropria dos mais recentes dispositivos midiáticos.

Mas como se pode mensurar se existe uma contribuição da midiatização para as culturas de raiz de matriz africana no contexto social? Se existe uma midiatização desse setor, será que a forma que ela vem acontecendo possibilita um efeito de publicização mais forte do que o efeito de informação pretendido? A midiatização estará sendo utilizada para atualizar as tradições populares e seus códigos identitários? Que concepções servem de base para a compreensão de como se avança e diversifica no campo midiático, e mesmo assim se manter tradicional? Dito de outra forma: é possível identificar como se muda para permanecer o mesmo? No sentido de se buscar respostas às indagações aqui levantadas é objetivo dos capítulos subsequentes: identificar quais os dispositivos de manutenção e de atualização das identidades tradicionais são utilizados nas ações midiáticas destes grupos, procurando entender se e como atuam na manutenção e atualização de mitos e pertencimentos ancestrais.

Para a construção dos conceitos-chaves dessa análise da realidade e processo comunicativo nos grupos selecionados de capoeira angola da RMBH foi necessário, além da revisão bibliográfica, realizar levantamento de material midiático produzido por eles entre 2010 e 2012, em sites, blogs e redes sociais. A proposta foi executar uma análise comparativa das informações difundidas pelos grupos, com o intuito de perceber de que maneira eles se fazem presentes no campo das mídias e no campo social. Para tanto, foi desenvolvida por essa autora, especificamente para

esse estudo, uma metodologia de análise que desse conta de identificar traços da tradição no campo virtual. Assim, num primeiro momento foram criadas categorias analíticas para o que é considerado como tradicional (aqui nomeados como marcadores de tradição) e identificados nas leituras, até então realizadas, conceitos que pudessem servir como parâmetros analíticos. Assim integram o escopo analítico desse estudo os conceitos de níveis de significação (denotação e conotação), de Barthes, as ações de resistência e a apropriação do tempo e do espaço, de Vizer, as relações de poder, de Rodrigues, e o dispositivo, de Agambem. Todos esses conceitos foram instrumentos para a realização de uma análise semiótica e etnográfica dos universos simbólicos e comunicativos dos grupos em estudo, a partir das suas relações no mundo da vida, como se mostram no mundo virtual e como utilizam os seus dispositivos sociotécnicos. Também se buscou verificar, através de entrevistas com os desenvolvedores/ administradores das referidas mídias e com os mestres desses dois grupos de capoeira angola, se existe alguma contribuição das mídias para a ampliação do universo simbólico das culturas de raiz de matriz africana no campo social.

Além das percepções geradas pela vivência pragmática dessa autora no meio angoleiro desde 1995⁵, e além dos autores acima citados, foram guias nesse percurso as reflexões teóricas realizadas por: Gilles Lipovetsky, Eric Landowski, Jesus Martin-Barbero, Marilena Chauí, Antônio Fausto Neto, Júlio Pinto, José Márcio Barros, Muniz Sodré, Alexandre Barbalho, Jairo Ferreira, Mauro Sousa, José Luiz Braga, João Carlos Correia, Marta Rizo, Isabel Ferin, Yvana Fechine e Pedro Abib. Dentre outras preciosas contribuições acadêmicas das ciências sociais, como a filosofia, a sociologia, a semiótica e a comunicação, aqui utilizadas como suporte teórico de análise do processo de mediação das culturas de raiz de matriz africana.

A partir de agora você terá contato com seguinte conteúdo investigativo:

- 2 CULTURAS E INTERAÇÃO: apresentará um panorama geral sobre as temáticas a serem abordadas, trabalhando-as a partir de sua relação com os conceitos de: campo social e dos media, cultura, interação, processos

⁵ Carem Abreu é capoeirista da Acesa e treinel (professora) de capoeira angola desde 2005. Entre 2005 a 2011 atuou na Acesa como Diretora Cultural, consultora de Comunicação Social e responsável pela elaboração de projetos culturais. **Nota da autora:** Hierarquização na capoeira angola: aluno, treinel, contramestre e mestre.

subjetivos da comunicação, amplificação do poder dos movimentos sociais e das culturas populares, hipernormatividade, dispositivos e ritualização.

- 3 **MIDIATIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES DE RAIZ DE MATRIZ AFRICANA:** trabalhará com conceitos relacionados a midiática das culturas populares, como: culturas de raiz de matriz africana, gesto negro, tradição, culturas populares, a diversidade cultural; apresentará a constituição histórica, identitária, midiática e sociocultural da capoeira angola no Brasil e em Belo Horizonte, destacando as contribuições da oralidade, da midiática nesse contexto, além da pontuação de elementos tradicionais e de proposta de estudo para verificar se a capoeira angola em Belo Horizonte está vivenciando um processo de midiática.
- 4 **MIDIATIZAÇÃO EM ANÁLISE:** realizará análise semiótica e etnográfica das mídias institucionais (blog da Fica-BH, site da Acesa) e sociais (Facebook Fica-BH e Acesa), levando em consideração os marcadores de tradição, níveis de significação, regimes de interação apropriação e ações de resistência, relações de poder e dispositivo.
- 5 **CONCLUSÕES:** apresentará as conclusões finais do estudo aqui proposto.

É importante também salientar que nos Anexos A e B encontram-se entrevistas realizadas com mestres de ambos os grupos verificados, bem como dos administradores das mídias, objetos desse estudo. Já nos Anexos C, D, E e F encontram-se respectivamente as Tabelas 4c, 5d, 10e e 11f que contém a íntegra das análises etnográfica e semiótica realizadas, as quais embasaram todas as conclusões aqui apresentadas.

Afinal, se existe uma midiática dos saberes ancestrais por parte dos grupos de capoeira angola de Belo Horizonte, tal processo estará ocorrendo sob uma perspectiva comunicacional inclusiva? Pois talvez seja imprescindível para a real valorização das culturas populares de raiz, no âmbito da cultura nacional, uma ampliação categórica de sua participação no mundo das mídias. Uma participação que extrapolasse atuação das culturas populares de raiz no campo social. Uma participação ativa, não mais passiva, realizada amplamente no campo dos media. Pois é mais do que necessário ampliar a percepção social dessas culturas ancestrais na atualidade, já que no senso comum elas ainda são percebidas socialmente como uma expressão cultural “menor”, ou mesmo uma subcategoria da cultura nacional.

2 CULTURA E INTERAÇÃO: pressupostos teóricos, campo social e dos media

A comunicação é questão de sujeitos, de atores, e não só de aparatos e de estruturas; comunicação é questão de cultura, culturas e não só ideologias; a comunicação é questão de produção e não só de reprodução.
(SOUSA 2006, p.24, apud BARBERO, 1995).

Identidades, memórias, valores são elementos do universo simbólico de um povo, construído a partir da experiência cultural. Ou seja, do compartilhamento social de um conjunto simbólico de interpretações da realidade e suas respectivas práticas. Segundo a perspectiva antropológica de cultura é a partir do compartilhamento de dimensões comuns do universo cultural - de reconhecimento recíproco, de compartilhamento de sentidos, de interação social - é que as pessoas têm a capacidade de saber quem são, de terem uma vida em sociedade, de construírem uma história pessoal, local, nacional e global. Nesse contexto a identidade pode ser considerada como um elemento fundamental na constituição e organização da cultura. Um processo contínuo de construção e seleção de traços e marcas, tempos e espaços que definem o olhar, e a forma de ser visto, de cada sujeito. Como se a “natureza” da cultura fosse composta por um estado de tensão contínuo de mudança e permanência, um processo dinâmico, de constantes atualizações. Nesse capítulo será apresentado um panorama geral sobre as temáticas a serem aqui abordadas trabalhando-as a partir de sua relação com os conceitos de: cultura, interação, processos subjetivos da comunicação, campo social e dos media, amplificação do poder dos movimentos sociais e das culturas populares, hipermodernidade, dispositivos e ritualização.

2.1 Interatividade em construção: processos subjetivos da comunicação

Nos últimos 50 anos as formas de interação, as relações sociais e os modelos de trocas comunicacionais foram afetados profundamente por mudanças estruturais na sociedade. As interações sociais tradicionalmente marcadas pela presença e pela oralidade passaram a conviver cada vez mais com outros modos de presenciamento e comunicação. Para as culturas tradicionais, também chamadas de raiz, um dos

grandes desafios atuais está em equacionar referências simbólicas tradicionais com um mundo que parece ter adotado uma lógica de significação oposta: a lógica da moda, a qual, segundo Gilles Lipovetsky valoriza a mudança, o novo, o descartável, o tempo presente. Um mundo *hipermoderno*, caracterizado por se constituir como uma nova forma de significação do espaço público mediado por dispositivos sociotécnicos, onde são elementos chave a novidade, a imagem, o desejo, a celebração, a individualização, a instantaneidade, a efemeridade, a legitimação do bem estar, do individualismo, dos gozos materiais, do consumo (LIPOVETSKY, 2009, p.311). Um mundo onde a aceleração e a supressão espaço-tempo tencionam as permanências e as tradições. O acesso cada vez mais ampliado aos meios tecnológicos inaugura novas formas de interação social, vivenciadas através de aparatos sociotécnicos e que permitem novas formas de compartilhamento e convivência. É importante destacar que tal mudança nas formas de interação a valorização das culturas populares no campo de produção de conhecimento não ocorrem de forma descontextualizada. Ou seja, a ampliação da midiatização aqui referida dialoga com os desdobramentos das conquistas sociais dos movimentos socioculturais mundiais, os quais desenvolveram políticas de Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, amplamente discutidas a partir de 2002 em âmbito internacional através da Onu e Unesco.

Se a proposta deste estudo está em analisar os processos de produção de conteúdo para dispositivos midiáticos, é necessário entender como se dá a interação comunicacional e de construção de sentido. Para dar conta de tal desafio aqui serão analisados os conceitos de agir comunicativo, significação, intersubjetividade e interação, a partir de uma perspectiva da sóciofenomenologia e do interacionismo simbólico. A priori o processo comunicativo será entendido como o instrumento primordial por onde ocorre a troca intersubjetiva entre os sujeitos. Ou seja, a comunicabilidade faz circular sentidos, oportuniza a emergência de significados.

Para o entendimento do sentido a comunicação precisa da existência de um mundo de objetos físicos e culturais, de outros seres dotados de consciência, da capacidade dos sujeitos atribuírem significado as condutas dos outros e da consciência de compartilhamento de significados entre as pessoas. Como uma manifestação “simbólica e carregada de sentido”, por meio da qual uma comunidade constrói culturalmente sua ecologia social, na opinião de Vizer os processos comunicacionais podem ser um campo fértil para esse estudo justamente porque

hoje eles se apresentam como “as novas forças produtivas dos palcos simbólicos” (VIZER, 2007).

Se as relações de mútuo entendimento possibilitam a compreensão dos outros, de seus pontos de vista, de sua cultura, há se levar em consideração que em conjunto *comunicação e linguagem* passam a desempenhar papel fundamental na construção social da realidade. No mundo da vida cotidiana graças à relação entre comunicação e linguagem as pessoas assumem a partilha recíproca de significados. Através da linguagem e da construção de uma realidade objetiva, a comunicação permite a transformação da experiência interior de criação de sentidos e significados. E é justamente durante o processo comunicativo, fundado no espaço público, que ocorre o ato social. No texto “Para uma teoria Geral dos Campos Sociais”, Adriano Rodrigues diz que o processo comunicativo é ao mesmo tempo fundado e fundante, no e pelo, espaço público. Vejamos:

A comunicação é, sobretudo o processo instituinte do espaço público onde desenrolam as suas ações e os seus discursos coincidem com o próprio jogo dos papéis que as instituições lhe destinam. Daí a natureza paradoxal da comunicação, ao mesmo tempo instituinte e instituída, processo de elaboração de um espaço público e agendamento das regras impostas pela conformidade social, pluralidade feita de muitas singularidades. Inscreve-se no mundo comum, pressupõe-no, elabora-o restabelece-o, desloca-o. (RODRIGUES, 1997, p. 141)

Sob tal perspectiva ao se analisar a sociedade como forma de comunicação, encontra-se no ato comunicativo o processo pelo qual uma realidade é criada, modificada, partilhada e preservada⁶. Para Habermas a racionalidade comunicativa, ou a *ação comunicativa*, implica na aceitação dos princípios universais de “validez”. É um processo de argumentação em que a racionalidade é fundamental. É a partir da *argumentação* que a racionalidade se manifesta. Dessa forma o *papel da ação comunicativa seria o de reforçar as possibilidades de consenso*, onde o erro é também base para a aprendizagem. Aceitar o “erro” no processo comunicativo, é uma forma de refutar os argumentos daqueles que acreditavam em uma

⁶ A teoria do *agir comunicativo* foi desenvolvida durante a década de 80 e é um dos elementos fundamentais do pensamento habermasiano. Habermas vivenciou e analisou a fundo as mudanças sociais causadas pela indústria cultural e os *mass media*, ícones da estrutura social moderna pós-industrial. Ele verificou que na modernidade as *funções de reprodução social* sofreram uma *mudança progressiva* do *agir ritual* pelo *agir comunicativo*, sendo a linguagem o veículo primário da intercompreensão social.

“comunicação eficiente”, e considerar que as “falhas comunicativas”, ou seja, outras possibilidades de interpretação, são também intrínsecas do processo comunicativo.

Símbolo da evolução humana, a *linguagem* é o elemento chave do processo comunicativo e de toda a experiência social (HABERMAS, apud, ARAUJO, 2003). Na linguagem estão apoiadas as pretensões de validade, o horizonte compartilhado das noções de verdade (Wahrheit), de correção (Richtigkeit) e de veracidade (Wahrhaftigkeit). Como diria Araújo relendo Habermas, por um lado a linguagem, seja ela oral, escrita ou visual, é um sistema sógnico, de esquemas tipificadores da experiência, que se funda em idealizações e generalizações da experiência subjetiva imediata. Dessa forma a teoria da ação comunicativa possibilita a construção de uma síntese entre ação e linguagem. E é precisamente nos pressupostos pragmáticos inerentes à linguagem que está embutida a noção de *razão comunicativa*. Nesse processo de exercício racional se constrói a ação comunicativa e se desenvolve o processo de socialização de uma pessoa. Ou seja, o *processo comunicativo* ocorre levando em conta a priori o domínio dos códigos de significação. E hoje não há como negar o papel decisivo da comunicação e das mídias na construção social da significação social da realidade. Seu poder está no fato justamente de disponibilizar, de forma acessível e prática, um corpo de conhecimentos essenciais para a percepção do mundo social. Por isso é premente ambos – comunicação e as mídias- sejam analisados pela forma como intervém na percepção e configuração da cultura e vice-versa.

No campo simbólico de construção do sentido e significado a análise semiótica traz grande contribuição analítica. Justamente porque o estudo da significação do sensível, ou seja, da criação do sentido, se constitui como centro de sua configuração como ciência. De acordo com Fecine (2006, p. 4-7) o estudo da significação se deu a partir de três diferentes perspectivas, que podem ser assim sumarizadas: em primeiro lugar a *Semiótica dos discursos enunciados*, que tem como base a linguística e trabalha com a perspectiva de que a significação vai do mais abstrato ao mais concreto, demandando e permitindo três tipos/níveis de análise: o profundo, o narrativo e o discurso. Em segundo lugar a *Semiótica das Situações*, que não se ocupa somente dos “textos”, mas também das práticas sociais. Ali os sentidos não são encontrados apenas no enunciado, mas também nas formas de enunciação. E por fim, a *Semiótica das Experiências do Sensível*, preocupada com os sentidos que emergem dos vínculos diretos que cada um tece

com o mundo que o rodeia. O ato comunicacional, base do agir comunicativo, é também elemento primordial de análise na perspectiva da semiótica do sensível. Ela procura identificar e descrever como se dá o contato em ato do mundo midiático.

Na atualidade há uma atenção especializada para com tudo aquilo que é moldado pela força do emocional, sentimental, afetivo e mútuo. Assim se pode concluir que o real é vivenciado também porque ele é sentido, o “visto” ou observado no momento presente. Pois a imagem e a informação vêm se tornando orientadoras do sujeito no campo social, e uma “exigência de existência pública” (BARROS, 2006) e o “olhar” adquiriu dimensões nunca antes vivenciadas. Afinal, se o mundo contemporâneo está centrado na visibilidade, para Júlio Pinto “talvez faça sentido pensar-se o real não como aquilo que se observa (...), mas como aquilo que se sente” (PINTO, 2010, p. 7, 8). Segundo Fechine um elemento apriorístico semiótica do sensível, na perspectiva de Landowski, é o fato de entender que hoje *o sujeito das mídias acompanha os dispositivos midiáticos mais com o intuito de sentir, do que somente para saber*. Na opinião de Júlio Pinto tal interação tem ocorrido por meio de um processo de “presentificação da experiência”, onde “a presença pervasiva de meios de comunicação encurtam e anulam distâncias espaciais e temporais”.

E é verdade que nos *tempos hipermodernos* as interações tem ocorrido cada vez mais por intermédio daquilo que circula entre a simultaneidade de transmissão midiática e a co-presença, onde os actantes continuam buscando o de sempre, o interagir, o “estar com”. A diferença é que co-presença agora é mediada com aparatos tecnológicos, como a internet, o rádio, a tv, e não mais somente pela palavra oral e textual. Sob a perspectiva da semiótica do sensível, o mundo mediado, de não-presença física, seria da ordem mesmo do contato, da co-presença. Um dos diferenciais desse novo modo de interação co-presencial é o fato da intercompreensão não depender mais exclusivamente do discurso enunciado e sim do sentido “em ato”, que cria significados “na” e “em” situação. Segundo Fechine Esse processo de mediação da interação é denominado por Landowski como *JUNÇÃO* (FECHINE, 1998). Junção e união são os dois regimes de compartilhamento de sentidos e referem-se à co-presença que ocorrem em distintos processos de medição.

Certamente, para o melhor entendimento do processo de criação de sentido no mundo midiático, será necessário aprofundar os estudos subsequentes em

elementos próprios da *junção*, como: o contágio (a própria interação), o contato (pré-condição da interação), a reciprocidade (condição de sentir e ser junto) e o ajustamento (natureza da ação contagiosa)⁷. No mundo contemporâneo o discurso virtual de co-presença, vem ganhando o espaço do discurso presencial, e está se tornando cada vez mais a chave dos processos interativos. Por isso é premente a realização de estudos sobre a implementação de novas estratégias comunicacionais nesses grupos sociais que buscam a potencialização de vínculos e propiciem o compartilhamento de sentidos através dos novos dispositivos sócio técnicos midiáticos.

Mas como se dá tal processo de compartilhamento de sentidos? Como se produz a compreensão recíproca entre os sujeitos? Para buscar compreender tais questionamentos a seguir será realizado um levantamento histórico dos estudos acadêmicos realizados até o momento sobre a intercompreensão nos campos da sociologia, antropologia e comunicação. Os primeiros estudos sobre o ato de compartilhar sentidos ocorreram entre 1913 a 1925, com as reflexões fenomenológicas do sociólogo alemão Edmund Husserl. O objetivo das investigações husselianas foi entender a consciência natural. Para isso ele precisava transcender a todo o significado cultural e científico, e voltar ao contato pré-reflexivo com o mundo.

Em meados dos anos 30 do século XX, o austríaco Alfred Schultz, trouxe para os estudos filosóficos da fenomenologia alguns aspectos das reflexões sociológicas desenvolvidas por Max Weber e o americano George Herbert Mead, criando o conceito de sociologia fenomenológica, conhecida também como fenomenologia social ou *sóciofenomenologia*. Sua proposta dá ênfase na interpretação subjetiva dos significados do mundo e nas ações e interações dos sujeitos sociais. Para Schultz os sinais, as indicações para interpretar a diversidade dos símbolos, do mundo conhecido e das experiências compartilhadas pelos sujeitos, são obtidos através da atitude natural, comum. Ela permite aos sujeitos supor um mundo externo

⁷ CONTAGIO: procedimento o pelo qual corpos, humanos ou não, interagem por meio de suas propriedades ou qualidades sensíveis – materiais, como soma ou phisis; propriedades vivas. Por meio dele que se dá sua mutua transformação de estado, não requer qualquer ação; AJUSTAMENTO: depende das “qualidades sensíveis” dos actantes ou dos corpos co-presentes, é preciso então, a cada análise descrevermos quais propriedades daquilo, que por meio delas mesmas, entra em contato, e ao fazê-lo, produz sentido (FECHINE, 1998).

em que cada pessoa vive experiências significativas e assume que outros também as vivam.

Dessa forma, a sóciofenomenologia pode ser entendida como uma instância de aproximação do cotidiano, onde a realidade é tida como um mundo onde os fenômenos estão dados, sem se importar se são reais, ideais, ou imaginários. Sob essa perspectiva os sujeitos do mundo social estariam determinados por suas biografias e experiências imediatas, de modo que cada indivíduo se situaria num determinado lugar no mundo, e sua experiência seria única, sem repetição. Graças a essa *reserva de conhecimentos*, local onde se apreende a realidade, e se armazena as informações no depósito de conhecimento disponível, os sujeitos podem compreender novos fenômenos sem ter que, necessariamente, iniciar um processo reflexivo para organizar cada uma das vivências novas que encontra.

Através da linguagem se constrói uma realidade objetiva. E a comunicação, realizada através do discurso, permite a transformação e o compartilhamento da experiência interior de criação de sentidos e significados. Assim, o entendimento linguístico, seria um mecanismo de coordenação da ação, e é realizado nas práticas discursivas. A “teoria do discurso se funda no reconhecimento dos indivíduos como pessoas responsáveis e consiste em tomá-las seriamente como agentes que podem, e devem, ter voz na validação de normas e leis às quais eles próprios estão sujeitos” (ARAÚJO, 2003, p. 4 e 9).

A *construção do discurso necessita do domínio da linguagem*, dos símbolos e signos de comunicação e, principalmente, da subjetividade. A *intersubjetividade* é um dos conceitos centrais do pensamento de Husserl. Para ele a intersubjetividade é o encontro do sujeito com outra consciência, ou seja, de duas subjetividades. No encontro de ambos o sujeito vai construindo o mundo em sua própria perspectiva. No trânsito entre Husserl e Schutz a intersubjetividade se modifica: Husserl ficou no plano da consciência e Schutz amplia seu ponto de vista para todo o mundo social. Com Schutz a intersubjetividade já não mais se reduz ao encontro face a face, entre o ego e alterego, mas se amplia a todas dimensões da vida social. Para ele a configuração particular do sujeito no mundo social está determinada pela intersubjetividade.

O contato intersubjetivo nasce da interação e tem origem nas construções de compreensão do outro. Qualquer interação entre sujeitos pressupõe uma série de construções de sentido comum. Um tipo de conduta que prevê a conduta alheia e

vice-versa. O que permite ao senso comum conhecer outros análogos é justamente o fato do sujeito perceber a realidade colocando-se no lugar do outro. O aqui se reconhece porque existe o ali, onde está o outro. Isto é: para a vida em sociedade os sujeitos não podem perceber somente seus hábitos. É necessário perceber os atos e ações dos outros com quem divide o mundo. Quando um sujeito se dirige ao outro, pressupõe que compartilha certos códigos com o outro. É justamente no momento onde ocorre esse compartilhamento de códigos, em situações de simultaneidade, que ocorre o processo intersubjetivo, que através do sentido comum, permite antecipar certas condutas dos outros no desenvolvimento da vida social.

Nesta perspectiva, a soberania popular, não se concentraria no ator coletivo que reflete a totalidade e age em função dela, como no modelo republicano, nem é banida para o anonimato de competências jurídico-constitucionais, como no modelo liberal, mas faz-se valer como poder produzido comunicativamente. A intercompreensão, tida por Habermas como objetivo da linguagem humana, representa o processo pelo qual se realiza um acordo. Tal acordo significa que os participantes do processo argumentativo aceitam a validade de um saber. E é a determinação do mundo vivido que revela a existência de um acordo prévio. Esse acordo se deixa acessar por intermédio da linguagem, certamente o sistema de signos vocais mais importante da sociedade humana, pois as objetivações comuns da vida cotidiana se sustentam primariamente pela significação lingüística.

A linguagem constitui campos semânticos ou zonas de significação que possibilitam a objetivação, a retenção a acumulação e a experiência biográfica. “É na linguagem que apoiamos nossas pretensões de validade” (ARAUJO, 2007, p.12). Resulta dessa reflexão o resgate habermasiano de uma “razão comunicativa”. Ela estaria incrustada no vínculo instaurado entre os indivíduos através da linguagem. Tal pensamento é fruto da mudança do paradigma representado por uma razão centrada no sujeito monológico (atitude objetivante do sujeito frente ao mundo como totalidade), pelo *paradigma da intersubjetividade* (atitude performativa adotada pelos participantes de qualquer interação mediada pela linguagem).

A “intersubjetividade (...) procura demonstrar que os sujeitos estão implicados num contexto de interação fundado no reconhecimento recíproco” (ARAUJO, 2007, p.4-9). Esse conceito de razão torna possível uma compreensão descentrada do mundo, que permite a adoção de várias atitudes (objetivante, normativa e expressiva) com relação aos diferentes mundos, ou segundo a perspectiva

harbermasiana, nos três setores básicos da realidade: o *mundo objetivo* ou natureza externa é entendido com o conjunto dos estados de coisas existentes; o *mundo social*, ou sociedade, como conjunto das relações interpessoais legitimamente reguladas; o *mundo subjetivo* ou natureza interna como conjunto das vivências a que todo locutor tem acesso privilegiado.

Segundo Marta Rizo a sóciofenomenologia utilizou como aportes teóricos centrais para a análise da intersubjetividade elementos do mundo subjetivo como a Atitude Natural⁸, Corrente Interna de Consciência⁹, Situação Biográfica¹⁰, acervo de Conhecimento¹¹, Universo Simbólico¹² e o Escopo Social de Conhecimento¹³ (RIZO, M, 2006; SCHUTZ, A; LUCKMANN, Th, 1973). A partir dos conceitos da sociologia fenomenológica, Herbert Blumer desenvolve em 1938 alguns conceitos já trabalhados por uma corrente de análise filosófica e social denominada de *Interacionismo Simbólico*, da qual George Helbert Mead foi um dos precursores.

A diferença de perspectiva em relação a sóciofenomenologia é que os estudos no interacionismo simbólico se desenvolveram junto às mudanças de comportamento das sociedades pós-industriais, focados na importância da comunicação para o desenvolvimento da sociedade, da personalidade e da cultura. nessa perspectiva as interpretações dos símbolos nascidos das atividades interativas realizadas pelos atores sociais foram priorizadas como objeto de estudos. São premissas dessa análise: 1) as pessoas atuam sobre as coisas com base nas significações que as coisas têm pra elas; 2) A significação dessas coisas deriva da

⁸ Atitude Natural: explica-se a partir da existência corpórea entre outros sujeitos, levando em consideração que esses corpos estão dotados de consciência similares. Uma igualdade de sentido entre os objetos do mundo externo incluídos no ambiente pessoal de um sujeito e de seus semelhantes. É a possibilidade dos sujeitos engajar relações e ações recíprocas e de se fazer entender levando em consideração o caráter historicamente dado do mundo social e cultural.

⁹ Corrente Interna de Consciência: está relacionada as ações e significados, e foi criada para aprofundar a teoria da ação social. O conceito explica a elaboração de um projeto na consciência do sujeito que dá origem a ação. É na corrente interna é onde se elucidam os “motivos porque” e os “motivos para” que justificam as ações e onde se elaboram os contextos de significados.

¹⁰ Situação Biográfica: comportamento específico de cada indivíduo, suas interpretações do mundo de acordo com seus interesses, motivações e ideologia. Mesmo que exista uma realidade comum do sentido, as individualidades dependem das experiências que uma pessoa constrói durante sua existência.

¹¹ Acervo de Conhecimento: refere-se a grande quantidade de indícios e informações que ao longo de sua vida o sujeito incorpora e acumula e logo usa para compreender ou ao menos controlar alguns aspectos de sua vida cotidiana.

¹² Universo Simbólico: constituído mediante objetivações sociais e aponta a ordem para a apreensão subjetiva da experiência biográfica. Ele organiza as diferentes fases da biografia. Construído a partir da acumulação da linguagem, transmitido de geração para geração.

¹³ Escopo Social de Conhecimento: o caráter historicamente dado do mundo social e cultural. Explica-se a partir da existência corpórea entre outros sujeitos levando em consideração que esses corpos estão dotados de consciência similares o que possibilita os sujeitos se fazer entender entre eles.

interação social que o indivíduo tem com os demais atores; 3) essas significações se utilizam do processo de interpretação. No entanto, tal interpretação não pode ser somente individual, segundo Mead. Ele dá grande importância para a priorização da análise do mundo social, não ao indivíduo. Pois para ele somente o social pode explicar o individual, e não o inverso (MEAD, 1968, apud RIZO, 2006, p.7).

A unidade básica de análise de Mead é o ATO. Mead concebeu os estímulos como oportunidades para atuar, e não como compunções e mandatos que geram respostas automáticas. A diferença do ato para o ato social é o fato do ato social implicar duas ou mais pessoas, onde os *gestos significantes*¹⁴ e os *não significantes*¹⁵ ocupam um papel primordial. A contribuição central da obra Mead à comunicação foi o “*self*” ou o “si mesmo”, que é a capacidade de considerarmos a nós mesmos como objetos; o self pressupõe como processo social a comunicação humana. O self permite as pessoas a participarem das situações de interação com o outro. O mecanismo de desenvolvimento do self é a reflexão, ou a capacidade da pessoa se colocar inconscientemente no lugar dos outros e atuar como fariam eles. Ou seja, a condição de self é a capacidade dos indivíduos saírem fora de si. “Somente assumindo o papel do outro somos capazes de nos voltarmos a nós mesmos” (MEAD, 1968, apud RIZO, 2006, p.184-185). São duas as fases do self: o EU e o MIM. As pessoas sabem com antecedência como será a ação do EU. O eu se relaciona contra o MIM, que é um conjunto organizado de atitudes dos outros que um assume. Self seria o outro generalizado, e é ele quem pressupõe os processos de *comunicação* entre sujeitos. *O self permite a interatividade*. Nesse sentido podemos dizer que o self possibilita a participação dos sujeitos nas situações de interação, onde se é capaz de colocar-se no lugar do outro, e de verem-se a si mesmos do ponto de vista do outro.

A *interação* é o meio onde se dá as relações humanas. É a base do processo comunicativo e das relações sociais. A interação com o mundo se dá no plano da intersubjetividade, no qual implica na qualidade das pessoas de ver e ouvir fenomenologicamente. Ver e ouvir são as duas formas por excelência de se comunicar com o mundo. É a partir do ver e do ouvir que se forma o sentido, desenvolvido através dos diálogos e das interações. A interação só existe a partir de

¹⁴ Gestos Significantes: requer reflexão por parte do ator antes desse produzir a reação, são possíveis no terreno do humano.

¹⁵ Gestos Não Significantes: tem lugar de forma instintiva, irreflexiva, automática, ocorrem tanto nos humanos, quanto nos animais.

um “se fazendo”, do contato “em ato”. Os sujeitos sociais não existiriam sem interação. Ela permite a troca entre subjetividades diferentes e resulta da compreensão e percepção do universo simbólico de sentidos compartilhados, daquilo considerado como a “realidade da vida cotidiana” dos sujeitos.

Ou seja, o mundo cotidiano é construído socialmente a partir do compartilhamento de um conjunto de tipificações e só é possível se existe consenso no que se refere ao compartilhamento de significações (RIZO, 2006). Essa acumulação da significação e da linguagem, transmitida de geração para geração, é conhecida como *escopo social de conhecimento*, um conceito chave da *sociologia da vida cotidiana*, que defende que realidade social é soma total de objetos, “sucessos e fracassos” do mundo social. Não um mundo privado, mas intersubjetivo, comum a todos os sujeitos. Tal pensamento advém de uma corrente interna das sociologias interpretativas, do qual Niklas Luhmann é expoente. Ela considera que a sociologia não deve ser um acúmulo de teorias úteis para abordar a dimensão macro da sociedade: as estruturas, os aparatos de estado, as instituições. Mais do que isso: a sociologia deve servir para abordar o acontecimento social, os fenômenos micro que tem como cenário a vida cotidiana e permitem explicar as relações sociais entre sujeitos.

2.2 A RELAÇÃO DO CAMPO SOCIAL COM O CAMPO DOS MÍDIAS: ritualização e amplificação do poder dos movimentos sociais e das culturas populares

Para Rodrigues (1997, p.157) o “processo instituinte de um determinado campo social realiza-se através de processos rituais”. Um processo ritual é um encadeamento de discursos e de gestos publicamente visíveis, que se desenrolam num espaço e numa temporalidade próprios, separados dos espaços e dos momentos da vida cotidiana. Os rituais se diferem dos mitos justamente porque são da ordem da ação pragmática, do ATO, do fazer. Enquanto os mitos são elementos da ordem do dizer, das representações, do pensamento. Mariza Peirano em seu livro “Rituais ontem e hoje” apresenta uma definição de ritual que abarca o pensamento científico sobre o tema nos últimos três séculos. Com base principalmente nas reflexões de Stanley Tambiah (1929), Peirano defende que

o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências tem conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre no casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utilizava vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval]; 3) finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (PEIRANO, 2003, p.11)

Segundo tal concepção de Peirano os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos próprios e também para resolver conflitos e produzir as relações sociais. Pois os rituais podem ser percebidos como fenômenos culturais de comunicação. Justamente porque em sua grande maioria são constituídos de seqüências padronizadas de palavras e atos, frequentemente expressões em múltiplos meios (como vestuário, acessórios, diálogos, músicas, posturas), onde a estereotipia e a repetição são ingredientes de um complexo simbólico capaz de produzir valores sociais durante a performance.

Aliando tais reflexões às de Rodrigues, pode-se concluir que a força da forma simbólica que os gestos e os discursos rituais adquirem quanto apropriados por um campo social “alimenta-se precisamente do fosso entre a funcionalidade originária esquecida e a ritualização a que se prestam”. E o princípio dessa apropriação é o da metaforicidade. Ou seja, “os rituais e os símbolos que os integram (espaços, tempos, corpo social legítimo, objetos, palavras e gestos) recebem as marcas da sacralização, assumindo de maneira mais ou menos clara, visível e coerciva a função ambivalente de inclusão e de exclusão, de abertura e de clausura”, características da simbólica (RODRIGUES, 1997, p.157-160). Paradoxalmente, a exposição e a visibilidade midiática, também instauram o risco de diluição do ritmo de funcionamento e de visibilidade simbólica dos movimentos sociais, prescindindo ou, pelo menos, reduzindo ao mínimo sua simbólica. O fato por acabar por converter em espetacularidade midiática as suas marcas rituais, esvaziando-as de sacralidade.

Compreender a realidade de transformação dos aspectos simbólicos e ritualísticos tradicionais vivida pelas culturas e movimentos populares, quando

passam a coexistir no campo midiático e o processo de ocupação deste espaço de poder das mídias, são perspectivas que motivam este estudo sobre os movimentos de raiz de matriz africana da região metropolitana de Belo Horizonte, mais precisamente a tradição sociocultural conhecida como capoeira angola. O desafio é o de entender se a midiatização de seu campo social estará sendo utilizada como estratégia comunicacional de ampliação simbólica dos processos ritualísticos e das tradições culturais dessa cultura de raiz. No sentido mesmo proposto por Barbalho (2008) de se compreender que o acesso democrático aos meios de comunicação (e de produção de conteúdo) é um fator essencial para se entender a forma como a midiatização pode contribuir com a conquista da cidadania. E mais, talvez tal perspectiva contribua no sentido de garantir a manutenção simbólica de culturas não hegemônicas (uma grande parte da população mundial), que vem sofrendo durante séculos com a estigmatização sócio-político-cultural, no entanto, mantêm com autonomia e gestão coletiva suas tradições culturais.

Mesmo porque a multiplicação das tecnologias dos meios, a miniaturização e a acessibilidade econômica dessa *nova sociedade, a da comunicação*, parece que vêm assegurando o acesso aos novos atores sociais aos bens de consumo, até poucos anos reservados ao chamado Primeiro Mundo e aos setores de maior poder aquisitivo. Hoje as comunicações se desenvolvem como um campo de autonomia relativa, com poder econômico, político e simbólico que crescem, no entanto ainda com grande influência do desenvolvimento vertiginoso dos processos tecnológicos de convergência midiática e digital proporcionado pela ação dos grupos sociais hegemônicos.

Mesmo assim os meios vêm se transformando no espaço privilegiado das mediações públicas, justamente porque articulam de forma inigualável o público com o privado. E a especificidade de seu poder se acha precisamente na capacidade que as mídias têm de construir *dispositivos de regulação simbólica* dos espaços sociais. Isso porque os meios são hegemônicos no campo da mediação simbólica. “Bourdieu viu nas estruturas simbólicas mais do que uma forma particular de poder, ‘uma dimensão de todo o poder, isto é, outro nome da legitimidade, produto do reconhecimento, do desconhecimento, da crença em virtude da qual as pessoas que exercem a autoridade são dotadas de prestígio’” (CANCLINI, 2009, p.195).

E os agentes sociais se põem em evidência por meio de dispositivos culturais, estruturas simbólicas aprendidas e reconstruídas permanentemente. Segundo

Adriano Rodrigues, desde o século XIV as sociedades ocidentais vêm assistindo a aceleração e a intensificação do processo do tecido social, onde foram observadas novas formas de luta que, tem como um de seus objetivos o enfraquecimento, e mesmo o fim, do domínio hegemônico da esfera religiosa (que integra as dimensões políticas e econômicas) sobre as esferas científica, médica, política e jurídica. Porque a cooperação e o conflito vêm operando como modalidades de composição entre as diferentes estratégias dos campos sociais. O conflito surgiria quando ocorre um processo de autonomização de uma esfera até então indiscutivelmente subordinada a um ou mais campos tradicionais, com a emergência de práticas que rompem com os discursos e comportamentos conforme regras ditadas tradicionalmente no campo em que elas se inscreviam (RODRIGUES, 1997, p. 150).

As lutas dos movimentos sociais buscam intervir na formação dos universos de sentido da sociedade e da cultura, com a construção de crenças e mitos sobre a natureza, a sociedade, o sujeito, a cultura e a técnica. Um exemplo das formas como os agentes sociais tem se colocado em evidência pode ser observado no Brasil principalmente após a revisão da Constituição Brasileira, ocorrida em 1988. Ocasão onde houve um empoderamento da sociedade civil dos aparatos institucionais e sociotécnicos, através do fortalecimento e participação em conselhos deliberativos e na ampliação paulatina de sua participação como agentes comunicativos em diversas mídias, principalmente as criadas por eles mesmos, com o intuito de difundir suas atividades para a sociedade. Fato não realizado pela mídia convencional. Tal conquista político social foi deflagrada principalmente no início da década de 90, quando a estruturação social brasileira foi marcada pela territorialização política de uma nova parcela da população constituída por fundações privadas e associações sem fins lucrativos, também conhecidos como Terceiro Setor. Segundo dados de 2008 essa “nova parcela” ultrapassa a casa de 330 mil instituições (PAIVA, 2008).

Nos últimos quatro anos esse momento histórico de mudança da participação popular nos assuntos político-sociais pode ser percebido em todo o mundo também através das manifestações sociais, ocorridas sem líderes, com a participação de pessoas autônomas e com ampla adesão social. A grande diferença das manifestações atuais, para as realizadas antes da década de 1990, está no fato delas serem difundidas e impulsionadas através de mobilização via internet. Como

no caso da “Primavera Árabe” que a partir de 2010 vem mudando de maneira radical a política no oriente médio.

Alexandre Roche, em seu artigo “A primavera do mundo Árabe-Sunita: o Islã Árabe-Sunita entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica”¹⁶, afirma que a Primavera Árabe é um dos reflexos atuais da queda do Império Otomano, ocorrida entre 1920-1940. Na época o poder autoritário, militar e policial era (e ainda é) fundado em um dos ritos ou escolas jurídico-religiosas do Islã ortodoxo, a saber: o wahhabismo e seus derivados. Esse momento inicial “confunde-se historicamente com a dinastia saudita, suas alianças com as potências ocidentais e, em certa medida, com os mercados do petróleo – daí a complexidade dos movimentos em cada país”. Desta forma as evoluções políticas, sociais, econômicas e culturais, precipitadas e intensificadas pela crise capitalista mundial, que atingiu violentamente os países do Terceiro Mundo, entraram em choque, em cada país árabe sunita, com as classes dominantes estabelecidas.

Para Roche “graças às comunicações modernas”, onde foram buscados interlocutores legítimos dentro e fora do mundo muçulmano sunita, existe hoje esse espírito de análise, de crítica, de contestação, identificado como Primavera Árabe, que aparece agora contestando a mentalidade oficial das classes dirigentes árabes. E o que levou e leva os jovens a adotar uma posição fora do Islã, tem sua origem no desemprego, na precariedade das condições sociais, nas condições miseráveis de vida material, nas decepções econômicas e políticas, na busca de um pensamento livre fora da estagnação oficial. Enfim, em “um sentimento profundo de frustração e de revolta diante da política do Ocidente, aliado às ditaduras”. Foi essa teia cultural, “fundada nos novos meios de comunicação individuais”, leia-se acesso a internet, sites, blogs e redes sociais - muitas vezes dirigida por células mistas no exterior, que derrubou as ditaduras na Tunísia e no Egito. E também ampliou o alcance dos movimentos de reivindicações das populações árabe-muçulmanas sunitas do Marrocos, da Argélia, da Tunísia, da Líbia, do Egito, do Sudão (Norte), dos territórios palestinos, da Jordânia, do Líbano, da Síria, do Iraque, de Omã, do Iêmen, dos Emirados e da Arábia Saudita.

¹⁶ Informações sobre a primavera do mundo Árabe-sunita: o Islã Árabe-sunita entre o Wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica, de Alexandre Roche, <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/22774>, acessado em dezembro, 2011.

Tal contexto comprova socialmente a teorização de pensadores como Rodrigues e Vizer. Eles afirmam que é através da construção de vínculos, instituições de grupamentos e de contenção que os movimentos sociais são motivados criativamente (universo da cultura, da comunicação e das formas simbólicas) a se apropriarem conflitivamente, de tempos espaços públicos (cortes de rotas, tomada de edifícios, empresas). Sob tal perspectiva as mobilizações (ações de resistência) podem ser consideradas práticas e dispositivos instrumentais de ação lícitos, com o fim de transformar as relações de poder instituídas, como por exemplo, as formas de propriedade do governo e do sistema legal.

E não é necessário ir longe para exemplificar como a contribuição midiática, tem sido importante aliadas nas conquistas sociais. Se no mundo de forma global ela está sendo utilizada para derrubar regimes ditatoriais justamente por sua capacidade de mobilização, de furar esquemas de censura, em Belo Horizonte a midiaticização do campo social também tem possibilitado mudanças estruturais na cidade. Desde 2010 existe na capital de Minas Gerais um movimento sem líderes denominado Praia da Estação¹⁷.

A Praia da Estação como a Primavera Árabe também articulada via internet interações presenciais e midiáticas. Ela se diferencia dos movimentos radicais do oriente por ser um movimento social realizado de forma pacífica, apartidário, irônico, debochado e sem líderes. A Praia da Estação nasceu em janeiro de 2010 da insatisfação social gerada por um decreto do prefeito da Capital, que proibia a realização de eventos nas praças e parques da cidade. O movimento consiste basicamente em realizar um ato de protesto criando um ambiente de praia, bem no centro de uma cidade sem mar. Para uma cidade tradicionalista como Belo Horizonte, que não está acostumada a vivenciar seus cidadãos trajados com roupas de banho, conviver com pessoas de biquínis e calções de banho no centro da cidade é, no mínimo, uma ação ultrajante. A mobilização com no máximo 150 adeptos, tomou amplas dimensões e hoje, depois de dois anos de ações, mobiliza mais de 3 mil pessoas por evento.

Nesses dois últimos anos o movimento Praia da Estação ampliou o foco de reivindicações sociais e vem promovendo um amplo debate sobre a política cultural da cidade, tais como: a realização do Festival Internacional de Palco em Rua FIT

¹⁷ Site oficial da Praia da Estação: <http://pracalivrebh.wordpress.com/>

BH em 2011, cujo a pressão social consolidou a execução do evento nesse ano; realização de uma audiência pública específica para tratar das reivindicações da Praia da Estação – resultou dessa ação o repasse de mais de R\$ 3 milhões para os cofres da Fundação Municipal de Cultura, que desde 2007 estavam “presos” no meio de processos burocráticos da prefeitura; a eleição e posse do Conselho Municipal de Cultura que estava no papel há mais de 8 anos; a retomada do carnaval de blocos de rua na cidade (que não existia mais faziam 30 anos) e o apoio a ocupação de locais públicos pelos movimentos culturais e sociais, como o caso do Duelo de Mcs, ou as ocupações urbanas Eliana Silva e Dandara. Além da mobilização social conhecida como Fora Lacerda, que desde 2011 mobiliza mais de 5 mil pessoas por ação, e tem por objetivo destituir do poder o prefeito da Capital, Márcio Lacerda. O qual, segundo os integrantes desse movimento, governa somente para manter os interesses das empreiteiras e mineradoras em detrimento das melhorias sociais para os belo-horizontinos.

FOTOS 1, 2 e 3 – Praia da Estação, 30/01/2010



Fonte: ATOS Central de Imagens

FOTOS 4 e 5 – 1ª Marcha Fora Lacerda, 30/09/2011

FOTO 6 – Convite virtual para 3ª Marcha Fora Lacerda, 01/09/2012



Fonte: Movimento FORA LACERDA (fan page Facebook)

A participação de novos atores no contexto de produção de conhecimento e informação é um fato, mas não se pode negar as contradições e limitações, ou seja trata-se de um campo de autonomia relativa. O que alimenta a emergência de novos dispositivos políticos simbólicos e torna vertiginoso os processos de convergências dos aparatos sócio-técnicos, ainda é uma lógica de mercado, da oferta e procura de um produto de consumo. Apesar da democratização do acesso aos meios de produção, os processos de trocas simbólicas, restam centrados em poucos sujeitos e instituições que detêm seu monopólio. A seguir será realizada uma reflexão sobre as especificidades dos campos social e dos media, levando em consideração sua importância no sentido de difundir os conhecimentos ancestrais das culturas populares.

2.2.1 VISIBILIDADE SOCIAL, VISIBILIDADE MUDIÁTICA: relações intrínsecas do Campo Social e o Campo dos Mídias e sua relação com a hipermodernidade, os dispositivos sociotécnicos e a difusão de conhecimentos ancestrais

Para entender como está ocorrendo o processo de gestão atual dos meios de comunicação por não hegemônicos, certamente é importante compreender com propriedade as noções de campo social e campo dos mídias. No início dos anos 60 o sociólogo Pierre Bordieu chegou a conclusão de que um campo é constituído pelo espaço social global. Seria uma espécie de microcosmo, incluído em um macrocosmo. Sob tal perspectiva o campo social estaria estruturado por posições sociais, por hábitos, fazeres e lutas específicas de cada campo (CATANI, 2009, p.192,193). Segundo a sociologia interpretativa o *campo social* é constituído pela institucionalização formal das esferas religiosas, familiares, militares, políticas, científicas e econômicas. As esferas sociais definem um domínio específico de competências e possuem esferas de legitimidades que impõem aos sujeitos atos de linguagem, discursos e práticas sociais. Essas instituições informais intervêm de maneira contínua e espontânea no processo de imposição das formas de dizer e de agir, possuem o seu próprio corpus social e asseguram a sua visibilidade através de modalidades de discursos, gestos e comportamentos.

Um corpo social se torna visível através de insígnias (mascaras, tatuagens, fardas, emblemas) que distinguem os detentores de sua origem legítima. Isso significa que os campos sociais ditam também autênticas regras, modos de dizer e

fazer conformes e convenientes. É justamente pela comparação de tais modalizações dos atores e dos agentes sociais que se pode determinar a sua pertença a um determinado corpo social e o lugar hierárquico por eles ocupado. A *legitimidade* é um dos critérios fundamentais de um campo social. Ela é reconhecida nos enunciados que colocam instituições sociais no lugar de sujeitos de um dizer (narração em terceira pessoa), ou um fazer que remete para a capacidade de impor indiscutivelmente algo ao conjunto do tecido social. A maioria das instituições que regulam o espaço público agem de maneira informal, com uma organização coercitiva pouco perceptível a sociedade, pois estas regulações encontram-se em elementos percebidos socialmente como intrínsecos ao cotidiano da humanidade, como o vestuário, a sexualidade e até mesmo na gestualidade de cada grupo social. E os grupos sociais são mais poderosos e legítimos quando menos visível e consciente for a *força vinculativa* de sua intervenção.

Quando desenvolveu a teoria dos campos sociais (1966) Bordieu considerou que o campo é um espaço de lutas, entre os diferentes agentes sociais, que se dão em torno da apropriação ou da redefinição de um capital específico. Sendo que a estrutura dos campos sociais ocorre de maneira desigual, devido justamente a distribuição desigualitária do capital. Essa diferença de distribuição gera também agentes sociais diferenciados: os “dominantes” e “dominados”. Ou as “maiorias” e “minorias” pela ótica de Anthony Giddens (2002) como comenta Barbalho (2009). Segundo tal perspectiva, as “minorias” sociais (sexuais, religiosas, étnicas, trabalhistas, dentre outras) atuam no espaço público para exigir do Estado políticas públicas que minimizem ou eliminem a exploração e a desigualdade social. Também atuam no sentido de reconhecimento social de suas diferenças, singularidades culturais e identidades, no sentido de afirmar socialmente seu estilo de vida e liberdade de escolha. Nesse aspecto, é interesse dessa análise destacar no estudo de Barbalho o ponto de vista de Kant sobre os conceitos de “maioridade” e “minoridade”, os quais estão relacionados ao poder de falar e ser ouvido. Vejamos:

maioridade (mündigkeit) significa ‘possibilidade de falar’. O seu oposto, ‘menoridade’ (unmündigkeit), a ‘impossibilidade de falar’. Ou seja, a ‘menoridade’ relaciona-se aquele que não tem voz, que não tem direito a plena fala. A ‘maioridade’ marca a conquista de ser ouvido, ou em outras palavras, de ser cidadão. Daí que a noção contemporânea de ‘minorias’ implicar sua luta para alcançar o poder da fala. (BARBALHO, 2002, apud SODRÉ, 2005, p. 30,36).

É importante considerar que na passagem do século XX para o XXI ocorreram mudanças estruturais na sociedade, entre as quais é claramente perceptível a ampliação do uso dos aparatos tecnológicos e a grande influência dos diferentes tipos de mídia no corpus social. Ampliando a reflexão sobre *hipermodernidade* (iniciada na página 20 desse estudo) é importante ressaltar que o termo criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky, abarca análises sobre as alterações relacionadas: às novas formas da humanidade lidar com a supressão do espaço-tempo; com a potencialização do sensível, do desejo, do consumo; da autonomização dos atores sociais e do individualismo. Para amplificar as reflexões acerca dos impactos sociais da hipermodernidade talvez seja importante para esse estudo levar em consideração também o conceito de “bios midiático” desenvolvido por Muniz Sodré. Tal conceito evolui de uma base de pensamentos aristotélicos. Segundo Sodré o filósofo grego observou durante a construção da sociedade helênica três tipos de existência na polis, a qual denominou como “bios”: o “bios theoretikos” (vida contemplativa), o “bios políticos” (vida política) e o “bios apolaustikos” (vida prazerosa, vida do corpo). O conceito de “bios midiático” foi desenvolvido a partir dessas premissas e seria um “quarto âmbito existencial, onde predomina (...) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a ‘tecnocultura’)”. Ele seria equivalente ao espaço público contemporâneo, o “da comunicação técnica e mercadologicamente definido pela informação”, ou seja, por um produto que em sua essência está a serviço da manutenção do capital (SODRE, 2002, p. 24-25).

Mesmo que a lógica do capital faça girar a roda de influências hipermodernas, não há como deixar de se perceber que a convergência midiática - proporcionada pelo amplo acesso aos aparatos tecnológicos, comunicativos e dispositivos de produção de conteúdo - têm possibilitado a existência de um espaço público mediado, que de certa forma, vêm fragilizando até mesmo o poder regulador das instituições coletivas. Nesse mundo midiaticizado da sociedade comunicativa estão surgindo novos cidadãos e novas formas de democracia, diferentes daquela fundada somente em instâncias políticas institucionalizadas, profundamente marcadas por antigas relações de poder, positivistas, unilaterais e verticalizadas. A exemplo da Primavera Árabe ou a Praia da Estação citadas anteriormente, o momento vivido pelas formas atuais de democracia, representa a possibilidade de potencializar a participação dos atores sociais nos processos decisórios.

Certamente tais mudanças sociais e de participação social na mudança das políticas globais podem ser analisadas pelo viés das transformações significativas do campo dos mídias, ou seja, dos meios de comunicação, ocorridas na primeira década do século XXI. Tais mudanças estruturais podem ser assim sumarizadas: 1- evolução das tecnologias; 2- crescente diminuição dos custos de produção; 3- acesso e usos sociais das tecnologias; 4- mudanças nas demandas sociais (VIZER, 2007, p. 39). Isso significa que os dispositivos midiáticos, e suas capacidades ampliadas de captação, registro e reprodução dos “feitos” da realidade, produzem legitimidade e, portanto, capacidade para influenciar de forma direta a constituição da agenda pública. Ainda sob a perspectiva de Vizer se pode afirmar que a *mediatização* vem minando o poder e a autonomia de outros campos. Desta forma a influência das mídias vem se tornando universal, tanto sobre os espaços públicos quanto no privado. Talvez por isso o campo midiático esteja se transformando de campo de poder simbólico subordinado, em um “político” e econômico, capaz de definir e difundir para todos os públicos o que deveria ser considerado importante: a “verdade e a objetividade”, a “visibilidade e a noticiabilidade” dos fatos sociais (VIZER, 2007, p. 27).

Apesar de até hoje toda a organização social ser realizada a partir de redes de contatos interpessoais é sob a globalização, com novas capacidades e ritmos, que as redes dominam e potencializam uma difusão crescente de fluxos imateriais nos territórios. Segundo Hasbaert o advento da hipermodernidade e da *mediatização* está trazendo a sociedade global a experiência da *(re)territorialização* e da *desterritorialização* dos espaços. Hoje territorializar significa construir e/ou controlar fluxos/redes. Significa conjugar a função e o símbolo, a ação concreta e a valorização simbólica. Para ele o termo “redes territoriais” serve para se enfatizar o papel das redes em processos “(re)territorializadores, ou seja, na construção de territórios em seu sentido de controle ou domínio material e /ou apropriação simbólica” (HASBAERT, 2004, p. 294). Desta forma a *(re)territorialização* seria caracterizada pela construção de novos territórios, tanto em seu sentido de controle ou domínio material, geográfico (território zona), quanto de apropriação simbólica e midiática (território rede). Ou seja, a utilização das diversas mídias pelos movimentos socioculturais, como no caso das culturas de raiz de matriz africana, e mais especificamente o caso da capoeira angola, pode ser interpretada como forma

de reterritorialização simbólica, sendo um elemento de poder importantíssimo na sociedade.

Com tantas mudanças estruturais vividas na hipermodernidade se faz necessário reconsiderar o papel da imagem e da informação na sociedade. Não há como negar que ambos se tornaram orientadores do sujeito no campo social e uma forma de “exigência de existência pública” (BARROS, 2006, p. 95), assumindo “posições centrais e decisivas” em todos os setores sociais. A ampliação da valorização do sentido da visão, o consumo e a publicização, assumem na contemporaneidade significados importantíssimos, que vão desde a busca pelo reconhecimento público do papel social do indivíduo, até mesmo a comercialização desse e sua cultura enquanto produto.

Os tempos mudaram e com eles o contexto social, de onde emergem cotidianamente uma diversidade de novos atores organizados, que hoje respondem *comunicativamente* à sociedade. Homi K. Bhabha (LINHARES, 2006, apud BHABHA, 2006) acredita na necessidade de se amplificar no campo social “uma noção de política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, e potencialmente antagônicas”. Pois as proporções globais da midiatização deixam claro que já não é mais possível manter uma sociedade que funcione na base do consenso pelo igual, pelo absoluto, pelo universalizante. “Nesse sentido desenvolve-se o esforço de conviver e aceitar o diferente, o grupal, o gênero, a etnia, a diversidade” (LINHARES, 2006, p.162).

De acordo com o apresentado até aqui talvez não seja errado afirmar que a midiatização e o protagonismo midiático, o qual aqui foi nomeado como “(re)territorialização midiática dos movimentos sociais no Brasil”, constitui-se como campo fértil para pesquisas. E o protagonismo dos grupos sociais na cena midiática pode ser estudado tendo como pano de fundo as lógicas de processos mais amplos e estruturais criados pela midiatização. E não se trata de simplesmente denunciar a ausência ou a presença do popular no campo midiático, mas de qualificar como a apropriação dos dispositivos, repõe formas de presença e ausência nas mídias convencionais. Se por um lado os pobres, as culturas populares, bem como os movimentos sociais não hegemônicos, eles aparecem na cena midiática como grupos semantizados, signo de desvalorização, com falta de visibilidade pública e importância social. Por outro quando mostrados, são representados como resultado do protagonismo idealizado e produzido por educadores e políticas públicas

emancipadoras. Ou seja, ora aparecem pelo que lhes falta, ora pelo que conseguem assimilar dos outros, quase nunca pelo que efetivamente são.

No entanto, não se pode negar que a midiatização dos campos sociais também ampliou as possibilidades de circulação e construção de novas polaridades de poder. Talvez por isso seja correto afirmar que os movimentos socioculturais quando tem acesso aos processos de produção e circulação de sentidos, conseguem garantir a propagação das suas produções socioculturais representadas pela informação, pela palavra, pelas imagens e significações. E talvez, por conta da facilitação do acesso aos dispositivos de produção de conteúdo midiático, seja plausível se pensar na possibilidade de um uso mais democrático e alternativo dos meios tecnológicos dominantes. Daí a importância de se conhecer as possibilidades abertas por esse desenvolvimento tecnológico, em termos mesmo de acesso as forças produtivas, como a infraestrutura midiática dessa “nova sociedade”. Pois o acesso aos processos, aos dispositivos e às estruturas sobre as quais se produz a circulação de bens ou da informação, “passou a ser um recurso absolutamente estratégico” (VIZER, 2007). Já que os sistemas de produção materializados em dispositivos em rede “geram um efeito de reconhecimento vinculado as dimensões simbólicas inerentes as regulações de poder” (2007, p.38, 39).

Hoje a apropriação ou regulação dos meios de produção, defendidas pelo pensamento crítico como chave de socialização e democratização, tornam-se insuficientes para responder aos processos contemporâneos de produção social de sentido. E quando alguém se propõe a investigar os *processos midiáticos* significa inscrever a *análise dos dispositivos midiáticos*. Como apresentado até agora o discurso de poder, codificar, julgar e prescrever, está diretamente relacionado com o *processo de circulação em dispositivos midiáticos* e também em relação com o poder “instalado” no processo de circulação no campo das mídias. Para se pensar a “*emancipação* para além de uma concepção instrumental dos meios” talvez fosse necessário reelaborar a luz do conceito de dispositivo (onde estão inseridas as operações de midiatização) “as dimensões socioantropológicas, tais quais o imaginário, o simbólico, a inclusão, a exclusão, a presença ou a ausência, o conhecimento e a ideologia” (FERREIRA, apud VIZER, 2008, p.143). Por isso é importante pensar os processos de interação dos movimentos sociais com o campo das mídias a partir das operações de midiatização e pela apropriação dos dispositivos sociotécnicos como forma de ampliação do poder social.

Mas o que seriam esses tais *dispositivos*? Ao contrário do difundido no senso comum, onde o dispositivo estaria reduzido a um agente pontual, como por exemplo um telefone, um blog, um site, o filósofo Giorgio Agamben traz uma definição bem mais abrangente do termo. Para ele o conceito de *dispositivo* remete a “um conjunto de práticas e mecanismos (linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnico e militares) com o objetivo de fazer frente a urgência e obter um efeito mais ou menos imediato”. O dispositivo sob esta perspectiva estaria no nível do dito e do não dito. Sua função seria eminentemente “estratégica e relacionada ao poder e a um certo momento histórico”. Agamben remonta a origem do termo dispositivo nos estudos de Foucault, Hyppolite e Hegel, onde explica que o significado do termo dispositivo está relacionado em sua origem as noções de “positividade” e “destino”, dois conceitos-chave do pensamento hegeliano. Hyppolite concentra sua análise em duas obras de Hegel, do período entre 1795 e 1796: “O espírito do cristianismo e o seu destino” e “A positividade da religião cristã”. Para Hyppolite o termo “positividade” possui seu lugar próprio na oposição entre “religião natural” (diz respeito à imediata relação da razão humana com o divino) e “religião positiva” (ou histórica, compreende o conjunto de crenças, das regras e dos ritos que uma determinada sociedade e num determinado momento histórico são impostos aos indivíduos pelo exterior).

Segundo Agamben para Hegel “uma religião positiva implica sentimentos que vem impressos as almas por meio de uma coerção de comportamentos que são o resultado de uma relação de comando e de obediência, e que são cumpridos sem um interesse direto”¹⁸. *Positividade* seria então a nomeação do elemento histórico, com toda sua carga de regras, ritos e instituições impostos por poder externo, mas que torna interiorizado nos sistemas das crenças e dos sentimentos. Já Foucault toma esse termo emprestado para denominar a relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico. Ele entendia a *positividade* como o conjunto das instituições, processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder. Seu objetivo com o estudo era investigar os modos concretos em que as positivities (ou dispositivos) agem nas relações, mecanismos e “jogos” de poder. Na perspectiva foucautiana os dispositivos seriam a “rede que se estabelece entre as medidas de segurança e tecnologias do poder”.

¹⁸ Hyppolite, Introduction à La philosophie l'histoire de Hegel, Seuil, Parigi, 1982, p.43 (1.ed. 1948)

O raciocínio de Agamben influenciado por Hegel e Foucault o levou a concluir que o conceito de “dispositivo” está conectado a uma herança teológica. Analisando os conceitos de dispositivo de Foucault e de positividade, de Hegel e de Heidegger, Agamben concluiu que o que parece comum a esses pensadores é a referencia a uma *oikonomia*¹⁹, ou seja: a um conjunto de praticas, de saberes, de medidas, de instituições, cujo o objetivo é gerir, governar, controlar e orientar utilmente, os gestos e os pensamentos dos homens. Dessa forma o *dispositivo* seria qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos.

O termo dispositivo nomeia também o meio pelo qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos implicam num processo de subjetivação, ou seja, eles produzem seus sujeitos. Na opinião de Agamben, Foucault mostrou como numa sociedade disciplinar, os dispositivos visam - através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios - a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua “liberdade” de sujeitos no próprio processo de assujeitamento. Isso significa que o dispositivo implica numa subjetivação, mas não se resume a um mero processo de violência. Por exemplo: aquele que se deixa capturar no dispositivo ‘telefone celular’ não adquire por isso uma nova subjetividade, mas somente um número, pelo qual pode ser eventualmente controlado. Aqui se mostra a fragilidade dos discursos bem intencionados sobre a tecnologia, que afirmam que o problema do dispositivo se reduz àquele de seu uso correto.

Como sugerido pelo filosofo italiano para se pensar a “*emancipação* para além de uma concepção instrumental dos meios” é preciso que os movimentos socioculturais intervenham diretamente nos processos de subjetivação, tanto na produção simbólica quanto na circulação dos meios. Não com uma nova forma de positividade, mas a partir do controle dos dispositivos, dar enfoque aos aspectos fundantes das culturas de raiz matriz africana como a oralidade, a corporeidade e a ancestralidade em meios virtuais, contribuindo para ampliar a valorização da diversidade cultural brasileira. Pois Ferreira alerta que são os sistemas de produção,

¹⁹ A administração do oikos, da casa. A *oikonomia* foi o dispositivo pelo qual o dogma trinitário e a idéia de um governo divino e providencial do mundo foram introduzidos na fé cristã e disseminado como senso comum na sociedade (AGAMBEN, 2007).

materializados em dispositivos compartilhados em redes sociais (corporificadas ou virtuais), os geradores do efeito de reconhecimento vinculado as dimensões simbólicas inerentes às regulações de poder (FERREIRA, 2007, p.143).

Isabel Ferin, em seu livro “Comunicação e Culturas do Cotidiano” faz uma análise de diversos conceitos de poder, e apresenta uma lógica sobre o poder afinada com o contexto comunicacional atual:

como meio de comunicação, Luhmann afirma que “o poder é um fenômeno fundamentalmente ocidental e moderno. Implica a existência de pessoas em ambos os lados da relação de comunicação, imbuídas de vontade e possuidoras de liberdade, interessadas em reduzir a complexidade através de ações orientadas em função de objetivos, da distribuição de oportunidades e construção de consensos. (FERIN, 2002. p.69).

E não há como negar: ter informação é ter poder. E na contemporaneidade proliferam as possibilidades e recursos de informação-poder. Nesse aspecto são justamente a internet, a telefonia celular integrada e a convergência digital, os meios sociotécnicos que representam as bases promissoras de gerar condições para uma sociedade de comunicação mais democrática, organizada e articulada por meio de dispositivos de circulação social produtiva. Talvez por isso está se tornando imprescindível para os grupos sociais, em busca de reconhecimento e disseminação de informações afirmativas, que dominem os dispositivos de poder do mundo mediatizado e globalizado. E hoje isso significa dominar, principalmente, o campo discursivo, que está diretamente relacionado a questão da democracia, da cidadania e da diversidade cultural (identidades).

Ou seja, a autonomia dos campos sociais talvez esteja ocorrendo principalmente através do desencadeamento de movimentos sociais pelo campo midiático através do reconhecimento público do direito a institucionalização das suas experiências como fontes de legitimidade para criar, gerir, inculcar e sancionar uma ordem social própria. Pois, é justamente no decorrer da aceleração do ritmo de funcionamento que um campo social, ou seja, quando estão desenvolvendo atividades ritualísticas ou culturais, ou então, quanto mais a sua força se encontra contestada e diminuída, é que se formaliza e aumenta sua simbólica. Nesse sentido parece que a apropriação e o domínio processual do conceito de dispositivo poderá ser central para as culturas de raiz. Principalmente se elas desejarem interferir diretamente no processo de reelaboração das dimensões socioantropológicas “do imaginário, do simbólico, da inclusão, da exclusão, da presença ou da ausência, do

conhecimento e da ideologia”, no sentido de se posicionar diante de uma nova forma de representação social das africanidades do povo brasileiro.

2.2.2 CAMPO DOS MEDIAS: *ritualização e cultura popular*

Na concepção de Adriano Rodrigues (1999) o campo dos media originariamente alimenta sua permanência por um imaginário cultural mítico primitivo, não atualizado. Para ele o componente mais habitual desse fundo mítico provém de instituições antigas, em particular do religioso, do guerreiro, do familiar, do político, do militar, do jurídico e do científico. É a partir desse retorno ao campo dos media, que os mais antigos mitos hoje são relançados no espaço público. Esse fundo primitivo também presta-se a novos reflexos e a novos efeitos de sentido que são lançados no cotidiano da experiência coletiva.

Segundo Rodrigues a “reciclagem mediática” do mito primitivo, ocorrido no campo dos media, se dá através de um processo de esquecimento e ocultação, de modo a estabelecer-se com ele uma relação de reminiscência. Não uma relação de rememoração atualizante, como nos processos de rituais ocorridos face a face. Para o pesquisador o processo de ocultação, da qual se alimenta a midiatização, possibilita a anamnese ritualizante de que depende a mais-valia simbólica para a cristalização do sentido (RODRIGUES, 1999, p.154). Diferente do campo ritualístico vivenciado nas relações face a face, próprias do campo da cultura (e de seus elementos de manutenção de mitos primitivos), o campo dos media é constituído sob forma de uma rede que atravessa o tecido social. As leituras feitas até aqui deixaram claro que tal “ritualismo midiático” assenta-se na elaboração, na gestão, na inclusão e na sanção de valores de representação, de transparência, de legibilidade do mundo da experiência, no seio de uma sociedade caracterizada pela natureza fragmentada da experiência do mundo.

Rodrigues também ressalta que o campo dos media possui um tipo de legitimidade conhecida como vicária (de delegação), ou seja, é uma legitimidade por natureza delegada dos restantes campos sociais. Isso significa que o campo dos media está estruturado e funciona segundo os princípios da estratégia de composição dos objetivos e dos interesses das instituições das quais é proveniente. Apesar da pretensão a universalidade e a formação de consensos assemelharem os princípios de legitimidade, a legitimidade no campo dos media se difere, por

exemplo, do campo científico, já que naquele não prevalecem os valores da transparência e da publicidade sobre os do rigor e de adequação do real. A natureza vicária no campo dos media tem haver com a delegação de colocação de modos de vida no espaço público, criando serviços especiais de articulação, como conferências de imprensa, comunicados, gabinetes de relações públicas, espaços sacralizados, onde se respeitam a ordem hierárquica e detêm as marcas simbólicas da pertença. São criados discursos distintos, destinados a usos externos. Não é de um território concreto de pertença, mas uma espécie de diagrama construído sob a forma de uma rede de circulação informativa. (RODRIGUES, 1997, p.157).

Talvez por isso a mídia seja um “local” onde prevalece o dizer sobre o fazer. Para obter a pretensão de universalidade procede a elaboração de normas de apagamento cuidadosos das dimensões simbólicas do processo de enunciação. Sob tal perspectiva *o discurso assume uma posição central na estruturação social*. E na atualidade é o próprio discurso que se converte em modalidade pragmática, em um fazer específico gerador de reflexo de sentido, destinado a assegurar a constituição de acontecimentos mediáticos, de figuras da experiência, a partir do fundo arqueológico que o campo dos media transporta constantemente aos outros campos. Rodrigues alerta que a lógica discursiva do campo dos media, por exemplo, a difusão de valores de integridade regional, oposição entre interior e exterior, entre estratégia e tática e a imperatividade discursiva tem como pano de fundo o discurso militar. Por isso é importante que se olhe às mídias pela forma como intervém na percepção e configuração da cultura. Pois não se pode deixar de levar em consideração que os homens e as sociedades constroem suas realidades, procedendo a sua midiatização por crenças em imaginários instituídos pela cultura, linguagem, observação, subjetividade e principalmente pela ação sobre o real.

Para Rizo é do contato presencial que derivam todas as outras situações de interação. É na interação face a face do ato social que os aspectos culturais e simbólicos das experiências de interação são real e amplamente vivenciados. Já a cultura, na perspectiva de Correia, “é o universo onde se concretizam as definições subjetivas de situações que transformam as condutas em ações socialmente significantes”. A manutenção cultural é um trabalho de remoção das interferências do tempo e da política na memória coletiva, e também de recuperação do passado e objetos simbólicos presentes nas subjetividades dos sujeitos.

Por sua vez, a *cultura* se faz presente em todos os atos e gestos humanos aprendidos em sociedade, através de formas práticas e simbólicas de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. Ela é um conjunto de regras de criação e interpretação da realidade, a própria condição humana e a maneira com se expressa e se relaciona com as estruturas materiais e as bases territoriais onde a vida se dá. Produz compartilhamento de sentidos entre iguais e tradução de significados entre os diferentes. É um processo permanente de organização, interação, troca de interpretações, representações e praticas, no interior e entre sistemas culturais locais, regionais e mundiais, criando emaranhados simbólicos.

Rodrigues considera como culturais todas as manifestações da vida coletiva de um povo, desde a mitologia, a língua, as artes e as praticas rituais até a culinária, ao vestuário, as maneiras de cultivar a terra e de educar os jovens (CORREIA, 2007, p.59). Essa perspectiva afirma justamente o contrario do projeto de incentivo à imaginação e renovação de costumes, ditado pela sociedade midiaticamente globalizada, que naturaliza a individualização e padrões unificados de comportamento.

Na atualidade o contato face a face, e por consequência a ação cultural, vem assumindo novas configurações dada a presença cada vez maior das interações midiáticas, fazendo com que o espaço de intermediação social e o “status” de validação das ações, passem a ser compartilhados entre as duas esferas. Desta forma, as mídias têm ocupado um espaço cada vez maior no campo social como elemento agregador. As mídias hoje desempenham um papel decisivo na construção social da realidade, pois a virtualidade intervém direta e instantaneamente na disponibilização acessível e individualizada de um corpo de conhecimentos essencial para a percepção do mundo social. Isso ocorre justamente por conseguir deslocar o tempo e o espaço e colocar “juntos”, no mesmo momento, uma quantidade enorme de pessoas para vivenciarem uma mesma experiência, agora mediada e legitimada por aparatos sociotécnicos e em processos não presenciais realizados em proporções globais.

João Carlos Correia afirma: o “campo dos media é o espaço de divulgação e de circulação de mensagens que asseguram a relação entre a vida privada e o sistema político em que se desenvolve, por exemplo, o consentimento dos governados em que se assenta a legitimidade moderna” (CORREIA, 2007, p.55). Tal concepção avaliza a interpretação de que a ideologia da legitimidade midiática é

produzida pelo poder político como estratégia mesma de sua legitimação ao controle do tecido social. Pois a mídia naturaliza um imaginário dicotômico (de origem religiosa, como apontado anteriormente), considerando como socialmente válida *apenas* os “produtos” mais elaborados (onde está presente a dicotomia do bem e mal) e consagrados pelas formas de legitimação instituídas. Para além da pura crítica ao amplo processo de midiatização, o que parece estar em questão é o risco da naturalização da lógica capitalista e a dessacralização dos componentes midiáticos com potencial de transformar a atividade cultural em mera atividade consumista. Assim o sentido no mundo mediado torna-se jogo de signos, ficando desprovido da cultura, aspecto de suma importância simbólica para a construção da significação (RODRIGUES,1997, p.194).

Esse processo de midiatização do tecido social vem se constituindo desde 1940, quando a automização do campo dos media começou a ser percebida como instância de legitimação cultural. Além disso, outra característica da cultura contemporânea disponibilizada pelos meios de comunicação está voltada a sofisticação dos efeitos especiais, substituídos dos efeitos de sentido, do desaparecimento dos acontecimentos pela informação, sob o manto de sua simulação hiper-real. É como se a fragmentação sublevasse o sentido e a sua carga histórica. Uma estratégia discursiva que pode ser identificada como de aniquilamento da memória. Tal fenômeno pode decorrer da instantaneidade do processo de circulação das obras e dos modelos, pois não só anula o tempo e a distancia, reduzindo a diferença entre produção e consumo. No campo da simulação hiper-real a cultura pode estar perdendo o seu espaço de representação face a face, onde se dá o sentido, onde se encenam as contradições sociais que alimentam a historicidade cotidiana.

Curiosamente o princípio que define a simbólica do campo dos media é o da transparência. Dessacralização e transparência são também os mecanismos que presidem o *processo de ritualização* do campo dos media. Retomando as noções apresentadas na página 46 desse estudo, a *Ritualização* é um processo que consiste na geração de modalidades estereotipadas de funcionamento de um campo, e no mundo atual de reciclagem dessacralizante da sua correspondente simbólica. Em vez de uma temporalidade marcada pelo retorno cíclico de momentos fortes de atualização dos mitos fundadores da legitimidade do campo, o campo dos media tende para a instauração de uma periodicidade formal e estereotipada, de

natureza cronométrica. Tal como a programação televisiva e radiofônica, a da publicação periódica dos jornais ou a da repartição de rubricas nas paginas dos periódicos, cujo horizonte já não é de um território concreto de pertença, mas agora uma espécie de diagrama, construído sob a forma de uma rede de circulação informativa.

As reflexões realizadas até o momento indicam a possibilidade de se investigar se reterritorialização midiática, ou seja, o conhecimento e a apropriação das novas tecnologias de comunicação por indivíduos e grupos socioculturais, estão sendo utilizados como *dispositivo na luta pela igualdade social*, ou mesmo se são capazes de contribuir de alguma forma com a redução dos efeitos da exclusão histórica. E dominar os dispositivos de controle social já existentes talvez fosse uma estratégia para que a amplificação social dos movimentos socioculturais ocorram com uma “intervenção racional e combinada das relações de força”. Pois o dispositivo está sempre “inscrito em uma relação de poder, e aos limites do saber”. Desta forma o dispositivo não seria somente um tipo de mídia, discurso ou normatizações, e sim “um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados” (Agamben, 2007).

Nesse sentido este estudo se alinha os pensamentos de Linhares quando ele defende que “os novos organismos sociais de participação” devam assumir “os media como campos estratégicos para a ação”. E mais: que na luta pela ampliação do espaço de participação “movimentos ou segmentos políticos podem ser sujeitos de uma *nova esfera pública* política democrática e autêntica” (RAYA, 1997, apud LINHARES, 2006, p.162 e 169). Para tanto o domínio e a utilização dos medias de diferentes maneiras pelos novos atores sociais pode ser considerado como uma eficiente estratégia de amplificação de poder social, no sentido de difundir valores não hegemônicos no seio social, de maneira global e irrestrita.

3 MUDIATIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES DE RAIZ DE MATRIZ AFRICANA: o caso da capoeira angola em Belo Horizonte

O que nos orienta hoje depende cada vez menos de saberes tradicionais e cada vez mais de elementos captados aqui e ali na mídia. (LIPOVETSKY, 2009, p.266)

Somente uma mudança estratégica no nível da etnicidade, poderia operar uma verdadeira mudança no ser, e então, permitir a recuperação da autoestima e da dignidade de pessoas estigmatizadas pelos seus atributos fenotípicos e por termos de classificação carregados de conotações negativas. Trata-se, portanto, de uma batalha no campo da percepção simbólica, a qual provoca mudanças tanto na auto-percepção, quanto na percepção de outros, como partes constituintes de uma coletividade racial. (BOTELHO, 2008, p.25)

Como apontado no capítulo anterior, esta pesquisa busca compreender com como e com qual finalidade os dispositivos sociotécnicos vem sendo utilizados pelas culturas populares, principalmente aquelas culturas ancoradas na manutenção de valores tradicionais. O que se procura elucidar é se tais dispositivos funcionam como forma de atualizar os códigos identitários afro-brasileiros, originalmente configurados no padrão da tradição e da ancestralidade. Como as culturas tradicionais fazem para reforçar e propagar sua cultura ancestral, da ordem da presença, por meio de processos e mecanismos de interação à distância e de virtualidade? No mundo midiático seria possível mudar as estratégias de interação para se continuar o mesmo, e ainda assim se manter tradicional? Esse capítulo vai adentrar pelo campo da cultura, onde será analisado o caso da Capoeira Angola como representante das culturas populares de raiz de matriz africana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Para realizar a análise comunicacional da midiática da Capoeira Angola, serão utilizados como aporte conceitual alguns elementos da tradição, do gesto negro, das culturas populares de raiz de matriz africana e da diversidade cultural.

3.1 CONCEITOS: Cultura de raiz de matriz africana, gesto negro, tradição, culturas populares e a diversidade cultural

Em Belo Horizonte uma pequena, mas já visível, mudança de paradigma no nível simbólico começou a ser operada no corpus social das culturas de raiz de matriz africana. A partir da década de 90, com o acesso aos meios de criação e seus próprios veículos de comunicação como vídeos, sites, blogs e eventos presenciais de caráter cultural e grande porte, tem início um processo de repercussão midiática e abrangência social. Um exemplo desse momento foi o “I Encontro Nacional de Capoeira Angola de Belo Horizonte”, realizado em novembro de 1999, pelo coletivo Movimento Angoleiro de Minas Gerais (MAMG), que na época congregava oito grupos de capoeira angola da RMBH.

O evento gerou a cobertura da Revista Palavra, de circulação nacional e de diversos veículos de comunicação formais e informais, bem como projetou o trabalho da capoeira angola de Belo Horizonte em nível nacional, e contribuiu para a consolidação dos grupos de capoeira angola que organizaram o evento, além de ampliar o número de praticantes de capoeira angola na cidade. A reportagem “Chamada de Angola”, publicada na revista Palavra, repercutiu sobre essa cultura de raiz nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Também trouxe uma abordagem diferenciada para o assunto, mostrando como a capoeira dialoga com outras manifestações culturais, e a forma que elas se utilizam de algum aspecto de sua estrutura cultural tradicional para desenvolver suas expressividades, como o teatro, o candomblé, a dança afro e contemporânea ou outras expressões culturais, como as de raiz de matriz africana.

Mas, afinal, quando se diz que a capoeira angola é uma cultura popular de raiz de matriz africana, o que se está afirmando? Tal definição busca valorizar, afirmar e introjetar no corpus social de uma sociedade de racismo velado, a positividade dos vários aspectos de “ser negro”. Envolve valorizar a cultura africana, afro-brasileira e as africanidades do povo brasileiro, dando destaque à oralidade, corporeidade e ancestralidade presentes no jeito de ser, viver e pensar manifestado no dia-a-dia e em celebrações, como congadas, maracatus, rodas de samba, rodas de capoeira, afoxés, dentre outras. Essas visões de mundo estão enraizadas nos jeitos de ser, viver, pensar e de construir existências, próprias do mundo africano.

Lembrando que territorialmente o mundo africano hoje inclui a diáspora, considerada como uma “região” desse imenso e rico continente.

Na perspectiva de Muniz Sodré (1983,1999) a *matriz africana* refere-se as identidades negras concebidas como construções múltiplas, complexas, social e historicamente (re)construídas na diáspora com base em processos que se deram a partir do sequestro dos africanos para o Brasil, através do tráfico negreiro. As identidades têm um caráter histórico e cultural. Caráter este que demarca os conceitos de afro descendência e etnia, imbricados na trajetória histórica da população negra em relação com outros grupos. Dessa forma as culturas africanas e afro-brasileiras, presentes no cotidiano do Brasil, se expressam e são mantidas/transformadas nas manifestações histórico-culturais diretamente vinculadas a visões de mundo de raiz africana, também chamadas de africanidades. *De raiz* são todas as manifestações afrodescendentes que tem influência dos bantos. Por sua vez os bantos constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana (países africanos a sul do Equador), que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes, e aqui no Brasil, estão representados principalmente por africanos vindos de Angola, Congo e Moçambique. Eles falam a língua Banta, um conjunto de mais de 600 línguas nativas, com a mesma raiz linguística nigero-congolesa, como as línguas Quicongo, Malê, Iorubá, Fanti, Ashanti, Jeje, Nagô, Mina, dentre outras.

Portanto, quando se fala em matriz de raiz africana a idéia que perpassa tal conceito não é o da “cor” negra, e sim o aspecto identitário étnico de ser negro, a “*negritude*”. Petrônio Domingues trabalha esse conceito na tese “MOVIMENTO DA NEGRITUDE: uma breve reconstrução histórica”:

A palavra *négritude* em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *negritude* ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial. (DAMATO, 1983, p. 118, apud DOMINGUES, 2005, p.4).

A ampliação social da utilização do conceito de negritude teria implicações positivas, tanto nos campos político e ideológico, quanto, é claro, no cultural. Para Domingues “no terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida

como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana” (DOMINGUES, 2005).

Em Belo Horizonte a maioria dos grupos sociais que mantêm tradições culturais populares são formados por negros ou pardos. Segundo dados do Censo de 2012, Belo Horizonte possui 2.395.785 pessoas. De acordo com análise feita pelo IBGE em 2010, declararam ser negras ou pardas 1.236.322 pessoas. Ou seja, mais de 50% da população da capital. Ocorre que mesmo com todas as conquistas do movimento negro no Brasil, tanto na capital mineira, quanto no Brasil, a segregação racial gerou e continua gerando uma situação de grande desigualdade social, de acesso aos bens materiais e simbólicos. Tal situação atinge praticamente todas as outras áreas da vida social, fazendo-se notar de maneira mais acentuada no nível da distribuição de renda, e na disposição territorial das pessoas nas cidades. De acordo com dados do Relatório de Desenvolvimento Humano produzido em 2005, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), intitulado “Racismo, pobreza e violência”:

enquanto a taxa de homicídios entre jovens brancos entre 20 e 24 anos já era aberrante nos idos de 2001 — 102,3 por 100.000 habitantes, a taxa de homicídios dos jovens negros, em sua maioria residindo em favelas das grandes cidades brasileiras, era duas vezes mais elevada, isto é, 218,5 por 100.000 habitantes. O que representa ‘um risco equivalente ao de morar em países em guerra civil. (PNUD, 2005, apud BOTELHO, 2008, p.12).

Ou seja, não seria um exagero concluir que em alguns lugares no Brasil, ainda hoje, o fato de ser negro pode se tornar risco de vida. Não obstante, também não se pode negar que mesmo com tantas discrepâncias socioeconômicas, o movimento negro no Brasil já obteve conquistas expressivas no campo sociocultural para diminuir esse impacto social negativo para a maioria da população. Principalmente no que se refere a absorção social do *gesto negro*, até a década de 80 muito estigmatizado pela elite social branca. Nesse sentido, Sérgio Costa traz uma reflexão necessária sobre a relação do corpo e a opressão social. No capítulo “Corpo e Diferença, uma breve digressão”, do livro “Dois Atlânticos, teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo”, ele ressalta que nos trabalhos de Gilroy e Hall foi demonstrado central importância que o corpo ocupa “tanto na produção de

representações, que congelam as hierarquias sociais, quanto nas estratégias de ‘resistência subalterna’”.

Desta forma, o corpo é percebido como uma última barreira, ou “uma diferença irreduzível para a construção das relações de opressão. Nele as relações de dominação são tornadas visíveis, conferindo-se materialidade (visual) a hierarquias racistas construídas culturalmente” (COSTA, 2006, p.120,121). Como por exemplo a normatização amplamente difundida no senso comum, que atribui ao corpo negro características e valores supostamente positivos, como força, vitalidade, poder e virilidade. Atributos que na realidade reafirmam pensamentos racistas, que associam traços fenotípicos com propriedades e capacidades inatas. Desta forma o corpo e o gesto negro carregam uma marca sociocultural estereotipada a priori, baseada não no reflexo dos pensamentos e atos sociais desse segmento da população, mas simplesmente por sua aparência.

No entanto, Jesus Martin Barbero ressalta que a partir da década de 30 os movimentos nacionalistas da nova república brasileira passaram por uma grande mudança no paradigma econômico, político e social, onde começaram a absorver o gesto negro e relaciona-lo com a cultura. Por outro lado também esclarece que tal aceitação contém muito preconceito social embutido, já que a noção política de povo estava sendo tratada “como instância legitimante do governo (...) corresponde no âmbito da cultura a uma idéia radicalmente negativa do popular, sintetizando para os ilustrados (...) tudo o que vem varrer a razão: superstição, ignorância, desordem” (BARBERO, 2009, p.29 e 34).

Geralmente associada a idéia de resistência política a cultura popular vem sendo transformada em construção ideológica, fechada sobre si própria. Aprisionada ao passado e normatizada pela folclorização, de maneira geral ela fica restrita a uma lista de expressões, que são meras utilizações nacionalistas do simbólico popular e da tradição, para transformar o popular em representação genuína da nação. Tais minimizações não ocorrem gratuitamente. Nesse aspecto há de se concordar com Barros citando Barbero: “a atenção dada a cultura popular é uma espécie de invocação que legitima o poder das elites e obscurece a realidade de exclusão” (BARROS, 2010, p.35). Por isso é importante investigar para além dessa “chantagem culturalista que os converte” em processos de degradação cultural (BARBERO, 2009). E também perceber que no nível subjetivo das construções simbólicas do que é considerado “povo” há uma batalha ideológica histórica entre

hegemônicos e não-hegemônicos.

Barbero apresenta algumas de suas reflexões sobre a relação existente entre cultura popular e hegemonia no artigo “Redescobrimdo o povo: a cultura como espaço de hegemonia”. Nesse artigo o pesquisador explicita que a grande contribuição de Gramsci sobre a questão cultural foi o fato de ele ter considerado em suas análises a dimensão de “classe” na cultura popular. Esse foi o caminho que levou as ciências sociais críticas²⁰ a se interessarem pela cultura e pela cultura popular. Nessa nova perspectiva de Gramsci a *classe* seria, então, uma categoria histórica, mais que econômica. Pois “as classes não existem como entidades separadas (...). Pelo contrario, as classes se encontram numa sociedade estruturada de forma determinada, experimentam a exploração, identificam pontos de interesse antagônicos, começam a lutar por essas questões e no processo de luta se descobrem como classes” (MARTIN BARBERO, 2009, p.109). Nessa perspectiva Barbero vai trabalhar uma nova abordagem para o conceito de hegemonia, tendo como base os conceitos de classe, cultura popular e de hegemonia de Gramsci :

pode ser considerado *hegemônico* um “processo de dominação social, não como uma imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem como seus as classes subalternas. E ‘na mediada’ significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força, mas também de sentido de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. O que implica uma desfuncionalização da ideologia - nem tudo o que pensam e fazem os sujeitos da hegemonia serve à reprodução sistema- e uma reavaliação da espessura do cultural: campo estratégico na luta para ser espaço articulador de conflitos. (MARTIN BARBERO, 2009, p.112).

Justamente para “evitar polarizações que a tratam como folclore, resíduo da cultura erudita, resistência a dominação” (BARROS, 2010, p.36) é tão necessária uma ampla ressignificação das culturas populares no campo social. Essa mudança de sentido precisa, e já está sendo efetuada nas políticas culturais no Brasil, em perspectivas mais amplas do que a abordagem romântica, que “traduz o popular como puro e autentico uma cultura sem “contaminação e sem contato com a cultura oficial e suscetível de ser resgatada por um Estado novo e por uma Nação nova”. Ou a abordagem ilustrada, “que vê a cultura como um resíduo morte, como museu e

²⁰ As ciências sociais críticas são um ramo das ciências sociais, principalmente latino americanas, dedicado ao estudos de questões sociais, culturais e políticas que afetam a saúde coletiva na região.

arquivo, como ‘tradicional’ que será desfeito pela ‘modernidade’ sem interferir no próprio processo de ‘modernização’ (...) aprisionada ao passado, reduzida a uma lista de expressões, que só adquire valor se expressão da tradição” (CHAUI, 1989, apud BARROS, 2010, p.23).

Na revisão da idéia sobre o popular os estudos históricos hoje tematizam o gosto, a sensibilidade e a estética, o olhar popular. Martin Barbero apresenta uma reflexão menos afetada pela ideologia dominante sobre o valor do popular no campo cultural:

frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o que integram e fundem com o que vem de sua memória histórica. (BARBERO, 2009, p.113).

Para além da visão emblemática de que a cultura popular é traduzida exclusivamente como um conjunto de tradições coletivas e anônimas permanentemente ligadas ao passado, é apropriado complementar ao pensamento de Barbero a perspectiva de Barros sobre cultura popular:

a cultura popular pode ser pensada como uma das formas de representação e expressão simbólica que se materializa em praticas religiosas, lúdicas, artísticas e artesanais, que ora emergem de contextos e áreas simbólicas marcadas pela tradição ora expressam respostas e experiências de ‘sentenciamento da história- subjugação, dominação, diápora, deslocamento’ (Bahbha, 1998), ora são o resultado de trocas mais dinâmicas e atuais (...). É melhor compreendida quando referida ao seu plural, culturas populares, ou seja, a realidades marcadas pelas diferenças, que, podem revelar modelos de continuidade, ruptura e atualização do vivido transformando em referências, memórias e identidades. (BARROS, 2010, p.36).

A permanência na cultura é conhecida como tradição. São considerados tradicionais aqueles grupos sociais resistentes as mudanças, onde o passado é o centro configurador de sentidos e o lembrar define de forma hegemônica da organização. São definidas como tradicionais as sociedades que ancoram sua identidade cultural na manutenção da memória e dos costumes de seus ancestrais. Que adotam o passado como centro configurador de sentidos, onde a transmissão dos saberes e conhecimentos se dão através da oralidade, e geralmente, em situações ritualísticas de contato pessoal e presencial. São elementos tradicionais

por exemplo a vida em coletividade comum (comunidade), a oralidade, os rituais de iniciação, de manutenção e de morte, os cantos, as danças e principalmente o respeito, a devoção e a manutenção simbólica/social dos antepassados e da memória de seus conhecimentos.

No campo da tradição os sujeitos “sabem de onde vieram e o que devem fazer para manter suas pegadas, seus rastros” (BARROS, 2007, p.3). Assim, organizam sua vida de tal forma a preservar sentidos originais e manter as raízes que lhe dão sustentação. Pois o contato com a raiz de uma cultura induz os sujeitos a um processo de subjetivação anterior, que possibilita um mergulho num imaginário mitológico e alegórico, crivado de simbologias e fundamentos identitários. Ainda que certas formas tradicionais possam se perpetuar, mudanças e transformações são possibilidades sempre presentes, tencionando a permanência, fazendo com que as tradições se reciclem no registro da abertura, da criatividade institucional e individual.

Tanto que Willians percebe a tradição como uma “reprodução em ação”, ou seja, seria um processo de continuidade deliberada, onde “os elementos significativos recebidos ou recuperados do passado” representam “uma continuidade não necessária, mas *desejada*”. Para ele “é característico da tradição, e de importância fundamental para seu lugar na cultura, que, sob determinadas condições sociais, tradições alternativas e até mesmo antagônicas possam ser geradas dentro da mesma sociedade” (WILLIANS, 1992, p.184, 185). Vale destacar também que no campo acadêmico o desenvolvimento do conceito de cultura apontou para “a compreensão da singularidade dos povos não-ocidentais através do estudo das suas tradições”. Provavelmente essa afirmação de Barros (2007) leva em consideração que os mais variados países, grupos étnicos aparentemente assimilados, reafirmam a sua identidade usando valores muitas vezes apenas simbólicos, tomados de uma cultura supostamente tradicional.

No decorrer dos últimos 80 anos o conceito de cultura popular vem se desvencilhando da idéia de ser uma tradução do “conjunto de tradições coletivas e anônimas ligadas ao passado”. (BARROS, 2010). Isso porque começou a se perceber que apesar da origem e as tradições serem modos de concepção ou distinção de grupos, elas são basicamente elaborações ideológicas, que podem ser verdadeiras ou falsas, sem que com isso se altere o fundamento da identidade étnica. Por isso tornou-se importante erradicar a percepção de que a cultura

compartilhada é obrigatoriamente ancestral. Pois os traços culturais podem variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo.

Essa perspectiva está em consonância com as atuais políticas desenvolvidas pelas nações unidas para a promoção da diversidade cultural²¹, que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. Como nas sociedades *não tradicionais*, identificadas como sociedades de mercado, que possuem como centro configurador de suas identidades o presente, a mudança, ou o novo, “onde o consumo é que define a produção” e a maneira de viver das pessoas (BARROS, 2007, p.3).

Sob tais perspectivas não é incorreto afirmar que os tempos hipermodernos possuem uma tendência de estruturação cultural não tradicional. Tal constatação pode ser notada no cotidiano da humanidade global, onde a socialização dos seres por intermédio da tradição, das culturas ancestrais, da religião, da moral hegemônica, está cedendo terreno cada vez mais a ação da informação midiática e das imagens. Pelo menos esse é o pensamento de Lipovetsky: “o que nos orienta hoje depende cada vez menos de saberes tradicionais e cada vez mais de elementos captados aqui e ali na mídia” (LIPOVETSKY, 2009, p.266)

Em menos de 90 anos a mídia conseguiu atingir o mesmo patamar de influencia social, de socialização e de transmissão de saber de instituições culturais tradicionais, como a igreja, a escola, a família, os partidos, os sindicatos. Paulatinamente a instrução disciplinar vem sendo substituída por um tipo de socialização soft, plural, não coercitiva, que funciona pela escolha, na atualidade, no prazer das imagens. Na perspectiva de Lipovetsky é justamente na era do império efêmero, onde a indústria do consumo adotou em sua lógica de produção elementos do campo da moda, como a institucionalização do desperdício para a valoração do novo, a cultura da narração vem sendo substituída por uma cultura de movimento. Para o filósofo “a cultura de massa é um meio de desprender os seres de seu enraizamento cultural e familiar” (LIPOVETSKY, 2009).

Lipovetsky ressalta ainda que Edgar Morin, já havia percebido essa mudança de significação do padrão simbólico da tradição, pelo da cultura de massa, já nas décadas de 1920, 1930. Desde lá a cultura de massa da sociedade pós-industrial vem reorientando as atitudes individuais e coletivas, ou seja, as identidades. Essa

²¹ Veja o conceito de diversidade cultural a seguir.

cultura influenciada pela moda permitiu generalizar os desejos de afirmação de si e a independência individual pelo ângulo da mitologia da felicidade, do amor, do lazer, difundindo novos padrões de vida que promovem uma ética lúdica e consumista da vida. Assim, os temas centrais da cultura de massa ajudaram na afirmação de uma nova figura da individualidade moderna, absorvida por sua realização privada e seu bem-estar, destinada a satisfazer a necessidade de evasão dos indivíduos. Tais modelos desencadearam novas referências para os indivíduos, estimulando-os a viver mais para si próprios, desprendendo-se das normas tradicionais.

Concluindo essa reflexão sobre cultura popular, vale destacar que a valorização das culturas populares no campo político e de produção de conhecimento é um dos desdobramentos das políticas de Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Foi justamente a percepção da “dimensão cidadã” do aspecto cultural (além de ser fator de articulação social é um agente identificador de regionalidades) que deflagrou, no início do século 21, uma nova forma das políticas hegemônicas globais partilharem desse processo mundial de re-significação da cultura e da cultura popular. O fato repercutiu na amplificação social do conceito de diversidade cultural. Os primeiros passos institucionais para essa amplificação constam na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, fruto da 31ª reunião da Conferência Geral da UNESCO e instituições parceiras, ocorrida em 2001. Tais discussões vem ocorrendo no sentido de pensar como as diferenças podem deixar de ser tratadas como realidades que justificam e legitimam desigualdades e dominações, transformando-se no elemento central de nosso capital social. Também é importante ressaltar que a cultura a partir do governo Lula assumiu no Brasil uma dimensão importante no projeto político de desenvolvimento da cidadania.

Para José Márcio Barros o desafio proposto pela diversidade “é pensar como as diferenças podem deixar de ser tratadas como realidades que justificam e legitimam desigualdades e dominações” (BARROS, 2010, p.32). Ou seja, é necessário pensar e disseminar uma outra lógica sobre a percepção social de cultura diferente da deflagrada no senso comum, que muitas vezes não percebe a diversidade, por exemplo, das culturas populares. Para finalizar esse capítulo, levando em conta esse contexto de desconstrução simbólica dos padrões da tradição, segue um trecho da reflexão do pesquisador e capoeirista angolense, Pedro Abib, sobre o processo atual de revitalização social das culturas populares:

percebemos uma grande revitalização de uma gama de tradições de nossa cultura, tais como a capoeira, o maracatu, os reisados, as marujadas, a congada, o samba de viola, o tambor de crioula, o boi-de-mamão, o jongo, que são apenas alguns exemplos de uma grande quantidade de ritmos e manifestações que tem, notadamente, ocupado espaços importantes não só nas festas tradicionais determinadas pelos calendários de cada comunidade de onde sempre fizeram parte, mas sobretudo, através de aparições em programas de televisão, apresentações de cunho turístico, shows para grandes públicos, vídeo documentários, gravações em cd, reportagens em revistas e jornais. (BARROS, 2010, p.37 apud ABIB, 2007, p.3)

Vale ressaltar que no Brasil as políticas sociais do governo Lula, desde de 2003 vem ampliando a importância dada a cultura, e tal mudança foi “o resultado de uma perspectiva abrangente no que se refere ao tratamento da cultura tomada no sentido antropológico, abrangendo um amplo escopo para além do erudito” (Rubin, 2007). Isso significa dizer que sob o prisma antropológico hoje a cultura popular está começando a alcançar um patamar social simbólico que se aproxima mais de sua realidade cultural.

3.2 A CAPOEIRA ANGOLA E “SER ANGOLEIRO”: constituição histórica, identitária e midiática no Brasil e em Belo Horizonte

A proposta deste estudo está em analisar o processo de apropriação midiática das culturas populares de raiz de matriz africana, aprofundando especificamente no caso da cultura popular e movimento sociocultural denominado Capoeira Angola. Mas por que justamente essa, e não outra expressão das culturas de raiz, como por exemplo o reinado de Nossa Senhora do Rosário ou mesmo o Samba, ou a Dança Afro? Porque na Capoeira Angola está incrustado um fator ancestral de manutenção dos saberes tradicionais, tornando-a excelente objeto de estudo no campo da manutenção atual dos saberes ancestrais, tanto em situações presenciais, quanto virtuais. A capoeira angola revela um processo de trocas culturais e construção identitária muito rico e de origens remotas. Com ela muito se aprende sobre valores fundamentais para existência humana como a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, à natureza, o compartilhar, a cooperação, o equilíbrio, a humildade e a parceria. Gilberto Gil, enquanto Ministro da Cultura, proferiu em Genebra (Suíça) um discurso na reunião da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2004, falando da capoeira como sendo o “ícone da representatividade brasileira perante os

povos, e uma mandala da dança pela paz” justamente pelo fato de ser dotada de musicalidade, consciência corporal e metodologia de ensino próprios. Para o ex-ministro a capoeira é mais do que uma luta, ela é uma arte isenta de fronteiras culturais e étnicas, capaz de transformar violência em camaradagem e divulgar pelo mundo, através da “ginga”, o jeito brasileiro de ser²².

No senso comum e sob uma perspectiva reducionista o termo *angoleiro* identifica os praticantes de capoeira angola. Mas, para seus praticantes seu sentido é muito mais amplo, pois ele se refere a um estilo de vida afro-brasileiro, a toda uma forma simbólica específica de estar e se relacionar com o mundo. Segundo o mestre João Angoleiro²³ “todo aquele que adota e transmite os valores ancestrais africanos, de respeito aos antepassados, valorização da natureza, da vida independente e coletiva é angoleiro”. As práticas e os discursos dos angoleiros são baseados na perspectiva da afirmação da força da raiz e da matriz africana no cotidiano da cultura, e na crença da possibilidade de inserção social através dela. Trabalha-se com a perspectiva de que, através da capoeira angola, os sujeitos, especialmente, os negros, podem entender melhor suas raízes históricas e culturais e sua identidade. Como consequência, a pedagogia angoleira afirma ser possível contribuir para sociabilidade inclusiva e dialogal, onde um sujeito consciente de si, de seu lugar no mundo, pode desenvolver sua capacidade de se harmonizar e de promover a paz interior, local e global.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN) a capoeira hoje é praticada em mais de 150 países, somando mais de 600 mil capoeiristas pelo mundo. Sua importância simbólica para a cultura brasileira é tão grande, que em 15 de julho de 2008 ela foi registrada pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Agora a capoeira é o 14ª saber imaterial a ser registrado e figura ao lado da ciranda de roda, do acarajé, das panelas de barro do Espírito Santo e do frevo, como um bem cultural brasileiro. Curiosamente toda essa expansão aconteceu nos últimos 100 anos e é resultado de um processo intenso de ressignificação social. Isso porque entre 1890 a 1940 praticar capoeira era considerado ato criminoso, sujeito a prisão e exílio (Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890, Capítulo

²² Fonte: trecho do discurso de Gilberto Gil no vídeo “Brasil, Paz no Mundo”, produzido pelo Ministério da Cultura em 2004.

²³ Fonte: Revista Angoleiro é o que Eu Sou! Belo Horizonte: 2009, nº 3. João Angoleiro é mestre de Capoeira Angola e Presidente da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro- ACESA, de Belo Horizonte, MG. Idealizador e produtor executivo dos únicos eventos de raiz de matriz africana da RMBH: “Aldeia Kilombo Século 21” e o “Lapinha Museu Vivo: Encontro de Culturas de Raiz”.

XIII, Dos vadios e capoeiras). A ação condenatória da república adivinha da percepção governamental de que os capoeiristas eram “os cabeças” dos grupos de mobilização sociais que começavam a se formar nas vilas e favelas do Brasil colonial, criando nesses locais um poder paralelo de comando quilombola, expresso nos grupos que defendiam as bandeiras dos afoxés em Salvador (BA), das escolas de samba no Rio de Janeiro (RJ) e das bandas militares e grupos de frevo, no Recife (PE).

3.2.1 Contribuições da oralidade para o entendimento do papel sociocultural da capoeira para a cultura brasileira

Mas como a capoeira foi disseminada por todo Brasil? Ainda mais no século XVI, com os restritos meios de transportes existentes na época? Alguns estudiosos como Carlos Eugênio Líbano Soares²⁴ trabalham com a possibilidade de nessa época os portos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luiz do Maranhão terem sido importantes meios de difusão da capoeira no Brasil. Tal hipótese encontra fundamento no fato de que era por lá que acontecia o tráfico negreiro e se davam os contatos culturais forçados. Foram consideradas nesse estudo, além das referências bibliográficas, fontes orais importantes, como Cláudio Figueiredo, mestre de capoeira, pesquisador e funcionário do escritório estadual do Memorial Quilombo dos Palmares²⁵. Em sua opinião as táticas quilombolas de ocupação de espaço e de formação comunitária utilizadas nas cidades coloniais brasileiras portuárias podem ter sido as mesmas táticas de defesa desenvolvidas no Quilombo dos Palmares (leia-se a prática da capoeira) e difundidas através dos portos. E provavelmente tais táticas tenham sido adaptadas no Brasil por guerreiros africanos Bantus, treinados pela rainha de Matamba, N'Zinga N'Band²⁶.

²⁴ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994; REGO, Waldeloir. (1968), Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico. Salvador, Ed. Itapoá; MOURA, Jair. (1980), "Capoeiragem: Arte e Malandragem". Cadernos de Cultura, n.º2.

²⁵ Em entrevista para o “DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá”, na Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas (memorial gerido pela Fundação Palmares/Ministério da Cultura- MINC).

²⁶ A tradição oral da capoeira angola relaciona também a Rainha N'Zinga com o movimento básico da capoeira chamado Ginga. A ginga extrapolou seu significado no mundo da capoeira e hoje é percebida até mesmo como uma das características simbólicas do brasileiro.

Também é importante ressaltar que segundo dados do Memorial Quilombo dos Palmares, ainda no século XVI (entre 1602 a 1694) mais de 20 mil pessoas, entre negros, indígenas e marginalizados, fugiam das senzalas e das cidades coloniais em formação para os quilombos da Serra da Barriga, em busca de se tornarem homens e mulheres livres. Para manter essa condição os quilombolas desenvolveram excelentes estratégias de guerra e resistiram com êxito por 40 anos as investidas do império. Um exemplo é o local denominado Cerca Real dos Macacos, onde hoje está situado o Memorial Quilombo dos Palmares. Através de leituras e relatos da época os pesquisadores/historiadores do IPHAN supõem que nesse local de ampla visibilidade era onde vivia a cúpula do quilombo, o rei Ganga Zumba e Zumbi dos Palmares. Segundo relato de mestre Claudio em volta dessa serra os quilombolas criaram uma vala de mais de 10 metros de altura. E lá, como forma de dificultar o acesso, o local era crivado por estacas e servia de criadouro para toda a sorte de animais ferozes. Vale destacar que tais estratégias de guerra foram eficazes. Somente em 20 de novembro de 1694, com a chegada de uma artilharia de canhões de Portugal, que as tropas de Jorge Velho conseguiram vencer as barreiras de proteção da Cerca Real dos Macacos (Serra da Barriga) e dizimar a população quilombola cortando as cabeças de todos os moradores encontrados.

Tais informações advindas tanto a história oficial difundida pela Fundação Palmares através do material de pesquisa para implantação do Memorial dos Palmares, quanto da história oral presente no senso comum, servem de confirmação de que os elementos “resistência e luta” estão presente no cotidiano dos negros brasileiros em busca de liberdade desde 1602. Talvez por isso não seria incorreto supor que a resistência e a luta que estão embutidas em todo o processo capoeirístico e de ocupação/organização urbana dos negros no Brasil colônia/republica tenham a sua origem nesse tempo remoto. Talvez advenha daí a força de organização dos afro-brasileiros em maltas (grupos de capoeiristas) e a temeridade social que eles causavam ao sistema vigente a ponto de tornar a prática da capoeira ilegal e passível de pena por 50 anos (1890 a 1940).

Ainda segundo o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares²⁷, uma das principais referências dos estudos sobre capoeira no Brasil (principalmente a carioca

²⁷ Em entrevista para o documentário televisivo “PAZ NO MUNDO CAMARÁ”. Carlos Eugênio é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de História da

e a baiana, realizada partir do século XVIII) a percepção social da capoeira enquanto uma prática não aceita começou a mudar quando os capoeiristas que eram presos e obrigados lutar na Guerra do Paraguai voltavam de lá vivos e passaram a serem vistos como heróis. Num processo crescente de perseguição e marginalização, os capoeiristas conseguiram “mudar o jogo”, deixando de ser um problema social (malta de capoeira), passando a serem contratados como capangas eleitorais, e mais tarde contratados até mesmo para treinar agrupamentos de combate militar (SOARES, em entrevista, 2008). Nesse processo de mudança da percepção social capoeira angola - de uma pratica mal quista a sua absorção cultural de maneira ampla não há como negar a contribuição dos dispositivos midiáticos desde início do século XX.

A seguir são apresentadas algumas ilustrações do Jornal O Malho, de Salvador, produzidas entre 1902 e 1925 com a temática da capoeira.

FOTOS 6 e 7 - A capoeira sendo midiaticizada no início do século XX

FOTO 6 – Capoeira vence o Jui-Jitsu



FOTO 7- A capoeira é adotada como treinamento da Marinha



FONTE: imagens do Jornal “O Malho”, de Salvador (BA) publicadas em abril de 1908, citadas no livro “A capoeiragem através dos séculos”, de Jair Moura, 1980, e expostas na sede do Grupo Angola Pelourinho, Gcap, Forte da Capoeira, Salvador, BA, 2009.

escravidão africana no Brasil, com ênfase em História urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: capoeira, escravidão, escravidão urbana, africanos nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador no século XVIII.

Nas entrevistas realizadas entre 2008 a 2011 com mais 40 mestres capoeiristas e de outras manifestações culturais populares, pesquisadores em cinco estados brasileiros (BA, RJ, MG, PE, AL-Quilombo dos Palmares) para o documentário “PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a capoeira angola e a volta que o mundo dá” levanta a percepção de que até 1938 existia apenas uma capoeira, a de raiz, hoje conhecida como Capoeira Angola. Também com base na referida pesquisa pode-se afirmar que não existem comprovações históricas da existência da capoeira antes do século XVIII. O primeiro registro oficial é um processo crime de 1789 e trata da prisão de um negro na Rua do Lavradio (onde hoje é a Lapa, no Rio de Janeiro), por “jogar a capoeira”²⁸. Já no âmbito das tradições culturais repassadas pela história oral indicam que a capoeira, hoje denominada como angola, pode ter sido a expressão cultural fundante das outras culturas populares de raiz. E que a matriz cultural dessa nova expressão seja africana, devido a similaridade de alguns de seus movimentos com os da dança dos africanos Mucopes (da etnia BANTUS), conhecida como N’Golo.

Outra possibilidade relacionada a origem da capoeira também vem da tradição oral e está associada com o ciclo da cana-de-açúcar (sec. XVI a XIX) na cidade de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, a cidade natal também de um dos ícones da luta contra a escravidão, o capoeirista Besouro de Mangangá, conhecido também por Cordão de Ouro. É o que versa o corrido²⁹ do santoamarense mestre Felipe:

**“(coro) Eu não vi capoeira nascer,
eu só vi os mais velhos falar,
capoeira nasceu na Bahia, na cidade de Santo Amaro.
Capoeira nasceu na Bahia, na cidade de Santo Amaro.
Foi os negros africanos quando foram capturados**

²⁸ Trecho de entrevista do prof. Carlos Eugênio Líbano Soares exclusiva para o referido documentário televisivo.

²⁹ Ladainha, Chula e Corrido são os tipos de cantigas da capoeira angola. A ladainha é uma canção de abertura. Quem a canta geralmente é a pessoa responsável pela roda (mestre mais antigo). É uma espécie de história, que pode ser entendida também como oração, que versa sobre um acontecido que o mestre quer dar destaque. Durante a ladainha somente o mestre canta e é acompanhado no ritmo somente pelo toque dos três berimbaus. A chula é um tipo de louvação, ou oração no sentido de agradecimento, onde todos os capoeiristas reverenciam elementos sutis, como por exemplo “iê viva meu Deus!”. No momento da chula o coro começa a responder ao cantador e os outros instrumentos da bateria (atabaque, pandeiros, reco-reco e agogô) começam a tocar. O corrido marca o início do jogo. Ele é cantado durante todos os jogos. É uma canção de perguntas e respostas, e é cantada com o auxílio de um coro. Essa metodologia ritualística de utilização das cantigas foi desenvolvida no século XX e difundida de maneira normatizada por Mestre Pastinha, através do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA).

trouxeram pra Bahia, para irem trabalhar.
(coro) Eu não vi capoeira nascer,
eu só vi os mais velhos falar,
capoeira nasceu na Bahia, na cidade de Santo Amaro.
Capoeira nasceu na Bahia, na cidade de Santo Amaro.
 Foi na cortagem de cana e na roçagem dos matos,
 que eles fizeram uma dança, uma luta,
 que hoje é um esporte legal.” (Mestre FELIPE, 2010³⁰)

Apesar da capoeira angola não ter sua origem comprovada historicamente antes do século XVIII, a história oral demarca seu aparecimento entre os séculos XVI a XVII. Independente da origem da capoeira ter ocorrido em Santo Amaro, no Quilombo dos Palmares, ou no Rio de Janeiro, o que realmente importa para os angoleiros é garantir que sua ancestralidade africana seja sempre mantida e referenciada. Em entrevista para o documentário referido alguns mestres antigos soteropolitanos como João Pequeno (Centro Esportivo de Capoeira Angola – CECA, BA, aos 92 anos de idade) afirmaram se lembrar de que mesmo antes de existir a capoeira regional, já se falava no termo “capoeira angola”. Segundo Mestre Moraes (Grupo Capoeira Angola Pelourinho- GCAP) essa denominação “angola” faz referência a elementos culturais trazidos de vários países da África Central (Angola, Congo e Moçambique) pelos negros Bantus escravizados. Na dissertação “Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana”³¹ (2011, p.25), o pesquisador e capoeirista Paulo Andrade Magalhães Filho atribui a disseminação do termo “capoeira de angola” no século XX a “Édison Carneiro, que o utiliza em 1937”. No entanto, Paulo Magalhães destaca que já em 1935 e 1936 a expressão “capoeira angola” tinha visibilidade na imprensa, decorrente dos debates travados entre angoleiros e regionais nas lutas de ringue.

O termo Angoleiro começou a ser difundido amplamente no senso comum a partir nacional de 1938, para se diferenciar de um novo estilo que nascia. Mestre Bimba nesse ano criou em Salvador a Luta Regional Baiana. Com a criação dessa nova capoeira, a regional, foi necessário diferenciar os estilos e dogmas. Diferente da angola onde é enfatizada a troca entre os camaradas, o jogo, o lúdico, a arte, a capoeira regional traz como principal característica a valorização do embate, da luta

³⁰ Autor: Mestre Felipe. Eu não vi Capoeira Nascer. CD “O Negão do Angola: as melhores de Mestre Felipe”, Bahia, 2010.

³¹ Dissertação apresentada na Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2011. Paulo Magalhães é jornalista, treinel de capoeira angola, idealizador e editor da Revista Angoleiro é o que Eu Sou!, e membro da diretoria da Associação Brasileira de Capoeira Angola, ABCA.

enquanto esporte e se diz totalmente brasileira. Ou seja, em sua origem simbólica não são reconhecidos os valores culturais afrodescendentes. Segundo Waldeloir Rego, no livro *Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico* (1968), a capoeira regional foi criada por Mestre Bimba com o apoio do governo Vargas, justamente por se alinhar com as aspirações do Estado Novo para a criação de um esporte genuinamente nacional. Por isso ela foi criada a partir da fusão de diversos estilos de lutas, como box, o karatê, o judô, jui-jitsu, capoeira tradicional (angola) e acrobacias circenses. Segundo Rego, uma tentativa de embranquecimento da cultura, ou seja, uma prática de apropriação simbólica utilizada para valorizar os “crioulos”, os novos cidadãos do Estado Novo, que “nada tinham a ver” com a imagem do negro, escravo, agora liberto e desempregado, um grave problema social. Assim, o termo angola passou a ser usado para marcar a diferenciação de estilos, para diferenciar o que era considerado tradicional, culturalmente “ultrapassado” e socialmente mal quisto, pois era (e continua sendo) uma manifestação cultural de origem negra, afro-brasileira.

Em 1940 a capoeira deixa de ser considerada crime. Segundo mestre Gildo Alfinete³², apesar de desde 1911 Mestre Pastinha (o precursor da capoeira angola no século XX) já ter desenvolvido uma prática acadêmica para os ensinamentos da capoeira angola, foi somente em 1941 que ocorreu o registro da primeira escola de capoeira angola do Brasil, o CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola), no Pelourinho, Salvador, Bahia, local onde hoje abriga o SESC Pelourinho. Lá mestre Pastinha desenvolveu toda uma técnica e disciplinas que envolvem canto, toques e movimentos, as quais são conhecidas hoje como “Escola Pastiniana”, a mais tradicional linha de ensino de capoeira angola em prática. Essa escola difundiu para o mundo as metodologias, práticas e didáticas do ensino da capoeira angola. Desde o falecimento de mestre Pastinha (em 13 de novembro de 1981) o CECA - e a linhagem da capoeira angola em todo mundo - teve como guardião o mestre João Pequeno de Pastinha. O corpo angoleiro do mestre de 94 anos de idade, trabalhado desde criança, lhe possibilitou seguir orientando, cantando e jogando capoeira angola no Forte da Capoeira (bairro Santo Antônio, Salvador), até a data seu falecimento, em 09 de dezembro de 2011.

³² Mestre Gildo Alfinete foi aluno direto de Mestre Pastinha no Centro Esportivo de Capoeira Angola e Presidente da Associação Brasileira de Capoeira Angola – ABCA.

3.2.2 Capoeira na mídia: um novo local para a difusão das ritualidades angoleiras

A partir da década de 80 ocorreu um importante movimento para o fortalecimento e retomada da prática capoeira angola em Salvador, Bahia. A tradição oral conta que a morte de mestre Pastinha (13 de novembro 1981) motivou mestre seu sucessor direto, João Pequeno, a reiniciar em 1982 os treinos do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) no Forte Santo Antônio do Carmo, uma antiga cadeia do período colonial. O local até então abandonado pelo estado agora estava ocupado pela resistência social dos angoleiros. Naquela época mestre Moraes (que havia sido aluno de mestre Pastinha) estava voltando de uma temporada que havia passado no Rio de Janeiro. No período de 1970 a 1983 mestre Moraes implementou a prática da capoeira angola carioca através da criação do Grupo Capoeira Angola Pelourinho (GCAP). Quando voltou a Salvador o mestre desenvolveu uma parceria com outro capoeirista, seu aluno Cobra Mansa e ambos se uniram ao mestre João Pequeno. Esses angoleiros persistiram e continuaram a utilizar os espaços do forte desprezados pelo Estado para realizar a prática da angola. Hoje o local dessa prática foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Bahia como o Forte da Capoeira, abriga oito academias de capoeira angola e regional. Mas o movimento produzido pelos mestres citados foi muito além dos limites físicos. Resultou dessa prática de resistência a alavancagem da capoeira angola para como ela é percebida mundialmente nos tempos atuais. Pois a prática da capoeira em oficinas e workshops começou a proporcionar aos mestres algum tipo de renda extra, e conseqüentemente a mudança da participação dos angoleiros na sociedade e do perfil socioeconômico dessa camada da população.

Para Paulo Magalhães essa mudança socioeconômica, bem como a popularização da tecnologia digital, de alguma forma, vem mudando também o cenário da prática da capoeira angola no Brasil, que a partir da década de 90, passa a ocupar os meios de comunicação com os seus próprios produtos midiáticos. Tal fenômeno é percebido por Pedro Abib da seguinte forma:

Hoje vemos um espaço relativo na mídia, em geral, sendo ocupado por grupos populares que protagonizam manifestações tradicionais de suas culturas. Esse espaço vem aumentando, dado o interesse do público consumidor que busca cada vez mais, por um lado, o “exótico”, e por outro, um contato com a “tradição”, com suas próprias “raízes” que foram

perdidas ou esquecidas em algum *shopping center* da modernidade. Percebemos na programação televisiva, na produção cinematográfica, na mídia impressa, na produção musical, entre outras instâncias, um número cada vez maior de aparições de grupos culturais tradicionais, através de reportagens especiais, documentários, shows, apresentações, lançamentos de cds, etc. Essa inserção se dá de várias formas, com maior ou menor repercussão nos meios de comunicação de massa e na própria sociedade, como um todo, conforme a capacidade de organização e gestão dos grupos populares, que começam a perceber que a revitalização de algumas de suas manifestações mais tradicionais, está diretamente ligada à sua possibilidade de sobrevivência dentro da sociedade globalizada. (ABIB, 2004, p.54).

Se por um lado, antes do século XX a mídia impressa, entenda-se jornais, contribuiu em larga escala para o reforço da segregação racial no Brasil, não há como negar que desde início do século XX a capoeira e os capoeiristas vêm ganhando espaço nesse seleto circuito. A ponto, inclusive, de mudar o enfoque das narrativas pejorativas e ampliar sua participação enquanto temática nos dispositivos midiáticos. Certamente essas novas difusões de informação têm um importante papel no processo de mudança da percepção social da capoeira - de uma pratica mal quista socialmente, o terror dos republicanos oitocentistas, a sua absorção cultural de maneira globalizada. Abaixo trazemos um trecho da entrevista de Tony Pacheco, redator do jornal A Tarde e angoleiro da Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro (ACANNE), que relata para o pesquisador Paulo Magalhães sua impressão acerca da repercussão social das notícias publicadas sobre capoeira em Salvador:

A coluna, chamada simplesmente de 'Capoeira', passou por diversos períodos, tendo durado aproximadamente sete anos, e ampliou seu espaço no caderno dominical Lazer & Informação. Depois o jornal convidou a gente pra fazer um caderno aos domingos, dia em que ele era o quinto em tiragem do país, chegava perto de jornais como O Globo. Chegou a tirar 140 mil exemplares no domingo. Então a coluna migrou pra o caderno Lazer & Informação. Aí comecei a abrir matérias grandes com os mestres tradicionais da Bahia. Fiz matéria de pagina inteira colorida com o Mestre João Pequeno, Mestre João Grande, fiz uma página dupla com Mestre Pastinha, uma pagina inteira com o Mestre Bimba(...) A impressão que eu tenho é que a gente realmente reavivou o movimento de capoeira na Bahia. O jornal A Tarde era a mídia predominante no estado, às vezes tinha mais força do que a própria televisão. Era realmente um formador de opinião impactante, numa época em que não existia internet. Então você ter colocado capoeira, que era uma coisa que estava relegada a notas esporádicas uma vez no ano; semanalmente, veiculando fotos de pessoas negras, do povo, numa página nobre do jornal mais nobre da cidade, realmente você criou um movimento, entendeu? Fosse Tony Pacheco, ou Paulo Magalhães, ou Irmã Dulce, quem estivesse assinando ali criaria esse impacto. Na época aumentou de maneira fantástica, o número de batizados de capoeira na cidade. As pessoas que estavam dispersas se aglutinaram nesse movimento, inclusive porque queriam sair no jornal. (PACHECO, Tony, in MAGALHAES FILHO, 2011, p.126)

Esse processo de incorporação de um discurso positivo sobre a capoeira nas mídias relatado por Tony é relativamente novo. Ele vem ocorrendo de maneira mais contundente a partir da década de 90. Curiosamente no momento em que há uma facilitação ao acesso aos mecanismos de produção midiática, como por exemplo, a ampliação do acesso a internet, ao uso de celulares, as câmeras fotográficas digitais e as câmeras de vídeo VHS. Certamente a facilitação do acesso aos meios de produção de conteúdo é um elemento decisivo para que as culturas populares possam difundir suas realidades e, de alguma forma, amplifica o seu poder social.

Jésus Martin Barbero (2009) apresenta os argumentos em defesa dessa hipótese. Para ele “os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e interseção de múltiplas redes de poder e produção cultural”. No entanto, ele acredita ser importante alertar “contra o *pensamento único* que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje o ‘grande mediador’ entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje(...), é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização”. Segundo o cientista social a luta contra o pensamento único acha lugar nas “transformações que atravessam os mediadores socioculturais, tanto em suas figuras institucionais e tradicionais – a escola, a família, a igreja, o bairro -, como nos novos atores e movimentos sociais que (...) introduzem novos sentidos do social e novos *usos sociais* dos meios” (p.20). Pedro Abib complementa o pensamento de Barbero com a seguinte reflexão:

Poutignat e Streiff-Fenart (1998) afirmam: “os indivíduos das sociedades periféricas, em seu desejo de participar de sistemas sociais globais para conseguir novas formas de valor, utilizam-se de várias estratégias. Dentre elas está aquela em que escolhem o realce da identidade étnica, utilizando-a para desenvolver novas posições e padrões, para organizar atividades naqueles setores que não eram adequadamente desenvolvidos para os novos objetivos que agora se apresentam como possibilidades de sobrevivência econômica. Nessa mesma direção, Fredrik Barth (2000) analisa a afirmação da identidade de grupos que buscam novos objetivos econômicos a partir dessa valorização étnica, que além de um caráter cultural, expressa também um caráter político eminente. (ABIB, 2004, p.43)

É importante também se refletir sobre as potencialidades de ocupação do campo midiático pelas culturas ancestrais. Nesse sentido torna-se pertinente compartilhar a análise feita por Barbero no que se refere à mediação das ritualidades. Aqui será destacado como referido autor entende a maneira que se dá

a relação da ritualidade com os Formatos Industriais (FI) e com as Competências de Recepção ou Consumo (CR):

A mediação das ritualidades remete-nos ao nexó simbólico que sustenta toda a comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição. Em sua relação com os FI (discursos, gêneros, programas e grades, ou palimpsestos), as ritualidades constituem *gramáticas da ação* – do olhar, do escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios. (...) Vistas a partir das CR, as *ritualidades* remetem, de um lado, aos diferentes usos sociais dos meios, por exemplo (...) ao consumo produtivo que alguns jovens fazem do computador diante do uso marcadamente lúdico-evasivo da maioria. De outro lado, as *ritualidades* remetem as múltiplas *trajetórias de leitura* ligadas as condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre a do ler ou vice-versa. (BARBERO, 2009, p.19)

Pedro Abib também contribui com esse contexto de análise sobre as atuais relações existentes entre as manifestações tradicionais da cultura, a economia de mercado e a midiatização:

É lógico que a relação que se estabelece entre as manifestações tradicionais da cultura e a sua inserção na economia de mercado é, ainda, circunscrito a um pequeno número de grupos que conseguem se organizar e percebem que sua atividade cultural pode se transformar numa forma de obtenção de recursos econômicos e de sobrevivência. Isso também não impede que esses mesmos grupos sejam ‘usados’ pela indústria cultural, que se apropria indiscriminadamente dos conteúdos dessas manifestações, sem que isso signifique qualquer retorno financeiro ou aquisição de direitos autorais por parte desses artistas populares, dando a esse processo um caráter extremamente conflituoso e contraditório. Mas de qualquer forma, são sinais de mudanças importantes que tendem a acrescentar à tradicional noção de cultura popular, esses aspectos ‘midiáticos’ e econômicos que antes não eram considerados. (ABIB, 2004, p.53, 54,55)

Apesar das contribuições de Abib sobre a relação das culturas tradicionais com o mercado e o campo dos media, sobre o estudo da relação entre a midiatização específica da cultura de raiz denominada capoeira angola, pode-se afirmar que trata-se de um campo fértil de análise, e ainda pouco explorado pela academia. De todo modo, o seguinte trecho da dissertação de Paulo Magalhães aponta para algumas mudanças que o pesquisador percebeu em relação a midiatização da capoeira angola, que para ele esse público apresenta, até mesmo,

uma certa resistência quando se torna objeto de estudo ou foco de atenção exteriorizada:

Muitas rodas e eventos de capoeira são filmados (às vezes pelo celular) e postados no mesmo dia na internet. A rápida circulação da informação altera inclusive a dinâmica da roda: muitos capoeiristas, quando sabem que estão sendo filmados, não se expõem, fazendo um jogo mais fechado para não correrem o risco de ter uma rasteira divulgada pelo globo, ou, ao contrário, fazem um “jogo de compadre”, combinado, bonito e acrobático mas sem maldades, guardando os segredos e malícias para outra hora. (MAGALHAES FILHO, 2011, p.118)

Independente das táticas de conservação das práticas rituais da capoeira angola frente a midiatização, querendo ou não, nos últimos 20 anos as culturas populares vem ocupando os espaços midiáticos de forma exponencial. Geralmente essa midiatização ocorre principalmente por meios de comunicação de fácil acesso, como a internet (sites, blogs, redes sociais). No âmbito da utilização dos meios, tais utilizações apontam, por um lado, para o despreparo desse segmento frente ao domínio dos aparatos tecnológicos, bem como com a falta de domínio na utilização da linguagem adequada para cada meio. Por outro lado, contrasta a necessidade atual das culturas populares de modificar e ampliar a sua percepção social e talvez, até mesmo um melhoramento de sua condição econômica, através da divulgação global de suas atividades locais. De qualquer forma, independente do domínio desse segmento em relação as técnicas de comunicação, a capoeira angola nos últimos cinco anos vem ampliando seu espaço no mundo virtual. Esse fato pode ser comprovado, por exemplo, pelo número de informações sobre o assunto na internet. Uma busca simples em qualquer plataforma de pesquisa virtual para a palavra capoeira angola oferece ao internauta nada menos que um milhão de informações.

3.2.3 Experenciando a tradição: sobre a vivência empírica dessa autora com o mundo da capoeira angola

Tudo começou no final de 1993. Foi nesse ano que o meu trilhar acadêmico e o capoeirístico se fundiram. Cursava a graduação em Radialismo (especialização em vídeo), no curso de Comunicação Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na época o meu filho estava quase com um ano, e eu já não tinha forças para carregá-lo nos braços. Nos corredores da Fafich fiquei sabendo que havia um treino de capoeira regional e decidi: seria a capoeira quem me auxiliaria nessa dificuldade. Treinava uma vez por semana com o grupo Ginga, no Milharal, um espaço vago no prédio das Letras. O grupo era pequeno, no máximo umas oito pessoas. Treinávamos com som mecânico e foco nos movimentos, sempre muito rápidos e ágeis. O uniforme era calça e camisa brancas, descalço. Sempre no final do treino tinha uma rodinha de capoeira, e só então o instrutor, que usava um cordel na cintura, tocava berimbau e outro aluno, um pandeiro e muito raramente havia atabaque. Enquanto dois jogavam com movimentos rápidos, sem se olhar durante o jogo, as pessoas ficavam assistindo e participando da roda em pé, cantando e batendo palmas. Essa foi minha “rotina esportiva” por três meses.

Quando as aulas voltaram no início de 1994, tive uma grata surpresa. Num intervalo entre as aulas, os sons do atabaque, do pandeiro e do berimbau chamaram a atenção. No hall do terceiro andar da Fafich (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG), estava acontecendo uma roda de capoeira angola, sob a direção do angoleiro Primo, dirigente do grupo Luna de Capoeira Angola (Primo nessa época ainda não era considerado mestre). Parei por alguns instantes em frente à roda e fiquei encantada de ouvir que aquele som diferenciado que vinha do berimbau. O som daquele berimbau soou profundamente na minha alma. Eu não sabia, mas tinha sido cooptada pela mandinga da capoeira angola. Quando eu vi aquelas pessoas sentadas no chão em círculo, todos de amarelo e preto, calçados, cantando em estado de êxtase, enquanto havia alguns tocando e outros dois jogando alegre e perigosamente no centro da roda, não poderia imaginar que essa formatação circular da roda, a ordem das pessoas e instrumentos na bateria de capoeira, a forma como as pessoas se benziavam na saída do jogo, e até mesmo os gestos usados nesse jogo, fossem tão carregados de elementos ritualísticos. Muito menos

que um dia eu fosse reproduzidos. Eu não sabia que tais elementos ritualísticos tinham sua origem na África há mais de seis séculos, e mesmo assim, atravessando oceanos e costumes, mantinham dentro do seu uso naquele contexto contemporâneo toda uma simbologia e ritualidades ancestrais. No entanto, os percebia. E foi justamente esse sentimento inconsciente de contato ancestral - aliado a necessidade de fortalecer as minhas condições físicas e maternas, que me cativaram o suficiente para tornar aquela prática, a qual na época eu considerava como exclusiva de homens, uma prática também em minha vida.

Assim, a partir daquele dia resolvi sair da capoeira regional, pois naquele momento ela se tornou muito vazia diante da riqueza simbólica da capoeira angola. Pois eu, apesar de leiga, vi naquela roda uma imensidão de elementos ritualísticos e ancestrais. Assim tratei de conseguir um professor de capoeira angola, o Jauver, e mais tarde o André e começamos a treinar despretenciosamente a capoeira angola no hall do terceiro andar da Fafich, uma hora, duas vezes por semana, no horário do almoço. Despretenciosamente porque os meus professores citados eram dissidentes do Grupo Lúna e estavam dando treino por conta própria, sem a orientação de um mestre, ou grupo. Por isso não tínhamos uniforme, treinávamos de forma “avulsa”, só com movimentos, sem aprender a tocar instrumentos, nem cantar, nem mesmo participar de rodas. Para mim que era iniciante, e que não compreendia a hierarquia e a ancestralidade da capoeira angola, já era o suficiente movimentar e fortificar o meu corpo. No entanto, o tempo foi passando e a capoeira angola foi se incrustando em mim. Depois de oito meses de treino, algo dentro de mim me dizia que devia procurar um grupo, um mestre. Esse algo era a ancestralidade e a hierarquia da capoeira angola que eu havia introjetado sem saber (apenas com o contato com o movimento e ao som de música gravada), e que clamavam no meu inconsciente por uma ação mais condizente com a prática real dessa cultura, originariamente realizada e compartilhada em grupo, sob a orientação de um detentor de saberes ancestrais.

Apesar da minha intuição em buscar um mestre, num primeiro momento acabei encontrando um grupo. Era o Angola de Minas, do então treinel, hoje Mestre Edson, que dava aulas de capoeira angola dentro das atividades da Somaterapia. Entre novembro de 1994 a março de 1995 integrei o grupo do Edson, no entanto, dentro de mim sentia que, por mais que o meu corpo e a minha prática estivessem satisfeitos, ainda faltava um mestre. Assim, em março de 1995 procurei sob a

orientação do meu treinel Edson, o mestre dele, o mestre João Angoleiro, do grupo Eu Sou Angoleiro.

Foi aí que tudo mudou para mim. Além de me receber como aluna, mestre João recebeu também o meu filho, Icaro, que na época tinha dois anos de idade, dizendo que se eu quisesse mesmo ir treinar poderia levar ele comigo. Assim, a capoeira agora já não era apenas uma atividade física que eu fazia para ficar bem comigo, com o meu corpo. A capoeira que eu fazia se tornou também uma atividade familiar, que eu podia compartilhar com o meu filho, e a praticava para fazer bem para um grupo, e em nome de um bem comum eu treinava, aprendia a tocar e cantava com muita entrega e dedicação. No grupo Eu Sou Angoleiro os treinos aconteciam as terças e quintas à noite, numa sala de 20m², no centro de Belo Horizonte (Rua da Bahia, e é assim até hoje).

Nessa época em que entrei o Eu Sou Angoleiro era um grupo novo. Ela havia sido criado após a dissolução do Lúna, do qual mestre João Angoleiro era dissidente, e nós, um grupo de no máximo 4 pessoas, treinávamos uniformizados com calça preta, camisa amarela e sapato, durante duas horas em profundo silêncio. Só abríamos a boca para aprender a cantar os corridos das musicas de capoeira. No mais era treino, e mais treino de movimentos e instrumentos. Dá-lhe negativa, rabo de arraia, aú, cocorinha, cabeçada, chapa de frente e de costas, meia lua, role, bananeira, corta capim. Dá-lhe pandeiro, reco-reco, agogô, atabaque, berimbau. Aos sábados, dia de roda, podíamos falar, mas nem assim falávamos. O silêncio, cuidadosamente articulado por mestre João, foi nosso professor durante 2 anos. Assim, aprendíamos não pelo intelecto, mas pela observação, pela linguagem corporal, pela intuição.

Em 1996, depois de um ano de treino no Eu Sou Angoleiro, mestre João me convidou para auxiliá-lo com os treinos que ele conduzia, de forma voluntária, na associação comunitária da Vila Acaba Mundo, Sion, zona sul de Belo Horizonte. Disse-me que deveria ir fazer esse trabalho voluntariado de agente cultural com o meu filho, que agora já era um angoleirinho também, pois o comportamento dele serviria como um bom exemplo para as crianças daquela comunidade. Era maravilhoso ver como a capoeira angola tem o dom de unir, alegrar e disciplinar as pessoas. Quando a gente chegava na associação comunitária as 25 a 30 crianças que nos esperavam sempre estavam correndo, gritando, chorando, brigando uma com as outras. A gente chegava, conversava, arrumava os instrumentos e pronto!

Aqueles meninos mudavam da água para vinho. Os que estavam brigando a gente colocava para treinar juntos, e daqui a pouco eles já eram amigos novamente. Com o treino em comum, eles aprendiam que eram um grupo, que um dependia e precisava do outro para ir em frente, assim eles iam se apoiando e crescendo, tanto na vida como na capoeira. E quando uma criança aprendia a tocar berimbau?! Que coisa linda de se ver a auto-superação de um serzinho em construção. Pois não é fácil para um adulto nem segurar um berimbau, imagina uma criança dominando um instrumento tão difícil como o berimbau. Assim, aos poucos a capoeira angola foi moldando na disciplina dos treinos naquelas crianças o respeito aos mais velhos, a importância de não desistir frente as dificuldades e limitações, a musicalidade, o valor de se pertencer a um grupo, uma família, e principalmente que vale a pena se viver em comunidade.

Depois desse trabalho voluntario atuei como agente cultural de capoeira angola em Belo Horizonte no Centro de Referencia da Criança e do Adolescente (1998) e na sede da Acesa (2000 a 2002). E também no exterior, no Centro de Cultura de Labarrastera (Vicaya, Espanha, 2004). E aqui vale abrir um parêntese para enfatizar como foi importante para mim, como estrangeira, a formação que tive como capoeirista. Pois foram os conhecimentos obtidos no campo da capoeira angola que possibilitaram o meu sustento na Espanha, e não a minha formação em comunicação numa instituição renomada, muito menos a minha profissionalização em cinema. Nos meses em que vivi por lá procurei emprego formal e não obtive de forma alguma. No entanto, na segunda semana fora do Brasil eu já tinha um espaço para dar aula de capoeira angola e seis alunos ávidos para aprender a ginga e a malemolência da capoeira brasileira. Quando voltei ao Brasil em 2005, mestre João Angoleiro me formou treinel de capoeira angola (professora). Entre 2006 a 2009 abri e atuei como treinel da frente de trabalho da Acesa em Santa Tereza (Belo Horizonte), situada na sede ONG 4 Cantos do Mundo, aonde meu filho, agora treinel Icaro, também me auxiliou nessa demanda. Durante esse período tive mais de 30 alunos e desenvolvi um trabalho voluntariado com 10 crianças da vila São Vicente, uma comunidade menos favorecida do bairro Santa Tereza, aonde resido. Em 2009 pedi afastamento dessas funções a mestre João para dedicar-me exclusivamente a direção e produção executiva do DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá, obra de minha autoria, fruto da integração dos saberes adquiridos na comunicação e na capoeira angola.

Até hoje a Acesa continua atuando de forma voluntariada. E aquilo que era um grupo de quatro, cinco pessoas, numa sede de 20m², hoje, 19 anos depois, é composto pela mesma sede e outras 12 frentes de trabalho, distribuídas na RMBH, Lagoa Santa, Santa Luzia, Codisburgo, Pará de Minas, Belém do Pará e Japão. Somos mais 500 capoeiristas, que nesses 13 locais vestem a camisa do trabalho sociocultural desenvolvido pelo Eu Sou Angoleiro e realizam trabalho voluntariado em comunidades carentes, de resgate social através da cultura, pelos treinos e oficinas de capoeira angola, dança afro e percussão. Além do grupo de capoeira angola, temos um grupo de dança-afro, a Companhia Primitiva de Arte Negra. Por isso, que em 2003 fundamos a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, a Acesa, a qual possui certificado de utilidade pública municipal e estadual. Acesa também possui uma frente de trabalho no Morro das Pedras, onde está situado o Ponto de Educação e Cultura Flor do Cascalho, o qual está sendo implementando o Estúdio da Musica Popular. Também realizamos atividades e eventos culturais para a difusão simbólica social dos saberes ancestrais como o Lapinha Museu Vivo: Encontro de Culturas de Raiz (em Lagoa Santa), o Aldeia Kilombo Século 21 (em Belo Horizonte) e a revista “Angoleiro é o que Eu Sou!”.

Como as minhas formações no campo acadêmico e na capoeira angola foram desenvolvidas em paralelo, a temática da capoeira acabou “contaminando” também a produção acadêmica e profissional que venho desenvolvendo nos últimos 20 anos. Assim, em 1997 produzi como monografia da habilitação de Jornalismo, o vídeo “Roda de Angola: Jogo da Vida” (15min, betacam), o qual foi exibido na Rede Minas, Band e Tv Horizonte. Em 1999, já como jornalista profissional, publiquei na revista Palavra a reportagem especial “Chamada de Angola”, com 12 páginas, falando da contribuição da capoeira para as outras formas de arte. Para difundir amplamente os valores afro-brasileiros no meio social em 2005 criei o projeto transmidia “PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá”, que resultou em mais de 20 produtos culturais³³.

Já o estudo aqui desenvolvido utiliza o suporte do conhecimento acadêmico para o entendimento do processo de midiatização da cultura de raiz. No sentido de entender como vem acontecendo a utilização de mídias - como as redes sociais, site e blog - por dois grupos angoleiros de Belo Horizonte, MG: a Fundação

³³ Veja detalhes do projeto no blog: <http://paznomundocamara.blogspot.com.br/2012/12/prestacao-de-contas-aberta-etapas-1-e-2.html>

Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH) e a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa). A idéia foi procurar entender como as mídias digitais, e em especial as redes sociais, são utilizadas pelas culturas ancestrais.

3.2.4 Pontuação de elementos tradicionais na prática angoleira

As culturas afro-brasileiras estarão utilizando as mídias com que fim? As mídias seriam hoje uma forma estratégica da capoeira angola atualizar as suas tradições? Para responder tais questões precisaríamos desencobrir o manto da tradição. E mais uma vez a mandinga da capoeira angola se fez presente na vida dessa autora. Pois durante o desenvolvimento das pesquisas do estudo presente não foi possível identificar no campo das humanidades uma metodologia científica que nos auxiliasse a identificar categorias ou parâmetros analíticos comprobatórios do que pode ser considerado tradicional no campo da cultura afro-brasileira.

Para desenvolvermos esse vôo teórico de identificação de elementos tradicionais na prática angoleira tivemos como base as reflexões realizadas pelo comunicador, sociólogo e também angoleiro, Paulo Magalhães, em sua dissertação intitulada “TRADIÇÃO ANGOLEIRA: uma disputa em movimento”. Magalhães apresenta como base de sua pesquisa a relação existente entre capoeira angola, identidade e tradição. Para ele a “identidade angoleira se constrói através de discursos sobre a tradição, que tende a reificá-la como um legado ancestral que se perpetua de modo fixo e imutável” (2011, p.8). Nesse estudo é realizado um debate sobre as identidades angoleiras, ligadas a diferentes linhagens da capoeira angola e, a partir de entrevistas com cerca de 20 mestres, é apresentado “a construção de um conceito nativo de tradição e de suas transformações, a partir da visão dos mestres angoleiros” (p.8).

Ali a tradição, ancorada na memória, surge como o elemento de sustentação da identidade angoleira e é percebida como “um repertório cultural que é reinventado ao ser encenado no aqui e agora”. Ou seja, segundo tal percepção a tradição seria um legado popular que “vem do passado, mas é preservada na medida em que oferece respostas para o presente” (p.15). No capítulo três do referido estudo, no item “Por um conceito nativo de tradição” (p.158), Magalhães apresenta algumas definições de tradição retiradas diretamente da oralidade dos mestres. Mestres Nô (Grupo Capoeira Angola Palmares, Salvador, BA) e João

Angoleiro (Associação Cultural Eu Sou Angoleiro- Acesa, Belo Horizonte, MG) assim percebem o significado da palavra tradição:

O que eu chamo de tradição são três coisas que eu não abro mão: comportamento, movimentos e fundamentos. Se você observar, vai ver que na maioria das vezes a capoeira sempre entra em três. É uma coisa que poucos percebem. Então você observe: comportamento, movimentos e fundamentos. Quais são os principais fundamentos tradicionais? São a volta ao mundo, são as chamadas... Agora, o comportamento. Atenção, atenção no cântico, tanto faz quem está jogando, quem está tocando, quem está em pé ou quem está sentado. A capoeira pra mim é em qualquer lugar, na rua, em casa, dentro do banheiro, rolou, aconteceu. A movimentação é tudo, toda uma forma, um deslocamento, um lançamento de golpes, que ele faz a depender da característica de cada um. (Mestre Nô, in MAGALHAES FILHO, 2011, p.165).

Tradição pra mim é coisa que se firma no tempo e no espaço. A capoeira, como qualquer tradição cultural, ela é baseada na reverência, códigos de reverência. Reverência aos mais-velhos, que são as estruturas básicas das manifestações culturais, reverência ao outro, que é o pilar, a postura da coletividade, e reverência à comunidade do entorno. A capoeira angola, como toda tradição, ela se firma nas suas comunidades, fortalecendo laços de união e amor através do ritual roda de capoeira. A tradição da capoeira angola se firma dentro da cosmovisão bantu, onde o poder tem uma característica de descentralização; onde a relação com a natureza é um viés pra se comunicar com o sagrado, com os espíritos e com o Deus maior; e onde a relação humana está pautada por valores de solidariedade, cooperação e respeito mútuo. Então são coisas fundamentais no fazer da capoeira angola que a gente tenta manter como tradição. (Mestre João Angoleiro, in MAGALHAES FILHO, 2011, p.165)

Em relação à quais seriam os elementos da tradição presentes na capoeira angola Paulo Magalhães aponta “o respeito aos mais velhos, o zelo pelos ensinamentos do mestre, a preservação não apenas do que cada um compreende como fundamento essencial (que permanece nas alterações superficiais) mas da própria dinâmica do ritual e do jeito de ensinar”. Para o pesquisador a “disputa simbólica pela hegemonia da tradição da capoeira angola não se resume aos sinais externos, ela também se relaciona com a cultura corporal, com o jeito de fazer determinados movimentos, com os movimentos que são considerados efetivamente tradicionais e sua nomenclatura” (p.144).

Com base na experiência dessa autora no meio capoeirístico, a partir da revisão bibliográfica e das entrevistas realizadas com os mestres de capoeira, foi possível levantar um conjunto de variáveis, que expressam no entendimento aqui apresentado, quais seriam especificamente alguns dos principais elementos considerados com tradicionais na capoeira angola. Assim, desenvolvemos algumas categorias analíticas as quais denominados como os “Marcadores de Tradição”. Ao

tudo são onze aspectos da prática tradicional das culturas afro-brasileiras de raiz de matriz africana, que a nosso ver operam, em conjunto, para formarem o que se percebe hoje como sendo “tradicional”. São eles: 1) ancestralidade/hierarquia; 2) ritualidade/rotina; 3) musicalidade orgânica; 4) circularidade; 5) mandinga; 6) corporeidade; 7) oralidade; 8) pertencimento social; 9) perpetuação temporal dos costumes; 10) atuação político-sociocultural de resistência; 11) autonomia e autogestão. Mais adiante estes mesmos “marcadores de tradição” serão utilizados como instrumentos da análise empírica, apresentada na página 106. E para compartilhar como aqui se compreende o significado de cada um dos referidos marcadores, abaixo é apresentado um esquema que os tipifica.

MARCADORES DE TRADIÇÃO (onze categorias analíticas)

1) Ancestralidade/ Hierarquia - valorização dos saberes ancestrais. A hierarquia na capoeira angola não está sistematizada com cordéis de graduação, como no caso da capoeira regional. A hierarquia está materializada na organização social e de poder de seus participantes e é similar a estruturas de poder comunitárias, que vão do mais baixo, ao mais alto escalão social. Ali o mais antigo, o detentor dos conhecimentos, é considerado Mestre. Apesar do tempo de capoeira não ser “o” fator determinante para esse tipo de hierarquização, geralmente é alguém que tenha mais de 35 anos de prática concreta (trabalho comunitário consolidado e referendado pela comunidade) na capoeira angola. Abaixo dele está o Contramestre, um capoeirista com trabalho consolidado que está sendo treinado para ser mestre. O Treinel é um angoleiro que já aprendeu e domina os aspectos básicos da capoeiragem (tocar, cantar e jogar- geralmente depois de três anos de prática os alunos já dominam esses três aspectos) e está apto a repassar esses conhecimentos nos treinos de capoeira angola. Aluno é toda e qualquer pessoa que se disponha a aprender a jogar capoeira angola.

2) Ritualidade/rotina – são maneiras/modos de se executar as ações culturais. Na capoeira angola a ritualidade está marcada pela defumação e orações de proteção para o local onde será realizada a prática cultural; na organização espacial da bateria de capoeira angola, composta por oito instrumentos: três berimbaus, um atabaque, dois pandeiros, um reco-reco e um agogô; na forma como entram e são

cantadas as canções de capoeira angola (ladainha, chula e corrido – veja nota de roda-pé 27); na forma como os angoleiros iniciam o jogo, fazendo uma reverencia ao solo (a mãe terra que a tudo alimenta, ato similar ao de “bater cabeça” no candomblé, ou as reverencias religiosas orientais); na forma como os angoleiros se vestem - em sua maioria com camisas amarelas, calças pretas, ou a moda do fim do século 19, com trajes brancos - e se calçam; na forma como se colocam em circulo, sentados à roda, cantando e respondendo ao coro das louvações e corrido; Nesse aspecto vale frisar que na capoeira angola não existe a forma de participação coletiva ativada pelas palmas, como na capoeira regional. Para os angoleiros todo esse ritual composto por musica, cantos e reverencias são elementos necessários para a criação e manutenção do “axé”, a força, o ânimo, a energia, para a manifestação daquilo que não é material, ou seja, do mundo espiritual. As palmas não existem no ritual da capoeira angola justamente porque se acredita que elas dissipam o “axé da roda”. O axé é uma espécie de energia transformadora. Em yoruba significa "energia", "poder", "força". Para o professor e pesquisador Pedro Abib³⁴ a “ritualidade presente na cultura popular é mais um fator que (...) exerce função essencial, já que é através dela onde se estabelece a conexão com esse tempo primordial originário, onde se encontram os antepassados, que retornam cada vez que o rito e a celebração assim o solicitam. A ritualidade adquire, no universo da cultura popular, o aspecto de culto, onde sagrado e profano se entrecruzam, atribuindo um outro sentido ao religioso e à religiosidade (ABIB, 2004, p.11).

3) Musicalidade orgânica – Para manter o “axé da roda” os angoleiros precisam conhecer e dominar a técnica musical de todos os instrumentos utilizados na roda de capoeira. Por isso é uma norma na maioria das academias de capoeira angola a utilização de instrumentos de percussão para a execução da música durante os treinos e rodas. Segundo mestre João Pequeno de Pastinha “a Capoeira de Angola não pode nunca ser feita ao som de gravador, como é ensinada nas academias” (MAGALHÃES FILHO, 2011, p.123)

³⁴ Trecho da tese “CAPOEIRA ANGOLA: CULTURA POPULAR E O JOGO DOS SABERES NA RODA”, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, São Paulo, 2004.

4) Circularidade – é realizada tanto de forma externa, quanto interna. Externa é a disposição das pessoas que ficam sentados no chão para formar a roda de capoeira angola. A circularidade interna ocorre nas trocas de posições dos angoleiros durante a roda, onde num momento o angoleiro toca um instrumento, no outro joga, em outro faz o coro das chulas e corridos. Apesar da hierarquia na capoeira ser um fator determinante e de forte aceitação e manutenção, o elemento da circularidade existe para demonstrar que apesar das hierarquias todas as pessoas são iguais, mesmo dentro de suas diferenças. A existência do círculo potencializa a consciência de grupo e individual, onde todos podem ver e serem vistos, bem como mantém, harmoniza e congrega a energia criada através da ritualidade.

5) Mandinga – são formas evasivas, informais, não esperadas de atuação, com um forte componente metafísico e não explicado somente pela racionalidade. Na capoeira angola mandingueiro é todo aquele que consegue obter o que deseja através de métodos não convencionais, da astúcia frente as dificuldades, que se utiliza de elementos não materiais, como encanto, graça, dissimulação, magia para obter suas conquistas. Mandinga possui também uma conotação mística, relacionado à magia/ manipulação do mundo invisível. Além de ser um instrumento percussivo, conhecido também como reco-reco.

6) Corporeidade - utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada em três níveis: corpo, mente e espírito. Aí entram os movimentos da capoeira, sistematizados em treinos e rodas semanais. O corpo angoleiro é desenvolvido tanto para o lado lúdico - da dança, da brincadeira, da malandragem, do que vai mas não vai- quanto para o da luta, com movimentos de entrada e saída, perguntas e respostas, ataques e defesas.

7) Oralidade – Até o século XIX o contato face a face foi a única forma de transmissão de saberes. E isso é mantido até os dias de hoje. A grande maioria dos ensinamentos e ritualidades angoleiros são repassados de forma oral, sem a utilização de elementos externos a corporeidade do mestre.

8) Pertencimento no grupo – a conjugação grupal da pratica capoeirística é um elemento essencial de sociabilização. A participação num grupo de capoeira angola possibilita aos praticantes o contato direto entre membros de diversas camadas sociais, bem como a valorização dos trabalhos em comunidades com pouca infraestrutura urbana e social. Participar de um grupo gera integração, segurança e pertencimento ao individuo, que consegue se perceber não somente como um, mas sim como parte de um coletivo coeso e participativo no âmbito social.

9) Perpetuação temporal dos costumes - manutenção e permanência da experiência durante os tempos. Para o professor Pedro Abib a capoeira angola possui “uma outra concepção de tempo, que difere da concepção linear inaugurada pela metafísica, pois concebe passado, presente e futuro dentro de uma unidade temporal, aquilo que o filósofo alemão Martin Heidegger, a partir de uma retomada do pensamento pré-socrático, define como noção circular do tempo. A partir dessa perspectiva, o passado não é algo que se esgotou e está fossilizado mas, algo vigente que tenciona com o presente, projetando possibilidades futuras. O passado é visto como uma dimensão temporal que vigora, que guarda e aguarda um sentido. Segundo este filósofo, a metafísica – que nasce com Platão e Aristóteles – aniquila essa noção da circularidade do tempo, ao impor a lógica linear como única possibilidade de pensá-lo e concebê-lo” (ABIB, 2004, pgs. 10 e 11).

10) Militância - Atuação político-social de enfrentamento a coação. A oralidade da capoeira angola a apresenta como uma lógica e ação social de reposicionamento do negro na sociedade. Uma lógica diferenciada, autônoma e dissociada do sistema vigente. Mestre Pastinha já dizia: a capoeira angola é “mandinga de escravo em ânsia de liberdade”. Essa lógica está presente no modo de ser do negro afro-brasileiro desde 1602, quando os escravos fugiam das senzalas para formar o que seria mais tarde o Quilombo dos Palmares, quanto na organização social das cidades, onde os capoeiristas se juntavam em maltas, ou grupos de coesão e enfrentamento social. Barbero destaca a importância da ação política da capoeira no contexto social: “ é o circuito de escaramuças, estratégias e argúcias que sempre pavimentou o caminho dos dominados rumo ao reconhecimento social. Como esse tipo de luta que os negros do Brasil chamam de *capoeira*, mistura de luta e jogo, luta

e dança, carregado de *mandinga*, de sedução e malícia capazes de ‘desviar o adversário de seu caminho previsto’” (BARBERO, 2009, p.245).

11) Autonomia e autogestão – desde tempos imemoriais o desenvolvimento das culturas populares ocorrem de maneira autônoma e autogerida. Com a capoeira angola não poderia ser diferente. Lá esses conceitos são trabalhados em vários aspectos da prática, como no fato dos alunos de capoeira ter a obrigação de além de tocar e cantar, saber produzir seus próprios instrumentos; ou dos mestres gerirem seu espaço de pratica sem a intervenção de outrem. O fato de não ter ligação hierárquica com nenhum outro sistema social possibilita, a nosso ver, a manutenção da tradição. Possibilitando que as atividades desenvolvidas na capoeira angola não sofram descaracterizações políticas/ideológicas, como as que ocorreram, por exemplo, com o samba ou o carnaval, decorrentes de parcerias com governos e instituições privadas

3.3 A capoeira angola em Belo Horizonte: grupos analisados

A prática da capoeira Capoeira Angola em na RMBH é muito recente. Iniciou na década de 80, com a chegada em Belo Horizonte dos mestres Cobra Mansa, Rogério e Jurandir. Todos eles angoleiros vindos de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, oriundos das rodas de rua de Caxias e do Grupo Angola Pelourinho (GCAP, Mestre Moraes). Eles foram formados num terceiro momento de estruturação social da capoeira angola no Brasil, ocorridos entre 1950 a 70, quando a prática da capoeira angola é difundida com metodologia fora de Salvador, por mestres Valdemar e Moraes. Nos últimos 30 anos o movimento da capoeira angola se expandiu na Região Metropolitana de Belo Horizonte e hoje ele é composto por 14 grupos, aqui apresentados por ordem de fundação:

- 1) Grupo Iúna de Capoeira Angola** (Mestre Primo, bairro Saudade) (1983);
- 2) Grupo Eu Sou Angoleiro**, integrante da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA- Mestre João Angoleiro). Sede no Centro e 11 frentes de Trabalho na RMBH, no Pará e Itália (1989);
- 3) Associação de Capoeira Angola Dobrada** (ACAD- Mestre Rogério e Mestre Índio). Sede no bairro Santa Tereza e frentes de trabalho na Itália e Alemanha (1995);
- 4) Grupo de Capoeira Angola Meninos de**

Palmares (GCAMP- Mestre Léo). Bairro Alto Vera Cruz (1995); **5) Grupo de Capoeira Angola de Minas** (Mestre Edson). Santa Luzia (1996); **6) Fundação Internacional de Capoeira Angola** (FICA- Mestres Jurandir e Cobra Mansa). Sede em Washington e frentes de trabalho no exterior em Seattle -EUA, Moçambique – África; Frentes de trabalho no Brasil: BH, no bairro Bonfim, Rio de Janeiro e Salvador (1996); **7) Grupo Espírito de Angola** (Treinel Edmar). Sede Codisburgo e Tibau do Sul- RN (2000); **8) Grupo de Capoeira Angola Camugerê** (Contramestre Renê). Bairro Planalto (2002); **9) Grupo de Capoeira Angola Herança de Pastinha** (Mestre Medonha Brás). Bairro Alto Vera Cruz (2009); **10) Grupo de Capoeira Angola Lenço de Seda** (Mestre Veio). Varginha; **11) Grupo IÊ de Capoeira Angola** (Somaterapia – sem mestre); **12) Grupo Uai de Capoeira Angola** (Somaterapia – sem mestre); **13) Associação Cultural Capoeira Angola** (Contramestre Willian) Bairro Alto Vera Cruz (2010); **14) Grupo Paraguaçu** (Mestre Jaime de Mar Grande).

Na empiria a seguir optou-se pela análise comparativa entre dois grupos: Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa) e Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH). Eles foram escolhidos dentre os outros por sua ampla difusão de frentes de trabalhos no campo social, bem como suas participações no mundo virtual. A Acesa além de ser um dos grupos de capoeira mais antigos de Belo Horizonte, desde 1993 vem ampliando o seu raio de atuação para 12 frentes de trabalho na RMBH, no Pará e na Itália. Já a Fica é dirigida pelos precursores da capoeira angola em Minas Gerais (mestres Cobra Mansa e Jurandir), possui 20 frentes de trabalho, sendo cinco no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e São Paulo), está presente em oito cidades dos EUA (sede em Washington DC) e em quatro continentes (Américas, Europa, África e Japão).

A **Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA)** foi criada em 1995, pelos mestres Jurandir (MG), Cobra Mansa (EUA) e Valmir (BA), hoje com 20 frentes de trabalho. No Brasil, as suas atividades concentram-se nas capitais de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal. A FICA também está presente em oito cidades dos EUA (sede em Washington DC), no Canadá, México, Peru, França, Inglaterra, Japão e África. Em Belo Horizonte funciona sob a coordenação do Mestre Jurandir, e não possui sede própria, desenvolvendo seu trabalho na Escola de Engenharia da UFMG, região norte de Belo Horizonte. Realiza trabalhos com capoeira angola pela preservação, valorização e difusão dessa

cultura pelo mundo, unindo ações sociais e culturais para promover cidadania e desenvolvimento humano no público jovem/adulto, além de desenvolver atividades sócio-educativas com crianças e adolescentes.

A **Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa)** é o resultado da consolidação do trabalho de formação de educadores sociais (treinéis e multiplicadores) realizado desde 1989 por Mestre João Angoleiro em Belo Horizonte, através da Capoeira Angola e a Dança-afro. Criada institucionalmente em 2003, a Acesa possui sua sede no centro da Capital e 12 núcleos de trabalho em atividade, situados na região metropolitana de BH. Fora de Belo Horizonte a Acesa possui frentes de trabalho no Pará e na Itália coordenadas pelo contramestre Bira. Dos 13 núcleos da Acesa, 10 deles estão localizados ou atendem a um público oriundo de vilas e favelas de Minas Gerais. São crianças, adolescentes e adultos, em sua maioria, de descendência mestiça ou negra, de grande vulnerabilidade social, com pouco acesso aos bens materiais e culturais. Acesa também coordena o Ponto de Cultura Flor do Cascalho, situado na comunidade do Cascalho, Morros das Pedras, Região Centro Sul de BH. Além das atividades de capoeira angola e dança afro, o Flor do Cascalho oferece a comunidade aulas de yoga, computação, percussão. Atualmente está construindo o Estúdio da Cultura Popular, através de recursos disponibilizados pela Lei Estadual de Cultura.

3.3.1 Proposta de estudo da midiatização da capoeira angola em Belo Horizonte

Esse estudo se propõe a compreender comunicativamente o novo processo de disseminação das culturas populares pela midiatização, focando análises nos aspectos de enunciação e significação social da expressão cultural capoeira angola, aqui representada pelos grupos FICA-BH e Acesa. Serão objeto desse estudo as trocas simbólicas ocorridas entre 2010 a 2012, nas redes sociais e institucionais (site e blog) desses grupos. O foco da análise empírica proposta está na compreensão de se existe um processo de midiatização dos movimentos socioculturais populares de raiz de matriz africana na RMBH, mais especificamente o caso da Capoeira Angola. A midiatização dos grupos angoleiros aqui será entendida como processo de produção e circulação de sentidos em esferas midiáticas e sua configuração como experiência de reterritorialização identitária, reflexão e mobilização sociocultural. A idéia é buscar entender como ocorrem os processos de incorporação de dispositivos

mediáticos pelas culturas populares de raiz para afirmação de sua identidade, ou atualização de sua cultura e dos seus processos de reprodução simbólica no espaço virtual comunicativo. Mas como essa análise pode contribuir na compreensão da amplificação ou não da participação das culturas tradicionais no espaço público?

Até o momento foram analisados conceitos no sentido de procurar entender como a midiatização e os novos processos de interação social, estabelecem entre si padrões de continuidades e rupturas. Trata-se de saber também se a midiatização das interações em grupos de cultura popular tradicional contribui para que tais grupos possam perpetuar sua cultura, reforçar seu poder, sua tradição e atualizar seus códigos identitários. A idéia é entender como grupos tradicionais, que possuem uma cultura mitológica, ritualística, ancestral, com a transmissão de saberes fundada na presença, se utilizam de avançados aparatos tecnológicos virtuais, no sentido de perpetuar sua cultura e amplificar seu poder social. Ou seja: entender como os movimentos socioculturais de raiz de matriz africana de Belo Horizonte, especificamente o movimento denominado capoeira angola, caracterizado pela manutenção de sua tradição mítica, se utiliza e se apropria dos mais recentes dispositivos midiáticos. Tais dispositivos serão utilizados como forma estratégica de reforçar sua ancestralidade e atualizar seus códigos identitários, amplificando sua participação no espaço público? Como se pode mensurar a contribuição midiatização para as culturas de raiz de matriz africana no contexto social? Quais serão os conceitos que servirão de base para compreensão de como se avança e diversifica no campo midiático, e mesmo assim se manter tradicional? Dito de outra forma: é possível identificar como se muda para permanecer o mesmo?

Para iluminar a compreensão de como se avança e diversifica no campo midiático, no sentido de se manter tradicional, este estudo possui como referência as reflexões de Rodrigues (1997, 1999 e 2010), sobre a questão do imaginário mítico das mídias, sua natureza vicária e as características discursivas do campo dos media. Como por exemplo: a questão da objetivação técnica do discurso como estratégia de mediação, através da dessubjetivação da narrativa (terceira pessoa); aceleração da velocidade de circulação da informação enquanto estratégia siderante (criar impacto, estarrecer, deixar sem ação); da instantaneidade de realização mediática das mensagens; da anulação da diferença entre espaço de produção e de recepção das mensagens; da modalidade pedagógica regida pelo princípio da cooperação e da inculcação de valores divergentes; da neutralização e objetivação,

sedução e simulação do real com estratégias dos dispositivos de assegurar uma “cooperação”. E ainda, mais especificamente no caso das culturas de raiz, pelos modos como se mostram aos outros – fazendo-se vistas – e definindo no espaço público hipermoderno sua identidade e estilo de vida.

E se um mesmo conteúdo, um mesmo domínio temático, pode ser assumido por dispositivos de enunciação muito diferentes se faz necessário averiguar a contribuição dos processos comunicativos para a difusão de valores culturais e simbólicos não hegemônicos, e procurar identificar como ocorrem as relações de poder que se dão no nível da linguagem. Pois não se pode deixar de levar em conta que o processo comunicativo possui uma moral universal que necessita de um domínio, a priori, dos códigos de significação, construídos linguisticamente e culturalmente. Segundo Ana Claudia de Oliveira a utilização do conceito de relação de contraste – noção chave da organização e construção de todo objeto semiótico – é também de grande valia para um estudo como esse. Pois detectando semelhanças e diferenças entre o que é mostrado, as impressões começam a ser orientadas umas em relação às outras. Ou seja, através da associação de grandezas por semelhança ou por diferença, vão se tecendo as ligações que elas mantêm entre si no sintagma textual, gerando a apreensão da globalidade constitutiva pela articulação das partes. Desta forma torna-se importante os regimes de interação, de visibilidade e de sentido, pois são, segundo a autora, “o alvo correlacional que assumimos a fim de estabelecer uma metodologia para dar conta do estudo semiótico do texto visual” (OLIVEIRA, 2008, p.115). Também é importante entender como ocorrem os regimes de interação, do qual interessa para esse estudo o processo de acidente³⁵, dos modos de existência, e o processo de ajustamento³⁶ nos modos de ação.

As tabelas a seguir apresentam uma súmula das mídias e dos entrevistados, objetos da análise empírica a ser realizada no item 4 MIDIATIZAÇÃO EM ANÁLISE.

³⁵ Acidente: fundado sob o princípio da probabilidade, imprevisibilidade. Ruptura das regularidades, puro risco. Co-incidência. Fonte: Yvana Fachine, 1998.

³⁶ Ajustamento: a influência passa pelo contato/contágio. *Fazer junto*, na medida em que se *sente junto*; as transformações acontecem a partir da co-presença sensível. Pressupõe uma forma de realização mutua. Fonte: Yvana Fachine, 1998.

TABELA 1 - Fundação Internacional de Capoeira Angola**FICA-BH: objetos de análise**

BLOG	http://ficabh.blogspot.com/ (somente o index)	DESENVOLVEDORA Jeane Júlia	PERÍODO ANALISADO 2011 a 2012
REDES SOCIAIS	https://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002059662445	ADMINISTRADORA Jeane Júlia	PERÍODO ANALISADO 16/02/2011 a 29/06/2012
ENTREVISTAS	Mestre Jurandir e Jeane Júlia		

TABELA 2 - Associação Cultural Eu Sou Angoleiro**ACESA: objetos de análise**

SITE	www.eusouangoleiro.org.br (somente o index)	DESENVOLVEDORES: Tales Badescci e Benard Machado	PERÍODO ANALISADO 2009 a 2012
REDES SOCIAIS	https://www.facebook.com/pages/Eu-Sou-Angoleiro -Grupo-de-Capoeira-Angola/172904819401064	ADMINISTRADORES Carem Abreu, Icaro Abreu e Ricardo Avelar	PERÍODO ANALISADO 16/02/2011 a 29/06/2012
ENTREVISTAS	Mestre João Angoleiro, Tales Badescci, Bernard Machado e Ricardo Avelar		

Importante ressaltar que para efeito de recorte empírico serão analisados somente o conteúdo do index do blog da Fica (2010 a 2012) e do site da Acesa (2009 a 2012). Também para criar um parâmetro relacional entre a análise do Facebook dos dois grupos de capoeira serão verificados somente os posts publicados no período de 16/02/2011 a 29/06/2012. Em relação aos conteúdos analisados da Acesa é importante frisar que foram objeto do estudo somente informações postados/editados site e no Facebook por outros componentes do grupo, que não a autora desse estudo. Essa opção faz-se necessária para se manter o distanciamento acadêmico exigido para o estudo aqui desenvolvido, justamente porque a autora é também treinel de capoeira da Acesa, sendo responsável direta pelos trabalhos relacionados a elaboração de projetos para leis de incentivo e de comunicação, inclusive sendo responsável direta pela criação do site e pelo Facebook da associação, objetos da empiria aqui proposta.

Para entender se existe alguma contribuição das mídias para a ampliação do universo simbólico das culturas de raiz de matriz africana no campo social, e se ela existe de que forma vem acontecendo a midiaticização dos grupos socioculturais, foi realizado um levantamento do material midiático produzido pela Fica- BH e Acesa em site, blog e redes sociais. Para se ter uma noção global dos objetos desse

estudo a seguir, na Tabela 03, abaixo, é apresentado um comparativo das mídias e os conteúdos das publicações eletrônicas.

TABELA 3 – COMPARATIVO CONTEÚDOS MÍDIÁTICOS ANALISADOS																											
BLOG Fica - Atualização de conteúdo: Jeane Júlia Criação: 2009 Período analisado: 07/2011 a 06/2012 – onze meses	SITE Acesa - Atualização de conteúdo: Tales Badeschi e Bernard Machado . Criação: novembro de 2005 Período analisado: 20/10/2009 a 1/06/2012 – dois anos e oito meses, ou 32 meses																										
ÍNDEx: CONTEÚDOS MÓVEIS - 23 fotos, 1 vídeo 1) cinco posts de RODAS; 2) Dois posts de EVENTOS;	ÍNDEx: CONTEÚDOS MÓVEIS- 12 fotos, 5 textos, 1 vídeo 1) 12 Fotos em flash; 2) Notícias em Destaque - 2.1) Três posts de eventos; 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das Rodas.																										
CONTEÚDOS FIXOS 3) ASSUNTOS do Blog: 3.1) A Fica no mundo; 3.2) Encontro Internacional de Capoeira Angola; 3.3) Eventos da Fica; 3.4) Fotos; 3.5) Música; 3.6) Seminário 3.7) Sobre a Fica; 4) LOGOMARCA da Fica; 5) A FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA - Fica BH; 6) Horarios de TREINOS; 7) LINKS de outras Frentes de Trabalho (17 locais -dois estados do Brasil - Bahia e RJ; 8 países do mundo; 8 nos EUA); 8) Atalho FACEBOOK; 9) OUTROS Links; 10) SEGUIDORES 11) CORES: fundo amarelo alaranjado, letras pretas. Logomarca: fundo branco, com letras pretas	CONTEÚDOS FIXOS <table border="1"> <tr> <td>3) Logomarca e nome do grupo</td><td>9.1.6) Frentes de Trabalho</td></tr> <tr> <td>4) Galeria de Imagens</td><td>9.1.7) Treinos</td></tr> <tr> <td>5) Vídeos</td><td>9.1.8) Rodas</td></tr> <tr> <td>6) Publicações</td><td>9.1.9) Produtos</td></tr> <tr> <td>7) Barra Patrocinadores</td><td>9.1.10) Calendário de Eventos</td></tr> <tr> <td>8) Endereço e Contatos</td><td>9.1.11) Links</td></tr> <tr> <td>9) MENUS</td><td>9.1.12) Revista</td></tr> <tr> <td>9.1) SOBRE Acesa com 12 itens</td><td>9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens</td></tr> <tr> <td>9.1.1) Página Inicial</td><td>9.2.1) Paz no Mundo Camará</td></tr> <tr> <td>9.1.2) Quem somos</td><td>9.2.2) Lapinha Museu Vivo</td></tr> <tr> <td>9.1.3) Mestre João Angoleiro</td><td>9.2.3) Aldeia Kilombo</td></tr> <tr> <td>9.1.4) Capoeira Angola</td><td>9.2.4) Chamada Capoeira Angola</td></tr> <tr> <td>9.1.5) Dança Afro</td><td></td></tr> </table> 10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e claro. Letras: sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.	3) Logomarca e nome do grupo	9.1.6) Frentes de Trabalho	4) Galeria de Imagens	9.1.7) Treinos	5) Vídeos	9.1.8) Rodas	6) Publicações	9.1.9) Produtos	7) Barra Patrocinadores	9.1.10) Calendário de Eventos	8) Endereço e Contatos	9.1.11) Links	9) MENUS	9.1.12) Revista	9.1) SOBRE Acesa com 12 itens	9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens	9.1.1) Página Inicial	9.2.1) Paz no Mundo Camará	9.1.2) Quem somos	9.2.2) Lapinha Museu Vivo	9.1.3) Mestre João Angoleiro	9.2.3) Aldeia Kilombo	9.1.4) Capoeira Angola	9.2.4) Chamada Capoeira Angola	9.1.5) Dança Afro	
3) Logomarca e nome do grupo	9.1.6) Frentes de Trabalho																										
4) Galeria de Imagens	9.1.7) Treinos																										
5) Vídeos	9.1.8) Rodas																										
6) Publicações	9.1.9) Produtos																										
7) Barra Patrocinadores	9.1.10) Calendário de Eventos																										
8) Endereço e Contatos	9.1.11) Links																										
9) MENUS	9.1.12) Revista																										
9.1) SOBRE Acesa com 12 itens	9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens																										
9.1.1) Página Inicial	9.2.1) Paz no Mundo Camará																										
9.1.2) Quem somos	9.2.2) Lapinha Museu Vivo																										
9.1.3) Mestre João Angoleiro	9.2.3) Aldeia Kilombo																										
9.1.4) Capoeira Angola	9.2.4) Chamada Capoeira Angola																										
9.1.5) Dança Afro																											
ANÁLISE FACEBOOK Fica Bhz Administradora: Jeane Julia (aluna da Fica-BH) Criação: 16 de fevereiro de 2011 Período analisado: 16/02/2011 a 29/06/2012 – um ano e quatro meses	ANÁLISE FACEBOOK Eu Sou Angoleiro_Grupo de Capoeira Angola Administradores: Carem Abreu, Icaro Abreu, Ricardo Avelar (treineis Acesa) Criação: 28 de novembro de 2010 Período analisado: 28/11/2010 a 29/06/2012 – um ano e sete meses																										
Rede Social Fica-BH Predominância da imagem em relação ao texto	Rede Social Acesa Predominância do texto em relação à imagem																										
CONTEÚDOS MÓVEIS: 30 fotos; 20 textos; 2 evento face; 2 video SENTIDO DA IMAGEM 1) Convite para Jogos Facebook: 2; 2) Foto de rodas: 2; 3) FICA convida roda oficial: 6; 7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1; 10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola; Permangola); 14) Fotos perfil: 1 (logo da FICA, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado); 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer); 19) Vídeos: 2 COMO OS OUTROS SE APRESENTAM 4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5]; COMO A FICA SE APRESENTA 5) Eventos próprios FICA-BH: 1; 12) Outros núcleos da FICA: 5; O QUE A FICA DIVULGA 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3; CONVERSAÇÃO ENTRE PARES 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1; 13) Treinos na Fica BH: 1 18) Informações institucionais: 1; POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA 9) Antirracismo: 1; 11) Religiosidade: 1; AÇÕES SOLIDÁRIAS 15) Oficinas de capoeira angola: 1; 16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14;	CONTEUDOS MÓVEIS: 12 fotos; 14 textos; 1 evento face; 1 video SENTIDO DA IMAGEM 7) Fotos: 3 12) Vídeos: 1 COMO ACESA SE APRESENTA 1) Convite de rodas: 5 4) Evento criado no Facebook: 1 6) Eventos próprios Acesa: 7 COMO OS OUTROS SE APRESENTAM - O QUE A ACESA DIVULGA 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2 CONVERSAÇÃO ENTRE PARES 3) Frentes de Trabalho: 1 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1 13) Divulgação de blog (outros): 1 POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA 2) Militância: 1 10) Sobre editais: 2 11) Valorização ancestral: 2 8) Repercussão de mídia impressa: 1																										

O próximo capítulo vai se concentrar nas estratégias de ocupação do espaço virtual pelos grupos angoleiros acima apresentados. Com o aporte da semiótica e da etnografia se buscará compreender como esses grupos de capoeira angola se fazem presentes nos campos social e midiático, sob a perspectiva de compartilhamento social de seus universos simbólicos e comunicativos. No sentido mesmo de refletir se a apropriação midiática, por meio dos movimentos socioculturais, pode ser realmente utilizada como instrumento de reflexão social, e se tornar difusora dos valores desse setor da sociedade. Ou se a midiatização das culturas populares da forma que vem acontecendo, possui um efeito publicitário mais forte do que o efeito de informação pretendido.

4 MIDIATIZAÇÃO EM ANÁLISE: questões a serem elucidadas e suas variáveis analíticas

Com tantas mudanças estruturais vividas na hipermodernidade tornou-se necessário reconsiderar o papel da imagem e da informação no campo social. Para refletir sobre tal assunto o estudo aqui desenvolvido se propôs a compreender o novo processo comunicacional de ressignificação simbólica das culturas de raiz de matriz africana pela midiatização, focando análises nos aspectos de enunciação e significação social dos seus produtos culturais em conteúdos mediatizados através da internet. Não se trata de simplesmente denunciar a ausência ou a presença do popular no campo midiático, mas de qualificar como a apropriação dos dispositivos, repõe formas de presença e ausência nas mídias convencionais. O que se procura elucidar é se tais dispositivos estão funcionando como forma de atualizar os códigos identitários afro-brasileiros, originalmente configurados no padrão da tradição e da ancestralidade. E entender quais as estratégias comunicativas estão sendo adotadas pelas culturas tradicionais no sentido de reforçar e propagar sua cultura ancestral, da ordem da presença, por meio de processos e mecanismos virtuais de interação à distância. Seria possível utilizar de estratégias de interação do mundo mediatizado e ainda assim continuar o mesmo, mantendo-se tradicional?

Nesse sentido, abaixo são elencadas as principais questões a serem elucidadas por esse estudo:

1. Existe uma midiatização das interações em grupos de cultura popular tradicional, mais especificamente no caso da capoeira angola em Belo Horizonte?
2. Se ocorre tal midiatização, como se dão os processos de transmissão de saberes da capoeira angola, caracterizada pela manutenção de sua tradição ritualística e anteriormente ancorados exclusivamente nas interações presenciais e na oralidade?
3. Se tal processo de midiatização existe, estará ocorrendo sob uma perspectiva comunicacional inclusiva? No sentido de perpetuar a cultura, amplificar seu poder social, atualizando seus códigos identitários tradicionais, e amplificando assim sua participação no espaço público?

4. É possível identificar como se muda para permanecer o mesmo? Que concepções servem de base para a compreensão de como se avança e diversifica no campo midiático, e mesmo assim se manter tradicional?
5. Como manter e atualizar os ritos e pertencimentos ancestrais no campo midiático? É possível identificar se existem dispositivos de manutenção e de atualização das identidades tradicionais nas ações midiáticas destes grupos?
6. Com qual finalidade os dispositivos sociotécnicos vem sendo utilizados pelas culturas populares?
7. Se existe um processo de mediatização, será que a forma como vem acontecendo possibilita um efeito de publicização mais forte do que o efeito de informação pretendido?
8. Se existe alguma contribuição da mediatização para as culturas de raiz de matriz africana no contexto social, como se pode mensurar isso?

No sentido de buscar respostas a tais perguntas, de acordo com o material analítico apresentado no capítulo anterior, foi necessário realizar, além da revisão bibliográfica, também um levantamento do material midiático produzido entre 2010 e 2012, em sites, blogs e redes sociais, pela Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH) e Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa), ambos de Belo Horizonte. Como forma de perceber a maneira deles se fazerem presentes no campo das mídias e no campo social, foi realizada uma análise semiótica e etnográfica dos universos simbólicos e comunicativos desses grupos, através do estudo das informações difundidas em tais mídias a partir:

- dos marcadores de tradição (categorias analíticas da tradição), de Abreu;
- das ações de resistência, de Vizer;
- dos níveis de significação (denotação e conotação), de Barthes;
- da apropriação do tempo e do espaço instituídas no mundo da vida e no mundo virtual, de Vizer;
- das relações de poder, de Rodrigues;
- da utilização de dispositivos sociotécnicos, de Agamben;

Por fim, buscou-se verificar através de entrevistas com os mestres dessas instituições de dois grupos de capoeira angola e com os desenvolvedores/

administradores das referidas mídias se eles percebem se existe alguma contribuição midiática para a ampliação do universo simbólico das culturas de raiz de matriz africana no campo social. A seguir será realizado uma análise conclusiva do material empírico produzido para esse estudo, levando em consideração também as seguintes variáveis analíticas:

- utilizar o conceito de relação de contraste para realizar as análises;
- verificar como esses grupos se mostram aos outros – fazendo-se vistos – e definindo no espaço público hipermoderno sua identidade e estilo de vida;
- perceber como se dão os regimes de interação, de visibilidade e de sentido;
- entender o tipo de interação entre os actantes através dos conceitos de junção e união, dos modos de existência (programação e acidente) e dos modos de ação (manipulação e ajustamento);
- destacar as características discursivas do campo dos media: a questão da objetivação técnica do discurso como estratégia de mediação, através da dessubjetivação da narrativa (terceira pessoa);
- verificar se houve utilização da modalidade pedagógica, regida pelo princípio da cooperação e da inculcação de valores divergentes;
- verificar se ocorreu aceleração da velocidade de circulação da informação enquanto estratégia siderante (criar impacto, estarrecer, deixar sem ação);
- verificar se houve instantaneidade de realização mediática das mensagens;
- verificar se houve utilização da neutralização e objetivação, sedução e simulação do real com estratégias dos dispositivos de assegurar uma “cooperação”.

4.1 MÍDIAS INSTITUCIONAIS: análise semiótica e etnográfica do blog da Fica-BH e do site da Acesa e os Regimes de Interação

De acordo com as entrevistas realizadas com os mestres Jurandir (Fica) e João Angoleiro (Acesa), tanto o blog da Fica-BH, quanto o site da Acesa, surgiram através da iniciativa de alunos com estudos acadêmicos de nível universitário e com mais de cinco anos de prática na capoeira angola. Ou seja, trata-se de um trabalho realizado de forma voluntariada, sem previsão de remuneração, que exige dos operadores militância e engajamento. Ambos os mestres disseram que não intervêm de forma direta na produção de conteúdo desses aparatos sociotécnicos. Mas é importante ressaltar, o tipo de intervenção dos mestres não é da ordem do fazer, e sim da ordem da conceituação temática e ideológica, já que ambos não têm acesso, ou não dominam o uso de tais aparatos. Fato que pode ser comprovado nas entrevistas com os desenvolvedores e administradores do blog e do site, constantes nos anexos A e B. Nos anexos C, D, E e F são encontradas tabelas contendo a íntegra das análises etnográficas e semióticas realizadas exclusivamente para o presente estudo.

O blog da Fica-BH foi criado em 2009 por iniciativa da aluna Sara, formada em Ciências Sociais e do treinel Tiago, para divulgar o Encontro Internacional da Fica, que naquele ano aconteceu em Belo Horizonte. A Tabela 4³⁷ apresenta um resumo dos conteúdos dessa mídia.

TABELA 4 - OBJETO EMPÍRICO: BLOG INSTITUCIONAL FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA)		
MÍDIA ANALISADA INDEX do BLOG: http://ficabh.blogspot.com.br 	INDEX CONTEÚDOS MÓVEIS: 1) cinco posts de RODAS; 2) Dois posts de EVENTOS; 3) ASSUNTOS do Blog (7 temas); 4) LOGOMARCA da FICA; 5) A Fundação InterCapoeira Angola – FICA BH; 6) Horários de TREINOS; 7) Contatos; 8) LINKS de outras Frentes de Trabalho (17 locais - dois estados do Brasil - Bahia e RJ; 8 países do mundo; 8 nos EUA); 9) A FICA-BH INDICA; 10) Atalho do FACEBOOK; 11) SEGUIDORES; 12) CORES: fundo amarelo, retículas amarelas mais claras, letras pretas, sem serifa.	Atualização de conteúdo: Jeane Júlia Criação: 2011 Período analisado: 07/2011 a 06/2012 – onze meses ANÁLISE BLOG FICA - Predominância da imagem em relação ao texto Devido ao formato do dispositivo sócio técnico Blog, os conteúdos das postagens do index se apresentam ao internauta de forma aberta (sem a necessidade de clicar e abrir o arquivo), ou seja ele/a precisa apenas rolar a barra para acompanhar a postagens, dando uma visão mais instantânea do conteúdo, e dessa forma, facilitando o acesso aos mesmos.

³⁷ Veja análise etnográfica e semiótica na íntegra no Anexo C – TABELA 3c, p.173.

Em 2011 o blog da Fica-BH passou a ser administrado pela aluna Jeane Júlia, formada em administração, com atuação na área de gestão financeira e cultural. Jeane alega que a função principal do blog é de divulgação e que ali “não tem um repasse de informação sobre a capoeira, não. A gente fala no blog e no facebook muito mais sobre as atividades realizadas”, pois “é uma forma mais barata de se divulgar, sem custo. Porque antes, em outros encontros da Fica, a gente fazia toneladas de material e mandava pra todos os núcleos. E um SEDEX internacional ficava caríssimo. Hoje não...” é só postar no blog e no Facebook e todo mundo fica sabendo de tudo.

O fato de Jeane não possuir treinamento, nem conhecimento técnico de informática ou comunicação não lhe impede de atualizar o blog, pois se trata de uma ferramenta de fácil acesso, autoexplicativa. Além de ser “de graça, porque você não tem que saber muita coisa de informática pra poder alimentar, colocar informações... por mais que às vezes fiquem desconectadas as informações” ela consegue postá-las no Blog, e confessa: “eu não tenho a mínima noção de como eu faria a alimentação de um site.” Por outro lado, a interface do dispositivo blog facilita o acesso instantâneo dos internautas ao conteúdo, pois os conteúdos das postagens estão abertos não sendo necessário clicar sobre uma informação, para se ter acesso a eles é necessário apenas rolar a barra lateral.

Para o mestre Jurandir a Fica-BH possuir um blog não é algo que lhe “enche os olhos”. Para ele, que se classifica “como mestre da tradição” e valoriza mais contato presencial, o blog é mais “um mal necessário”. Assim ele acaba relacionando tal necessidade ao imediatismo da comunicação característico desse aparato: “será que é (importante) porque isso é algo imediato?”, questiona-se. Mestre João Angoleiro já possui uma opinião diferente. Para ele tornou-se importante

usar qualquer elemento midiático para conversar com o mundo, que abriu as suas fronteiras nesse século de 2000... E avançam cada vez mais as tecnologias no sentido de propiciar o diálogo, a interlocução, o intercruzamento cultural... Quem está no mundo, querendo ou não, está na internet. Ele está envolvido na informática, ele está sendo vigiado por ela, ele está sendo observado por ela, ele está sendo discutido por ela. Então não tem como se abstrair disso, não. Agora, a experiência precisa da internet? Precisa sim. O meu trabalho está no mundo (...) ele tem que sair das fronteiras da comunidade local dele, para que os ensinamentos que eu preservo, dos meus ancestrais, possam chegar à pessoa que está na internet procurando acessar o Mestre João Angoleiro e o trabalho dele. Que quiserem absorver um pouco através do olhar ou de alguma coisa que a gente escreve ou fala em algum encontro que a gente faz. Isso é muito produtivo. Eu tenho

recebido aqui vários alunos. Tanto que tem uma pessoa que vem do interior, da periferia de Belo Horizonte ou do Japão ou dos Estados Unidos aqui via internet. E isso é legal. Então facilita, né? (Mestre JOÃO ANGOLEIRO, Anexos B, p.165)

O site da Acesa foi criado em 2005 por iniciativa dessa autora. Em 2009 os recursos do Prêmio Capoeira Viva para o projeto transmídia “PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o dá”, possibilitaram o processo de reformulação gráfico e de conteúdo, resultando no material analisado (Tabela 5³⁸).

TABELA 5 - OBJETO EMPÍRICO: SITE INSTITUCIONAL ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO (Acesa)		
MÍDIAS ANALISADAS INDEX do SITE: http://eusouangoleiro.org.br 	INDEX: CONTEÚDOS MÓVEIS: 1) 12 Fotos em flash; 2) Notícias em Destaque - 2.1) Três posts de eventos; 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das Rodas. CONTEÚDOS FIXOS: 3) Logomarca e nome do grupo; 4) Galeria de Imagens; 5) Vídeos; 6) Publicações; 7) Barra de Patrocinadores; 8) Endereço e Contatos; 9) MENU 9.1) Sobre Acesa com 12 itens: 9.1.1) Página Inicial; 9.1.2) Quem somos; 9.1.3) Mestre João Angoleiro; 9.1.4) Capoeira Angola; 9.1.5) Dança Afro; 9.1.6) Frentes de Trabalho; 9.1.7) Treinos; 9.1.8) Rodas; 9.1.9) Produtos; 9.1.10) Calendário de Eventos; 9.1.11) Links; 9.1.12) Revista; 9.2) PROJETOS da Acesa com quatro itens; 9.2.1) Paz no Mundo Camará; 9.2.2) Lapinha Museu Vivo; 9.2.3) Aldeia Kilombo; 9.2.4) Chamada Capoeira Angola; 10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e salmão. Letras: sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.	Atualização de conteúdo: Tales Badeschi e Bernard Machado Criação: novembro de 2005 Período analisado: 20/10/2009 a 1/06/2012 – dois anos e oito meses, ou 32 meses ANÁLISE SITE ACESA - Predominância do texto em relação à imagem O formato do dispositivo Site possibilita no primeiro contato visual somente acesso aos títulos das notícias, menus e as imagens (logo e fotos). Os conteúdos dos assuntos dos posts ficam latentes, dependendo de um click para serem acessados, fato que dificulta o acesso ao conteúdo das informações em destaque. As fotos utilizadas na página index do site foram colocadas para serem exibidas em flash. O que dificulta uma análise off-line. Portanto a análise das fotos será realizada de forma on-line. Para que se possa desenvolver metodologia de análise correlata a realizada no blog FICA, nesse estudo serão analisados apenas os conteúdos das notícias em destaque. Ou seja, serão analisados somente os conteúdos latentes das POSTAGENS MÓVEIS. Desta forma, a seguir será realizada uma ANÁLISE de PRIMEIRO NÍVEL (somente do que é visto sem se clicar no conteúdo das notícias) e em seguida uma ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL (conteúdo acessado após clicar no link das notícias em destaque)

Dois alunos da Acesa, Tales (com formação em Artes Plásticas) e Bernard (com formação em jornalismo), das frentes de trabalho do Centro Pedagógico (UFMG) e Casinha (treinel Fernando Murcego), foram convidados para realizar um

³⁸ Veja análise etnográfica e semiótica na íntegra no Anexo D – TABELA 4d, p.190.

treinamento de operacionalização do site junto ao provedor ONGNET BRASIL. Eles foram escolhidos para tal função justamente por possuírem nível acadêmico universitário, próximo das necessidades de uma ferramenta comunicativa como um site exige. E foi interessante perceber que tanto para Tales, quanto para Bernard, o motivo que os levou a administrar o site tornou-se irrelevante. A ponto deles nem se lembrarem mais dessas circunstâncias iniciais. Para eles nesse processo de reformatação do site o importante, mesmo, foi o sentido de pertencimento grupal, de fazer algo em prol do seu grupo, o contato com o webmaster (Gilmar) e com o mestre, o qual, para ambos, desempenhou um papel fundamental na construção do novo site. Bernard fala sobre esse processo:

o mestre contribuiu com muitos textos, muita coisa que escreveu assim a mão e passou pra gente, que eu digitei e transcrevi. Então basicamente o grosso de conteúdo foi Mestre João que forneceu. E a coisa mais informativa a gente foi atrás, como essa coisa dos endereços, dos horários. Mas o grosso mesmo foi o mestre João que entrou com esses dados. E ele sempre continua demandando isso da gente, que o site não pare, que a gente continue colocando lá coisas novas. Ele cobra isso dos seus alunos, que você não seja só um capoeirista que faça só os movimentos (...) que você seja um capoeirista completo. E esse é aquele que consegue contribuir com o grupo de alguma forma. Acho que isso é parte da tradição. (BERNARD, Anexo B, p.172)

Se por um lado possuir um site, ou um blog, amplifica o trabalho local em escala global, por outro há de se considerar a facilidade de manuseio desses instrumentos de navegação. Nesse sentido, o aparato site exige dos usuários maior performance e domínio de manuseio do que um blog. Se num blog os conteúdos das mensagens do índice, sejam fotos, vídeos ou textos, estão acessíveis no primeiro contato visual, requerendo do internauta apenas a habilidade de rolagem da barra direita, tal facilidade de navegação não ocorre nos sites. Pois o formato “engessado” dessa ferramenta de informação possibilita acesso no primeiro contato visual somente aos títulos das notícias, menus e imagens, dependendo de um click para serem acessados de forma integral. Também no site da Acesa os conteúdos dos assuntos dos posts ficam latentes, fato que dificulta o contato imediato às informações. Justamente para se realizar uma metodologia interpretativa correlata entre o blog da Fica-BH e site da Acesa foi objeto empírico apenas os conteúdos do índice dessas mídias. No que se refere à análise textual, devido às restrições de formato acima elencadas, nesse estudo foram focados apenas os conteúdos

latentes das “notícias em destaque”. Ali foram realizadas análises de primeiro nível (o que é visto sem se clicar no conteúdo) e de segundo nível (conteúdo acessado após clique no link). Note na tabela abaixo que a editoria “notícias em destaque” é somente um, entre os três conteúdos das postagens móveis no site da Acesa.

TABELA 6 - COMPARATIVO MÍDIAS INSTITUCIONAIS																													
ANÁLISE BLOG Fica Atualização de conteúdo: Jeane Júlia Criação: 2009 Período analisado: 07/2011 a 06/2012– onze meses	ANÁLISE SITE Acesa Atualização de conteúdo: Tales Badeschi e Bernard Machado Criação: novembro de 2005 Período analisado: 20/10/2009 a 1/06/2012– dois anos e oito meses, ou 32 meses																												
ÍNDEx: CONTEÚDOS MÓVEIS - 23 fotos, 1 vídeo 1) cinco posts de RODAS; 2) Dois posts de EVENTOS;	ÍNDEx: CONTEÚDOS MÓVEIS- 12 fotos, 5 textos, 1 vídeo 1) 12 Fotos em flash; 2) Notícias em Destaque - 2.1) Três posts de eventos; 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das Rodas.																												
CONTEÚDOS FIXOS 3) ASSUNTOS do Blog: 3.1) A Fica no mundo; 3.2) Encontro Internacional de Capoeira Angola; 3.3) Eventos da Fica; 3.4) Fotos; 3.5) Música; 3.6) Seminário 3.7) Sobre a Fica; 4) LOGOMARCA da Fica; 5) A FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA - Fica BH; 6) Horários de TREINOS; 7) LINKS de outras Frentes de Trabalho (17 locais -dois estados do Brasil - Bahia e RJ; 8 países do mundo; 8 nos EUA); 8) Atalho FACEBOOK; 9) OUTROS Links; 10) SEGUIDORES 11) CORES: fundo amarelo alaranjado, letras pretas. Logomarca: fundo branco, com letras pretas	CONTEÚDOS FIXOS <table> <tr> <td>3) Logomarca e nome do grupo</td><td>9.1.6) Frentes de Trabalho</td></tr> <tr> <td>4) Galeria de Imagens</td><td>9.1.7) Treinos</td></tr> <tr> <td>5) Vídeos</td><td>9.1.8) Rodas</td></tr> <tr> <td>6) Publicações</td><td>9.1.9) Produtos</td></tr> <tr> <td>7) Barra Patrocinadores</td><td>9.1.10) Calendário de Eventos</td></tr> <tr> <td>8) Endereço e Contatos</td><td>9.1.11) Links</td></tr> <tr> <td>9) MENUS</td><td>9.1.12) Revista</td></tr> <tr> <td>9.1) SOBRE Acesa com 12 itens</td><td>9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens</td></tr> <tr> <td>9.1.1) Página Inicial</td><td>9.2.1) Paz no Mundo Camará</td></tr> <tr> <td>9.1.2) Quem somos</td><td>9.2.2) Lapinha Museu Vivo</td></tr> <tr> <td>9.1.3) Mestre João Angoleiro</td><td>9.2.3) Aldeia Kilombo</td></tr> <tr> <td>9.1.4) Capoeira Angola</td><td>9.2.4) Chamada Capoeira Angola</td></tr> <tr> <td>9.1.5) Dança Afro</td><td></td></tr> <tr> <td colspan="2">10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e claro. Letras: sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.</td></tr> </table>	3) Logomarca e nome do grupo	9.1.6) Frentes de Trabalho	4) Galeria de Imagens	9.1.7) Treinos	5) Vídeos	9.1.8) Rodas	6) Publicações	9.1.9) Produtos	7) Barra Patrocinadores	9.1.10) Calendário de Eventos	8) Endereço e Contatos	9.1.11) Links	9) MENUS	9.1.12) Revista	9.1) SOBRE Acesa com 12 itens	9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens	9.1.1) Página Inicial	9.2.1) Paz no Mundo Camará	9.1.2) Quem somos	9.2.2) Lapinha Museu Vivo	9.1.3) Mestre João Angoleiro	9.2.3) Aldeia Kilombo	9.1.4) Capoeira Angola	9.2.4) Chamada Capoeira Angola	9.1.5) Dança Afro		10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e claro. Letras: sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.	
3) Logomarca e nome do grupo	9.1.6) Frentes de Trabalho																												
4) Galeria de Imagens	9.1.7) Treinos																												
5) Vídeos	9.1.8) Rodas																												
6) Publicações	9.1.9) Produtos																												
7) Barra Patrocinadores	9.1.10) Calendário de Eventos																												
8) Endereço e Contatos	9.1.11) Links																												
9) MENUS	9.1.12) Revista																												
9.1) SOBRE Acesa com 12 itens	9.2) PROJETOS DA Acesa com quatro itens																												
9.1.1) Página Inicial	9.2.1) Paz no Mundo Camará																												
9.1.2) Quem somos	9.2.2) Lapinha Museu Vivo																												
9.1.3) Mestre João Angoleiro	9.2.3) Aldeia Kilombo																												
9.1.4) Capoeira Angola	9.2.4) Chamada Capoeira Angola																												
9.1.5) Dança Afro																													
10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e claro. Letras: sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.																													
ENTREVISTAS: Mestre Jurandir e Jeane Júlia	ENTREVISTAS: Mestre João Angoleiro, Tales Badeschi e Bernard Machado																												

A seguir serão analisadas as mídias institucionais da Fica-BH e Acesa considerando o tipo de regime de interação, operados tanto nos níveis objetivos de ação, quantos nos subjetivos. Uma das questões apriorísticas aqui levantadas refere-se a verificação pragmática de um suposto processo de midiatização, o qual talvez estivesse ocorrendo nas interações em grupos de cultura popular tradicional, mais especificamente num tipo específico de cultura de raiz de matriz africana de Belo Horizonte conhecida como capoeira angola. Premissa aqui verificada como verdadeira. Sim, há pelo menos cinco anos os grupos Fica-BH e Acesa estão em pleno processo de midiatização.

A Fundação Internacional de Capoeira Angola não só possui um blog específico da Fica-BH (criado em 2009), como em demais 17 frentes de trabalho

espalhadas por quatro estados brasileiros (MG, RJ, SP, BA), em quatro continentes (Américas do Sul Central e do Norte, Europa, África e Ásia). Seu perfil no Facebook, criado em fevereiro de 2011, possuía 1591 amigos até o final de junho de 2012. A Acesa apesar de produzir vídeos autorais desde 1996, ingressou institucionalmente na internet em 2005 com a criação de domínio próprio, site e caixa de e-mails institucionais. Hoje, além do site e da fan page no Facebook, com 239 opções de curtir, possui dois blogs (Primavera Kaiundê, Paz no Mundo Camará, Casinha) e três perfis no Facebook de outras frentes de trabalho (Ponto de Educação e Cultura Flor do Cascalho, da Irmandade de Atores da Pândega), produz conteúdos videográficos divulgados pelo you tube, uma revista própria (Angoleiro é o que Eu Sou!) e um projeto transmídia (DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ, contendo documentário televisivo, curta metragem, making of e encarte gráfico). Sem contar os eventos presenciais, que ocorrem pelo menos uma vez por ano em ambos os grupos.

Todas essas estratégias comunicativas têm um objetivo comum: eles são um instrumento de contato, de interação. Servem para proporcionar a interação comunicativa entre os sujeitos sociais. E é justamente o ato interativo aquele que permite a troca entre subjetividades diferentes. E resulta na compreensão do universo simbólico social de sentidos compartilhados, daquilo que é considerado por Mead como a “realidade da vida cotidiana” dos sujeitos. Para iniciar uma compreensão do tipo de interação realizada pelo blog da Fica-BH e o site da Acesa, será necessário fazer uma incursão semiótica nesse universo simbólico focando atenção especificamente no regime de *junção* (GREIMAS, apud FECHINE, 2010). Justamente o tipo de interação vivenciada por essas mídias institucionais. O que caracteriza o regime de junção é o fato dos actantes, no caso Fica-BH/ Acesa e o interlocutor internauta, estabelecerem seu contato através de um discurso-objeto, aqui o blog e o site. Esse estudo verificou que ambas as mídias na perspectiva dos *Modos de Existência*, ou os motivos que levam uma pessoa a *ser* algo, operam através da *programação* (LANDOWSKI, apud FECHINE, 2008). A programação trata das regularidades simbólicas manifestadas por meio da estereotipia. Sua função é facilitar a absorção de práticas rotineiras, baseadas em regularidades físicas ou biológicas (mesmas ações, mesmos efeitos) ou em regularidades de ordem social e simbólica (como as boas maneiras, comportamentos automatizados, coerções sociais). É a potencialização de ações que podem ser internalizadas e assumidas como sendo “naturais”. A programação pode ser observada no conjunto das fotos

dos posts, que de maneira global possuem o objetivo explícito de divulgar os eventos e rodas da Fica e da Acesa. Mas simultaneamente as fotos demonstram e indicam os comportamentos normativos do grupo, seja pelo uso do uniforme, pelo posicionamento dos instrumentos na formação da bateria. Ou mesmo a reiteração da participação contundente do treinel Tiago, da Fica, ou de Mestre João Angoleiro, da Acesa, como exemplos do tipo ideal de angoleiro: participante, comprometido com domínio de movimentos e da musicalidade.

Já no que se refere aos *Modos de Ação*, ou os motivos que levam uma pessoa a *fazer* algo, o blog da Fica-BH apresenta características de *manipulação* e *ajustamento* e o site da Acesa apresenta somente características de manipulação (LANDOWSKI, apud FECHINE, 2008). A manipulação é um procedimento persuasivo eficaz, fundado pela intencionalidade, levando o outro a um querer ou dever fazer, no sentido de influenciar a pessoa para participar efetivamente de algo. No caso estudado o estímulo ao internauta a participar do grupo, das rodas, dos eventos. Também se pode observar a manipulação tanto nas fotos, quanto nos textos. Ambos possuem a intenção de orientar o leitor a realizar um ato, ou seja, conhecer o seu trabalho de capoeira angola realizado em Belo Horizonte. Nesse estudo a manipulação foi notada nos itens móveis do blog da Fica-BH, através da valorização dos posts de eventos e rodas, que tem o objetivo explícito de levar o outro a querer fazer.

No blog a manipulação foi percebida tanto nos itens fixos quanto nos móveis. Nos itens fixos ela pode ser notada pela ausência de marcadores de visitaço (desta forma o internauta não tem como mensurar a frequência do blog); no posicionamento do bloco de textos no lado direito da tela (prioridade visual); pela colocação da logomarca acima das informações do bloco (pontua hierarquização e prioridade); pela utilização das cores amarelo e preto em conjunção com logomarca da Fica. Todos, elementos utilizadas para criar um ambiente angoleiro de identificação imediata aos capoeiristas. Nos itens móveis a manipulação é visível pela tematização dos posts que apresenta a Fica com sendo um grupo de mobilização, pois realiza muitas rodas abertas e eventos em vários lugares da cidade e do mundo. No entanto, no mundo da vida a Fica-BH possui poucos membros (menos de 20) e a frequência de sua roda de capoeira ordinária é mensal. Foi também percebido nos itens fixos no blog da Fica o regime de ajustamento, que é um tipo de interação a partir do contato/contágio virtual. O ajustamento foi

percebido pela inserção nos itens fixos do blog links para outras 17 frentes de trabalho da Fica pelo mundo e para o perfil da Fica no Facebook.

Por sua vez o site da Acesa também apresenta características de manipulação tanto nos itens móveis, quanto nos fixos. Nos itens fixos a manipulação pode ser notada pela ausência de marcadores de visitação, pela escolha das cores amarelo e preto e pelas temáticas das fotos em flash, com temáticas de capoeira angola e dança afro. Curiosamente a forma de manipulação dos itens fixos do site da Acesa é similar a do blog da Fica. Ela pode ser observada pelo posicionamento dos menus do site na barra lateral direita (prioridade visual), pelas cores amarelo e preto presentes em 2/3 da visualização, pelo posicionamento da logomarca com destaque hierárquico e pela tematização do menu.

4.1.1 MÍDIAS INSTITUCIONAIS: Marcadores de Tradição relacionados aos Níveis de Significação

No subcapítulo anterior foi verificado que os grupos de capoeira angola aqui analisados estão em pleno processo de midiatização. A seguir serão apresentados os resultados da verificação empírica, onde foi observado como estão ocorrendo os processos de transmissão de saberes tradicionais da capoeira angola no mundo virtual, anteriormente ancorados exclusivamente nas interações presenciais e na oralidade. Bem como as estratégias comunicativas adotadas por esses grupos no sentido de perpetuar sua cultura, amplificar seu poder social, atualizar seus códigos identitários tradicionais, avançarem e se diversificarem no campo midiático e assim mesmo manterem-se tradicionais.

Antes de apresentar as conclusões aqui obtidas, certamente é importante demonstrar como a tradição é percebida no mundo da vida por eles: os agentes diretos de transmissão de conhecimentos. Ou seja, os mestres de capoeira angola e os administradores das mídias aqui analisadas, no caso, são seus alunos angoleiros. Para mestre Jurandir (Fica-BH) um dos aspectos importantes da tradição está no fato dela favorecer o encontro e a troca de informação entre as pessoas:

A maioria das manifestações da cultura popular tem que ter esse lugar, aonde a gente se reúne pra trocar informações e aproveita realmente pra fazer a nossa roda de capoeira. Então isso aí é uma tradição. Porque naquela época era assim: não tinha um lugar pra treinar, mas tinha um lugar pra fazer roda. Porque naquela não tinha escola de capoeira. A gente está falando bem do início, da época de origem dela. Uma coisa muito interessante que a gente sempre fala: uma roda que acontecia, por exemplo, no Barbalho, em Salvador.... Aquele mestre que morava lá em Piripiri sabia que tinha aquela roda ali.... Como ele sabia? Não tinha celular, telefone nem nada. Mas ele sabia. E outra coisa: tinha que ser escondido. Não podia passar informação, essas coisas, por causa da repressão policial. E aí você imagina como era feito isso.... Nós temos também uma informação de que o Mestre Pastinha trabalhava de vigia numa fábrica e ainda aproveitava pra chamar a galera pra treinar de noite lá no fundo, escondido. E aí eu fico imaginando como o pessoal conseguia fazer essa roda de capoeira em determinado lugar.... Isso tanto em Salvador como no Rio. **Por isso que eu falo que queira ou não, mesmo com o celular, o computador, internet, satélite e tal, a gente ainda mantém uma tradição de contato. E isso acaba acontecendo porque a gente se encontra, nem sempre pra roda, mas trocar informação.** A gente está levando, às vezes, uma informação de outro evento, outro grupo. Aí a gente acaba transformando esse local pra estar dividindo e nos formando... (Mestre JURANDIR, Anexo A.1, p.163. Grifos da autora)

A administradora do blog e Facebook da Fica-BH, Jeane Júlia, ressalta a importância do repasse de conhecimentos entre as gerações e das mudanças sofridas por esses através dos tempos. Veja os trechos da conversa de Jeane e essa autora sobre o tema:

- “-Tradição, pra mim, é o repasse de pai pra filho, de mestre pra discípulo
- Repasse de quê?
- Da cultura, da informação, da tradição.... Falando de capoeira angola: daquele contexto todo que o mestre aprendeu com o mestre dele..... Eu acho que é a tradição que se passa de mestre pra discípulo, que futuramente vai ser mestre e vai passar pra outro discípulo. Eu acho que tradição é isso, é o repasse...
- Repasse de conhecimentos entre gerações.... Quais são os componentes que você consegue identificar como sendo tradicionais na capoeira?
- Então, da capoeira angola eu acho que é muita coisa. Eu acho que (...) desde Pastinha pra cá (...) desde as histórias de mestres, ritmo, música... Até movimentos. A gente estuda muito o movimento da capoeira. O que é isso? Da onde que ele vem? Por que o meu mestre me ensinou isso? E eu vejo muito que tem uma diferença de um grupo pra outro por causa de linhagem. Eu fiz algumas oficinas, por exemplo, na ACANNE (Salvador, Mestre Renê), que é uma outra linhagem da capoeira (Paulo dos Anjos, Canjiquinha), que é interessante de saber, assim.... São mestres da mesma época e que tinham....
- Maneiras de desenvolver a corporiedade de uma forma diferente. O mesmo movimento, só que feito de um jeito de corpo diferente.
- Até o ritmo é um pouco diferente, eu acho.
- Então você identifica que mesmo a tradição possui uma diferenciação na maneira de fazer, que é de cada indivíduo?
- É... Eu acho até porque, por exemplo, Mestre Pastinha... Ele foi aluno do Bené (Bendito) e esse mestre teve outros alunos e que aí, na época, teve a outra capoeira de rua. E essas pessoas aprenderam ali e foram cada uma pra um canto. E eu acho que é daí que vem a falange. O Mestre Bené, por

exemplo... Ele está aqui e aí vem o Mestre Pastinha, e aí foi fazendo a árvore (genealógica da capoeira)”(trecho entrevista com JEANE, Anexo A.2, p. 167)

O Mestre João Angoleiro, da Acesa, tem uma visão complementar ao pensamento de Jeane:

- Eu acho que (as tradições) são as coisas que foram se sedimentando com o tempo. Nessa recriação da cultura africana no Brasil, eu acho que todas as manifestações da capoeira angola, candomblé, umbanda, culto aos ancestrais, moçambique ...todas essas manifestações são recriações do ritual africano no Brasil. Então algumas coisas se perderam, outras foram acrescentadas e outras, recriadas. Eu acho que essas coisas que ficaram secularmente amalgamadas... todas formam uma tradição.
- E o senhor consegue identificá-las?
- Eu acho que sim. Os ditados populares: ‘o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada’, ‘o mundo de Deus é grande, cabe numa mão fechada’(...) E também tem ladainhas e fundamentos de solicitação de luz, de pedido de orientação divina, como, por exemplo: ‘Meu Deus tem piedade quando estamos na cadeia. Se o cruzeiro está escuro, meu Deus acende essa candeia.’ Quer dizer, estamos perdidos na escuridão, dai-nos a luz da sabedoria para nos guiar nessa situação. Então, estes são fundamentos da cultura...
- Então são oralidades que tratam de elementos simbólicos...
- E isso como um dos aspectos do ensinamento. Outro aspecto que eu acho, por exemplo, quando você faz uma negativa...
- Que é um movimento de capoeira.
- Um movimento de capoeira defensivo que se faz dobrando-se para os lados, alongando o seu lado completamente, ou então deixando-se cair no chão lateralmente para que os golpes circulares passem. O lado significa a região do corpo onde trocamos as nossas experiências com o outro, com o mundo, né? Então alongar e tratar disso corporalmente e fisicamente leva uma mensagem pra personalidade de flexibilidade, de negociação. Então a atitude corporal deixada pelos nossos ancestrais são grandes ensinamentos, que vão perpetuar o tipo de atitude relacional na comunidade, no mundo, na forma de ser. E isso é fundamental também, né? **Então tem conhecimentos que vão direto pro inconsciente coletivo através da tradição oral e através da tradição da corporeidade também e de como o ritual funciona organizando a vida pública da pessoa. O fato de você estar numa roda de capoeira, e pra você jogar, tem que ter um monte de gente tocando um tambor pra você e outros cantando. Significa um grande ensinamento pra perpetuar valores de solidariedade, de cooperação, de respeito mútuo, de códigos que estão colocados ali e vão levar pra nós um reflexo pra vida muito forte.** (trecho de entrevista com MESTRE JOÃO ANGOLEIRO, Anexo B.1, p. 170, Grifos da autora.)

Já os administradores do site da Acesa, Tales e Bernard incluem nessa discussão sobre tradição dois novos elementos, a importância do mestre para o repasse dos conhecimentos e a contribuição das mídias nesse processo:

Tradição pra mim são valores transmitidos através do tempo, principalmente através da cultura. São valores e práticas que se perpetuam no tempo, através da transmissão ancestral. Coisas que não acabam porque algumas pessoas são guardiões dessas tradições, cultos, rituais, praticas, costumes... Porque eles carregam valores que são importantes para essas culturas e através da transmissão às vezes oral, ou elas se perpetuam e sofrem alterações. Porque é claro que as tradições estão abertas a coisas novas também, elas se modificam, existem novas tradições, novíssimas tradições. Mas acho que tem mais a ver com valores que são importantes e acabam se perpetuando. (BERNARD, Anexo B.2, p. 172)

Tradição é tudo aquilo que permanece, apesar de estar em constante mudança. As gerações se renovam, incorporando novos hábitos, modos de fazer e modificando o seu entendimento do mundo. Os novos adventos da cultura, da mídia, da tecnologia, contribuem para as mudanças de perspectivas de uma geração. Este é um processo natural inevitável. A tradição é tudo aquilo que permanece de uma geração para outra, aquilo que é tão caro que é repetido pelas gerações mais novas. É aquilo que não vale a pena perder ou transformar, apesar de, paradoxalmente, ser dinâmica e mudar-se constantemente. (TALES, Anexo B.3, p.172)

Se a tradição é uma forma de transmissão de conhecimentos ancestrais, o jeito “como ligamos o presente ao passado”, como resumiu o treinel Ricardo (administrador da fan page da Acesa no Facebook)³⁹, certamente os fatores tradicionais culturais, justamente por não serem de todo rígidos, mas ao contrário, maleáveis e adequados aos tempos, não iriam se perder no mundo virtual midiático. Assim, esse estudo verificou que é possível, sim, identificar os dispositivos de manutenção e de atualização das identidades tradicionais nas ações midiáticas destes grupos. Tal operação foi realizada a partir da análise⁴⁰ do site e do blog dos grupos de capoeira, com o aporte dos marcadores de tradição desenvolvidos para essa empiria.

Marcadores de Tradição são marcadores analíticos desenvolvidos por essa autora especificamente para identificar, a partir dos traços tradicionais do mundo da vida, como se muda no mundo virtual para permanecer o mesmo. São eles: ritualidade/rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão⁴¹. Outra forma de se analisar os componentes tradicionais foi procurar percebê-los através dos *Níveis de Significação*. Assim os discursos, textual e imagético, do blog da Fica-BH e site da Acesa também foram averiguados através de análise denotativa (aspectos da

³⁹ Fonte: entrevista de Ricardo Avelar, Anexo B.4, p. 172.

⁴⁰ Para acompanhar a análise de forma global veja Anexos C e D (TABELAS 3c e 4d), p. 173 e 190.

⁴¹ Veja descrição completa de cada uma das categorias elencadas no item 3, p. 78.

linguagem e antropológicos) e conotativa (aspectos culturais). Logo abaixo, na Tabela 7, é apresentado um resumo comparativo entre essas mídias levando em conta os Marcadores de Tradição. E na Tabela 8 será realizado um comparativo entre a presença dos elementos tradicionais nos Níveis de Significação denotativos e conotativos das mídias institucionais aqui enfocadas.

TABELA 7 – ANÁLISE COMPARATIVA MARCADORES DE TRADIÇÃO		
MARCADORES DE TRADIÇÃO	BLOG Fica-BH Predominância da imagem em relação ao texto	SITE Acesa Predominância do texto em relação à imagem
RITUALIDADE/ ROTINA	Ritualidade reforçada principalmente nas fotos. Elementos: VESTUÁRIO: POSICIONAMENTO na RODA, ORGANIZAÇÃO DA BATERIA com oito instrumentos, da esquerda para direita: agogô, reco-reco, pandeiro 1, berimbau gunga, b. médio, b. viola, pandeiro 2, atabaque (modelo da escola pastiniana); MOVIMENTO CORPORAL. ROTINA: pratica recorrente das rodas no decorrer dos anos	Ritualidade percebida nas fotos em Flash, no conteúdo temático das postagens, na formatação dos eventos (não são somente de capoeira, com a participação de dança afro, candombe, candomblé, congado, samba, reggae). Elementos: VESTUÁRIO, ORGANIZAÇÃO DA BATERIA: da esquerda para direita- atabaque berimbau gunga, b. médio, b. viola, pandeiro 1, pandeiro 2, reco-reco, agogô (difere do modelo pastiniano); RODA: CIRCULARIDADE e ESPIRITUALIDADE relaciona a cultura à religiosidade; ROTINA: MENU NOTÍCIAS EM DESTAQUE - "Compareça nas rodas da Acesa"- explicitada no texto "de segunda à sábado, uma roda pra vadial"
ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA	Demonstrada principalmente na foto (colorida e com texto sobreposto) do post "primeira roda do ano de 2012". As pessoas estão posicionadas para FORMAR UM CIRCULO. POSICIONAMENTO: mestres Cobra Mansa e Jurandir estão sentados nos extremos da linha da bateria, mas mantendo a Circularidade da roda. Tal posição, ambos na extremidade da bateria, indica que eles são do mais alto nível hierárquico na roda. Apesar de estarem sentados em círculo, no momento da foto estava acontecendo uma conversa e não um jogo, o que marca a importância ORALIDADE. HIERARQUIA-FUNÇÕES ESPECÍFICAS: Na bateria somente os mestres, contramestres e treineis são quem tocam os berimbaus e o atabaque (instrumentos principais)	percebida na TEMATIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS, TÍTULOS DE EVENTOS; no VESTUÁRIO- amarrações nas fotos dança afro, técnica ancestral de vestimenta; REMEMORAÇÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS ANCESTRAIS constantes no vídeo anexo a postagem "Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg, dias 16, 17, 18, 19 e 20 de maio" a imagem congelada do vídeo anexo ao post faz alusão a um tempo primitivo, POSICIONAMENTO DOS MESTRES EM LOCAL DE DESTAQUE NA RODA conteúdo do apresenta a transmissão de saberes capoeirísticos, valorização de outras expressões culturais. HIERARQUIA percebida no POSICIONAMENTO NO TEXTO - menu "Sobre a Acesa": inicia com instituição, mestre responsável pela transmissão de saberes, depois seguem os outros 10 itens do menu. POSICIONAMENTO NA RODA- fotos onde os mestres figuram ou tocando os berimbaus.
MUSICALIDADE ORGANICA	Destacada em todos os posts de imagens (fotos, arte do cartaz e logomarca). Nelas as pessoas ou estão constantemente tocando, cantando e mantendo o ritmo (tem fotos das pessoas trocando de instrumentos = noção de continuidade), ou segurando algum instrumento.	percebida tanto na ilustração, em todas as fotos em flash de capoeira angola, em uma foto de dança afro, quanto nas fotos fixas do menu Imagens, no vídeo anexo a postagem "Lapinha 2012 – programação", o qual enfatiza a bateria de capoeira angola tocando enquanto o mestre João Angoleiro passa os movimentos durante Oficina; no momento que mostra as rodas de capoeira, na apresentação da Companhia Primitiva de Arte Negra, na apresentação de samba do Mestre Conga, na procissão dos reinados e candombes.
CIRCULARIDADE	Percebida presente na forma da logomarca, nas fotos das rodas, onde as pessoas formam a roda com seus corpos, como na mudança de ocupação de espaço na roda, hora tocando, hora jogando, hora está sentado formando o círculo do território capoeirísticos aguardando jogar e cantando, bem como na execução da roda em vários locais da cidade: sedes (UFMG2012, Bonfim- 2011), Centro - Praça Sete e Feira Hippie, Santa Efigênia, Pe. Eustáquio.	presente na forma das logomarcas da Acesa, Flor do Cascalho, Aldeia Kilombo Século 21; Percebida principalmente nas fotos 1.3 e 1.6 e no vídeo durante a formação das rodas de capoeira e de conversa
MANDINGA	o blog possui várias postagens de rodas, mas não indica quando acontecem as rodas permanentes da Fica em BH (ocorrem sempre na primeira quarta-feira do mês). Pode ter sido um lapso de quem fez o blog, mas talvez seja uma estratégia de preservação do grupo, já que trata-se de um grupo pequeno (até 20 alunos fixos)	não existe qualquer alusão que faça relação entre a sigla Acesa e nome Associação Cultural Eu Sou Angoleiro; As cores do site, amarelo e azul, são a reprodução uma foto das paredes internas da sede física da Acesa, representa a intenção de trazer para a virtualidade a ambientação da sede física; Nome do grupo "Eu Sou", ou atma (em sânscrito) não é a simples afirmação do ego, mas a chave de acesso a alma, manifestada de forma física. Só de se ler em algum nível, já se está trabalhando com a espiritualidade.

CORPOREIDADE	Presente em todas as imagens do blog (fotos, arte do cartaz e logomarca), onde as pessoas utilizam do corpo para se expressar na roda (jogo de capoeira Angola). Na logomarca da Fica se apresenta uma corporeidade de amplo sentido. A imagem dessa corporeidade induz ao sentido da existência de um jogo, um diálogo tanto de corpos, quanto das culturas afro e brasileira.	Percebida em todas as imagens do site, nas imagens dos menus "galeria de imagens" e publicações. Presente também na logomarca da Acesa –sugere diálogo de corpos. utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada em três níveis: corpo, mente e espírito.
ORALIDADE	Presentes de forma fixa e textual em dois momentos no blog: como Citação de mestre Pastinha (alto do blog) e como informação de para a o texto "A Fundação Internacional de Capoeira Angola- Fica- BH". "Capoeira é para homem, menino e mulher, Só não aprende quem não quer". O texto "A Fundação Internacional de Capoeira Angola- Fica- BH", foi criado a partir de informações adquiridas da oralidade de mestre Jurandir. Nas imagens de rodas onde as pessoas aparecem cantando.	Nas imagens de rodas onde as pessoas aparecem cantando; no vídeo anexo a postagem "Lapinha 2012 – programação", mestre João Angoleiro faz apresentação dos mestres presentes no evento; no momento que mostra as rodas de capoeira com cânticos na apresentação de samba do Mestre Conga, na procissão dos reinados e candombes.
PERTENCIMENTO SOCIAL	Demarcado escolha das cores amarelo e preto (remetem à linhagem da escola pastiniana) para serem as cores oficiais do blog, pelo uniforme possuem as cores preto e amarelo e contem a logomarca do grupo.	Percebido tanto na escolha da imagem de fundo do site (foto da parede da sede da Acesa), pela predominância das cores amarelo (fundo e retículas) e preto (cor das letras) - remetem à linhagem da escola pastiniana, pelo uso do uniforme com a logomarca do grupo.
PERPETUAÇÃO TEMPORAL dos COSTUMES-	Demarcada nas fotos pela existência de uma hierarquia - aluno, treinel, contramestre e mestre- a qual conota que houve o investimento de pelo menos 20 anos de atividade capoeirística de alguns integrantes do grupo. Também pela adoção coletiva do uniforme como indumentária do grupo, formação da roda com oito instrumentos e musicalidade orgânica. Realização dos eventos Conferencia Internacional da Fica, Permangola, Festa Junina, Oficina com Mestre Bigo, Rodas de Rua que favorecem a convivência em grupo, o diálogo e troca de saberes.	Percebida nas fotos pela existência de uma hierarquia - aluno, Treinel e mestre- a qual conota que houve o investimento de pelo menos 15 anos de atividade capoeirísticos de alguns integrantes do grupo. Também pela adoção coletiva do uniforme como indumentária do grupo, pela formação da bateria de capoeira com oito instrumentos; pela musicalidade orgânica; na escolha editorial dos assuntos dos menus "Sobre a Acesa" (Capoeira Angola e Dança Afro) e "Projetos da Acesa"(Lapinha Museu vivo, Aldeia Kilombo) os quais explicitam a valorização/ intercambio de informações entre outras expressões culturais, através da realização de eventos entre comunidades afins que favorecem a convivência em grupo, o diálogo e troca de saberes.
MILITANCIA	Nas fotos do index observa-se que os mesmos componentes estão presentes em diferentes rodas e eventos. Bem como a realização das rodas em locais públicos (ampliar a visibilidade do fazer cultural) e eventos em diversos locais e regiões da cidade e do estado, como o evento Permangola (dezembro de 2011), que aconteceu em Rio Acima, há 43 km de Belo Horizonte.	Notada tanto nas fotos em flash, que apresentam as mesmas pessoas participando de eventos diversos, nas "Notícias em Destaque": "Aldeia Quilombo Século 21", "portal da acesso as coleções Educadores e História da África", "Compareça nas rodas da Acesa", quanto no menu "Sobre a Acesa" (treino, rodas, calendário de eventos) e "Projetos da Acesa" (Paz no Mundo Camará, Lapinha Museu vivo, Aldeia Kilombo, Chamada Capoeira Angola).
AUTONOMIA e AUTO-GESTÃO	As imagens ressaltam que todos as postagens, sejam de roda ou de eventos, são de iniciativa e realização da Fica, sugere auto-gestão do evento através da cobrança de uma taxa de inscrição. Sendo que algumas rodas e eventos estão vinculados a participação e realização conjunta com a Associação de Capoeira Angola Dobrada (ACAD). Também não há nenhum indicativo que as atividades sejam patrocinadas.	"Notícias em Destaque", post "Inscrições Lapinha 2012", que sugere uma auto-gestão do evento através da cobrança de uma taxa de inscrição. Há uma barra de patrocinadores e realização, composta pelas logos do prêmio Capoeira Viva, Ministério da Cultura, Petrobras, Flor do Cascalho e Eu Sou Angoleiro, demonstra que o grupo possui uma organização institucional e apesar do patrocínio, possui autonomia de trabalho (pois as logos da Acesa, e não as dos patrocinadores, figuram em local de destaque).

A averiguação dos dados acima (aliado a uma leitura mais cuidadosa dos Anexo C - Tabela 3c e Anexo D- Tabela 4d, p.173 e p.190), possibilita a conclusão que **tanto no blog da Fica-BH, quanto no site da Acesa estão presentes todos elementos de tradição do mundo da vida.** Eles foram percebidos principalmente nas imagens (fotos, ilustrações, logomarcas e vídeos), onde os elementos identidade cromática (cores amarelo e preto) vestuário (uniforme), roda (circularidade), instrumentos (musicalidade) orgânica, gestos (movimentos/posicionamento), logomarca do grupo, espiritualização, são elementos recorrentes em diversos marcadores simultaneamente. Acesa e a Fica-BH também

apresentam elementos tradicionais na linha editorial das informações (hierarquização). Se no blog a predominância significativa é da imagem do capoeirista angoleiro, no site o texto e o contexto são ainda mais utilizados como elementos significativos de transmissão de saberes ancestrais. Desta forma a midiatização da Acesse se difere da Fica principalmente no formato mais informativo de seu site e pela programação inclusiva de seus eventos. Pois eles abrangem outras manifestações de raiz de matriz africana além da capoeira angola - como a dança afro, as religiosidades africanas e o samba, sempre iniciando e acabando as atividades culturais com um tipo de benção espiritual. A Tabela 8, a seguir, foi criada justamente para se comparar a linha editorial das mídias e verificar se os marcadores de tradição estão presentes nos níveis de significação das postagens aqui verificadas, ou se existe apenas uma ocorrência casual desses elementos no conteúdo simbólico midiático analisado.

TABELA 8 – ANÁLISE COMPARATIVA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO		
NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO	BLOG Fica-BH Predominância da imagem em relação ao texto	SITE Acesse Predominância do texto em relação à imagem
DENOTAÇÃO	CONTEÚDOS MÓVEIS: 23 fotos 1 vídeo 1) Cinco posts de RODAS - texto de título e imagem (19 fotos), sem comentários, tanto do enunciator, quanto do enunciário; 2) Dois posts de EVENTOS (4 fotos e 1 vídeo)	CONTEÚDOS MÓVEIS: 12 fotos, 5 textos, 1 vídeo 1) 12 Fotos em flash - 1 ilustração sobre roda de capoeira angola, 5 imagens de praticas de capoeira angola (rodas de jogo e de oração), 4 imagens de praticas de dança afro 2) Notícias em Destaque; 2.1) Três posts de eventos; 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das rodas.
CONOTAÇÃO	Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.
DENOTAÇÃO	CONTEÚDOS FIXOS: 8 assuntos; MENUS – 7 temas 3) ASSUNTOS do Blog (7 temas 3- 3.1) A Fica NO MUNDO; 3.2) Encontro Internacional de Capoeira Angola; 3.3) Eventos da Fica 3.4)Fotos;3.5) MÚSICA;3.6) Seminário; 3.7) SOBRE A Fica; 4) LOGOMARCA da Fica; 5) A Fundação Internacional de Capoeira Angola – Fica BH; 6) Horários de TREINOS; 7) Contatos; 8) LINKS de outras Frentes de Trabalho; 9) A Fica-BH INDICA; 10) Atalho do FACEBOOK; 11) SEGUIDORES; 12) CORES	CONTEÚDOS FIXOS: 8 assuntos; MENUS – 12 temas 3)Logomarca e nome do grupo; 4) Galeria de Imagens; 5) Vídeos ; 6) Publicações; 7) Barra inferior: Patrocinadores; 8) Endereço e Contatos; 9) MENUS - 9.1) Sobre Acesse com 12 itens: 9.1.1)Página Inicial; 9.1.2) Quem somos; 9.1.3) Mestre João Angoleiro; 9.1.4) Capoeira Angola; 9.1.5) Dança Afro; 9.1.6) Frentes de Trabalho; 9.1.7)Treinos; 9.1.8) Rodas; 9.1.9) Produtos; 9.1.10) Calendário de Eventos; 9.1.11) Links; 9.1.12) Revista; 9.2) PROJETOS da Acesse com quatro itens: 9.2.1) Paz no Mundo Camará; 9.2.2)Lapinha Museu Vivo; 9.2.3) Aldeia Kilombo; 9.2.4) Chamada Capoeira Angola; 10) Cores;
CONOTAÇÃO	Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, circularidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.

Verificando os dados da tabela acima se pode afirmar no que se refere aos itens móveis, tanto o blog, quanto o site, apresentam todos os 11 marcadores de tradição em seus conteúdos. Ressaltando o fato do site se mostrar mais tradicionalista e informativo que blog, pois além das fotos e vídeo, contém 5 textos com conteúdo tradicional. Essa predominância de textos do site também é averiguada nos conteúdos fixos entre eles. Se por um lado ambos possuem oito

assuntos fixos, o blog possui apenas sete temas em seu menu, enquanto o site possui 12 temas no menu. Certamente é esse fator informativo do site da Acesa, expresso através de uma linha editorial comprometida com a transmissão de saberes ancestrais, amplia o caráter tradicional dessa mídia em relação ao blog.

No que se refere a identificação dos elementos tradicionais e a título de exemplificação da metodologia aplicada, dentre os 76 itens averiguados a seguir serão destacadas as análises conotativas das logomarcas da Fica e da Acesa. As quais são aqui considerados como os elementos imagéticos mais significativos, justamente por explicitarem as intenções subjetivas de cada um dos grupos.

TABELA 9. A – LOGOMARCA FICA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO

	DENOTAÇÃO - 4.1) Letras e imagens pretas, fundo branco; 4.2) Texto: Fundação Internacional de Capoeira Angola, escrito de forma circular; 4.3) Imagens dentro de um círculo, alusão ao globo terrestre – 4.3.1) O contorno de uma pessoa (homem) fazendo bananeira e olhando para frente (cor: preto total); 4.3.2) Uma zebra dando um coice (cor: listrada); 4.3.3) dois continentes: americano e africano, a pessoa está sobre o Brasil e a Zebra sobre a África, a pata da zebra e o pé da pessoa se tocam; 4.3.4) dois berimbaus cruzados ligam o continente africano e o Brasil; CONOTAÇÃO - Na LOGOMARCA da Fica está muito clara a noção de circularidade, apresentada tanto pelo círculo externo, quanto pelo interno. O círculo externo é uma cobra engolindo o próprio rabo. A imagem da cobra deriva da imagem do Ouroboros - dragão que come a sua própria cauda, um dos mais antigos elementos da cultura humana. Algo que se enrola em si mesmo para se defender de seus adversários. Para os africanos a imagem remete a criação do mundo, dá ideia de continuidade, de perigo e atenção. O círculo interno que é uma alusão ao globo terrestre (reforça a ideia de globalização). Dentro do globo terrestre há um destaque para o Brasil (esquerda) e para África (direita). Dois berimbaus cruzados unem esses dois continentes (americano e africano). O berimbau é um instrumento sagrado tanto no Brasil quanto na África, o que remete a espiritualidade incrustada nessa prática. Sobre o Brasil existe a figura de um homem negro fazendo bananeira. Essa imagem faz alusão a origem da capoeira como sendo afro-brasileira, bem como demonstra que os angoleiros da Fica possuem destreza de movimentos, além de perceberem a realidade de outro ângulo, que não o da normalidade de quem vê vida somente sobre os pés. Sobre o continente africano para a imagem de uma zebra dando um coice. Para os capoeiristas a zebra tem um significado correlato a capoeira (derivado da tradição oral que diz que as matrizes culturais da capoeira são de origem africana e derivam de uma dança tribal conhecida como N'Golo, ou Dança da Zebra). A zebra está dando um coice, fazendo uma relação entre o coice e o movimento da capoeira denominado chapa de costas. Um outro elemento que explica a origem de vários movimentos capoeirísticos, baseados nos movimentos dos animais. Os pés do capoeirista e a pata da zebra se tocam. Além de reforçar a impressão de união que capoeira angola faz entre a África e o Brasil, tal contato demonstra que ninguém ali quer agredir ninguém, que o jogo que existe é um jogo "limpo", entre povos irmãos. O texto Fundação Internacional de Capoeira Angola está escrito em letra com serifa, sobre o círculo que forma o mundo. Pode ser interpretado como se Fica quisesse englobar, ou estar presente, em todo o mundo. Por ser um texto com serifa conota que Fica tem interesse no campo acadêmico E tecnológico Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes
--	--

TABELA 9.B – LOGOMARCA ACESA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO

	DENOTAÇÃO - IMAGEM: duas pessoas, sol, triângulo, três berimbaus, roda; TEXTO: EU SOU ANGOLEIRO; ASSOCIAÇÃO CULTURAL; MESTRE JOÃO; 3.2) Texto nome do grupo: Associação Cultural Eu Sou Angoleiro CONOTAÇÃO - IMAGEM: duas pessoas juntas representa interação. Uma está em pé e outra na bananeira significa uma propensão ao respeito a diferentes pontos de vista. Bananeira feita com uma mão indica extremo domínio de movimentos. Pessoas em cima do sol representam pessoas iluminadas. Sol dentro do triângulo sugerem a iluminação nos três âmbitos: corpo, mente e espírito. O triângulo é também o símbolo de MG. Três berimbaus diferentes entre si circundando tudo indicam que a capoeira angola (três berimbaus – corpo, mente, espírito) é universal, ancestral e valoriza a diversidade. A roda reitera noções de diálogo, igualdade, união, oralidade. TEXTO: "Associação Cultural" indica a união de muitas expressões culturais, escrito com letras sem serifa faz referência a uma tendência a institucionalização. A frase está circundando toda a imagem é um elemento de integração. "Mestre João" escrito no centro e abaixo, aponta que existe humildade na pessoa responsável pela instituição. "Eu Sou" binômio que quando pronunciado ativa o alma (alma).
---	---

	"Angoleiro" aquele que adota e transmite os valores ancestrais africanos. "Eu Sou Angoleiro" significa a ativação da espiritualidade pessoal ancestral. Está escrito dentro da roda, representando valores internos. Elementos tradicionais: ancestralidade/hierarquia, ritualidade/ rotina, corporeidade, mandinga, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes.
--	--

Comparando as duas logomarcas nota-se em comum os elementos tradicionais: circularidade, musicalidade orgânica, corporeidade (gesto em comum: bananeira) e oralidade (diálogo de corpos). Justamente os elementos mais significativos aqui percebidos utilizados subjetivamente para o repasse dos saberes tradicionais afro-brasileiros.

4.1.2 MÍDIAS INSTITUCIONAIS: Apropriação e Ações de Resistência

As reflexões do item anterior convergiam para o entendimento das estratégias de manutenção e atualização dos ritos e pertencimentos ancestrais no campo midiático das culturas de raiz. As conclusões cognitivas apontam num primeiro momento para uma utilização prioritariamente publicitária desses meios de comunicação, verificada pela publicação recorrente de eventos no blog e no site. Ou seja, apontam para uma atuação exteriorizada das instituições. No entanto, foi demonstrado que tal impressão é sobrepujada pelo repasse de informações com ênfase em conteúdos simbólicos tradicionais afro-brasileiros, como vestuário, gestos, musicalidade, expressos de forma subjetiva em imagens, textos, plano editorial, aspectos cromáticos e na formatação dos eventos produzidos pela Acesa e Fica-BH.

Se a proposta dessa incursão no mundo midiático das culturas de raiz foi de entender com qual finalidade seus dispositivos sociotécnicos vem sendo utilizados, certamente o texto "Considerações teóricas para a análise dos movimentos sociais", Eduardo Vizer foi eficaz ferramenta conceitual desse trilhar. No referido texto Vizer define "seis dimensões ou eixo de análise comum e compartilhada para todos os coletivos sociais" (2007, p.45). Das quais duas delas aqui foram utilizadas como categorias analíticas: apropriação (de tempo e espaço) e reconstrução de vínculos (família, amor, amizade, instituições de contenção). E a partir da indicação do autor, ambas foram verificadas nos grupos enfocados pelos âmbitos do "Mundo da Vida" e do "Mundo Virtual". A seguir será feito um paralelo

analítico entre o site e o blog levando em consideração a necessidade de identificar como ocorrem a apropriação de tempo e espaço e as ações de resistência destes grupos. De acordo com o informado no item anterior para criar um paralelo analítico entre os grupos foi necessário recortar o objeto de análise. Nas análises realizadas a seguir foram estudados exclusivamente o conteúdo integral das postagens móveis do índice de ambas as mídias, sendo que os conteúdos dos itens fixos não serão aqui contemplados.

No que se refere à apropriação de tempo e espaço no mundo da vida a Fundação Internacional de Capoeira Angola foi criada em 1995 simultaneamente em três capitais: em Belo Horizonte (MG, mestre Jurandir), Salvador (BA, mestre Walmir) e Washington (EUA, mestre Cobra Mansa). Nesses 17 anos a Fica ampliou sua área de atuação para 20 locais, em nove países. Sendo cinco no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Salvador), oito nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), um no México, um no Canadá, um em Lima, dois na Europa (França e Londres), um na África (Moçambique) e um no Japão (Tóquio). Os treinos de capoeira angola da Fica em Belo Horizonte acontecem na Faculdade de Engenharia, campus da UFMG (na Pampulha) com duas horas de duração, três vezes por semana, durante o ano inteiro. As rodas de capoeira ordinárias acontecem mensalmente, na primeira quarta-feira do mês, com três a quatro horas de duração. O grupo, composto por 15 pessoas, também realiza, juntamente com a Associação de Capoeira Angola Dobrada, a roda de rua da capoeira angola de Belo Horizonte, que ocorre pela manhã no terceiro domingo do mês, na Feira Hippie (centro de BH). Anualmente a Fica-BH realiza pelo menos um evento de grande porte, para no máximo 300 pessoas.

A apropriação de tempo e espaço da Fica-BH no mundo virtual inicia em 2010. Dos dois anos de existência do blog, as postagens do índice abrangem um período de onze meses (07/2011 a 06/2012). Nos primeiros seis meses de 2012 o grupo publicou três postagens. Todas elas referem-se a convites propositivos para suas rodas ordinárias, que acontecem na UFMG: 1.1) Roda do mês de Junho!; 1.2) RODA DE MAIO; 1.3) PRIMEIRA RODA DO ANO DE 2012. As sete postagens de 2011 referem-se à divulgação propositiva ou repercussiva de eventos. De agosto a dezembro, em quatro meses, foram realizados dois posts propositivos dos eventos: Permangola, em Rio Acima/MG (dias 9, 10 e 11 de dezembro) e Oficina de Capoeira

com Mestre Bigo, realizada no bairro Bonfim (antiga sede da Fica) e na Praça da Liberdade, em BH (12, 13 e 14 de agosto). Entre janeiro a julho, seis meses, foram publicadas três postagens repercussivas sobre rodas, todas ocorridas no mês de julho, em diversos locais da capital mineira: Maratonas de Rodas em BH- dia 17 (Feira Hippie, Centro), dia 15 (Praça Sete, Centro) e dia 13 (bairro Bonfim, região centro este de BH).

Concluindo a verificação de apropriação de tempo e espaço da Fundação Internacional de Capoeira Angola em Belo Horizonte pode-se afirmar que em relação às atividades executadas no mundo da vida a ocupação do mundo virtual do dispositivo blog é ainda pouco explorada, com tendência a publicização. Pois mesmo que a ideologia política de resistência cultural, de transmissão de saberes tradicionais da capoeira angola no contexto social esteja presente no nível subjetivo dos posts, não é objetivo explícito do grupo divulgar esse tipo de informação. Outro fator que salta aos olhos é o fato deles desenvolverem a 17 anos um trabalho contínuo de treinos e rodas ordinárias na cidade. Curiosamente essa informação encontra-se subvalorizada no mundo virtual, tanto nos posts de conteúdos móveis, quanto nos fixos. Nos móveis a ocorrência é de somente três postagens propositivas de rodas em 2012 e três postagens repercussivas em 2011. E nos fixos aparece em posição de visualização pouco privilegiada, surgindo somente como o terceiro item na ordem de prioridade visual do blog. Também é importante ressaltar sobre a apropriação territorial da Fica no mundo da vida e no virtual. Se por um lado no blog existe um espaço nos itens fixos com links para 17 frentes de trabalho no mundo, comprovando a ampliação do trabalho da Fica em âmbito global, nesses 17 anos de atuação em Belo Horizonte essa ampliação do trabalho da Fica não se reflete no âmbito local. Pois nas fotos das rodas e oficina realizadas na sede do grupo comprovam uma participação de no máximo 15 pessoas no grupo. A percepção é de que a tendência a publicização no mundo virtual esteja vinculada a vontade/necessidade de ampliação da Fica-BH no mundo da vida.

Por sua vez no que se refere à apropriação do tempo e espaço a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro no mundo da vida iniciou suas atividades sob a coordenação de mestre João Angoleiro, em 1993 no centro de Belo Horizonte, através das aulas de dança afro (Companhia Primitiva de Arte Negra) e de capoeira angola (Grupo Eu Sou Angoleiro), institucionalizando-se somente em 2003. Nos últimos 19 anos ampliou seu trabalho pedagógico de capoeira angola e dança afro

para 10 frentes de trabalho, chegando a possuir mais de 300 alunos, distribuídos em sete locais da região metropolitana de BH (bairros Prado, Pampulha, Morro das Pedras, Vila Fazendinha, Contagem, Nova Lima e Lagoa Santa), no Pará (Belém e Ilha de Marajó) e na Itália (Milão). Os treinos de capoeira angola acontecem na sede (Rua da Bahia, Centro, BH) todos os dias da semana a noite e terça, quarta e quinta, pela manhã (com os treinéis do grupo), e sábado a tarde (com o mestre João) durante duas horas/treino. Nas outras 10 frentes de trabalho os treinos acontecem com essa mesma duração, duas vezes por semana. As aulas de dança afro ocorrem na sede às terças e quintas, com o mestre João. Já as rodas de capoeira ordinárias na sede acontecem todos os sábados, com cinco horas de duração. Nas outras frentes de trabalho as rodas acontecem semanalmente, em dias e horários diferenciados. Em relação aos eventos, entre 2009 a 2012 a Acesa realizou 8 eventos de valorização da cultura afro-brasileira e dos saberes ancestrais, sendo divididos em duas temáticas: a primeira relacionada a interlocução entre as varias expressões das culturas de raiz de matriz africana, "Lapinha Museu Vivo" (Lagoa Santa) e "Aldeia Kilombo Século 21" (Centro, BH), e a segunda relacionada a capoeira angola com os lançamentos dos primeiros produtos culturais do "DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá" e o evento "Chamada de Angola" (seminário).

Já a apropriação de tempo e espaço da Acesa no mundo virtual inicia objetivamente com aquisição do domínio do site em 2005, ou seja, vem acontecendo há sete anos. Entretanto, somente os conteúdos dos últimos dois anos e oito meses, foram objetos de verificação pelas análises de primeiro e segundo nível. Em 2012 foram publicados na editoria "Notícias em destaque" (itens móveis do site), três notícias sobre eventos: uma sobre a programação do "Aldeia Kilombo Século 21", ocorreu no centro de Belo Horizonte, e duas sobre o "IX Lapinha Museu Vivo: Encontros de Culturas de Raiz", aconteceu em Lagoa Santa. Nessa editoria também figuram noticias postadas em 2011, "Portal dá acesso às coleções Educadores e História da África", e em 2009, "Compareça nas rodas da Acesa". O outro item móvel analisado foram 12 fotos em flash do index. Dentre as cinco fotos de capoeira angola do grupo Eu Sou Angoleiro que ali figuram, três foram tiradas durante o evento Lapinha Museu Vivo, em Lagoa Santa (entre 2007 a 2009) e duas no grupo Tambor Mineiro (2008), no Prado região oeste de Belo Horizonte. Todas quatro fotos de dança afro da Companhia Primitiva de Arte Negra foram tiradas durante

apresentação do espetáculo Poetórias Afro, no Teatro Marília, centro da capital de Minas (2009).

Após a verificação dos dados de apropriação de tempo e espaço da Acesa pode-se concluir que em relação à proporção das atividades desenvolvidas no mundo da vida o dispositivo site está sendo usado principalmente para sua publicização, ainda que de forma subutilizada. Pois não figuram nos posts verificados da página de notícias nem menção aos outros seis eventos realizados pela Acesa no mesmo período. Além disso, nos seus 19 anos de atuação mundo da vida, uma das grandes preocupações da Acesa é a manutenção de seus espaços de treinos e rodas ordinárias. Esse fato não está proporcionalmente valorizado no mundo virtual, pois o link da notícia “Compareça nas rodas da Acesa”, que está em destaque, já que figura no editorial “Notícias em Destaque” e difundiria os horários da rodas, não funciona desde a época da postagem (2009). Conotando não somente um despreparo técnico de quem foi responsável por essa publicação, como também da ausência da parte editorial do site, mais precisamente no que se refere à técnica. Em relação à ocupação territorial no mundo virtual esse quesito está contemplado nos itens fixos do site, no menu “Sobre a Acesa”, com o título “Frentes de Trabalho”. Também os posts de eventos e as imagens em flash demonstram uma ocupação territorial das ações culturais da Acesa mais ampla, pois se referem a quatro locais da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Mas como esses grupos tradicionais estão mantendo e atualizando os seus ritos e pertencimentos ancestrais no campo midiático? Para dar conta de responder a tal questão este estudo buscou aporte novamente em Vizer utilizando como categoria analítica suas “Ações de Resistência”, aqui avaliadas nos quesitos Instituições de Contenção (vestuário, gestos específicos, pertencimento grupal), Reconstrução de Vínculos (família, amor, amizade) e Transformações (mudança nos hábitos rituais).

Em relação às instituições de contenção em todo o mundo o uniforme do grupo é elemento exigência primordial para participação nas atividades da capoeira angola. Ele é um elemento de pertencimento super valorizado entre os grupos angoleiros, a ponto para uma grande maioria dos mestres, um pré requisito para a participação de seus alunos na roda. No caso específico da Fica-BH o uniforme é composto por camisa amarela com a logomarca do grupo, calça preta e tênis. Esse elemento apriorístico é notamente percebido em todos os aspectos do ÍNDEX, seja

pela escolha das cores do Blog (amarelo e preto), seja pela presença da logomarca, que designa o grupo em questão, seja no uso dos uniformes por parte de todos os capoeiristas que participam das rodas. Outro elemento são alguns movimentos capoeirísticos geralmente treinados pelo grupo. No caso da Fica figura no blog a imagem de um movimento conhecido como bananeira, imagem também presente na logomarca do grupo. E no mundo da vida a utilização de um movimento conhecido como relógio conota sua tradição na árvore genealógica da capoeira angola, com seus fundamentos advindos do Gcap (grupo Capoeira Angola Pelourinho, mestre Moraes). Pois o relógio é um dos movimentos mais representativos da corporeidade de Mestre Moraes, mestre direto de mestres Jurandir e Cobra Mansa.

Já a reconstrução de vínculos foi notada principalmente no post fixo "Horários das aulas de capoeira" e pelas fotos do index. A reconstrução de vínculos familiares e de amizade se dão a partir da prática semanal nos treinos, no caso da Fica-BH três vezes por semana e acima de tudo, pela participação nas rodas de capoeira. Em relação aos aspectos familiares na maioria das fotos dessa instituição destaca-se a participação do treinel Tiago. Isso acontece porque Tiago é o filho mais velho de mestre Jurandir. A publicação recorrente das fotos do filho é a constatação de que o grupo já absorveu essa representação do pai pelo filho. Além disso, das 23 fotos analisadas, tanto nas fotos das rodas, como nas dos eventos, além da participação recorrente de membros da Fica, figura a participação mais contundente de membros da ACAD (Associação de Capoeira Angola Dobrada), mais precisamente dos treineis Iran e Ricardo e de seus alunos. Bem como de capoeiristas de outros grupos, como Camugerê (Contramestre Renê), Associação de Comunitária de Capoeira Angola BHZ (Contramestre Willian), Eu Sou Angoleiro (treineis Carem e Icaro) e Grupo Lúna (Mestre Primo), fato demonstrativo que na roda se ampliam os laços de amizade entre os integrantes desses grupos.

Mesmo se tratando de uma cultura tradicional a Fica têm inovado no contexto de atuação social desenvolvendo um evento que proporciona o encontro entre as tradições e princípios da Permacultura e da Capoeira Angola, denominado Permangola. Além da vivência angoleira com treinos e rodas, a permangola propõe oficinas de agro floresta, preservação do cerrado, recuperação e preservação de nascentes e florestas, cultivo de ervas medicinais e bioconstrução. Apesar de ser um elemento "alienígena" do mundo capoeirístico, os discursos e práticas atuais da permangola são muito afinados aos das metas do desenvolvimento sustentável. O

que a prática da permangola propõe ao convívio capoeirístico hipermoderno é justamente a volta do ser humano a sua auto-sustentabilidade, ao campo, ao seu encontro ancestral de trato com a terra e consigo mesmo. Proposta correlata aos ensinamentos tradicionais angoleiros e de raiz afro-brasileira, que valorizam a vida comunitária, baseada no auto-gestão e laços de companheirismo grupal.

Na Acesa o uniforme também é um elemento de exigência primordial para a prática da capoeira angola. Esse elemento apriorístico, camisa amarela com logomarca do grupo, calça preta e tênis, é percebido em diversos aspectos do índice do site. Seja no uso dos uniformes por parte de todos os capoeiristas que participam das rodas, seja pela escolha das cores do site (principalmente amarelo e preto), seja pela presença da logomarca do grupo. Um elemento diferencial da indumentária do grupo Eu Sou Angoleiro é o uso de uma boina (para proteger a parte superior da cabeça nos movimentos de solo), o qual o seu uso pode ser percebido por Mestre João Angoleiro e diversos integrantes do grupo nas fotos em flash do índice. Também no caso específico da dança afro a Companhia Primitiva de Arte Negra se propõe a difundir no campo social uma estética primitiva. Ou seja, todo o vestuário é criado a partir de pedaços tecidos, sem cortes e costuras ocidentalizados, sendo utilizadas somente amarras para a fixação dos tecidos no corpo. Portanto a indumentária da companhia é produzida somente com amarrações.

Em relação à reconstrução de vínculos no site da Acesa ela foi percebida tanto nos itens móveis (no menu "Notícias em destaque", nos posts "Aldeia Kilombo Século 21: as raízes se encontram no templo da cultura", "Compareça nas rodas da Acesa") como nos itens fixos (menu "Sobre a Acesa", principalmente nos assuntos "Quem somos", "Frentes de Trabalho", "Treinos", "Rodas", "Calendário de eventos"). Todos são convites a esse momento de reconstrução de vínculos. Apesar de o grupo, a exemplo de outras expressões da cultura popular, ter uma forte funcionalidade familiar, ela não está expressa no site em momento algum. Ao contrário, a valorização ocorrida no nível das imagens (ilustração, logos e fotos e flash) aponta para um reforço das atividades realizadas por um grupo coeso, ou seja, elas se dão no nível da amizade intergrupal.

Apesar desse estudo já ter demonstrado que o site da Acesa tem propensão maior a tradicionalização dos conteúdos do que o blog da Fica-BH, foi justamente no site aonde foi encontrado as transformações mais significativas. Elas se encontram no nível da ritualização da prática angoleira, mais precisamente na ordem de

formação da bateria de capoeira angola. No Centro Esportivo de Capoeira Angola-CECA (Salvador, Bahia), de mestre João Pequeno de Pastinha, sucessor direto de mestre Pastinha, e referência tradicional para mestre João Angoleiro, a bateria de capoeira angola é composta por sete instrumentos dispostos na seguinte ordem: berimbaus gunga, médio e viola, um pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque. O que já é considerado uma mudança, pois o CECA, na época de mestre Pastinha, montava uma bateria com 8 instrumentos, diferindo do CECA atual na utilização de dois pandeiros, localizados antes e depois dos berimbaus. Na Acesa a formação da bateria possui a seguinte ordem: atabaque, berimbaus gunga, médio e viola, 2 pandeiros, reco-reco e agogô. Ou seja na Acesa, apesar de ser uma casa com influencia direta do CECA mudou a localização do atabaque e do reco-reco e aumentou o número de pandeiros de um, para dois, colocando-os um ao lado do outro e ampliando o número de instrumentos da bateria de angola de sete para oito, como no CECA de Mestre Pastinha, mas mudando a posição dos instrumentos. Outra mudança percebida é a inclusão da cor azul, como elemento de fundo no site, que remete a uma tendência a espiritualidade.

4.1.3 RELAÇÕES DE PODER E DISPOSITIVO: estudo de caso nas mídias institucionais e sociais da Fica-BH e ACESA

A reflexão desenvolvida até aqui foi no sentido de entender como a Fica-BH e a Acesa se relacionam com os aparatos tecnológicos de não presença, especificamente suas mídias institucionais (blog e site). A seguir, o subcapítulo 4.2⁴² vai tratar de como está acontecendo nas redes sociais o processo de mediação dessas culturas de raiz. Nas mídias sociais também serão observados os “marcadores de tradição e os níveis de significação” e a “apropriação e as ações de resistência”, a exemplo da metodologia aplicada até o momento para a análise das mídias institucionais. O que vai diferir na metodologia até aqui desenvolvida será a verificação de como operam as relações de poder e a utilização de dispositivos sociotécnicos. Assim, tanto as mídias institucionais, quanto as sociais serão

⁴² 4.2 MÍDIAS SOCIAIS: análise semiótica e etnográfica das redes sociais da Fica-BH e Acesa e seus regimes de interação

analisadas de forma conjunta. Pois é muito importante para esse estudo refletir de forma integral sobre o que significa ter poder no campo das mídias, e identificar como ocorre a apropriação dos dispositivos tecnológicos e estratégicos por esse público. Assim o subcapítulo 4.3 *MÍDIAS INSTITUCIONAIS e SOCIAIS: Relações de Poder e Dispositivo* (p.134) fará uma comparação entre as relações de poder (RODRIGUES) perceptíveis no mundo da vida e no virtual, bem como de uma identificação inicial de quais seriam os dispositivos (AGAMBEN) de manutenção e de atualização das identidades tradicionais em suas ações midiáticas. Se a especificidade do poder midiático se acha na capacidade inata de construir *dispositivos de regulação simbólica* dos espaços sociais, e se, se ter poder hoje significa justamente ampliar seu reconhecimento social, de forma global, a idéia é entender como esses grupos socioculturais estão lidando com os aparatos sociotécnicos de amplificação do poder simbólico no mundo hipermoderno.

4.2 MÍDIAS SOCIAIS: análise semiótica e etnográfica das redes sociais da Fica-BH e Acesa e seus regimes de interação

Não se pode falar de como ocorrem os contatos virtuais, sem ressaltar nesse processo a importância do ato interativo. Retomando alguns dos conteúdos teóricos apresentados no Capítulo 2 são elementos apriorísticos para as reflexões vindouras:

1- a interação é a base do processo comunicativo e das relações sociais e acontece no plano da intersubjetividade; 2- o contato intersubjetivo tem origem nas construções de compreensão do outro; 3- qualquer interação entre sujeitos pressupõe uma série de construções de sentido comum. Um tipo de conduta que prevê a conduta alheia e vice-versa; 4- o compartilhamento de significações só é possível se existe consenso em relação ao *escopo social de conhecimento*. Um conjunto de tipificações construído socialmente, resultado da acumulação da significação e da linguagem, transmitida de geração para geração.

E o compartilhamento de significações na hipermodernidade é muito ampliado para os que possuem o domínio de ferramentas da internet, como as redes sociais. Elas surgiram no espaço público há menos de 10 anos e se apresentam como uma nova forma de poder, só que agora de forma descentralizada, atuando em pontos. O tempo para quem vivencia a experiência em rede é o ucrônico. Um tempo nem real, nem virtual. Existente apenas no momento do acionamento. Essa mudança no contato interpessoal rompe com barreiras sociais, espaciais e cronológicas e têm contribuído para potencialização dos contatos intersubjetivos, anteriormente realizados de maneira presencial. Para compreender como vêm acontecendo os contatos virtuais de copresença entre as instituições em foco e seus interlocutores, esse subcapítulo vai voltar sua atenção para os processos interativos ocorridos pela rede social Facebook. Trata-se de um aplicativo que favorece a interlocução online entre os actantes.

A Fundação Internacional de Capoeira Angola ingressou no Facebook em 16 de fevereiro de 2011, por iniciativa da aluna Jeane Julia. Ela, que também é administradora do blog, diz ter tomado essa decisão “para ter contato direto tanto com pessoas da Fica em si, quanto com pessoas da capoeira angola em geral”. Nos 1,5 anos de participação na rede social o perfil Fica Bhz ampliou seus contatos para 1591 amigos de diversos locais do mundo. Por ter sido criado como um perfil pessoal, e não institucional, a intercomunicação entre os actantes é facilitada, pois a ferramenta chat (conversação online) amplia a interação entre os amigos. A Tabela 10⁴³ apresenta um resumo do conteúdo aqui verificado.

TABELA 10 - OBJETO EMPIRICO: REDE SOCIAL FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA-BH)	
MIDIA ANALISADA https://www.facebook.com/fica.bhte	Administradora: Jeane Julia (aluna da Fica-BH) Criação: 16 de fevereiro de 2011 Período analisado: 16/02/2011 a 29/06/2012 – um ano e quatro meses POSTS do PERFIL PESSOAL da FICA BH no Facebook. Sendo um perfil pessoal, e não institucional, facilita a comunicação direta entre a FICA-BH e seus amigos através da ferramenta chat.

⁴³ Veja análise etnográfica e semiótica na integra no Anexo E – TABELA 10e, p.201.

	
ITENS MÓVEIS - Número de postagens: 67; Tipos de postagens: 1) Convite de Jogos facebook: 2 2) Foto de rodas: 2 3) FICA convida roda oficial: 6 4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5 5) Eventos próprios FICA-BH: 1 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3 7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1 (roda da fica – 22/01/2012) 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1 9) Antirracismo: 1; 10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola, México, agosto 2012; Permangola, Minas Gerais, dezembro 2011) 11) Religiosidade: 1 12) Outros núcleos da FICA: 5 13) Treinos na Fica BH: 1 14) Fotos perfil: 1 (logo da FICA, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado) 15) Oficinas de capoeira angola: 1 16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer) 18) Informações institucionais: 1 19) Vídeos: 2	ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola B) Foto Perfil: Logomarca da Fica C) Número de amigos: 1591 D) Número de fotos: 21 E) Sobre a FICA: localização, dados de endereçamento e citação de mestre Pastinha (informação latente, precisa ser clicado para se obter o texto)

Diferente da Fica-BH, a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro possui um perfil institucional no Facebook, classificado na época dessa análise como “negócio local”. Essa mudança de status, de perfil pessoal para institucional, também acarreta mudanças de privilégios. Por exemplo, se por um lado os dados de acesso e repercussão às informações postadas estão acessíveis a cada post, por outro a ferramenta chat não funciona nesse perfil. Ou seja, há uma facilitação do entendimento da recepção, com números de visualizações, gráficos de repercussão, classificação de público, em contraponto a diminuição de interlocução interpessoal, restringindo os actantes a somente curtir posts ou fazer comentários e compartilhamento de informações. Veja resumo dos conteúdos analisados na Tabela 11⁴⁴, abaixo:

TABELA 11- OBJETO EMPIRICO: REDE SOCIAL ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO – ACESA	
MÍDIA ANALISADA https://www.facebook.com/pages/Eu-Sou-Angoleiro-Grupo-de-Capoeira-Angola/172904819401064	Administradores: Carem Abreu, Icaro Abreu, Ricardo Avelar Criação: 28 de novembro de 2010 Período analisado: 28/11/2010 a 29/06/2012 – um ano e sete meses, ou 19 meses

⁴⁴ Veja análise etnográfica e semiótica na íntegra no Anexo F – TABELA 11f, p. 210.

	POSTS do PERFIL INSTITUCIONAL da Acesa no Facebook. Por ser um perfil institucional, classificado como “negócio local”, ao invés de “AMIGOS” o perfil possui a opção “CURTIR”. Se por um lado os dados de acesso e repercussão estão acessíveis a cada post, por outro a ferramenta chat não funciona nesse perfil. Ou seja, há uma facilitação do entendimento da recepção (números de visualizações, gráficos de repercussão, classificação de público) em contraponto a diminuição de interlocução interpessoal, ficando restrita somente a curtir posts, ou a comentários e compartilhamento de informações.
ITENS MÓVEIS Número de postagens publicadas: 135 Número de postagens analisadas: 28 (São aqui analisadas as postagens dos administradores e contribuidores de conteúdo, a exceção das realizadas por Carem Abreu) Tipos de postagens: 1) Convite de rodas: 5 2) Militância: 1 3) Frentes de Trabalho: 1 4) Evento criado no Facebook: 1 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2 6) Eventos próprios Acesa: 7 7) Fotos: 3 8) Repercussão de mídia impressa: 1 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1 10) Sobre editais: 2 11) Valorização ancestral: 2 12) Vídeos: 1 13) Divulgação de blog (outros): 1	ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa C) Pessoas que Curtem: 239 D) Número de fotos: não visível na capa E) Sobre a Acesa: (informação latente) localização, endereço, telefone, e-mail, site, resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho- link para site, produtos: Oficinas Culturais, Apresentações Culturais e Espetáculos, Publicações – revista Eu Sou Angoleiro e DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ.

O perfil institucional Eu Sou Angoleiro foi criado em 28 de novembro de 2010 por essa autora, que também o administra, juntamente com os treineis da Acesa Ricardo Avelar e Icaro Abreu. Para se manter um distanciamento acadêmico adequado toda análise aqui realizada se concentrará nos posts dos dois últimos administradores. Ou seja, com o material analisado não será possível se entender a totalidade da intenção comunicativa Acesa nessa mídia, como foi feito com a Fica-BH. O que não impede que sejam realizadas análises do tipo de comunicação em rede realizada pela instituição.

O treinel Ricardo, da Acesa, acredita que seja importante possuir um perfil nas redes sociais virtuais porque “é uma forma de divulgar a casa (a Acesa) e suas práticas e com isso ampliar sua rede de contatos e ações.”⁴⁵ Para ele o perfil é um instrumento mais de comunicação interna, do que externa, uma forma dos angoleiros da Acesa se conhecerem melhor “já que o grupo cresceu demais e as pessoas já não conseguem se relacionar tanto como há alguns anos”. Mas também

⁴⁵ Fonte: Entrevista Ricardo, Anexo B.4, p. 172.

“é uma boa ferramenta pra promover relações institucionais com entidades que estão distantes”, revela Ricardo.

Jeane, a aluna da Fica-BH, quando questionada sobre a importância do seu grupo de capoeira possuir um perfil na rede, diz que na maioria das vezes em que ingressa naquele dispositivo sempre tem alguém chamando, mensagem pra responder, gente perguntando onde são as aulas, como funciona. Aquilo “que ia antigamente muito pra e-mail, hoje está dividido com o Facebook. Qual o próximo evento da Fica? Qual a data? Tem muito essa troca. E muitas vezes alunos achando que é o mestre Jurandir. Aí eu falo: vou passar seu recado. Mas tem bastante essa comunicação.”⁴⁶, comenta. Ou seja, para ela o contato interpessoal nas redes sociais é ampliado, e muitas vezes confundido com o ato interativo presencial.

Ou seja, tanto para Ricardo, como para Jeane, possuir um perfil em uma rede social se tornou um novo e poderoso instrumento comunicacional. O qual ambos utilizam para ampliar no campo virtual um contato que já existia no âmbito pessoal e o fazem de modo similar ao que possuem no mundo vida (por proximidade, empatia, educação). Mas talvez o que Ricardo e Jeane não entendam sejam os motivos pelos quais as redes sociais se tornaram ferramentas com tamanho potencial de ampliação da interação interpessoal. A seguir é realizada uma reflexão sobre os tipos de regimes de interação que estão “embutidos” nesses aparatos sociotécnicos no sentido de procurar entender como se dá esse processo de troca intersubjetiva de conhecimentos.

Na perspectiva da semiótica das experiências do sensível, de Greimas, a potencialização dos contatos virtuais nas redes sociais ocorrem devido ao compartilhamento de sentimentos subjetivos que são da ordem da *união e da junção*. Vale ressaltar: a união é um tipo de interação que exige a copresença entre os actantes (GREIMAS, apud FECHINE, 2010). Um tipo de relação embora midiática, sem mediação direta, onde há o contato direto e sensorial entre os sujeitos da interlocução. Uma interação de pura presença intersomática, sendo os enunciados o próprio ato comunicativo.

Sob a perspectiva dos Regimes de Interação, de Landowski, essa união acontece pelo regime do *acidente*, uma subcategoria dos Modos de Existência, ou os motivos que levam uma pessoa a *ser* algo (LANDOWSKI, apud FECHINE, 2010).

⁴⁶ Fonte: Entrevista Jeane, Anexo A.2, p.167.

O acidente é uma interação fundada sob o princípio da probabilidade, da impresivibilidade, da co-incidência, da assunção do puro risco. Uma espécie de ruptura com as regularidades comunicacionais já estabelecidas e concretizadas no campo social do mundo da vida. Já na perspectiva dos Modos de Ação, ou seja, aquilo que leva uma pessoa a *fazer* algo, a interação das redes sociais opera pela *junção*. Lembrando que são elementos da junção o contágio (a própria interação), o contato (pré-condição da interação), a reciprocidade (condição de sentir e ser junto) e o ajustamento (natureza da ação contagiosa). Assim pode-se afirmar que a interação nas redes ocorra também pelo moldes do contágio/contato e do ajustamento. O *contágio* não requer qualquer ação. É o procedimento pelo qual corpos, humanos ou não, interagem por meio de suas propriedades vivas ou qualidades sensíveis. Pressupõe uma forma de realização mútua. Por meio dele que se dá sua mutua transformação de estado. Já o *ajustamento* é uma forma de se fazer junto, na medida em que se sente junto, as transformações vão ocorrendo a partir da copresença sensível.

É importante entender as formas de interação que se dão nos níveis subjetivos comunicativos. Elas servem de subsídios para a uma compreensão contextualizada das formas como ocorrem o compartilhamento de significados entre as pessoas, seja do universo simbólico cultural ou comunicativo. Na Tabela 12 é apresentado um paralelo do resumo editorial dos perfis da Fica-BH e da Acesa na rede social Facebook. O objetivo do instrumento analítico é mensurar e comparar o tipo de informação compartilhada entre instituições e seus interlocutores, levando como consideração apriorística as temáticas das interações entre os grupos.

TABELA 12 – COMPARATIVO MÍDIAS REDES SOCIAIS			
ANÁLISE FACEBOOK Fica Bhz Administradora: Jeane Julia (aluna da Fica-BH) Criação: 16 de fevereiro de 2011 Período analisado: 16/02/2011 a 29/06/2012 – um ano e quatro meses		ANÁLISE FACEBOOK Eu Sou Angoleiro Grupo de Capoeira Angola Administradores: Carem Abreu, Icaro Abreu, Ricardo Avelar (treineis Acesa) Criação: 28 de novembro de 2010 Período analisado: 28/11/2010 a 29/06/2012 – um ano e sete meses	
ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola B) Foto Perfil: Logomarca da Fica C) Número de amigos: 1591 D) Número de fotos: 21 E) Sobre a Fica: localização, dados de endereçamento e citação de mestre Pastinha (informação latente, precisa ser clicado para se obter o texto)		ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa C) Pessoas que Curtem: 239 D) Número de fotos: não visível na capa E) Sobre a Acesa: localização, endereço, telefone, e-mail, site, resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho- link para site, produtos: Oficinas Culturais, Apresentações Culturais e Espetáculos, Publicações – revista Eu Sou Angoleiro e DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ. (informação latente)	
ITENS MÓVEIS Número de postagens publicadas e analisadas: 67		ITENS MÓVEIS Número de postagens publicadas: 135	

1) Convite de Jogos facebook: 2	11) Religiosidade: 1	Número de postagens analisadas: 28 (Foram aqui analisadas todas as postagens dos administradores e contribuidores de conteúdo no período mencionado, a exceção das realizadas por Carem Abreu)	
2) Foto de rodas: 2	12) Outros núcleos da Fica: 5		
3) Fica convida roda oficial: 6	13) Treinos na Fica BH: 1	1) Convite de rodas: 5	8) Repercussão de mídia impressa: 1
4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5]	14) Fotos perfil: 1 (logo da Fica, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado)	2) Militância: 1	9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1
5) Eventos próprios Fica-BH: 1	15) Oficinas de capoeira angola: 1	3) Frentes de Trabalho: 1	10) Sobre editais: 2
6) Eventos de outros: 3	16) Ação solidária m. Jurandir: 14	4) Evento Facebook criado: 1	11) Valorização ancestral: 2
7) Eventos do Facebook criados pela Fica BH: 1 (roda da fica – 22/01/2012)	17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer)	5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2	12) Vídeos: 1
8) Contato entre pares (Fica): 1	18) Informações institucionais: 1	6) Eventos próprios Acesa: 7	13) Divulgação de blog (outros): 1
9) Antirracismo: 1	19) Vídeos: 2	7) Fotos: 3	
10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola, México, agosto 2012; Perangola, Minas Gerais, dezembro 2011)			

Os dados da Tabela 12 comprovam que apesar das instituições terem criado seu perfil com somente três meses de diferença, a ferramenta rede social foi mais utilizada pela Acesa. Pois no período analisado fez 135 postagens enquanto a Fica publicou quase a metade desse total, 67 postagens. A predominância das postagens de ambos os grupos objetivamente têm efeito publicitário de divulgação de eventos próprios das instituições, seguido de convites de rodas, com ênfase nas rodas ocorridas de forma extraordinária. No entanto, é no âmbito subjetivo que predomina nos posts, um tipo de valorização simbólica dos elementos tradicionais dessa cultura de raiz afro-brasileira (veja análise dos elementos tradicionais na Tabela 12). Por outro lado a penetração social da Fica-BH é seis vezes maior que a da Acesa. Sendo que além do perfil Fica ser mais procurado por outros grupos para divulgar seu evento, seu público é formado por pessoas de vários outros grupos de Belo Horizonte, do Brasil e do mundo. Enquanto a interlocução da Acesa, apesar de possuir contatos em outros estados e locais do mundo, em sua grande maioria ainda está restrita ao universo relacional da região metropolitana de Belo Horizonte. Em relação a representação institucional perante a rede, ambas utilizam a logomarca do grupo como foto do perfil, criando uma identificação pessoal com os elementos subjetivos explicitados nas tabelas 9 A / 9 B.

Vale ressaltar que a escolha editorial da linha narrativa de ambos os perfis apontam para formas diferenciadas de atuação e domínio técnico dos administradores dessas redes sociais. O fato pode ser percebido ao se analisar o conteúdo “sobre” (itens fixos E). Enquanto a Fica informa dados de localização, contatos e citação de mestre Pastinha, a Acesa apresenta um nível de informação mais detalhada, com resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho- link para site e produtos culturais

como oficinas de capoeira angola, dança afro, percussão, contação de histórias, apresentações culturais, espetáculos e publicações. Essa diferença de aprofundamento no nível estrutural da informação do perfil da Acesa conota um domínio nos formatos comunicativos pela equipe editorial. Por sua vez o perfil da Fica-BH possui características narrativas de um usuário sem formação comunicativa. Outro elemento notado foi a valorização tradicional da hierarquização ocorrida no âmbito editorial. Enquanto o perfil da Fica é administrado por somente uma aluna (capoeirista sem titulação), o da Acesa é administrado por três treineis de capoeira angola. O que confere ao perfil da Acesa uma descentralização do poder e valorização dos saberes e ações dos membros mais antigos do grupo, aqueles com maior nível hierárquico. Outro componente tradicional. No próximo subcapítulo será verificado como as variáveis da tradição estão presentes nas redes sociais das instituições em foco, bem como a verificação dessa presença pela análise conotativa dos conteúdos postados.

4.2.1 MÍDIAS SOCIAIS: Marcadores de Tradição relacionados aos Níveis de Significação

Retomando as conclusões do item 4.1.1 (MÍDIAS INSTITUCIONAIS: Marcadores de tradição relacionados aos níveis de significação), a partir da análise da presença no mundo virtual dos Marcadores de Tradição, foi verificado que nas mídias institucionais aqui enfocadas **estão presentes todos os marcadores de tradição do mundo da vida**. Eles foram percebidos principalmente nas imagens, onde os elementos identidade cromática, vestuário, roda, instrumentos, gestos, logomarca do grupo, espiritualização, são recorrentes em diversos marcadores simultaneamente. Se no blog houve a predominância significativa da imagem do capoeirista angoleiro, no site além da imagem, o texto e o contexto são ainda mais utilizados como elementos significativos de transmissão de saberes ancestrais. A Tabela 13, a seguir, servirá como parâmetro para verificar se nas redes sociais é mantido o mesmo padrão de transmissão de saberes.

TABELA 13 – ANÁLISE COMPARATIVA MARCADORES DE TRADIÇÃO		
MARCADORES DE TRADIÇÃO	Facebook Fica-Bhz Predominância da imagem em relação ao texto	Facebook Eu Sou Angoleiro_Grupo Capoeira Angola Predominância do texto em relação à imagem
RITUALIDADE/ ROTINA	Elemento pouco explorado nas postagens, onde as pessoas se apresentam uniformizadas, participando de rodas, oficinas	Elemento explorado em 2/3 das postagens, em informações textuais, como convites de rodas, ou em imagens onde

	e atividades grupais. Percebido somente em imagens 14 posts referentes aos temas: Foto de rodas, FICA convida roda oficial, Álbum de fotos Fica FACE com postagens repercussivas (depois do evento acontecer);	pessoas se apresentam uniformizadas, participando de rodas, oficinas e atividades grupais. Percebido em textos e imagens de 21 posts referentes aos temas: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Convite de rodas; eventos de outros divulgados pela Acesa, Eventos próprios Acesa, Fotos, Vídeos.
ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA	Apesar de ter sido explorado de forma marcante somente no item Fotos perfil é um elemento imagético de importância significativa para o grupo. Pois ele foi incluído como elemento visual representativo da “pessoa” Fundação Internacional de Capoeira Angola em 19 de dezembro de 2011 e foi mantido até o último dia objeto dessa análise, 29 de junho de 2012, ou seja, por seis meses.	Presente em 14 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Foto Perfil: Logomarca da Acesa; Convite de rodas; valorização ancestral; Vídeos
MUSICALIDADE ORGANICA	Elemento percebido somente em 9 posts: Foto de rodas; FICA convida roda oficial; Vídeos.	Elemento percebido em 18 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Convite de rodas; Eventos próprios Acesa; Fotos; Vídeos; Divulgação de blog (outros)
CIRCULARIDADE	Elemento percebido somente em imagens de 10 posts referentes aos temas: fotos de rodas, Fotos de perfil e álbum de fotos.	Elemento percebido em imagens de 07 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Convite de rodas; frentes de Trabalho; Eventos próprios Acesa; Fotos; Vídeos
MANDINGA	Elemento não percebido.	Elemento não percebido.
CORPOREIDADE	Presente na maioria das imagens de fotos e ilustrações de eventos postadas no Facebook e na logomarca da FICA.	Presente na maioria das imagens de fotos e ilustrações de eventos postadas no Facebook e na logomarca da Acesa.
ORALIDADE	Presente de forma fixa no item latente Sobre a FICA, no texto “Capoeira de Angola é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista” (Mestre Pastinha)	Presente em dois posts de valorização ancestral
PERTENCIMENTO SOCIAL	Notado em 17 posts. Nos itens fixos: Foto Perfil: Logomarca da Fica e Número de amigos, Número de fotos. E nos 14 posts referentes aos temas: Foto de rodas; FICA convida roda oficial; Álbum de fotos Fica FACE- postagens repercussivas (depois do evento acontecer);	Percebido em 28 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Foto Perfil: Logomarca da Acesa; Convite de rodas; Militância; Frentes de Trabalho / Treinos; Evento criado no Facebook; Eventos de outros divulgados pela Acesa; Eventos próprios Acesa; Fotos; Repercussão de mídia impressa; Contato entre pares (pessoas da Acesa); Sobre editais; Valorização ancestral, Vídeos; Divulgação de blog (outros)
PERPETUAÇÃO TEMPORAL dos COSTUMES-	Percebida em 40 posts. ITENS FIXOS: Foto Perfil: Logomarca da Fica. E nos ITENS MÓVEIS: divulgação de 24 eventos, que promovem o encontro e a troca de experiências entre as pessoas ; Eventos divulgados por outros- De capoeira; Festas; Eventos próprios FICA-BH; Eventos de outros divulgados pela FICA BH; Eventos do Facebook criados pela FICA BH (roda da Fica); divulgação de seis rodas próprias; divulgação de horários de treinos; Outros núcleos da FICA; Treinos na Fica BH; divulgação repercussiva de eventos da FICA-BH, Álbum de fotos Fica FACE, postagens repercussivas (depois do evento acontecer);	Percebido em 25 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Foto Perfil: Logomarca da Acesa; Convite de rodas; Militância; Frentes de Trabalho; Evento criado no Facebook; ; Eventos de outros divulgados pela Acesa; Eventos próprios Acesa; Fotos; Repercussão de mídia impressa; Contato entre pares; Sobre editais; Valorização ancestral, Vídeos; Divulgação de blog (outros)
MILITANCIA	Elemento percebido principalmente em 17 posts: FICA convida roda oficial; Álbum de fotos Fica FACE, Antirracismo; Religiosidade; Eventos próprios FICA-BH	Elemento percebido em 28 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Convite de rodas; Militância; Frentes de Trabalho; Evento criado no Facebook; Eventos de outros divulgados pela Acesa Eventos próprios Acesa; Fotos; repercussão de mídia impressa; Contato entre pares (pessoas da Acesa); Sobre editais; Valorização ancestral, Vídeos; divulgação de blog (outros)
AUTONOMIA e AUTO- GESTÃO	Elemento percebido principalmente em 18 posts: Eventos próprios FICA-BH, Outros núcleos da FICA; Ação solidária para mestre Jurandir.	Percebido em 21 posts: Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; Convite de rodas; Frentes de Trabalho; Evento criado no Facebook; Eventos próprios Acesa; Fotos; Sobre editais.

A análise do material acima indica que ambos os grupos possuem em seus perfis quase todos os elementos tradicionais do escopo estudado, a exceção do item “mandiga”. Constatou-se que na rede social se mantém o padrão comunicativo das mídias institucionais, com predominância por parte da Fica-BH das imagens em relação ao texto, e na Acesa, predominância do texto em relação às imagens. Apesar de ter sido analisado um número maior de postagens da Fica (67), a Acesa

(28) apresenta em seu conteúdo um padrão de informação mais tradicional, verificado no maior número de posts contendo os itens ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, pertencimento social, militância, autonomia e auto-gestão. Já a Fica-BH apresenta predominância dos elementos ancestralidade/hierarquia, circularidade e perpetuação temporal dos costumes, reafirmando o papel da imagem, como sendo um veículo de informação mais eficaz no repasse imediato de sentidos subjetivos em relação ao texto.

A Tabela 14 servirá para comprovar quais são os elementos tracionais subjetivos mais trabalhados pelas instituições em análise, a partir dos níveis de significação. Estiveram sob o foco desse estudo as novas estratégias comunicativas adotadas por estes movimentos e a sua relação mediada com os demais sujeitos da esfera pública, a partir de uma perspectiva inclusiva de participação das culturas populares no processo de midiatização do mundo social. Desta forma, foram analisadas as suas configurações como experiência de reterritorialização identitária, reflexão e mobilização sociocultural.

TABELA 14 – ANÁLISE COMPARATIVA NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO/ MARCADORES DE TRADIÇÃO		
NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO	Rede Social Fica-BH Predominância da imagem em relação ao texto	Rede Social Acesa Predominância do texto em relação à imagem
DENOTAÇÃO	CONTEÚDOS MÓVEIS: 30 fotos; 20 textos; 2 evento face; 2 vídeo SENTIDO DA IMAGEM 1) Convite para Jogos Facebook: 2 ; 2) Foto de rodas: 2; 3) FICA convida roda oficial: 6; 7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1 ; 10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola; Permangola); 14) Fotos perfil: 1 (logo da FICA, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado); 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercutivas (depois do evento acontecer); 19) Vídeos: 2 COMO OS OUTROS SE APRESENTAM 4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5]; COMO A FICA SE APRESENTA 5) Eventos próprios FICA-BH: 1; 12) Outros núcleos da FICA: 5 ; O QUE A FICA DIVULGA 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3; CONVERSAÇÃO ENTRE PARES 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1 ; 13) Treinos na Fica BH: 1 18) Informações institucionais: 1; POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA 9) Antirracismo: 1; 11) Religiosidade: 1; AÇÕES SOLIDÁRIAS 15) Oficinas de capoeira angola: 1; 16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14;	CONTEÚDOS MÓVEIS: 12 fotos; 14 textos; 1 evento face; 1 vídeo SENTIDO DA IMAGEM 7) Fotos: 3 12) Vídeos: 1 COMO ACESA SE APRESENTA 1) Convite de rodas: 5 4) Evento criado no Facebook: 1 6) Eventos próprios Acesa: 7 COMO OS OUTROS SE APRESENTAM - O QUE A ACESA DIVULGA 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2 CONVERSAÇÃO ENTRE PARES 3) Frentes de Trabalho: 1 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1 13) Divulgação de blog (outros): 1 POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA 2) Militância: 1 10) Sobre editais: 2 11) Valorização ancestral: 2 8) Repercussão de mídia impressa: 1
CONOTAÇÃO	SENTIDO DA IMAGEM - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão COMO A FICA SE APRESENTA - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão O QUE A FICA DIVULGA - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade	SENTIDO DA IMAGEM - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, musicalidade orgânica, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão COMO ACESA SE APRESENTA - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão COMO OS OUTROS SE APRESENTAM – O QUE A ACESA DIVULGA - Elementos tradicionais percebidos: pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e

	orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão COMO OS OUTROS SE APRESENTAM - Elementos tradicionais percebidos: pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão . CONVERSAÇÃO ENTRE PARES - Elementos tradicionais percebidos: oralidade, ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , circularidade, pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia . POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA - Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia . AÇÕES SOLIDÁRIAS - Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia .	auto-gestão . CONVERSAÇÃO ENTRE PARES -Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , circularidade , corporeidade , oralidade , musicalidade orgânica , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão . POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA -Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , oralidade , corporeidade , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão
DENOTAÇÃO	CONTEÚDOS FIXOS: A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola B) Foto Perfil: Logomarca da Fica C) Número de amigos: 1591 D) Número de fotos: 21 E) Sobre a FICA: localização, dados de endereçamento e citação de mestre Pastinha	CONTEÚDOS FIXOS: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa; C) Pessoas que Curtem: 239 D) Número de fotos: não visível na capa; E) Sobre a Acesa: localização, endereço, telefone, e-mail, site, resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho- link para site, produtos: Oficinas Culturais, Apresentações Culturais e Espetáculos, Publicações – revista Eu Sou Angoleiro e DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ. (informação latente)
CONOTAÇÃO	Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , musicalidade orgânica , circularidade , oralidade , corporeidade , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão .	Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina , ancestralidade/ hierarquia , musicalidade orgânica , circularidade , corporeidade , oralidade , pertencimento social , perpetuação temporal dos costumes , militância , autonomia e auto-gestão .

Comparando as postagens das duas instituições pode-se afirmar que em ambos os perfis cinco, dos 11 elementos tradicionais, são os mais recorrentes nos conteúdos das informações publicadas. São eles: **pertencimento social**, **perpetuação temporal dos costumes**, **militância**, **autonomia e auto-gestão**. Esses cinco elementos são inclusive aspectos tradicionais subjetivos utilizados nos discursos sociais de outros grupos. Foi comprovada também a tendência percebida na análise do discurso midiático institucional por parte da Acesa em possuir um conteúdo mais tradicionalista que o da Fica, relacionado a **ritualidade**, o qual pode ser averiguado nos posts da Acesa pela presença recorrente dos elementos **ritualidade/rotina**, **ancestralidade/hierarquia**, **oralidade** e **circularidade**. Diferente da Fica que reitera em todas as suas informações somente aspectos relacionados a **ancestralidade/hierarquia**.

Além disso, pode-se comprovar que ambas as instituições em análise, utilizam-se das redes sociais como forma de publicizar, de maneira global, suas ações locais. Para isso se utilizam do recurso de reiteração midiática de informações entre blog/site e perfil. Por outro lado, os conteúdos discursivos subjetivos presentes nas imagens e textos estão repletos de informações de reforço dos aspectos tradicionais relacionados aos valores simbólicos culturais das expressões de raiz de matriz africana.

4.2.2 MÍDIAS SOCIAIS: Apropriação e Ações de Resistência

A exemplo do executado na análise das mídias institucionais no item 4.1.2, a partir do texto “Considerações teóricas para a análise dos movimentos sociais”, de Eduardo Vizer (2007, p.45), agora também será realizado um paralelo analítico entre os perfis da Fica-BH e da Acesa para identificar como ocorrem a apropriação de tempo e espaço e as ações de resistência destes grupos nas redes sociais.

Em relação à *apropriação do tempo* no mundo da vida Fica-BH desenvolve suas atividades na capital de Minas Gerais há 17 anos (desde 1995). Nesse período, durante o ano inteiro ocorrem os treinos de capoeira angola três vezes por semana, com duas horas de duração. As rodas acontecem mensalmente, sempre na primeira quarta-feira do mês, com três a quatro horas de duração. A Fica-BH não possui eventos fixos próprios, a exceção de ser co-realizadora da roda de rua da Capoeira Angola de BH, realizada na Feira Hippie, no terceiro domingo do mês, em parceria com a Acad-BH (Associação de Capoeira Angola Dobrada). No mundo virtual a Fica-BH inicia suas atividades nas redes sociais em 16 de fevereiro de 2011. As 67 postagens analisadas ocorreram no período de 1,4 anos, ou 16 meses. Entre janeiro a junho de 2012 foram realizadas 26 postagens. As 41 postagens de 2011 ocorreram entre fevereiro a dezembro.

Já no que se refere a *apropriação do espaço* no mundo da vida a Fica foi fundada simultaneamente em três capitais: Belo Horizonte (mestre Jurandir), Salvador (mestre Valmir) e Washington (mestre Cobra Mansa), ampliou a sua territorialidade para 20 frentes de trabalho, localizadas em 9 países, sendo: cinco no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Brasília), oito nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), uma no México, uma no Canadá, uma em Lima, duas na Europa (França e Londres), uma na África (Moçambique) e uma no Japão (Tóquio). Em Belo Horizonte os treinos e as rodas ordinárias acontecem na faculdade de Engenharia da UFMG, Campus, Pampulha, região norte de Belo Horizonte, para 15 pessoas. A roda mensal da capoeira angola promovida pela Fica-BH em parceria com a ACAD (Associação de Capoeira Angola Dobrada) ocorre na Feira-Hippie (evento comercial), e acontece em frente ao prédio do Secretaria da Fazenda, na Avenida Afonso Pena, centro da Capital. No período pesquisado foram realizados os seguintes eventos: encontros internacionais de capoeira angola (BA e MG), Permacultura (MG), oficina com Mestre Bigo, Encontro Nacional de Mulheres, Festa

Junina da Fica, Rodas de Rua da Capoeira Angola. Já no mundo virtual a Fica-BH congrega a amplitude de sua territorialidade em seus 1591 amigos, de diversos países e estados brasileiros. Infelizmente o formato do perfil pessoal não fornece dados sobre os acessos, portanto não foi possível verificar a amplitude da territorialidade virtual dos amigos do perfil da Fica-BH. Entretanto, o que se pode afirmar é que existem poucos contatos realizados entre eles, notados somente em seis posts. Apesar dos treinos de capoeira acontecer semanalmente há 17 anos, e de possuir um perfil há 1,4 anos nessa rede social, somente uma vez foi divulgado o horário dos treinos. Já as rodas de capoeira angola receberam uma maior divulgação em 2012, sendo que dos 6 posts sobre esse assunto, quatro são referentes às atividades desse ano. Em relação aos eventos mencionados no mundo da vida, no mundo virtual todos eles foram divulgados. Ressalta-se que os posts relacionados a eventos exclusivos da Fica-BH demarcam sua territorialidade nos bairros Bonfim, Pampulha (Campus UFMG) e Centro (Feira Hippie, Praça Sete e Praça da Liberdade). E as conferências internacionais ocorreram em 2012 no México, em 2011 na Bahia, e o evento Permangola na cidade de Rio Acima, MG.

Concluindo as reflexões sobre a apropriação do tempo e espaço da Fundação Internacional de Capoeira Angola Belo Horizonte pode-se afirmar que o fato dela possuir um perfil na rede social ampliou seu território virtual de forma contundente: de 15 angoleiros reais concentrados em Belo Horizonte, para 1591 amigos virtuais de várias cidades do Brasil e do mundo. Ainda que a ideologia política de resistência cultural e de transmissão de saberes ancestrais da capoeira angola, estejam presentes no nível subjetivo dos posts - como comprovado pelos marcadores de tradição - pode-se concluir que a Fica-BH mantém nas redes sociais a mesma tendência a publicização verificada nas informações do seu blog. Nota-se que a maioria dos posts sobre eventos relacionados às Rodas de Rua e aos eventos de âmbito nacional, como as duas conferencias internacionais e o da Permacultura, foram produzidos para gerar interesse de participação, ou seja, criados com objetivo persuasivo. Inclusive a Fica-BH está se tornando referência como formadora de opinião, pois durante o período pesquisado foram realizados 12 posts de eventos de outros grupos em seu perfil. Já os posts das ações da Fica-BH realizados em âmbito local, como Oficina com Mestre Bigo, Encontro Nacional de Mulheres, Festa Junina da Fica, foram produzidos de forma repercussiva, ou seja, após a realização do evento. De uma forma ou de outra, nas redes sociais têm ocorrido uma ampla

midiatização das ações da Fica-BH no mundo da vida, baseada principalmente em sua atuação espacial, onde os eventos globais estão sendo mais destacados em detrimento das atividades rotineiras, como treinos e eventos locais. A atuação temporal da Fica-BH do mundo da vida não foi privilegiada no mundo virtual nem no nível textual, nem no imagético. Pode-se constatar apenas que em 2012 a Fica-BH está mantendo a média de postagens de 2011, ou seja, está mantendo seu padrão de atuação comunicacional.

Por sua vez a *apropriação do tempo* no mundo da vida da Acesa vem ocorrendo há 19 anos (desde 1993). Os treinos acontecem durante o ano inteiro, duas vezes por semana, com duas horas de duração, em todas as frentes de trabalho, para mais de 300 pessoas. As rodas na sede (Centro de Belo Horizonte) ocorrem todos os sábados, com quatro horas de duração e nas frentes de trabalho, quinzenalmente ou mensalmente. A Acesa possui dois eventos anuais com datas fixas. O Lapinha Museu Vivo: Encontro de Culturas de Raiz, que ocorre entre maio e junho, e a roda de capoeira em comemoração ao aniversário da Acesa, que ocorre no último sábado do mês de julho. Bianualmente ocorre o evento Chamada da Capoeira, no Campus da UFMG, região da Pampulha. No mundo virtual a Acesa ingressou no Facebook em 29 de novembro de 2010. As 28 postagens analisadas ocorreram no período de 1,7 anos, ou 19 meses. Destas, 24 foram postadas em 2012 e 4 em 2011.

No que se refere à *apropriação do espaço* no mundo da vida, durante o período acima mencionado a Acesa ampliou sua territorialidade do Centro de Belo Horizonte para 13 locais onde estão situadas suas frentes de trabalho, sendo: quatro em Belo Horizonte, seis na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Nova Lima, Ribeirão das Neves, Vespasiano, Contagem, Santa Luzia), em duas cidades do Estado (Lagoa Santa, Pará de Minas), no Norte do Brasil (Pará) e na Itália (Milão). Nesses locais ocorrem os treinos de capoeira angola e roda. Já os eventos anuais do grupo ocorrem em maio, na Gruta da Lapinha (Lapinha Museu Vivo: Encontro de Culturas de Raiz) e no Centro de Lagoa Santa, e em julho, no Centro de Belo Horizonte (sede – roda de Aniversário da Acesa e Mestre João). No mundo virtual a territorialidade da Acesa está restrita em sua grande maioria a região metropolitana de Belo Horizonte. Pelo fato de se tratar de um perfil institucional, estão acessíveis os dados de localização das pessoas que curtem a página, apresentando até a data analisada 239 opções de curtir. Assim, a título de exemplificação da ocupação

territorial virtual, aqui será verificada origem do público que interagiu com a fan page no período de 2 de abril a 29 de junho de 2012. Durante esses 57 dias houve interação de 232 pessoas. Esse público é formado por 197 brasileiros e 35 estrangeiros. Entre os brasileiros, 91 são de Belo Horizonte, oito de Belém, oito do Rio de Janeiro e o restante de demais capitais. Os estrangeiros em sua maioria são latino americanos, espanhóis e pessoas de outros países da Europa. Nos posts analisados não foram encontradas informações relacionados a treinos, mas a falta desse dado não pode ser aqui considerada como significativa, pois vale lembrar: nesse estudo foi pesquisado somente 20% do universo de postagens dessa fan page. Já a temática das rodas esteve presente em cinco posts, publicados entre junho a janeiro de 2012. Todas elas se referem a informes de locais e datas que fogem da rotina do grupo. Em relação aos eventos, entre maio e junho de 2012 a Acesa divulgou dois eventos culturais em locais diferentes da RMBH: Lapinha Museu Vivo, em Lagoa Santa, no Centro da cidade e na Gruta da Lapinha, e o Aldeia Kilombo Século 21, no Centro de Belo Horizonte.

Após a verificação dos dados de apropriação espaço da Acesa pode-se concluir que a sua participação nas redes sociais ainda é restrita a publicização de eventos externos. Em sua maioria tiveram a clara intenção de divulgar ao público externo mudanças nas rotinas de roda da Acesa. Nesse dispositivo a Acesa transita com pouca adesão social, possui apenas 239 opções de curtir. Mesmo assim, a rede social teve um efeito positivo em relação à ampliação da territorialidade da abrangência da informação, que tem se disseminado principalmente para Belo Horizonte, Belém, Rio de Janeiro e para alguns países da América Latina e da Europa. Por outro lado, essa rede social ainda não foi utilizada como forma de agregar informações sobre os trabalhos desenvolvidos por todas as suas frentes de trabalho. No caso, foram percebidas no Facebook somente postagens referentes a eventos do grupo se apresentando enquanto um todo (Aldeia Kilombo). Mesmo quando o evento institucionalizado é produzido de forma local, a exemplo do Lapinha Museu Vivo, realizado pela frente de trabalho Irmandade dos Atores da Pândega, de Lagoa Santa. Além dessas, são temáticas das informações as ações promovidas pela sede, como as rodas, ou pelo Ponto de Cultura Flor do Cascalho, Vila Fazendinha e Macacos, todas atividades diretamente relacionadas aos treineiros Ricardo e Icaro, administradores da fan page. Em relação à apropriação do tempo pode-se afirmar que no mundo virtual a Acesa não tem privilegiado seu

desenvolvimento temporal, ou seja a história do grupo, nem no nível textual, nem no imagético, detendo-se a divulgar ações momentâneas. No entanto, pode-se constatar uma apropriação maior desse dispositivo pelos administradores, que em 2012 postaram seis vezes mais notícias que em 2011. Ou seja, a Acesa está mudando o seu padrão de atuação comunicacional.

Para entender como esses grupos tradicionais estão mantendo e atualizando os seus ritos e pertencimentos ancestrais no campo midiático, como realizado com as mídias institucionais no sub item 4.1.2, este estudo buscou nas “*Ações de Resistência*” de Vizer base para desenvolver as reflexões a seguir.

Sob tais perspectiva é verdadeiro afirmar que nas redes sociais a Fica-BH desenvolve sua *reconstrução de vínculos* com base na amizade, ocorridas geralmente nas trocas de informações sobre rodas; eventos próprios e de outros com amplitude global; contato entre pares; no desenvolvimento da ação solidária para auxiliar mestre Jurandir; bem como nas imagens de vídeos e fotos. No que se refere às *instituições de contenção* verificou-se a valorização do vestuário, destacada em 16 posts de imagens, onde todas as pessoas estão trajadas com uniforme. Os *gestos específicos* foram notados em dois itens. Na logomarca da Fica-BH, que apresenta subjetivamente o tipo de capoeirista que o grupo quer desenvolver (habilidoso, com atuação global). E nas informações institucionais, quando há uma valorização de nível global dos novos mestres e treineis da Fica-BH (valorização a ancestralidade/hierarquia). Já o *pertencimento grupal* foi percebido mais amplamente nos itens fixos foto do perfil (logomarca), número de amigos (1591) e nas imagens que destacam o uso do uniforme com logomarca da Fica-BH. Nos posts da rede social não foram percebidos elementos de *transformações*, ou mudança nos hábitos rituais.

Por sua vez nas redes sociais a Acesa também enfatiza a amizade como elemento da *reconstrução de vínculos*, podendo ser percebida em 23 dos 28 posts pesquisados. A reconstrução desses vínculos se dá a partir do contato direto com 239 pessoas através da identificação do grupo. Esses elementos de identificação estão presentes desde a foto de capa do perfil, aos convites de rodas, apresentação de rotinas em outras frentes de trabalho, divulgando eventos próprios de outros, criando eventos próprios na ferramenta Facebook, pelo contato entre pares e nas imagens dos vídeos e fotos.

Em relação às *instituições de contenção* a utilização do uniforme (vestuário) com emblema do grupo, foi aqui considerada como elemento principal de contenção. A exemplo do percebido no perfil do outro grupo pesquisado as imagens (fotos e vídeos) e as rodas de capoeira angola foram notadas como dispositivos eficazes para a transmissão desse sentido.

Em relação aos *gestos específicos* eles foram notados em seis itens: na logomarca Acesa, que apresenta subjetivamente o tipo de capoeirista que a Acesa quer desenvolver (habilidoso, com ação local, espiritualizado); pela valorização da ritualidade, através dos convites para rodas; na execução de eventos em parceria com outras manifestações culturais de raiz; e pelo comprometimento social das frentes de trabalho do grupo, percebido na visualização do vídeo postado.

O *pertencimento grupal* foi notado em todos 28 posts. Mas principalmente na foto de capa, contendo foto de roda do evento Lapinha Museu Vivo; na foto do perfil, com a logomarca da Acesa; nos posts de militância e valorização ancestral; e na divulgação de eventos próprios Acesa.

Não foram verificadas *transformações* nas redes sociais, além das já percebidas na mídia institucional, ou seja, nas fotos e vídeo percebe-se a mudança de localização dos instrumentos na bateria de capoeira angola.

4.3 MÍDIAS INSTITUCIONAIS e SOCIAIS: Relações de Poder e Dispositivo

Até aqui as reflexões desenvolvidas foram no sentido de entender como se dão as relações desses grupos com aparatos tecnológicos de não presença. Pois apropriar-se dos meios de comunicação hoje é como apropriar-se de um campo de mentes e de subjetividades para “cultivar-lhes” com palavras, idéias e imagens a sua própria significação em diversas modalidades de instituições, incluindo as noticiosas. E é inerente aos meios de comunicação a ampliação do poder simbólico da língua e das imagens, já que a especificidade do poder midiático se acha precisamente na capacidade inata de construir *dispositivos de regulação simbólica* dos espaços sociais.

Como enfatizado no item 4.1.3 (p.117) nesse subcapítulo será realizada uma análise das mídias institucionais e sociais da Fica-BH e da Acesa. No sentido de entender de forma integral como operam as relações de poder (RODRIGUES) perceptível no mundo da vida e no virtual desses grupos, bem como a identificação

de quais seriam os dispositivos (AGAMBEN) de manutenção e de atualização das identidades tradicionais em suas ações midiáticas. Pois é muito importante para esse estudo refletir sobre o que significa ter poder no campo das mídias, e identificar a apropriação dos dispositivos tecnológicos e estratégicos. E se hoje ter poder significa justamente ampliar seu reconhecimento social, de forma global, a idéia desse momento de reflexão é entender como esses grupos socioculturais estão lidando com os aparatos sociotécnicos de amplificação do poder simbólico do mundo hipermoderno.

Mas dentro desse contexto, onde os movimentos sociais buscam na mídia a validação de seu poder social local, pelo reconhecimento midiaticizado global, cabe perguntar: reconhecimento de quê? Para responder a essa questão o presente estudo se baseou nas reflexões de Rodrigues (2007) sobre as relações de poder, a partir das variáveis analíticas “visibilidade”, ou seja, os meios de se colocar visível, e “sentido”, ou o porquê de se colocar visível. A partir dos dados levantados nas Tabelas 10 e 11, foi interessante verificar que tanto a Fundação Internacional de Capoeira Angola Belo Horizonte quanto a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro trabalham sua visibilidade no mundo da vida e no mundo virtual (mídias institucional e social) a primeira vista de forma correlata. Mas com algumas nuances de diferenciação.

No mundo da vida a visibilidade de suas ações sociais se dá principalmente através da ocupação territorial. No caso da Fica-BH em 20 locais no Brasil (5) e no mundo (15). E no da Acesa ocupação territorial em 12 locais na Grande Belo Horizonte, um no Pará e um na Itália. A visibilidade também é trabalhada por ambos os grupos pela adoção de uniforme com logomarca própria, pela valorização da figura do mestre ou treinel responsável pelas atividades (hierarquia), pela manutenção cotidiana de uma rotina de treinos e rodas.

No caso específico da Fica-BH a visibilidade se dá também pela realização de rodas de rua com som ao vivo e acústico em locais de grande circulação de pessoas com utilização de coro (todos cantando ao mesmo tempo) para reforçar a amplitude do cantar e a coesão comunitária. E também pela a realização de Encontros Internacionais de Capoeira Angola, pelo menos uma vez por ano, em sistema de rodízio (em cada ano o evento é realizado em frentes de trabalho diferentes), mobilizando um público de 300 pessoas por evento.

Já a Acesa também trabalha sua visibilidade em todos os aspectos aqui mencionados. Com o diferencial de pelo menos duas vezes por ano realizar eventos de grande porte, integrando na sua programação outras manifestações culturais de raiz de matriz africana, com o objetivo de fortalecer a interlocução comunitária e a troca de saberes ancestrais. Para exemplificar o resultado de tal interlocução, somente na última edição do Aldeia Kilombo Século 21, ocorrida entre 9 e 10 de junho de 2012, foram realizadas 36 atividades culturais, com a participação de 13 categorias de manifestações culturais de raiz da RMBH: candomblé, dança afro, congado, capoeira angola, estética afro, boi da manta, tambor de crioula, reggae, soul, hip hop, samba, rodas de conversa e cinema étnico. E um público de mais de 1000 pessoas por dia.

Fixando foco nas mídias institucionais e as estratégias de visibilidade referentes às relações de poder da Fica-BH e da Acesa, num primeiro momento foi verificado que no mundo virtual ambas trabalham sua visibilidade de forma diferenciada. A Fica-BH em seu blog valoriza mais a imagem (fotos) e produz conteúdos mais repercutivos que propositivos, com o intuito claro de divulgação e angariação de fundos para as suas ações sociais. Por sua vez Acesa em seu site valoriza mais o texto informativo propositivo do que as imagens, utilizando os eventos culturais com o objetivo estratégico de ampliação dos valores ancestrais no corpo social e ressignificação simbólica. Curiosamente e apesar de possuírem meios e atitudes diferenciados de atuação no mundo virtual, as estratégias de ocupação simbólica desses grupos são correlatas. Pois ambas valorizam o nome, a logomarca e a história do grupo, produzem eventos de grande amplitude social, divulgam seus horários de treinos e rodas com intuito de ampliar a participação social em suas atividades locais.

Em relação à visibilidade das mídias sociais a Fica-BH e a Acesa no mundo virtual, a exemplo do que ocorre nas mídias institucionais, também foi verificado que num primeiro momento ambas trabalham as estratégias de se colocar visível de forma diferenciada. Enquanto a Fica-BH valoriza a imagem (fotos) em relação ao texto, a Acesa valoriza o texto em relação à imagem (fotos). A Fica-BH fomenta a coesão grupal (ação solidária a Mestre Jurandir e informações institucionais), procura dar espaço para divulgação de eventos de outros grupos (ampliando sua atuação como formadora de opinião), e realiza eventos restritos aos capoeiristas. Já a Acesa realiza eventos com a participação de outras expressões culturais de raiz

de matriz africana e com isso garante sua presença nas mídias de massa, como jornal e vídeo. Por outro lado, ambas possuem em comum o fato de procurarem dar visibilidade ao nome, a logomarca e a história do grupo, com publicações de convites de roda (flyer virtual), cartaz virtual de eventos, de informações que contribuam com a ressignificação simbólica do afro-brasileiro (Fica-BH: anti-racismo, religiosidade; Acesa: anti-racismo e valorização dos saberes ancestrais).

Pensando ainda no sentido dessas relações de poder, ou aos motivos que ambas têm para se colocar visível, pode-se afirmar que no mundo da vida essas expressões culturais estão motivadas pela: manutenção da vida econômica dos mestres, contramestres e treineis (pessoas que estão diretamente implicadas nessa transmissão dos saberes ancestrais), pela resistência social e manutenção cotidiana dos preceitos culturais afro-brasileiros e principalmente pela manutenção da vida grupal, comunitária e social.

No que se refere ao mundo virtual pode-se concluir que os motivos que levam a Fica-BH e a Acesa a ampliar sua visibilidade são correlatos, tanto nas mídias institucionais, como nas virtuais. Eles estão em primeiro lugar relacionados ao claro objetivo publicitário de divulgar seus eventos em proporções globais (ampliação da abrangência local). No sentido mesmo de ampliar a sua atuação local, facilitando o contato com as outras frentes de trabalho no Brasil e no mundo. Outro motivo é ocupação do espaço midiático com conteúdo próprio. Onde a ideologia da mudança de percepção social sobre as ações dos afrodescendentes é muito clara no site e no perfil do Facebook da Acesa e quase imperceptível no blog e na rede social da Fica-BH.

Para finalizar essa análise global e entender como tais estruturas simbólicas são aprendidas pelos grupos em foco e reconstruídas permanentemente esse estudo utilizou as variáveis analíticas de dispositivo sugeridas por Agamben. São elas: Dispositivo Tecnológico, relacionados aos aparatos sociotécnicos e Dispositivo Estratégico, fazem referência aos modos de empoderamento virtuais, como linguagem escrita, imagética e sonora. Na Tabela 15 abaixo, foi montado um paralelo entre as mídias dessas instituições para se compreender, de forma global, as estratégias de utilização de tais dispositivos.

TABELA 15 – UTILIZAÇÃO DOS DISPOSITIVOS PELAS CULTURAS DE RAIZ

GRUPOS	DISPOSITIVO TECNOLÓGICO aparatos sociotécnicos MÍDIA INSTITUCIONAL	DISPOSITIVO ESTRATÉGICO modos de empoderamento virtuais MÍDIA INSTITUCIONAL
Fica-BH	1) Valorização da logomarca do grupo; 2) Criação de Blog nas 18 frentes de trabalho; 3) Criação de Facebook; 4) Concentração, facilidade de acesso e utilização de Links entre as frentes de trabalho;	1) Valorização da narrativa imagética; 2) Valorização da logomarca do grupo em camisas de uniforme para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 4) Realização de eventos internacionais (pelo menos um por ano)
Acesa	1) Valorização da logomarca do grupo; 2) Criação de SITE; 3) Criação de Revista própria (Angoleiro É o que Eu Sou!); 4) Criação Audiovisual autoral (curtas, documentário televisivo, DVD); 5) Exibição de curta no Canal Brasil e em mostras de cinema; 6) Criação de perfil no Facebook; 7) Criação de Blog (DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a Volta que o mundo dá); 8) Criação de um Ponto de Cultura (Flor do Cascalho);	1) Valorização da narrativa textual em relação a imagética; 2) Valorização da logomarca do grupo em camisas de uniforme para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 4) Realização sistemática de eventos de grande porte com intermediação entre outras expressões culturais (pelo menos dois por ano);
GRUPOS	DISPOSITIVO TECNOLÓGICO MÍDIA SOCIAL	DISPOSITIVO ESTRATÉGICO MÍDIA SOCIAL
Fica-BH	1) Ocupação de 20 espaços territoriais em cinco estados brasileiros, oito nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), no México, no Canadá, em Lima, na Europa (França e Londres), na África (Moçambique) e no Japão (Tóquio); 2) Adoção de uniforme padrão em todos os locais de praticas; 3) Realização de prática de treinos semanal (pelo menos duas vezes por semana); 4) Realização de treinos e rodas com bateria orgânica ; 5) realização de rodas mensais nos locais de pratica; 6) realização anual de eventos de intercambio de informações intra-grupal-âmbito internacional ; 7) realização de rodas de rua com cobertura fotográfica ; 8) Criação de perfil pessoal no Facebook (com chat habilitado); 9) Valorização da logomarca do grupo ; 10) reiteração midiática - publicação nas redes sociais do mesmo conteúdo do blog	1) Valorização da narrativa imagética; 2) Utilização de uniformes para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 4) Musicalidade orgânica presente nas fotos de treinos e rodas de rua; 5) Realização sistemática de eventos internacionais sobre capoeira angola (pelo menos um por ano);
Acesa	1) Ocupação de 14 espaços territoriais em dois estados brasileiros e 02 países e continentes (Brasil, América do Sul e Itália) ; 2) Adoção de uniforme padrão em todos os locais de praticas; 3) Realização de prática de treinos semanal (pelo menos duas vezes por semana); 4) Realização de treinos e rodas com bateria orgânica ; 5) realização de rodas semanais ou quinzenais nos locais de pratica; 6) realização anual de eventos de intercambio de informações intra-grupal – âmbito regional ; 7) realização de rodas de rua com cobertura fotográfica ; 8) Criação de perfil institucional no Facebook ; 9) Criação de outras fan pages (Flor do Cascalho) e Blog (Primavera Kauindê) ; 10) Valorização da logomarca do grupo ; 11) reiteração midiática - publicação nas redes sociais do mesmo conteúdo do blog	1) Valorização da narrativa textual em detrimento a imagem; 2) Utilização de uniformes para identificação visual do grupo; 3) Valorização da logomarca do grupo; 4) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 5) Musicalidade orgânica presente nas fotos de treinos e rodas de rua; 6) Realização sistemática de eventos de grande porte com intermediação entre outras expressões culturais (pelo menos dois por ano);

Concluindo as reflexões sobre a identificação dos dispositivos, a verificação comparativa da tabela 15 comprovou que a Fica-BH e Acesa possuem dispositivos estratégicos muito similares, tanto nas mídias institucionais, quanto nas sociais. Ambas são similares em relação à utilização de uniforme com logomarca do grupo, na valorização da mobilização social e espacial e pela utilização da musicalidade orgânica em suas práticas. No entanto elas se diferenciam na utilização da narrativa. A Fica-BH tende ao imagético, enquanto a Acesa tende ao textual. Outro aspecto de diferenciação está no tipo de evento para público externo criado pelas instituições. Se por um lado a Fica-BH não possui eventos próprios de grande porte, ela apóia os eventos propostos pela Fundação, com abrangência internacional e focados na

temática capoeira angola. Por sua vez a Acesa produz seus eventos de forma autônoma, ou financiada por instrumentos de fomento governamentais, com abrangência regional, dialogando com outras expressões culturais de raiz de matriz africana.

Mas é em relação aos dispositivos tecnológicos que surge uma diferenciação significativa entre ambas. Avaliando sob a perspectiva institucional em seu blog a Fica-BH concentra a sua midiatização na internet, trabalhando a fixação de sua logomarca e de informações reiteradas nos aparatos blog e nas redes sociais. Enquanto a Acesa além de utilizar em seu site desses métodos de reiteração tecnológicos, ampliou sua atuação sociotécnica para outros formatos midiáticos como o impresso, o audiovisual e no campo da produção simbólica social/institucional através da criação do Ponto de Cultura Flor do Cascalho.

Já em relação às mídias sociais pode-se afirmar que enquanto a Fica-BH possui um perfil pessoal no Facebook, o qual possibilita uma interlocução instantânea com os seus 1591 amigos pela ferramenta chat, a Acesa possui um perfil institucional, que apesar de diminuir sua interlocução on-line com o público, a possibilita ter um conhecimento mais qualificado sobre as 239 pessoas que curtiram a fan page, com informações sobre gênero, faixa-etária, idioma e local de procedência. Outro aspecto de diferenciação entre ambas está no fato da Acesa possuir no Facebook perfis de outras atividades culturais, como a fan page do ponto de Cultura Flor do Cascalho, ou a postagem sobre o blog Primavera Kaiundê, que trata das atividades da Acesa na cidade de Macacos. A exceção dos itens acima apresentados a Fica-BH e a Acesa utilizam os dispositivos tecnológicos de forma correlata em relação à: ocupação territorial, a adoção de uniforme, a realização de treinos semanais e rodas com utilização da musicalidade orgânica, a realização de rodas de rua com cobertura fotográfica, a valorização da logomarca do grupo. Além de adotarem o modelo comunicativo padrão da informação reiterada, onde os conteúdos publicados nas mídias institucionais são republicados nas mídias sociais.

5 CONCLUSÕES

As reflexões propostas por este estudo, sinteticamente intitulado como Ritomídia, convergem para a compreensão das estratégias de manutenção e atualização dos ritos e pertencimentos ancestrais das culturas de raiz no campo midiático. Vale enfatizar duas constatações: os rituais são percebidos como fenômenos culturais de comunicação. E tanto as culturas populares, quanto as culturas midiáticas possuem em sua gênese aspectos estruturais comuns de ritualidade. Como definido por Peirano (2003) enquanto os **mitos são elementos da ordem do dizer**, das representações, do pensamento, **os ritos são da ordem do agir**, da ação pragmática, do ato. Eles são bons para transmitir valores e conhecimentos próprios e também para resolver conflitos e produzir as relações sociais. Em sua grande maioria os rituais são constituídos de sequências padronizadas de palavras e atos, frequentemente expressos em múltiplos meios, como vestuário, acessórios, diálogos, músicas, gestos, onde a estereotipia e a repetição são ingredientes de um complexo simbólico capaz de produzir valores sociais.

Embora aqui tenha sido analisado o processo de midiatização de dois grupos de capoeira angola em Belo Horizonte, vem de longa data a ressignificação simbólica das culturas de raiz no campo social, operada pela ritualização dos costumes do afro-brasileiro. Ela remonta a época colonial, dos meados do século XVI. Aquele marcado pela resistência cultural do negro em ânsia de liberdade, frente a opressão e exploração escravocrata. Resistência expressa pela criação e manutenção da capoeira e de todas expressões culturais afrodescendentes, seja no Quilombo dos Palmares, em Alagoas, seja nos matos e senzalas de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, ou nos arraiais, nas congregações das comunidades urbanas, ou mesmo das regiões de cais dos portos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Maranhão. Tal luta de ressignificação social ganhou amplitude nos campos midiático e social. De acordo com Sérgio Costa foi depois da abolição que “os jornais editados por intelectuais negros tornaram-se instrumento importante na luta contra a discriminação e pela conquista de igualdade de direitos.” O objetivo dessa publicização midiática era superar o estranhamento com a sociedade encarava o negro (2006, p.142). Assim surgiram periódicos como a Voz da Raça (1933), produzido pela Frente Negra Brasileira (FNB) ou ações como o Teatro Experimental

do Negro (TEN), de Abdias do Nascimento (1944), que buscava inspiração no movimento “Negritude”, tratado no item 3.1 (p. 51) deste estudo. Mas foi somente em 1979 que o Movimento Negro Unificado (MNU) começou desenvolver ações e estratégias de ressignificação do negro, hoje presentes nos campos social e midiático, com a difusão dos conceitos de identidade negra, negritude, afro-descendência e de ações anti-racistas. Todas enfocam as contribuições do negro para a construção da identidade cultural e simbólica do brasileiro.

O estudo aqui desenvolvido se propôs a uma imersão no atual processo comunicacional midiático e sua relação com a ressignificação simbólica das culturas de raiz de matriz africana em Belo Horizonte, para compreender como um de seus segmentos, a capoeira angola, vem ocupando os territórios virtuais. Para tanto, as análises foram focadas nos aspectos de enunciação dos conteúdos veiculados pela internet na forma de blogs, sites e redes sociais. Procurou-se entender as estratégias comunicativas adotadas pelas culturas tradicionais no sentido de reforçar e propagar uma cultura ancestral, da ordem da presença, por meio de processos e mecanismos virtuais de interação à distância.

Levando em conta o enquadramento conceitual proposto e as análises etnográfica e semiótica realizadas com o objetivo de compreender o processo de midiatização dos dois grupos de capoeira angola investigados, as questões orientadoras dessa imersão, podem ser assim respondidas:

- 1) Existe uma midiatização das interações em grupos de cultura popular tradicional, mais especificamente no caso da capoeira angola em Belo Horizonte?

Sim. Há pelo menos cinco anos os grupos Fica-BH e Acesa estão em pleno processo de midiatização. A Fundação Internacional de Capoeira Angola não só possui um blog específico, ficabh.blogspot.com (criado em 2009), como em demais 17 frentes de trabalho espalhadas por cinco estados brasileiros (MG, RJ, SP, BA, DF) e em quatro continentes (Américas do Sul, Central e do Norte, Europa, África e Ásia). Seu perfil no Facebook, criado em fevereiro de 2011, até o final de junho de 2012 possuía 1591 amigos. A Acesa apesar de produzir vídeos autorais desde 1996, ingressou institucionalmente na internet em 2005 com a criação do domínio próprio www.eusouangoleiro.org.br, da formulação do site e de caixa de e-mails

institucionais. Hoje, além do site e da fan page no Facebook, com 239 opções de curtir, possui três blogs (Primavera Kaiundê, Paz no Mundo Camará, Casinha) e três perfis no Facebook de outras frentes de trabalho (Ponto de Educação e Cultura Flor do Cascalho, da Irmandade de Atores da Pândega, Paz no Mundo Camará), produz conteúdos videográficos divulgados pelo youtube, uma revista própria (Angoleiro é o que Eu Sou!). Além de um projeto transmídia, o dvd Paz no Mundo Camará: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá, que contém documentário televisivo, curta metragem, making of e encarte gráfico com resumo de pesquisa histórica realizada em cinco Estados do Brasil.

Em relação as temáticas das informações veiculadas através da análise da Tabela 3 (p.90) pode-se identificar que:

- o blog da Fica-BH enfatiza divulgação de eventos e rodas próprias
- o site da Acesa enfatiza divulgação de eventos, história da África e rodas próprias
- o perfil da Fica-BH nas redes sociais enfatiza eventos e rodas próprios e da Fica em âmbito global, além de eventos de outros grupos
- o perfil da Acesa nas redes sociais enfatiza rodas e eventos próprios e políticas de reconstrução simbólica

Ou seja, os perfis sociais da Fica-BH e da Acesa seguem a linha temática da informações publicadas nas mídias institucionais⁴⁷. No blog foram verificados 23 fotos e um vídeo. No site 12 fotos, cinco textos e um vídeo. No perfil da Fica-BH no Facebook foram analisadas 30 fotos, 20 textos, dois eventos do Facebook e dois vídeos. No perfil da Acesa no Facebook foram verificadas 12 fotos, 14 textos, um evento no Facebook e um vídeo. Ao todo foram analisadas semiótica e etnograficamente 79 fotos, 39 textos e cinco vídeos.

Mas seria possível utilizar de estratégias de interação do mundo mediatizado e ainda assim continuar o mesmo, mantendo-se tradicional? A pergunta a seguir complementa a questão agora apresentada:

- 2) Se ocorre tal mediação, como se dão no mundo virtual os processos de transmissão de saberes da capoeira angola, caracterizada pela

⁴⁷ As mídias sociais e institucionais foram analisadas somente em seus conteúdos móveis .

manutenção de sua tradição ritualística e anteriormente ancorados exclusivamente nas interações presenciais e na oralidade?

Esse estudo verificou que é possível, sim, identificar as categorias de manutenção e de atualização das identidades tradicionais nas ações midiáticas destes grupos. Pois se a tradição é uma forma de transmissão de conhecimentos ancestrais, a maneira como presente e passado são relacionados, como demonstra a análise do material e as entrevistas realizadas, revelam uma plasticidade capaz de manter e atualizar sentidos, sem prejuízo da perspectiva tradicional.

- 3) Mas quais concepções servem de base para a compreensão de como se avança e diversifica no campo midiático, e mesmo assim se manter tradicional? É possível identificar como se muda para permanecer o mesmo?

Como já apresentado, este estudo trabalhou com 11 categorias analíticas, denominadas aqui de *Marcadores de Tradição*. São eles: ritualidade/rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão⁴⁸. Outra forma de se analisar os componentes tradicionais foi procurar perceber os *Níveis de Significação*, como sugere Barthes (1971, apud PENN, 2002). Nos discursos textuais e imagéticos das mídias. Assim os discursos foram averiguados através de análise denotativa (aspectos da linguagem e antropológicos) e conotativa (aspectos culturais).

A análise possibilita a conclusão que tanto no blog da Fica-BH, quanto no site da Acesa foram mantidos e estão presentes todos elementos de tradição do mundo da vida. Eles foram percebidos principalmente nas imagens (fotos, ilustrações, logomarcas e vídeos), onde os elementos identidade cromática (cores amarelo e preto) vestuário (uniforme), roda (circularidade), instrumentos (musicalidade) orgânica, gestos (movimentos/posicionamento), logomarca do grupo, espiritualização, são categorias recorrentes em diversos marcadores simultaneamente. Verificando os dados da Tabela 7 (Análise Comparativa

⁴⁸ Veja descrição completa de cada uma das categorias nos Marcadores de Tradição, p. 78.

Marcadores de Tradição) pode-se afirmar que tanto o blog, quanto o site, apresentam todos os 11 marcadores de tradição em seus conteúdos. Ressaltando o fato do site se mostrar mais tradicional e informativo que O blog, pois além das fotos e vídeo, contém 5 textos com conteúdo tradicional. Essa predominância de textos do site também é averiguada nos conteúdos fixos entre eles. Se por um lado ambos possuem oito assuntos fixos, o blog possui apenas sete temas em seu menu, enquanto o site possui 12 temas no menu. Certamente é esse fator informativo do site da Acesa, expresso através de uma linha editorial comprometida com a transmissão de saberes ancestrais, amplia o caráter tradicional dessa mídia em relação ao blog.

A Fica e a Acesa também apresentam elementos tradicionais na linha editorial das informações (hierarquização). Se no blog a predominância significativa é da imagem do capoeirista angoleiro, no site o texto e o contexto são ainda mais utilizados como elementos significativos de transmissão de saberes ancestrais. Desta forma a midiatização da Acesa se difere da Fica principalmente no formato mais informativo de seu site e pela programação inclusiva de seus eventos. Pois eles abrangem outras manifestações de raiz de matriz africana além da capoeira angola - como a dança afro, as religiosidades africanas e o samba, sempre iniciando e acabando as atividades culturais com um tipo de benção espiritual.

No que se refere a identificação dos elementos tradicionais e a título de exemplificação da metodologia aplicada, dentre os 76 itens averiguados, foram destacadas as análises conotativas das logomarcas da Fica e da Acesa. As quais foram considerados como os elementos imagéticos mais significativos, justamente por explicitarem as intenções subjetivas de cada um dos grupos. Comparando as duas logomarcas nota-se em comum os elementos tradicionais: circularidade, musicalidade orgânica, corporeidade (gesto em comum: bananeira) e oralidade (diálogo de corpos). Justamente os elementos mais significativos aqui percebidos utilizados subjetivamente para o repasse dos saberes tradicionais afro-brasileiros

Em relação as mídias sociais comparando as postagens das duas instituições na Tabela 13 (p.122) pode-se afirmar que em ambos os perfis, cinco, dos 11 elementos tradicionais, são os mais recorrentes nos conteúdos das informações publicadas. São eles: pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão. Esses cinco elementos são inclusive aspectos tradicionais subjetivos utilizados nos discursos sociais de outros grupos. Foi

comprovada também a tendência percebida na análise do discurso midiático institucional por parte da Acesa em possuir um conteúdo mais tradicionalista que o da Fica, relacionado a ritualidade. O qual pode ser averiguado nos posts da Acesa pela presença recorrente dos elementos ritualidade/rotina, ancestralidade/hierarquia, oralidade e circularidade. Diferente da Fica que reitera em todas as suas informações somente aspectos relacionados a ancestralidade/hierarquia.

- 4) Com qual finalidade os dispositivos sociotécnicos vem sendo utilizados pelas culturas populares? Se existe um processo de midiatização, será que a forma como vem acontecendo possibilita um efeito de publicização mais forte do que o efeito de informação pretendido?

As conclusões apontam num primeiro momento para uma ocupação do mundo virtual através dos dispositivos blog e site com uma perspectiva prioritariamente publicitária. Ou seja, apontam para uma atuação exteriorizada das instituições. No entanto, essa função se integra ao efeito informativo pelo repasse de informações com ênfase em conteúdos simbólicos tradicionais afro-brasileiros, como vestuário, gestos, musicalidade, expressos de forma subjetiva em imagens, textos, plano editorial, aspectos cromáticos e na formatação dos eventos produzidos pela Acesa e Fica-BH.

Em relação a mídias sociais é mantido o padrão das mídias institucionais em utilizá-las como forma de publicizar, de maneira global, suas ações locais. Para isso nas redes sociais se utilizam do recurso de reiteração midiática de informações entre blog/site e perfil. Por outro lado, os conteúdos discursivos subjetivos presentes nas imagens e textos estão repletos de informações de reforço dos aspectos tradicionais relacionados aos valores simbólicos culturais das expressões de raiz de matriz africana. Apesar de ter sido analisado um número maior de postagens da Fica (67), a Acesa (28) apresenta em seu conteúdo um padrão de informação mais tradicional, verificado no maior número de posts contendo os itens ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, pertencimento social, militância, autonomia e auto-gestão. Já a Fica-BH apresenta predominância dos elementos ancestralidade/hierarquia, circularidade e perpetuação temporal dos costumes, reafirmando o papel da imagem, como sendo um veículo de informação mais eficaz no repasse imediato de sentidos subjetivos em relação ao texto.

- 5) Se tal processo de midiatização existe, estará ocorrendo sob uma perspectiva comunicacional inclusiva? No sentido de perpetuar a cultura, amplificar seu poder social, atualizando seus códigos identitários tradicionais, e amplificando assim sua participação no espaço público?

Na midiatização institucional da Fica-BH um fator que salta aos olhos é o fato deles desenvolverem há 17 anos um trabalho contínuo de treinos e rodas ordinárias na cidade. Curiosamente essa informação encontra-se subvalorizada no mundo virtual, tanto nos posts de conteúdos móveis, quanto nos fixos. Nos móveis a ocorrência é de somente três postagens propositivas de rodas em 2012 e três postagens repercussivas em 2011. E nos fixos, aparece em posição de visualização pouco privilegiada, surgindo somente como o terceiro item na ordem de prioridade visual do blog. Também é importante ressaltar sobre a apropriação territorial da Fica no mundo da vida e no virtual. Se por um lado no blog existe um espaço nos itens fixos com links para 17 frentes de trabalho no mundo, comprovando a ampliação do trabalho da Fica em âmbito global, nesses 17 anos de atuação em Belo Horizonte essa ampliação do trabalho da Fica não se reflete no âmbito local. Pois nas fotos das rodas e oficina realizadas na sede do grupo comprovam uma participação de no máximo 15 pessoas no grupo. A percepção é de que a tendência a publicização no mundo virtual esteja vinculada a vontade/necessidade de ampliação da Fica-BH no mundo da vida. Mesmo que no nível subjetivo das publicações a Fica-BH proponha a propagação da ideologia política de resistência cultural, de transmissão de saberes tradicionais da capoeira angola no contexto social, tal proposta é pouco explorada.

Se o blog não possui objetivo explícito de divulgar esse tipo de informação, o site da Acesa, que apresenta mais categorias tradicionais, ainda assim, não consegue dar destaque objetivo para a programação de seus espaços de treinos e rodas ordinárias, uma das suas grandes preocupações de manutenção dos aspectos culturais tradicionais no mundo da vida. Após a verificação dos dados de apropriação de tempo e espaço da Acesa pode-se concluir que em relação à proporção das atividades desenvolvidas no mundo da vida o dispositivo site está sendo usado principalmente para sua publicização, ainda que de forma subutilizada. Não figuram nos posts verificados da página de notícias nem menção aos outros 6 eventos realizados pela Acesa no mesmo período. Além disso, nos seus 19 anos de

atuação mundo da vida, uma das grandes preocupações da Acesa é a manutenção de seus espaços de treinos e rodas ordinárias. Esse fato não está proporcionalmente valorizado no mundo virtual, pois o link da notícia “Compareça nas rodas da Acesa”, que está em destaque, já que figura no editorial “Notícias em Destaque” e difundiria os horários da rodas, não funciona desde a época da postagem (2009). Tudo isso revela não somente um despreparo técnico de quem foi responsável por essa publicação, como também a ausência de uma linha editorial mais bem definida.

6) Mas como manter e atualizar os ritos e pertencimentos ancestrais no campo midiático?

Para dar conta de responder a tal questão este estudo buscou aporte em Vizer (2007) utilizando como categoria analítica suas “Ações de Resistência”, aqui avaliadas nos quesitos Instituições de Contenção (vestuário, gestos específicos, pertencimento grupal), Reconstrução de Vínculos (família, amor, amizade) e Transformações (mudança nos hábitos rituais). Uma primeira constatação refere-se à presença em todos os aspectos do índice dos elementos imagéticos identificadores de pertencimento ao grupo. Seja pela escolha das cores do Blog (amarelo e preto), seja pela presença da logomarca, que designa o grupo em questão, ali se reproduzem os elementos utilizados nos uniformes por parte de todos os capoeiristas que participam das rodas. Outra constatação é a presença de outro elemento central, a corporeidade, notada na representação imagética de alguns movimentos capoeirísticos especificamente treinados em cada grupo. No caso da Fica figura no blog a imagem de um movimento conhecido como bananeira, imagem também presente na logomarca do grupo. E no mundo da vida a utilização de um movimento conhecido como relógio conota sua tradição na árvore genealógica da capoeira angola, com seus fundamentos advindos do Gcap (grupo Capoeira Angola Pelourinho, mestre Moraes). Pois o relógio é um dos movimentos mais representativos da corporeidade de Mestre Moraes, mestre direto de mestres Jurandir e Cobra Mansa.

A reconstrução de vínculos foi notada também no post fixo "Horários das aulas de capoeira" e nas fotos do índice. A reconstrução de vínculos familiares e de amizade se dão a partir da prática semanal nos treinos, no caso da Fica-BH três

vezes por semana e acima de tudo, pela participação nas rodas de capoeira. Além disso, das 23 fotos analisadas, tanto nas fotos das rodas, como nas dos eventos, além da participação recorrente de membros da Fica, figura a participação mais contundente de membros da ACAD (Associação de Capoeira Angola Dobrada), mais precisamente dos treineis Iran e Ricardo e de seus alunos. Bem como de capoeiristas de outros grupos, como Camugerê (Contramestre Renê), Associação de Comunitária de Capoeira Angola BHZ (Contramestre Willian), Eu Sou Angoleiro (treineis Carem e Icaro) e Grupo Iúna (Mestre Primo), fato demonstrativo que na roda se ampliam os laços de amizade entre os integrantes desses grupos. Mesmo se tratando de uma cultura tradicional a Fica enquanto instituição global têm inovado no contexto de atuação social desenvolvendo um evento que proporciona o encontro entre as tradições e princípios da Permacultura e da Capoeira Angola, denominado Permangola⁴⁹.

Na Acesa o uniforme também é um elemento de exigência primordial para a prática da capoeira angola. Esse elemento disciplinar e identificatório, camisa amarela com logomarca do grupo, calça preta e tênis, é percebido em diversos aspectos do índice do site, onde são também reproduzidas as cores e a logomarca.

Em relação à reconstrução de vínculos no site da Acesa ela foi percebida tanto nos itens móveis (no menu "Notícias em destaque", nos posts "Aldeia Kilombo Século 21: as raízes se encontram no templo da cultura", "Compareça nas rodas da Acesa") como nos itens fixos (menu "Sobre a Acesa", principalmente nos assuntos "Quem somos", "Frentes de Trabalho", "Treinos", "Rodas", "Calendário de eventos"). Todos são convites a esse momento de reconstrução de vínculos. Apesar de o grupo, a exemplo de outras expressões da cultura popular, ter uma forte funcionalidade familiar, ela não está expressa no site em momento algum. Ao contrário, a valorização ocorrida no nível das imagens (ilustração, logos e fotos e flash) aponta para um reforço das atividades realizadas por um grupo coeso, ou seja, elas se dão no nível da amizade intergrupar.

Apesar desse estudo já ter demonstrado que o site da Acesa tem propensão maior a tradicionalização dos conteúdos do que o blog da Fica-BH, foi justamente no

⁴⁹ O que a prática da permangola propõe ao convívio capoeirístico hipermóderno é justamente a volta do ser humano a sua auto-sustentabilidade, ao campo, ao seu encontro ancestral de trato com a terra e consigo mesmo. Proposta correlata aos ensinamentos tradicionais angoleiros e de raiz, que valorizam a vida comunitária, baseada na auto-gestão e laços de companheirismo grupar.

site que se identificou transformações mais significativas. Elas se encontram no nível da ritualização da prática angoleira, mais precisamente na ordem de formação da bateria de capoeira angola. Na Acesa a formação da bateria possui a seguinte ordem: atabaque, berimbaus, gunga, médio e viola, 2 pandeiros, reco-reco e agogô. Ou seja, a Acesa, apesar de ser uma casa com influência direta do CECA, mudou a localização do atabaque e do reco-reco e aumentou o número de pandeiros de um, para dois, colocando-os um ao lado do outro e ampliando o número de instrumentos da bateria de angola de sete para oito, como no CECA de Mestre Pastinha, mas mudando a posição dos instrumentos. Outra mudança percebida é a inclusão da cor azul, como elemento de fundo no site, que remete a uma tendência a espiritualidade.

- 7) É possível identificar se existem dispositivos de manutenção e de atualização das identidades tradicionais nas ações midiáticas destes grupos?

Para identificar como as estruturas simbólicas são aprendidas pelos grupos em foco e reconstruídas permanentemente, esse estudo utilizou as variáveis analíticas de dispositivo sugeridas por Agamben (2007). São elas: Dispositivo Tecnológico, relacionados aos aparatos sociotécnicos e Dispositivo Estratégico, fazem referência aos modos de empoderamento virtuais, como linguagem escrita, imagética e sonora. A verificação da Tabela 3 (p.90) comprovou que a Fica-BH e Acesa possuem dispositivos estratégicos muito similares, tanto nas mídias institucionais, quanto nas sociais. Ambas são similares em relação à utilização de uniforme com logomarca do grupo, na valorização da mobilização social e espacial e pela utilização da musicalidade orgânica em suas práticas. No entanto elas se diferenciam na utilização da narrativa. A Fica-BH tende ao imagético, enquanto a Acesa tende ao textual. Outro aspecto de diferenciação está no tipo de evento para público externo criado pelas instituições. Se por um lado a Fica-BH não possui eventos próprios de grande porte, ela apoia os eventos propostos pela Fundação, com abrangência internacional e focados na temática capoeira angola. Por sua vez a Acesa produz seus eventos de forma autônoma, ou financiada por instrumentos de fomento governamentais, com abrangência regional, dialogando com outras expressões culturais de raiz de matriz africana.

Mas é em relação aos dispositivos tecnológicos que surge uma diferenciação significativa entre ambas. Avaliando sob a perspectiva institucional em seu blog a Fica-BH concentra a sua midiatização na internet, trabalhando a fixação de sua logomarca e de informações reiteradas nos aparatos blog e nas redes sociais. Enquanto a Acesa além de utilizar em seu site desses métodos de reiteração tecnológicos, ampliou sua atuação sociotécnica para outros formatos midiáticos como o impresso, o audiovisual e no campo da produção simbólica social/institucional através da criação do Ponto de Cultura Flor do Cascalho.

Já em relação às mídias sociais pode-se afirmar que enquanto a Fica-BH possui um perfil pessoal no Facebook, o qual possibilita uma interlocução instantânea com os seus 1591 amigos pela ferramenta chat, a Acesa possui um perfil institucional, que apesar de diminuir sua interlocução on-line com o público, a possibilita ter um conhecimento mais qualificado sobre as 239 pessoas que curtiram a fan page, com informações sobre gênero, faixa-etária, idioma e local de procedência. Outro aspecto de diferenciação entre ambas está no fato da Acesa possuir no Facebook perfis de outras atividades culturais, como a fan page do ponto de Cultura Flor do Cascalho, ou a postagem sobre o blog Primavera Kaiundê, que trata das atividades da Acesa na cidade de Macacos. A exceção dos itens acima apresentados a Fica-BH e a Acesa utilizam os dispositivos tecnológicos de forma correlata em relação à: ocupação territorial, a adoção de uniforme, a realização de treinos semanais e rodas com utilização da musicalidade orgânica, a realização de rodas de rua com cobertura fotográfica, a valorização da logomarca do grupo. Além de adotarem o modelo comunicativo padrão da informação reiterada, onde os conteúdos publicados nas mídias institucionais são republicados nas mídias sociais.

- 8) Se existe alguma contribuição da midiatização para as culturas de raiz de matriz africana no contexto social, como se pode identificar isso?

Para compreender tal contribuição esse estudo utilizou o conceito de apropriação de tempo e espaço, de Eduardo Vizer (2007), a partir da percepção de como ocorre essa apropriação no “mundo da vida” e do “mundo virtual” das instituições. Em relação a apropriação do tempo e espaço da Fundação Internacional de Capoeira Angola Belo Horizonte pode-se afirmar que o fato dela possuir um perfil na rede social ampliou seu território virtual de forma contundente:

de 15 angoleiros reais concentrados em Belo Horizonte, para 1591 amigos virtuais de várias cidades do Brasil e do mundo. Ainda que a ideologia política de resistência cultural e de transmissão de saberes ancestrais da capoeira angola, estejam presentes no nível subjetivo dos posts - como comprovado pelos marcadores de tradição - pode-se concluir que a Fica-BH mantém nas redes sociais a mesma tendência a publicização verificada nas informações do seu blog. Nota-se que a maioria dos posts sobre eventos relacionados às Rodas de Rua e aos eventos de âmbito nacional, como as duas conferências internacionais e o da Permacultura, foram produzidos para gerar interesse de participação, ou seja, criados com objetivo persuasivo. Inclusive a Fica-BH está se tornando referência como formadora de opinião, pois durante o período pesquisado foram realizados 12 posts de eventos de outros grupos em seu perfil. Já os posts das ações da Fica-BH realizados em âmbito local, como Oficina com Mestre Bigo, Encontro Nacional de Mulheres, Festa Junina da Fica, foram produzidos de forma repercussiva, ou seja, após a realização do evento. De uma forma ou de outra, nas redes sociais têm ocorrido uma ampla midiatização das ações da Fica-BH no mundo da vida, baseada principalmente em sua atuação espacial, onde os eventos globais estão sendo mais destacados em detrimento das atividades rotineiras, como treinos e eventos locais. A atuação temporal da Fica-BH do mundo da vida não foi privilegiada no mundo virtual nem no nível textual, nem no imagético. Pode-se constatar apenas que em 2012 a Fica-BH está mantendo a média de postagens de 2011, ou seja, está mantendo seu padrão de atuação comunicacional.

Após a verificação dos dados de apropriação espaço da Acesa pode-se concluir que a sua participação nas redes sociais ainda é restrita a publicização de eventos externos. Em sua maioria tiveram a clara intenção de divulgar ao público externo mudanças nas rotinas de roda da Acesa. Nesse dispositivo a Acesa transita com pouca adesão social, possui apenas 239 opções de curtir. Mesmo assim, a rede social teve um efeito positivo em relação à ampliação da territorialidade da abrangência da informação, que tem se disseminado principalmente para Belo Horizonte, Belém, Rio de Janeiro e para alguns países da América Latina e da Europa. Por outro lado, essa rede social ainda não foi utilizada como forma de agregar informações sobre os trabalhos desenvolvidos por todas as suas frentes de trabalho. No caso, foram percebidas no Facebook somente postagens referentes a eventos do grupo se apresentando enquanto um todo (Aldeia Kilombo). Mesmo

quando o evento institucionalizado é produzido de forma local, a exemplo do Lapinha Museu Vivo, realizado pela frente de trabalho Irmandade dos Atores da Pândega, de Lagoa Santa. Além dessas, são temáticas das informações as ações promovidas pela sede, como as rodas, ou pelo Ponto de Cultura Flor do Cascalho, Vila Fazendinha e Macacos, todas atividades diretamente relacionadas aos treineiros Ricardo e Icaro, administradores da fan page. Em relação à apropriação do tempo pode-se afirmar que no mundo virtual a Acesa não tem privilegiado seu desenvolvimento temporal, ou seja a história do grupo, nem no nível textual, nem no imagético, detendo-se a divulgar ações momentâneas. No entanto, pode-se constatar uma apropriação maior desse dispositivo pelos administradores, que em 2012 postaram seis vezes mais notícias que em 2011. Ou seja, a Acesa está mudando e ampliando o seu padrão de atuação comunicacional.

Além das questões orientadoras, é possível explorar as premissas agir, dizer e pensar, elementos inerentes da interlocução ritualística e midiática.

AGIR. Como afirmado anteriormente, diferentemente dos mitos, que são elementos da ordem do dizer, os ritos são da ordem do agir, da ação pragmática, do ato. Na capoeira angola, participar de uma roda requer um tipo de preparo, tanto do espaço - como o uso do incenso, posicionamento dos instrumentos e das pessoas na roda, quanto do angoleiro - com recomendações de jejuns e banhos sagrados de ervas. Segundo Rodrigues (1999) o mundo virtual também possui características específicas, e em sua gênese operam aspectos ritualísticos comuns ao mundo da vida, as quais consistem na geração de modalidades estereotipadas de funcionamento sociais. Ou seja, independentemente de ser do campo social ou das mídias, os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos próprios e produzir as relações sociais.

DIZER. Símbolo da evolução humana, a *linguagem* é o elemento chave do processo comunicativo e de toda a experiência social. É o veículo primário da intercompreensão social. Seja oral, escrita ou visual, a linguagem é um sistema sógnico, de esquemas tipificadores da experiência, que se funda em idealizações e generalizações da experiência subjetiva imediata. Habermas (2003) defende que da síntese entre ação e linguagem surge a ação comunicativa, por onde se desenvolve o processo de socialização de uma pessoa. Ou seja, o *processo comunicativo* ocorre levando em conta a priori o domínio e o compartilhamento dos códigos de significação. E hoje não há como negar o papel decisivo da comunicação e das

mídias na construção da significação social da realidade. Seu poder está no fato justamente de disponibilizar, de forma acessível e prática, um corpo de conhecimentos essenciais para a percepção do mundo social. Na década de 80 analisando mudanças sociais causadas pela indústria cultural, Habermas percebeu que as *funções de reprodução social* estavam passando por uma *mudança progressiva do agir ritual pelo agir comunicativo*. Ou seja, o processo social pelo qual uma realidade é criada, modificada, partilhada e preservada – através de diálogos, músicas, gestos, vestuário e acessórios - começou a ser vivenciado como forma de comunicação, e não mais exclusivamente em práticas presenciais, onde ocorriam as vivências ritualísticas, como nos grupos comunitários onde acontecem manifestações socioculturais. Assim, a linguagem midiaticizada de grande público, como a da televisão, dos jornais, do rádio, do cinema, além de potencializar a interação entre as pessoas de forma globalizada, ganhou a amplitude de tornar-se referente simbólico e discursivo.

PENSAR. Nesse estudo pode-se comprovar, através análises das interações midiáticas dos grupos de capoeira angola Fica-BH e Eu Sou Angoleiro em site, blog e redes sociais, que nas interações das culturas de raiz de matriz africana de Belo Horizonte o discurso virtual de co-presença vem ganhando espaço de interlocução, antes exclusivo do discurso presencial. Entretanto, o discurso mencionado se mantém segmentado a seus pares: capoeiristas, praticantes de capoeira, pessoas das comunidades afrodescendentes e agregados.

Mas afinal, como as culturas de raiz de matriz africana, que possuem a transmissão de saberes fundada na presença, se apropriam e utilizam de avançados dispositivos sociotécnicos virtuais?

As reflexões realizadas até o momento confirmam a percepção de que a reterritorialização midiática, ou seja, o conhecimento e a apropriação das novas tecnologias de comunicação por indivíduos e grupos socioculturais é crescentemente usada pelos grupos de capoeira angola de Belo Horizonte como *dispositivo na luta pela igualdade social*, com objetivo, inclusive de proporcionar em âmbito global a redução dos efeitos da exclusão histórica sofrida pelos negros e suas práticas culturais. Em relação à visibilidade social do trabalho cultural, ou como esses grupos se mostram aos outros, foi verificado que de forma objetiva os grupos de capoeira angola mostram-se em suas mídias como produtores culturais populares ou realizadores de eventos de pequeno e médio porte (entre 300 a 3000

peças por evento). De forma subjetiva os grupos de capoeira se mostram como mantenedores das tradições angoleiras. Tanto os textos quanto as imagens passam um sentido subjetivo tradicionalista. Tal percepção está sendo disseminada pelo uso do uniforme, adoção da musicalidade orgânica e oralidade (nas fotos há sempre presença de pessoas tocando instrumentos e cantando); pela execução de gestos peculiares de cada grupo (movimentos de capoeira angola); pela manutenção da circularidade, hierarquia e ritualidade expressa na realização de rodas; e principalmente, por repassarem a idéia de pertencimento social e autonomia, elementos tradicionais presentes em todos os posts verificados.

Para entender como ocorre o processo de significação e de interação dos grupos de capoeira angola, esse estudo buscou na semiótica ancoragem de suas percepções analíticas. Justamente porque o objetivo da análise semiótica é destacar e descrever as operações discursivas contidas no suporte (mídia) que determinam a posição do enunciador e do destinatário. E o do semiólogo é desmascarar o processo de naturalização da significação, identificando os conhecimentos culturais que estão implícitos no objeto analisado. Assim, pensando no *tipo de interação* que ocorre entre os actantes, ambas as mídias institucionais operam no *regime de junção*. Ou seja, o interlocutor internauta, estabelece seu contato com a instituição através de um discurso-objeto, aqui o blog e o site. Na perspectiva dos *Modos de Existência*, ou os motivos que levam uma pessoa a *ser* algo, ambas as mídias operam através da *programação*. No que se refere aos *Modos de Ação*, ou os motivos que levam uma pessoa a *fazer* algo, o blog da Fica-BH apresenta características de *manipulação* e *ajustamento* e o site da Acesa apresenta somente características de *manipulação*. Já nas redes sociais os contatos virtuais ocorrem devido ao compartilhamento de sentimentos subjetivos que são da ordem da *junção* e da *união*. A união é um tipo de interação que exige a co-presença entre os actantes, onde há o contato direto e sensorial entre os sujeitos da interlocução. Em relação aos Modos de Existência essa união acontece pelo regime do *acidente*. Na perspectiva dos Modos de Ação, ou seja, aquilo que leva uma pessoa a *fazer* algo, a interação das redes sociais opera pela junção, no regime do *ajustamento*.

Sobre as temáticas das informações postadas nas mídias institucionais e sociais, verificou-se que estão relacionadas à: divulgação de eventos fixos (criados para público externo), rodas de capoeira angola, assuntos de militância do movimento negro, como anti-racismo, valorização dos saberes ancestrais e também

sobre o trabalho individualizado dos treineis. Em sua maioria são informações reiterativas. Ou seja, elas são postadas nas mídias institucionais (site e blog) e replicadas nas redes sociais (facebook). No período verificado em ambos os grupos foram mantidas a média de postagens nas mídias institucionais. Já nas mídias sociais a Fica-BH está mantendo o mesmo padrão de posts: 40 em 2011 e em 2012, até o momento analisado, 32 posts. Já a Acesa está ampliando a sua participação nesse espaço. Em 2011 foram 50 posts e em 2012, até o momento analisado, 81.

No que se refere às características discursivas do campo dos media - ou a utilização do discurso como estratégia de mediação- percebeu-se que tanto nas mídias institucionais como nas sociais há predominância de uma enunciação pedagógica, principalmente relacionada aos posts de divulgação de eventos e rodas de capoeira. Ou seja, os enunciadores mostram, explicam, aconselham, hierarquizam, pré ordenam o universo do discurso, conservando uma distancia objetiva do leitor. O fato gera uma interlocução desigual, onde um fala, o outro escuta, onde objetivo da interlocução com o leitor é mesmo obter cooperação e inculcação de valores. Tais percepções foram notadas, por exemplo, no uso da expressão “Fica convida”. Onde há predominância da enunciação desenvolvida em terceira pessoa. Esse artifício de linguagem, apesar de partilhar valores no nível do dito, confere a narrativa uma dessubjetivação, uma posição didática e distanciada. E no caso das mídias analisadas, tais artifícios foram utilizados principalmente nos posts referentes a eventos, onde potencializaram a utilização de verbos no imperativo (vem, compareça, confira, acesse) e no infinitivo (copiar, colar, preencher). Em menor proporção, curiosamente nos posts relacionados à militância, valorização dos saberes ancestrais e conversação intergrupal, a Acesa e Fica também se apresentam como enunciadores não pedagógicos. Ou seja, partilham de valores no plano das modalidades do dizer de forma distanciada. Deixando ao leitor a liberdade de decidir sobre a importância relativa dos temas tratados. Ao assumirem uma posição não didática em seus discursos montados em paralelo, potencializam o dialogo e a cumplicidade.

Verificando as estratégias discursivas notou-se nessa incursão ao universo midiático dos grupos de capoeira que os discursos imagéticos (fotos e imagens em movimento) são utilizados em ambos os grupos como instrumentos de sedução, seja em suas mídias institucionais, como nas sociais. Inclusive a Acesa utiliza em seu site como estratégia siderante 12 fotos em flash de forma fixa (que se apresenta em

todas as abas), no sentido mesmo de criar impacto, de fixar atenção, de simular o real, e até mesmo, de assegurar uma “cooperação” do interlocutor nos conteúdos ali apresentados. Mesmo que os conteúdos dos posts de ambas as instituições não tenham um compromisso com a instantaneidade e o ineditismo, inerentes do jornalismo e valorizados no mundo da informação, há uma preocupação dos administradores em atualizar as suas mídias. No entanto, tal atualização ocorre de acordo com uma demanda interna, geralmente levantada pelo mestre de capoeira, e geralmente baseada na divulgação de eventos de formação de público.

Apesar do contato com as mídias possibilitar a qualquer usuário um domínio imanente do discurso comunicativo, e caminhando para as considerações conclusivas, vale ressaltar o papel do profissional de comunicação nesse contexto. Diferente das mídias institucionais de agentes comunicacionais, onde a difusão de informações é feita por profissionais qualificados em comunicação e desempenham atividade remunerada (como a produzida por departamentos de comunicação de empresas privadas), a comunicação institucional da Acesa e da Fica-BH é feita de maneira voluntariada, por capoeiristas com forte engajamento no grupo (mais de sete anos de atividade grupal). Esse contexto de despreparo técnico gera limites comunicativos importantes, como a desatualização das informações (tornando as mídias pouco atraentes), ou mesmo o questionamento social da capacidade comunicacional das instituições em questão.

No caso da Fica-BH tanto o blog, quanto a rede social, são administrados pela mesma pessoa, uma aluna que não possui formação em comunicação social, portanto não domina as estratégias narrativas das mídias as quais “controla”. Tal despreparo e não profissionalismo é claramente notado nas mídias analisadas daquela instituição, as quais apresentam defasagem técnica tanto no nível estrutural (design e linha editorial), quanto no discursivo. Assim, para garantir a interlocução a administradora optou por utilizar uma narrativa icônica, baseada em imagens, a se aventurar pelo mundo da informação textual, o qual não é de seu domínio, já que sua formação é na área gerencial.

Já a Acesa possui em seu quadro de alunos várias pessoas com formação em comunicação social. Ao todo hoje são cinco capoeiristas responsáveis pela manutenção das mídias, das quais: três são comunicadores e desenvolveram as mídias em questão de forma voluntariada (como no caso dessa autora que criou as mídias institucional e social), ou foram treinadas para esse fim (como no caso dos

alunos administradores do site); e duas são treineis de capoeira. Se por um lado esse preparo técnico confere ao site um design e informações textuais mais completas, com fluxo de leitura fluído, e a fan Page no facebook uma narrativa mais textual que imagética; por outro, o fato de não haver remuneração a estes profissionais para o trabalho em questão, os impede de se dedicarem da maneira adequada aos parâmetros comunicacionais, no sentido de manterem atualizadas as informações em tempo real, ou mesmo resolverem problemas estruturais de programação. Como pode ser verificado no site o erro de uma foto em flash, que desde 2009 não possui link, ou mesmo o conteúdo da mensagem Compareça nas Rodas da Acesa, que apresenta erro no link também desde 2009.

Independente das dificuldades estruturais e administrativas dessas culturas de raiz de matriz africana em lidar com seus aparatos sociotécnicos, é possível concluir que no contexto atual não se pode negar a contribuição de tais aparatos na amplificação e potencialização do ato interativo, antes fundado exclusivamente na oralidade e nas interações presenciais. Para completar essa reflexão é importante voltar as questões primordiais dessa incursão na midiatização dos grupos de capoeira angola.

Assim, essa pesquisa permite afirmar **que as mídias institucionais e sociais no contexto das manifestações culturais tradicionais podem se constituir como importante estratégia de atualização das tradições populares**. Pois os actantes continuam buscando o de sempre: o interagir, o “estar com”. Entretanto, na atualidade para que a interlocução aconteça, é necessário aliar à presença e oralidade, as interações mediadas pelos aparatos tecnológicos, como a internet, o radio, a tv. Assim, pode-se afirmar que o domínio e a utilização dos medias de diferentes maneiras pelos atores sociais tradicionais, aponta para uma potencialidade de estratégia de amplificação de poder social e de transmissão de saberes ancestrais, transmitidos de forma subjetiva. No sentido mesmo de difundir valores não hegemônicos no seio social, como os de valorização dos saberes ancestrais afro-brasileiros, de maneira global e irrestrita. No entanto, dada a complexidade do tema, há um longo caminho investigativo que precisa ser trilhado no campo da comunicação para se chegar a conclusões mais completas acerca das interpretações sobre o que se passa nas *sociedades contemporâneas midiatizadas* e pensar novas formas de relação entre atores sociais, comunicadores, mídia e sociedade.

Sobre o trabalho do comunicador relacionado ao processo de intermediação da significação social cabe aqui uma reflexão de Júlio Pinto (2008): “tenho dúvidas sobre se o papel da comunicação é o de gestão controladora, radar captador de algo para poder devolver a coisa comunicada em forma de certa instrumentalidade inteligível, utilitária, iluminada”. Daí a importância de se entender o conceito de permediatividade, pois, “leva em conta a instabilidade dos processos comunicativos, e se centra nos sentidos, e não nos significados(...) Essa é uma questão imanente ao signo, exatamente constituído de opacidade e intransparência e potencial de mau-entendimento”. Ou seja, “não há garantias na produção da mensagem, não há garantias na mensagem, não há garantias na sua recepção”. Pois, o que a permediatividade do signo considera “é que exercer a linguagem é exercer certo risco, pois toda linguagem é indeterminada e intransparente” (PINTO, 2008. p.86).

Para além das garantias de uma comunicação eficiente, esse estudo procurou *“produzir um pensamento sobre a comunicação (...) que não seja serviçal, mas que possa contribuir para defasar a razão instrumental e utilitária e introduzir”* no campo social o *“homo comunicans”* (PINTO, 2008). Oxalá tal reflexão possibilite aos movimentos socioculturais de raiz de matriz africana, em especial os grupos de capoeira angola, obterem maior clareza do seu atual processo comunicativo. Mais que isso: os municie com argumentos acadêmicos a ampliar suas estratégias interativas virtuais e a ocupação do seu espaço simbólico, seja no campo da virtualidade ou do mundo da presença. Que ele seja um referencial para o compartilhamento de sentidos e de estratégias comunicativas entre os atores sociais envolvidos. Potencializando a ampliação do vínculos sociais, a produção de uma midiatização preconizada pela valorização dos saberes culturais ancestrais e construída com o aparato das diversas mídias disponíveis na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **CAPOEIRA ANGOLA: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, 2004.
- AGAMBEN, G. **O que é um Dispositivo?** In: O que é contemporâneo? São Paulo: Argos, 2007.
- AGUIAR, O.A.; SILVA SAHD, L.F.N.A. (orgs.). **Filosofia política contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ARAÚJO, L.B.L. Moral, direito e política: sobre a teoria do discurso de Habermas. In: OLIVEIRA, M.; AGUIAR, O.A.; SILVA SAHD, L.F.N.A. (orgs.). **Filosofia política contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BARBALHO, Alexandre; Cidadania, Minorias e Mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, Alexandre PAIVA, Raquel (orgs.). **Comunicação e Cultura das Minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 27-38.
- BARROS, José Márcio. A diversidade cultural, o identitário, o popular e o tradicional. In: **Catálogo Culturas Populares & Identitárias da Bahia**. Salvador: Governo do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura, 2010.
- BARROS, José Márcio. Cultura, mudança e transformação: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão. In: **III ENCULT**, Bahia: Salvador, 2007.
- BARROS, José Márcio. Olhar a Cidade, obscena; MATTOS, Maria Ângela. Intermittências Epistêmicas da Comunicação; In: PINTO, Julio e SERELLE, Marcio (Org). **Interações Midiáticas**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.
- “BRASIL, PAZ NO MUNDO”, Ministério da Cultura.. Distrito Federal: Brasília, 2004. Documentário (53 min.), som, color.
- BERGER, P. T., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 35 a 68.
- BOTELHO, Juliana. **Racismos, Raça e Etnicidade**: um debate controverso. Canadá: Tese. Université du Québec à Montreal, 2008.
- BRAGA, José Luiz. **A Sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. [Parte I: teórica. Parte II: Estudos de Caso].
- CATANI, Afrânio Mendes. **As possibilidades Analíticas da Noção de Campo Social**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 189-202, jan.-mar. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 19/11/11.
- CASTRO, M.C.P.S. (Org.) **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CORREIA, João Carlos. Novos movimentos sociais e transformações de modelos de análise das mídias. In: Ferreira, Jairo/ Vizer, Eduardo. **Mídia e movimentos sociais, linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos, teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Parecer sobre critérios de identidade étnica**. Disponível em: <http://prado38.sites.uol.com.br/identidadeetnicidade.html>, acessado em 22/01/2012.

DadosCarnaval2011. Disponível em <http://www.marica.com.br/2011/imagens/0103carnaval.htm>, acessado em 22/11/11.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da Negritude**: uma breve reconstrução histórica. In: Mediações: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.jun.2005. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/articloe/viewFile/2137/2707>> Acesso em 02/06/10.

FAUSTO NETO, Antonio. **Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação...** [Trabalho apresentado ao GT “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC Minas, Belo Horizonte, em junho de 2009]. [Texto teórico].

FECHINE, Yvana. VALE NETO, João Pereira. **Regimes de Interação em Práticas Comunicativas**: experiência de intervenção em um espaço popular em Recife. Rio de Janeiro: Compós, julho 2010.

FECHINE, Yvana. **Cinema, televisão e vídeo**: uma proposta de abordagem semiótica da recepção. IV ALIAC, GT Estudos de Recepção. São Paulo: 1998. [Texto teórico].

FERIN, Isabel. A Comunicação e os estudos disciplinares contemporâneos. In: **Comunicação e Culturas do Quotidiano**. Lisboa: Quimera Editores, 2002. p. 68-69.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. MEAD. In: PRIMO, Alex et al. (Orgs.). **Comunicação e Interações**. Livro da Compós 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-91.

HABERMAS, J. Autonomia privada e pública, direitos humanos e soberania do povo. In: **Direito e Democracia**: entre a facticidade e a validade. Volume I, 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 116, 117.

HASBAERT, Rogério. Territórios, redes e aglomerados de excusão. In: HASBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos território” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KUNZLER, Caroline de Moraes. **A Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann**, , 2004, pgs 126, 127. Disponível em <http://200.145.78.103/estudos/article/view/146/144>, acessado em 12/02/2012

LANDOWSKI, Eric. Da interação entre Comunicação e Semiótica. In: PRIMO, Alex et al.(Orgs.). **Comunicação e Interações**. Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2008. [Texto teórico].

LIMA, Maria Batista. Identidade Étnico/Racial no Brasil: Uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum das Identidades**. Ano 2, Volume 3, p. 33-46 – jan-jun de 2008. Disponível em <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/DOSSIE_FORUM_Pq_33_46.pdf>. Acesso em 02 jun. 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sebastien. **Os Tempos Hipermodernos**. França: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A Moda Consumada, segunda parte. In: **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana**. Salvador: Dissertação. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, 2011.

MAIA, R. Democracia Deliberativa e Sistema dos Media – o conceito de Habermas. In: MAIA, R; CASTRO, M.C.P.S. (Org.) **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARQUES, Ângela C. Salgueiro. A conversação informal na Internet: condições interacionais e contribuições para uma análise qualitativa. In: BRAGA, José L.; LOPES, M. Immacolata V.; MARTINO, Luiz C. **Pesquisa empírica em Comunicação**. Livro da Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010. p. 87-107.

MARTINO, Luiz C. **Pesquisa empírica em Comunicação**. Livro da Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010. p. 87-107.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia/ Jésus Martin-Barbero; Prefácio de Nelson Garcia Canclini; 6. Ed.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MATTOS, Maria Ângela. Intermittências Epistêmicas da Comunicação, pg 15. In: PINTO, Julio e SERELLE, Marcio (Org). **Interações Midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOURA, Jair. **Capoeiragem: Arte e Malandragem**. Cadernos de Cultura, n.º2. 1980.

MUMBY, D.K. A comunicação organizacional em uma perspectiva crítica. **ORGANICOM**, São Paulo, Ano 6, Ed Especial, nº 10/11. p. 202, 2009.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Interação nas mídias. In: PRIMO, Alex et al. (Orgs.). **Comunicação e Interações**. Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 27-42. [Texto teórico].

NETO, Manoel de Almeida. **Cultura e identidade: Origens e Desdobramentos históricos**.

OBSERVATORIO DAS METROPOLES. **Dados RMBH**. Disponível em <www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/mgpuc15.ppt>. Acesso em 02 jun 2010.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves. **Visualidade, entre significação sensível e inteligível**, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/12418/7348>, acessado em outubro/2010.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PAIVA, Letícia Carpane de. **Os desafios da Comunicação no Terceiro Setor**: um estudo de caso da Fundação Ricardo Moysés Júnior. Minas Gerais: UFMG, 2008.

PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá. Direção Carem Abreu. Produção Associação Cultural Eu Sou Angoleiro e ATOS Central de Imagens. Minas Gerais: Belo Horizonte, 2012. Documentário (53 min.), HD, som, color.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKEL, George (editores). **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 319 a 341.

PINTO, Júlio. **1,2,3 da Semiótica**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1995. CABÚS, Lígia. **Semiótica Fácil**. Bahia, 2003.

PINTO, Júlio. Logos Sensorial: tempo e sensação na contemporaneidade. **Contemporanea**, vol. 8, nº2. Dez.2010.

PINTO, Júlio. Comunicação Organizacional ou Comunicação no Contexto das Organizações? In: OLIVEIRA, Ivone; SOARES, Ana (Organizadoras). **Interfaces e tendências da comunicação**. Belo Horizonte: Difusão Editora, 2008, p.81 a 89.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. Salvador, 1968.

REVISTA ANGOLEIRO É O QUE EU SOU! **Editorial**. Belo Horizonte: 2009, nº 3, p. 3.

REVISTA FÓRUM IDENTIDADES. Disponível em <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/DOSSIE_FORUM_Pq_33_46.pdf>. Acesso em 02 jun 2010.

RIZO, Marta. Sociología Fenomenológica y Comunicología Histórica. La Sociología Fenomenológica y sus aportaciones ao pensamento em comunicação. In: **Mediações Sociais**, Nº 4, I semestre 2009, p. 75-111.

RIZO, Marta. **George Simmel, Sociabilidade e Interacción**. Cinta Moebio 27: 43-60. 2006. Disponível em < www.moebio.uchile.cl/27/rizo.html 43>. Acesso em 20/10/2010.

RODRIGUES, A. Duarte. Para uma teoria geral dos campos sociais. In: RODRIGUES, A. D. **Estratégias de Comunicação**: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade. Lisboa: Presença, 1997.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Interação Verbal**. Seminário de Doutorado, Módulo Interação Verbal. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Para uma sociologia fenomenológica da experiência quotidiana. In: RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1999.

SILVA, Mozart Linhares da. **Identidade Cultural e Alteridade: uma crítica ao essencialismo**. Disponível em <<http://mozartls.blogspot.com/2008/08/identidade-cultural-e-alteridade-uma.html>>. Acesso em 15 de novembro de 2011.

SIMEONE, Márcio Henriques e MATTOS, Leandro Bornacki. **Suporte de Comunicação**: um caso de abordagem estratégica da comunicação para mobilização social em projeto de extensão. Minas Gerais: UFMG, 2008.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. A genealogia do conceito. p. 13-92.

SODRÉ, Muniz. Bios midiático: um novo sistema conceitual no campo da comunicação. IN: **Contribuições brasileiras ao pensamento comunicacional latino-americano**. São Paulo: Metodista, 2001.

SODRÉ, Muniz. Pós-fácio. In: PINTO, Julio e SERELLE, Marcio (Org). **Interações Midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUSA, M. W. A recepção sendo reinterpretada; LINHARES, R. Internet e Ação Comunicativa como elementos do Espaço Público sob uma perspectiva Habermasiana: Crise e Transição; BRITO, R.R. Sociedade, Novas Tecnologias de Comunicação e a possibilidade de articulação de espaços públicos de debate e embate. In: SOUSA, M.W. (Org.). **Recepção mediática e espaço público**: novos olhares. 1 ed. SÃO Paulo: Edições Paulinas; SEPAC, 2006, v. 1. p. 13-26.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VIZER, Eduardo. Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias; FERREIRA, Jairo. Noticias Sobre as Ongs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web. In: VIZER, Eduardo. FERREIRA, Jairo (Orgs). **Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

ANEXO A - ENTREVISTAS COM MEMBROS DA FICA-BH

A.1) Roteiro da Entrevista com mestre Jurandir Nascimento, da Fundação Internacional de Capoeira Angola em Belo Horizonte, realizada presencialmente em 28/06/2012.

1. O senhor nasceu em que ano e aonde?
2. E hoje mora em Belo Horizonte?
3. E como que acontecem os treinos na sua academia? Como que funciona lá?
4. Então a roda é uma vez por mês e o treino é três vezes por semana?
5. E você também tem rodas internas ou só tem essa roda que é aberta?
6. Você estava me explicando o que era tradição...
7. Então você está colocando a tradição em um aspecto de favorecer o encontro entre as pessoas?
8. Além de proporcionar o encontro e a troca de saberes, de conhecimentos, quais são os outros aspectos que você acha que são tradicionais e que estão na sua roda de capoeira? Vamos pensar na FICA, na sua roda de capoeira. Por exemplo, a bateria.... Quais são esses outros elementos?
9. O que você está chamando de ritual da roda?
10. Além do elemento musical, o que você considera como ritual em uma roda de capoeira?
11. Então a espiritualidade faz parte do ritual?
12. Ele não está nem ligado pra o que está acontecendo, né?
13. Além da música e da espiritualidade, quais são os outros elementos que você acha que são rituais e que estão dentro da roda de capoeira da FICA? Da Fundação Internacional de Capoeira?
14. Respeito ao mais velho, né?
15. Valorizar o saber do mais velho...
16. Mestre, como você acha que a sociedade, de um modo geral, percebe a capoeira? A capoeira em geral. Depois eu quero saber sobre a Angola.
17. E como que você acha que a comunidade, e não a sociedade, percebe a capoeira?
18. Você falou assim: Pra estar na sociedade, tem que estar na mídia. Isso foi uma frase sua... Como é que você se relaciona com a mídia? Você, Mestre Jurandir? Por exemplo: você assiste televisão, ouve rádio, entra na internet? Como é que você se relaciona com essas coisas?
19. Falando só sobre a internet. Qual a sua frequência de utilização da internet? Você usa todo dia, até três vezes por semana, uma só?
20. Por Skype, né?
21. Mas é duas vezes por semana, uma vez por semana, mais ou menos. Só pra eu ter uma ideia, só pra eu saber. Você tem internet em casa?
22. Mas quando você entra na internet, está buscando o que?
23. Mas não tem um site que o senhor olha, alguma coisa que procura? O senhor então não tem costume de entrar na internet pra fazer uma pesquisa...
24. Mestre: Não. Eu não tenho.
25. Então o senhor só usa mesmo pra poder se comunicar com as pessoas, seu grupo.... E é através de facebook e email?
26. O facebook é uma rede social mundial. Qual é a vantagem de ter uma rede social virtual?
27. Mestre: Foi o que eu falei... Um mal necessário. Porque eu twito. E a gente ouve tanta notícia do que acontece... Mas tem gente que fica se aproveitando disso pra converter as coisas em prol dela ou dele. E eu tenho um pouco disso de ter medo de fazer transação bancária. Eu fico impressionado de ver como a pessoa tem coragem

- de colocar o CPF dela. Eu morro de medo disso. Então eu vou ficar sempre nessa tecla de um mal necessário.
28. Mas facilitou a sua comunicação com os outros lugares?
 29. E todo mundo se encontrava do mesmo jeito, né?
 30. Mas talvez os eventos não bombassem tanto, né, Mestre?
 31. Fazia parte do cotidiano deles.
 32. Estou vendo aqui o blog da Fundação Internacional de Capoeira Angola de Belo Horizonte. Por que o senhor resolveu abrir um blog?
 33. Mestre, então quem deu a ideia de fazer um blog, dentre seus alunos? Mas quem?
 34. Tiago? Não? Mas o senhor acompanha as publicações, eles perguntam pra você pra publicar?
 35. Então o senhor acha que o melhor contato mesmo é o da presença? Não é esse virtual?
 36. O objetivo desse estudo é entender como que essa cultura popular da presença está ocupando o espaço virtual. O senhor me falou que não dá opinião nenhuma no seu blog.
 37. Tinha, mas quem desenvolveu todas essas informações? Porque foi desenvolvida, com certeza, em cima de uma entrevista que foi feita com o senhor...
 38. Então essa informação foi montada, só pra eu entender, em cima de coisas que já estavam prontas e que quem falou foi o senhor? Sobre a Fundação Internacional de Capoeira Angola...
 39. Então, por exemplo, aqui na sua página principal. Essa página principal a gente chama de Index. Aqui a gente vê um site que não está desatualizado. Tem as informações do mês de junho, mês de maio, a primeira roda do ano. Então a gente vê que é um site que está atualizado. Quem atualiza o site você falou que deve ser a Sara ou a Jeane, né?
 40. E aí esses assuntos... Capoeira no mundo, Capoeira Angola, eventos da FICA, fotos, músicas, seminários... Não foi o senhor que montou isso aqui? A pessoa que foi lá e fez? O senhor está satisfeito com esse resultado aqui? O senhor já parou para analisar ele?
 41. Mas o senhor sente falta de alguma coisa aqui?
 42. Por que o senhor acha que está bacana? Porque tem amarelo e preto?
 43. Mas o senhor gostou por que? Está mais vazio? Por que o senhor acha que o visual está bom?
 44. Então vamos ver aqui, por exemplo. FICA no mundo. Aqui tem FICA no mundo, mas só tem a FICA México. E a FICA tem em mais 12 países, né?
 45. Então o que acontece. Apesar do assunto não estar atualizado. Não está atualizado porque só tem a FICA México. Mas aqui nos links da FICA já contém todo mundo. Então, pelo que eu estou vendo aqui, precisava só colocar esses links que estão aqui dentro desse assunto. E está aqui embaixo. Se a pessoa não vem aqui embaixo pra ver, ela não sabe que tem esses links aqui. Ai, por exemplo, dentro da FICA BH está atualizado. Se bem que teve o do início desse ano que não está aqui, né? Então pelo que eu estou vendo essa é a página mais bem montada, que tem tudo. Os horários das rodas.... Aqui o Silvinho está como contra-mestre. Ele já é mestre, né? Está desatualizado. Então, em relação ao site, o senhor está me falando que não opina sobre isso? Que só fala sobre alguma coisa quando vê alguma coisa?
 46. É que isso é um favor, né?
 47. Sim. Agora a gente vai dar uma olhada no facebook da FICA. O senhor também não tem acesso ao facebook da FICA?
 48. E quem fez o facebook da FICA em BH? Foi a Jeane também?
 49. E aí eu estou vendo que você tem 1591 pessoas ligadas ao seu perfil. São pessoas, com certeza, de vários lugares do mundo. Mas você mesmo não olha esse perfil aqui da FICA. Não faz interação nem nada...
 50. Então o senhor não toma nem conhecimento do que tem aqui?

ANEXO A - ENTREVISTAS COM MEMBROS DA FICA-BH

A.2) Roteiro de entrevista com Jeane Júlia, mantenedora do blog da FICA-BH e administradora do Facebook da Fundação Internacional de Capoeira Angola em Belo Horizonte, realizada presencialmente em 07/07/2012

1. Então, Jeane, fala pra mim o seu nome completo e há quanto tempo você participa da FICA.
2. Então o Mestre Jurandir é o seu mestre. Você sempre treinou com ele? Com quem você treinava?
3. O que é tradição pra você?
4. Repasse de que?
5. Repasse de conhecimentos entre gerações.... Quais são os componentes que você consegue identificar como sendo tradicionais na capoeira?
6. Maneiras de desenvolver a corporiedade de uma forma diferente. O mesmo movimento, só que feito de um jeito de corpo diferente.
7. Então você identifica que mesmo a tradição possui uma diferenciação na maneira de fazer que é de cada indivíduo?
8. E um outro elemento que faz parte da tradição que é o ritual. Qual a importância da ritualidade na capoeira angola pra você? Pequena, média, grande?
9. E quais movimentos você vê como ritualísticos no seu grupo, na FICA?
10. Fora o uniforme, né?
11. Vamos agora para o nosso ponto direto. Você falou que pegou já o blog em andamento... Não foi você que começou o blog, né? Mas como é que essa ideia foi parar na sua mão? Como que foi isso, Jeane?
12. Engolido pelo sistema, né?
13. Então isso foi naturalmente? Porque as pessoas diziam que você estava dizendo isso e as pessoas chegavam em você..... Quem chegou em você? Como é que foi?
14. Que ano que foi isso?
15. Por que vocês criaram o blog? Você sabe por que eles criaram?
16. Por que você acha que é mais fácil?
17. E você acha que isso é mais efetivo do que enviar material gráfico impresso?
18. Ah! Eu esqueci de perguntar. A sua função profissional é qual mesmo?
19. E a sua formação?
20. E você tem ação em produção cultural também?
21. Voltando pro blog.... Você acha que foi em função do evento que foi criado o blog?
22. E você tem retorno desse contato que você acredita que tem com outros países? Você tem como mensurar isso de alguma maneira ou é só uma percepção que você tem? Por exemplo: com o envio, a participação no evento era de X pessoas e agora....
23. Em torno de quantas pessoas?
24. Eu queria que a gente visse as páginas do blog e que você tentasse ver comigo e me falasse quais elementos você acha que são tradicionais que estão aqui nesta página... Que a gente pode considerar como tradicional. A gente está olhando a página de Index. Você conseguiu perceber nesse blog algum elemento da tradição?
25. Ótimo... Então tem uma roda de capoeira.... Não é um elemento de tradição?
26. Então é uma roda de capoeira.... É um elemento que tem uma circularidade. Então você conseguiu identificar um elemento de tradição...
27. A imagem de uma foto de uma roda. Mais algum?
28. Faz parte da tradição o contato com os mestres antigos, com os conhecimentos ancestrais. Então você consegue identificar um outro elemento de tradição que é a valorização do saber dos ancestrais que está dentro do elemento que faz com que vocês criem eventos pra trazer essas pessoas.... É o motivo, né? Tem mais algum

outro elemento de tradição que você consegue identificar nessa primeira página do Index?

29. Mas isso não está no Index não... Não está nesta página que a gente está vendo, né? Que depois nas outras páginas a gente vai ver os outros.... Aqui nesta página tem mais algum elemento de tradição que você consegue perceber?
30. Os movimentos das pessoas que estão na imagem da foto?
31. Que falam da corporiedade, então. Que é um elemento da tradição a corporiedade?
32. Então você já conseguiu identificar quatro elementos da tradição neste blog, né? Nesta primeira página.... Mais algum?
33. Então a gente vai olhar na próxima página. A gente está vendo aqui que tem no blog sete tipos de assunto. Então tem sete assuntos e vários outros conteúdos. A FICA no mundo....
34. Mas em compensação lá no Index, que é um material que fica fixo nas páginas, tem todos os núcleos da FICA, né? Aqui são todas as FICAs que existem mesmo? Ou falta mais alguma?
35. Como você costuma trabalhar com as postagens? Como elas acontecem? De acordo com uma demanda? Por exemplo, eu vejo que as postagens têm mais a ver com realização de rodas ou eventos.
36. De conteúdo filosófico, digamos assim... De conhecimento. Aqui nesta página você consegue identificar algum elemento tradicional?
37. Disposição dos instrumentos é um elemento ritualístico, né? É um outro elemento da tradição. Tem vários. A gente já conseguiu destacar quatro: corporiedade, ritual, valorização do ancestral, circularidade. Tem mais algum?
38. Como que se dá essa proximidade com a Angola Dobrada?
39. E nesta página aqui você conseguiu identificar alguma outro elemento de tradição diferentes dos que a gente viu até agora?
40. E essa outra história significa que é a inclusão de um outro elemento de tradição?
41. Aqui fala o encontro das tradições dos princípios da Capoeira Angola com a permacultura. Mais algum elemento que você vê aqui? Por exemplo, vamos entrar no único vídeo que tem o blog. Quem fez esse vídeo?
42. Neste material que a gente está vendo nesta página você consegue identificar mais algum, além daqueles que a gente já falou?
43. É uma troca de conhecimento. Uma coisa que o Mestre Jurandir estava falando é que ele vê como elemento de tradição na capoeira essa coisa de juntas as pessoas, de fazer com que elas se encontrem. Imagine naquela época que não tinha celular, não tinha internet.... Como é que o cara de Santo Amaro e o cara lá de Itaparica sabiam da roda que tinha lá.... Como é que eles sabiam disso? Mas eles sabiam e todos iam. Iam para estar juntos e fazer parte desse grupo. Então você acha que o seminário é esse momento? É como se fosse esse momento?
44. Então você acha que esse texto “Capoeira é pra homem, menino e mulher: só não aprende quem não quer”, Mestre Pastinha... Você não consegue identificar isso como um elemento da tradição, Por quê?
45. Você tem alguma conhecimento de comunicação?
46. Quem fez o blog desse jeito não foi você. Você só está alimentando... Então essa disposição aí foi você quem fez.
47. E você fez isso por sua cabeça...
48. Então talvez você nem saiba que é necessário você, quando você está postando um assunto relacionado, por exemplo, a fotos, publicar no espaço de fotos...
49. Mas elas não estão aqui não é por esse motivo. Não é porque não sabe, é porque você não quis atualizar ainda.
50. Vamos pensar assim: se você fosse trabalhar com a ferramenta site ou com o blog.... Não é muito mais acessível pra quem é leigo trabalhar em um blog?
51. Jeane: É Porque é de graça, porque você não tem que saber muita coisa de informática pra poder alimentar, colocar informações... Por mais que às vezes fiquem

- desconectadas as informações... Mas, por exemplo, eu não tenho a mínima noção de como eu faria a alimentação de um site..
52. Então a ferramenta ajuda bastante, ne?
53. Qual a participação do Mestre na elaboração e na execução desse blog?
54. Então é o Mestre Jurandir que pede pra você postar...
55. Você não tem autonomia pra postar? `Por exemplo, se você chegar e falar assim: eu fiquei sabendo de um evento e vou postar aqui...
56. Agora a gente vai dar uma olhadinha no facebook. A gente entrou aqui no facebook da FICA e vê que tem 1591 amigos, 91 fotos e 55 opções de curtir. O destaque da página é o evento da capoeira que vai ter agora no México em gosto. E a foto do perfil é o emblema da FICA. Então a gente vai tentar dar uma olhada nessas postagens pra ver se tem algum elemento que a gente pode identificar como tradição. Aí a gente está vendo aqui aqueles aplicativos. Quando começou o facebook... Em 2011?
57. Por que você criou o facebook ?
58. Nessas que a gente viu agora, você conseguiu identificar algum elemento de tradição?
59. Mas o que tem aqui no perfil? Você não tinha falado da logomarca da FICA até agora. Então é outro elemento, né? E aqui você conseguiu visualizar. Que mais?
60. Como que funciona o facebook da FICA? Você fica online, conversa com as pessoas pelo chat, quando você está online as pessoas te chamam, você tem uma resposta todos os dias , as pessoas conversam com você 1 vez na semana, 2 vezes na semana. Como que é a frequência que você entra no facebook?

ANEXO B- ENTREVISTA COM MEMBROS DA ACESA

B.1) Roteiro de entrevista com mestre João Angoleiro, da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa), realizada presencialmente em 16/07/2012.

1. Eu preciso que você me fale o seu nome completo, a sua data de nascimento...
2. Mestre João, como que você teve contato a primeira vez com a Capoeira Angola?
3. E quantos anos você tinha nessa época?
4. Então o senhor treinava quantas vezes por semana nessa rotina?
5. E esses treinos eram quantas vezes?
6. Qual foi a importância do Mestre na sua vida?
7. Qual a importância para você de um mestre na vida de uma pessoa?
8. E a tradição? O que é tradição na Capoeira Angola pra você?
9. E o senhor consegue identificá-las?
10. Então são oralidades que tratam de elementos simbólicos...
11. Que é um movimento de capoeira.
12. E agora, mudando um pouquinho de assunto, como é o seu contato com o mundo virtual, com o mundo da internet? Você tem algum contato com o mundo da internet?
13. Então você não tem contato com a internet? Não um contato direto? Mas um contato indireto?
14. Mas você não senta na frente do computador...
15. Então eu não posso perguntar pra você qual é a sua frequência na internet, nada disso porque você nem entra na internet.
16. Você acha que a internet pode ajudar de alguma maneira na transmissão de saberes ancestrais?
17. Apesar de você não ter domínio da técnica de utilização da internet, a Associação Cultural tem um site, um blog, uma página no facebook. Você acha que isso é importante? Não é importante?
18. Qual é o seu objetivo com essas publicações na internet?
19. E como que surgiu a ideia do site? Foi uma iniciativa sua?
20. Eu vou agora, então, Mestre, abrir uma página na internet pra gente dar uma olhada no site e dar uma comentada sobre isso. Eu queria que você identificasse pra gente, Mestre João, nessa página da internet que a gente vê aqui, quais são os elementos de tradição que você consegue identificar nessa página? Eu vou passar aqui. Estamos aqui no início, tá? Agora aqui: notícias, aqui desse lado os menus do site (quem somos, Mestre João, Capoeira Angola, Frentes de Trabalhos, Treinos, Produtos, Calendários). Aqui a gente tem as notícias em destaque, galeria de imagens, fotos, vídeos, publicações... A gente está só analisando a página principal,

que chama Index. Então é desse jeito hoje que está o nosso site. Quais são os elementos que o senhor está vendo aqui que o senhor pode identificar como elementos da tradição?

21. Você está comentando muito das imagens no site, né?
22. Então o senhor consegue ver esses elementos da corporeidade, da musicalidade, do fazer revolucionário. São todos esses elementos tradicionais. Então quais são outros elementos que você vê? E os textos?
23. Mestre, eu sei que eu já perguntei, mas vamos voltar aqui... Qual é a sua influência sobre as matérias que saem no site?
24. Então você tem uma influência direta sobre as informações que estão no site?
25. O nosso facebook também.
26. E o que você está fazendo pra levar essa discussão pra dentro da internet?

ANEXO B- ENTREVISTA COM MEMBROS DA ACESA

B.2) Roteiro de entrevista com Bernard Silva Machado, atualizador de conteúdo do site da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa), realizada por e-mail em 20/07/2012;

B.3) Entrevistado: Tales Badeschi, atualizador de conteúdo do site da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa), realizada por e-mail em 17/07/2012.

B.4) Entrevistado: Ricardo Avelar, administrador de conteúdo do site da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa), realizada por e-mail em 29/07/2012.

1) Seu nome completo e há quanto tempo você treina capoeira? E a quanto tempo participa da ACESA?

2) Qual sua formação e atual função profissional?

3) Atualmente o Mestre João Angoleiro é o seu mestre. Você sempre treinou com ele? Se não, então com quem você treinava?

4) O que é tradição pra você?

5) Quais são os componentes que você consegue identificar como sendo tradicionais na capoeira?

6) Existe um outro elemento que faz parte da tradição que é o ritual. Qual a importância da ritualidade na capoeira angola pra você? Pequena, média, grande? Por quê?

7)E quais elementos que você vê como ritualísticos no seu grupo?

8) Não foi você quem começou a fazer o site da Acesa, não é? Mas como é que essa idéia foi parar na sua mão? Como que foi isso?

9) Em que ano e quais circunstâncias que ocorreu isso?

10) Pra você qual a importância da ACESA ter um site?

11) Você consegue mensurar de alguma forma a projeção social/ difusão da Acesa através do site? Se sim, como?

12) Eu queria agora que você olhasse criteriosamente o índice do site (e seus conteúdos), no sentido de identificar quais elementos que estão publicados no index que você considera como tradicionais. Olhando a página de Index. Você conseguiu perceber nesse site algum elemento da tradição? Se sim, por favor descreva , em detalhes, o post e o elemento tradicional.

13) Tem mais algum outro elemento de tradição que você consegue identificar nessa primeira página do Índice (por favor, entre nos conteúdos das postagens do índice)?

14) Como você costuma trabalhar com as postagens? Como elas acontecem? De acordo com uma demanda? Que demanda é essa?

15) Qual a participação do Mestre na elaboração e na execução desse site?

16) Você não tem autonomia pra postar? Por exemplo, se você chegar e falar assim: eu fiquei sabendo de um evento e vou postar aqui...

ANEXO C: TABELA 3c - OBJETO EMPÍRICO

BLOG INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA)

MÍDIA ANALISADA INDEX do BLOG: http://ficabh.blogspot.com.br/ 	ANÁLISE BLOG FICA - Predominância da imagem em relação ao texto Devido ao formato do dispositivo sócio técnico Blog, os conteúdos das postagens do index se apresentam ao internauta de forma aberta (sem a necessidade de clicar e abrir o arquivo), ou seja ele/a precisa apenas rolar a barra para acompanhar a postagens, dando uma visão mais instantânea do conteúdo, e dessa forma, facilitando o acesso aos mesmos. Atualização de conteúdo: Jeane Júlia Criação: 2011 Período analisado: 07/2011 a 06/2012 – onze meses INDEX CONTEÚDOS MÓVEIS: 1- cinco posts de RODAS; 2- Dois posts de EVENTOS; 3) ASSUNTOS do Blog (7 temas); 4) LOGOMARCA da FICA; 5) A Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA BH; 6) Horários de TREINOS; 7) Contatos; 8) LINKS de outras Frentes de Trabalho (17 locais - dois estados do Brasil - Bahia e RJ; 8 países do mundo; 8 nos EUA); 9) A FICA-BH INDICA; 10) Atalho do FACEBOOK; 11) SEGUIDORES; 12) CORES: fundo amarelo, retículas amarelas mais claras, letras pretas, sem serifa.
CATEGORIAS DE ANÁLISE UNIVERSO SIMBÓLICO COMUNICATIVO UNIVERSO SIMBÓLICO CULTURAL MARCADORES DE TRADIÇÃO por Abreu RITUALIDADE/ ROTINA a partir dela se estabelece a conexão com um tempo primordial originário de encontros espirituais e comportamentais com os antepassados, através da repetição de seus hábitos e costumes	Reforçada principalmente no post MARATONA DE RODAS EM BH (ocorridas em 2011) por fotos coloridas de rodas, em 5 locais da cidade: 17/julho (Feira Hippie) - 9 fotos: 6 destacam a formação da bateria e os jogares ao pé dos berimbaus; 1 de treinel Tiago fazendo bananeira; e 2 do contexto geral da roda. 16/julho (Praça Floriano Peixoto- Sta. Efigênia) - 4 fotos: 1 bateria completa; 1 detalhe do jogo; 1 de jogadores no pé do berimbau; 1 do contexto global da roda. 15/julho (Pça Sete, Centro BH - noite) - 3 fotos: 1 de detalhe berimbaus (somente pessoas graduadas); 1 de saída do pé do berimbau; 1 de momento de descontração (final de jogo); 13/julho (sede - Bonfim) - 3 fotos: 2 jogadores ao pé do berimbau; 1 jogador na roda, com atabaque ao fundo; RODAS EM 2012 : 06/06 (na sede- UFMG) - 1 foto (preto e branco distorcida) de um detalhe de movimento, com texto de divulgação sobreposto; 05/05 (na sede- UFMG) - 1 foto (preto e branco com efeito distorcido) uma bênção ao pé do berimbau, com texto de divulgação sobreposto; 25/01 (C.C. Pe. Eustáquio) - 1 foto (colorida) de um plano geral de uma roda com texto (de divulgação sobreposto). Outro detalhe dessa imagem está no fato dela valorizar a oralidade, pois as pessoas não estão jogando e sim conversando. RITUALIDADE- roda delimita o território do evento (valorização da circularidade); formação da bateria com 8 instrumentos e disposição dos mesmos na roda: da esquerda para direita: agogô, reco-reco, pandeiro 1, berimbau gunga, b. médio, b. viola, pandeiro 2, atabaque (modelo da escola de pastiniana, linhagem mestre Moraes- Gcap). A exceção dia 17 de julho, pois trata-se de uma roda do coletivo de angoleiros, onde na disposição dos instrumentos é: atabaque, pandeiro 1, b. gunga, b. médio, b. viola, pandeiro 2, reco-reco, agogô (linhagem de mestre Rogério - Acad); Uso de uniforme; Respeito a hierarquia: somente os mais graduados tocam os instrumentos principais - berimbaus e atabaque; Pedido de bênção ao pé do berimbau antes do jogo (local onde acontecem as reverências ritualísticas). ROTINA: demarcada pela prática recorrente das rodas no decorrer dos anos: entre 2010 e 2011 foram divulgadas 7 rodas e dois eventos em oito locais diferentes da região metropolitana de Belo Horizonte. Numa das fotos do dia 17 de junho de 2011 é destacado o movimento denominado bananeira do treinel Tiago, da FICA. A imagem conota domínio de movimentos adquiridos com no mínimo 10 anos de treinos

. CONTINUA

ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA valorização dos saberes ancestrais. materializada na organização social e de poder de seus participantes e é similar a estruturas de poder comunitárias, que vão do mais baixo, ao mais alto escalão social.	Demonstrada principalmente na foto (colorida e com texto sobreposto) do post "primeira roda do ano de 2012". As pessoas estão posicionadas para formar um círculo. Os mestres Cobra Mansa e Jurandir estão sentados nos extremos da linha da bateria, mas mantendo a Circularidade da roda. Tal posição, ambos na extremidade da bateria, indica que eles são do mais alto nível hierárquico na roda. Apesar de estarem sentados em círculo, no momento da foto estava acontecendo uma conversa e não um jogo, o que marca a importância da oralidade. Na bateria somente os mestres, contramestres e treineis são quem tocam os berimbaus e o atabaque.
MUSICALIDADE ORGANICA priorizar o conhecimento e o domínio da técnica musical de todos os instrumentos utilizados na roda de capoeira.	Destacada em todos os posts de imagens (fotos, arte do cartaz e logomarca). A presença da musicalidade orgânica é sempre destacada na maioria das fotos, sejam das rodas, e até mesmo dos eventos. Nelas as pessoas ou estão constantemente tocando, cantando e mantendo o ritmo (tem fotos das pessoas trocando de instrumentos = noção de continuidade), ou segurando algum instrumento.
CIRCULARIDADE elemento essencial das culturas afro, a realização das atividades em círculo além de demarcar o território onde acontecem as práticas culturais, potencializa a consciência de grupo e individual, onde todos podem ver e serem vistos, bem como mantém, harmoniza e congrega a energia criada através da ritualidade.	Percebida tanto na fotos das rodas, onde as pessoas formam com seus corpos a roda, como na mudança de ocupação de espaço na roda, hora tocando, hora jogando, hora está sentado formando o círculo do território capoeirísticos aguardando jogar e cantando, bem como na execução da roda em vários locais da cidade: sedes (UFMG2012, Bonfim- 2011), Centro - Praça Sete e Feira Hippie, Santa Efigênia, Pe. Eustáquio.
MANDINGA são formas de atuação evasivas, informais, não esperadas	o blog possui várias postagens de rodas, mas não indica nos HORARIOS DE TREINO (item 6 do INDEX), quando acontecem as rodas permanentes da FICA em BH, sempre na primeira quarta-feira do mês. Pode ter sido um lapso de quem fez o blog, mas talvez seja uma estratégia de preservação do grupo, já que trata-se de um grupo pequeno (até 15 alunos fixos). Apesar da frequência semanal das rodas as postagens sobre elas acontecem pontualmente, somente quando está bem próximo da data do acontecimento das rodas.
CORPOREIDADE utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada em três níveis: corpo, mente e espírito.	Presente em todas as imagens do blog (fotos, arte do cartaz e logomarca), onde as pessoas utilizam do corpo para se expressar na roda (jogo de capoeira angola). Na logomarca da FICA se apresenta uma corporeidade de amplo sentido. Do lado esquerdo e no Brasil uma pessoa faz bananeira (movimento que demanda domínio corporal, geralmente realizado depois de 8 a 10 anos de treino). Do lado direito e na África uma zebra dá um coice. A imagem dessa corporeidade induz ao sentido da existência de um jogo, um diálogo tanto de corpos, quanto das culturas afro e brasileira.
ORALIDADE Pressuposto básico da transmissão dos conhecimentos afro-brasileiros. Geralmente ocorre durante o contato presencial, onde os ensinamentos e ritualidades angoleiros são repassados de forma oral, sem a utilização de elementos externos a corporeidade do mestre.	Presentes de forma fixa e textual em dois momentos no blog: como Citação de mestre Pastinha (alto do blog) e como informação de para a o texto "A Fundação Internacional de Capoeira Angola- FICA- BH". A citação encontra-se em local de destaque, logo abaixo do nome por extenso da FICA: "Capoeira é para homem, menino e mulher, Só não aprende quem não quer". Nesse caso uma vez mais se reifica a linhagem pastiniana da FICA. Mestre Pastinha é o precursor da capoeira angola no século XX. Ele institucionalizou a prática da capoeira angola em 1941, em Pelourinho, Salvador, Bahia. Apesar de ocupar um local de destaque no blog a oralidade é um fator pouco utilizado no INDEX, que se resume a citação a pouco descrita e no texto "A Fundação Internacional de Capoeira Angola- FICA- BH", já que o referido texto foi criado a partir de informações adquiridas da oralidade do mestre Jurandir. Até mesmo no vídeo postado no blog, sobre o evento do Permangola (dez/2011), os mestres não aparecem falando.
PERTENCIMENTO SOCIAL Participar de um grupo gera integração, segurança e pertencimento ao indivíduo, que consegue se perceber não somente como um, mas sim como parte de um coletivo coeso e participativo no âmbito social	Demarcado tanto pela escolha das cores amarelo e preto para serem as cores oficiais do blog - conotam o pertencimento a escola Pastiniana, seguidores de mestre Pastinha, quanto pelo uniforme dos alunos, treineis, contramestres e mestres, os quais contem a logomarca do grupo e também possuem as cores preto e amarelo.

		companheiro de jogo (ele comanda o jogo pois defere movimentos de ataque com mais precisão), que os angoleiros da Fica possuem habilidade técnica (adquirida com muito treino, ou seja, no caso através do contato contínuo e presencial com o mestre por mais de 15 anos, outro elemento tradicional) recebem pessoas de outros grupos para jogar, mas que por lá não tem moleza, não. O pessoal "pega" mesmo (no sentido de ser um jogo de cobrança, não apenas lúdico). Mas toda essa significação está mascarada pela escuridão da foto e do texto sobreposto, explicitando assim, um outro elemento da tradição trabalhado pela Fica: a mandinga. Os outros elementos da imagem, pessoas na bateria e na formação da roda, quase não aparecem, retificando a importância do jogo, do jogar, nesse contexto. TEXTO: texto escrito com fonte cursiva, aponta para uma tentativa de "humanizar" o convite "Vem jogar mais eu!" - além de ser um convite simpático, que quebra um pouco a impressão dura do movimento marcado pela chapa, conota a importância da integração entre o "eu" e o "outro", o texto faz alusão a um corrido de capoeira angola, portanto da oralidade, outro elemento tradicional. O ponto de exclamação conota uma reafirmação do convite. "Roda da FICA-BH" - conota que é uma atividade fixa, de conhecimento da comunidade capoeirística. "Local: Pça de Serviços, UFMG" - conota que o grupo não possui sede própria e está realizando o trabalho a partir de parceria com uma instituição de ensino superior, ou seja, tem interesse de que seus alunos e pessoas afins, tenham o perfil universitário. "Horário: 19:00" - a roda acontecer em horário noturno possibilita a maior participação das pessoas, pois trata-se de uma roda numa universidade pública, que possui um fluxo maior de alunos nos períodos matutino e vespertino. Da forma como está grafado o horário (com o algarismo 19, dois pontos e dois zeros e sem a abreviatura cronológica "h"), conota que quem fez o cartaz é uma pessoa sem formação em comunicação. "Data: Hoje! 06/06" conota um despreparo técnico de quem programou a divulgação do evento, pois no caso de um profissional faria a publicação com pelo menos três dias de antecedência. No entanto, conota também que o cartaz eletrônico foi feito para ser distribuído nas redes sociais, sendo "aproveitado" o dispositivo blog, para ampliar o efeito potencial e viral de divulgação. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA
	1.1.2) RODA DE MAIO	1.1.2) RODA DE MAIO 2/05- 05/05 (na sede- UFMG) - 1 foto (preto e branco, com efeito distorcido) de duas pessoas na saída de jogo ao pé do berimbau (o pessoal da bateria está de pé), com texto de divulgação sobreposto (FICA BH CONVIDA: RODA DO MÊS DE MAIO. DATA: 2/05 – quarta-feira. LOCAL: PÇA DE SERVIÇOS UFMG (Av. Antônio Carlos, 6627). HORÁRIO: 19:00h ; Trata-se de um cartaz eletrônico com objetivo claro de divulgação de roda rotineira da FICA. Apesar da foto ter sido tirada durante a Roda de Rua da capoeiragem angoleira de Belo Horizonte, que acontece toda o terceiro sábado do mês e é um movimento coletivo dos grupos de capoeira angola da capital, sendo uma iniciativa dos grupos Angola Dobrada e FICA. Nesse sentido há uma apropriação da FICA da imagem da roda de rua. IMAGEM: foto preto e branco, com efeito distorcido, do treinel Tiago (esquerda) e contramestre Rogério (a direita) ao pé do berimbau, na saída de jogo. O efeito distorcido foca no centro da foto, dando ênfase pro jogo. No primeiro plano os jogadores se olham nos olhos e o olhar conota enfrentamento. Tiago tem um olhar mais	

		preocupado. Rogério parece se divertir com a situação de enfrentamento. No segundo plano a foto privilegiou a formação da bateria incluindo os três berimbaus e pandeiro. O pessoal da bateria está de pé. No momento da foto está acontecendo uma troca de tocador no berimbau, o que sugere continuidade musical. TEXTO: escrito em fonte sem serifa, todo em caixa alta e negrito, significa que o enunciador quer chamar a atenção do interlocutor. "FICA BH CONVIDA: RODA DO MÊS DE MAIO. DATA: 2/05 – quarta-feira". Conota reafirmação do convite (significa que é uma roda aberta a participação de angoleiros de outros grupos) e da constância da realização da roda, acontece sempre na primeira quarta-feira do mês (elemento tradicional- perpetuação temporal dos costumes). "LOCAL: PÇA DE SERVIÇOS UFMG (Av. Antônio Carlos, 6627)", o erro na grafia da palavra "Antônio", aqui grafada sem o "n" conota que o cartaz eletrônico foi feito e postado as pressas, por uma pessoa, sem revisão. Outro aspecto é o reforço do endereço completo, no sentido de fixar aos leitores o novo endereço da FICA. "HORÁRIO: 19:00h", a duplicidade dos dois pontos e a tipologia da formatação do tempo conota que quem escreveu o texto não tem formação em comunicação, pois a formatação de tempo no jornalismo geralmente se configuraria da seguinte forma: 19h. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	1.1.3) PRIMEIRA RODA DO ANO DE 2012- 25/01	PRIMEIRA RODA DO ANO DE 2012- 25/01 (C.C. Pe. Eustáquio) - 1 foto (colorida) de um plano geral de uma roda, contendo pessoas sentada em círculo, bateria completa e dois mestres sentados um em cada extremidade da bateria, sem possuir instrumentos para tocar. As pessoas não estão tocando nem jogando e sim conversando. Foto com texto de divulgação sobreposto (A FICA BH CONVIDA TODOS A PARTICIPAREM DA PRIMEIRA RODA DE 2012! DATA: 25/01/2012 (quarta-feira). ENDEREÇO: D. A. Engenharia Ambiental, UFMG (Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha) HORÁRIO: 19:00h; Trata-se de um cartaz eletrônico com objetivo claro de divulgação de roda rotineira da FICA. IMAGEM: A foto colorida foi tirada durante evento próprio da FICA. Está nítida, o que sugere que as fotos dos posts anteriores não são de eventos próprios da FICA (os elementos externos precisam ser apagados). Primeiro plano: pessoas de vários grupos (Angola Dobrada e Eu Sou Angoleiro, conotado pelo uso do uniforme), a maioria está de costas, sentadas em círculo, reforçando o aspecto da circularidade, um elemento da tradição. No momento não está acontecendo um jogo, e sim uma conversa. Todos da roda estão concentrados e prestando atenção, reforçando outro elemento da tradição, a oralidade. Segundo Plano: Bateria completa e ordenada de acordo com a hierarquização da FICA, que segue escola pastiniana e do GCAP, com oito instrumentos percussivos, da esquerda para direita: reco-reco, agogô, pandeiro 1, pandeiro 1, berimbau gunga, berimbau médio, berimbau viola, pandeiro 2, atabaque. Ou seja nesse aspecto dois elementos tradicionais podem ser ressaltados hierarquia e manutenção temporal dos costumes. A presença dos mestres Cobra Mansa (extrema esquerda da imagem) e Jurandir (extrema direita) reforçam ainda mais a questão da hierarquização, pois estão sentados a roda em posição de destaque. TEXTO: o texto é escrito com fonte com serifa, conotando uma busca pela tecnização do elemento gráfico. Por estar sobreposto a bateria conota que no caso, a execução da roda está sendo privilegiada em relação ao diálogo. "A FICA BH CONVIDA TODOS A PARTICIPAREM DA PRIMEIRA RODA DE 2012!" Texto escrito em caixa alta, conota que o enunciador quer chamar a atenção do interlocutor. O ponto de exclamação no final da frase reforça essa intenção. "DATA: 25/01/2012 (quarta-feira)": constância da realização da roda, acontece sempre na primeira quarta-feira do mês (elemento tradicional- perpetuação temporal dos costumes). "ENDEREÇO: D. A. Engenharia Ambiental, UFMG (Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha)" pela riqueza de informação conota que a realização dessa roda inaugura um novo espaço de atuação da FICA, que precisa ser divulgado corretamente. "HORÁRIO: 19:00h" conota que quem escreveu o texto não tem formação em comunicação e provavelmente é a mesma pessoa quem fez os cartazes eletrônicos anteriores. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade	 CONTINUA

						orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA
--	--	--	--	--	--	---	----------

MARATONAS DE RODAS EM BH – nove posts

1. 2) Roda de Rua na Feira Hippie (Centro, Belo Horizonte), diurna- 17/julho - 9 fotos -

1.2) Roda de Rua na Feira Hippie (Centro, Belo Horizonte), diurna- 17/julho - 9 fotos - 6 fotos destacam a formação da bateria e os jogadores ao pé dos berimbaus ; 1 de treinel Tiago fazendo bananeira; e 2 do contexto geral da roda (apresentação a seguir de acordo com ordem de postagem) ;

1.2.1) Primeiro plano: agachados, na saída de jogo Treinel Tiago e Contramestre Rogério; Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com dois pandeiros e três berimbaus (uma pessoa está repassando o berimbau a outra, outra está sorrindo);

1.2.2) Primeiro plano: treinel Tiago e contramestre Renê ao pé do berimbau (Renê está cantando); segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com dois pandeiros e três berimbaus;

1.2.3) Primeiro plano: Treinel Tiago e aluno B2 em pé em frente a bateria (se cumprimentam); Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com dois pandeiros e três berimbaus e reco-reco;

1.2.4) Primeiro Plano: treinel Tiago fazendo movimento; Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com reco-reco e pandeiro, pessoas sentadas em círculo, cantando;

1.2.5) Primeiro Plano: treinel Tiago fazendo movimento; Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com reco-reco e pandeiro, pessoas sentadas em círculo, cantando;

1.2.6) Geral da Bateria (pessoas em pé cantando): atabaque, pandeiro, três berimbaus; dois pandeiros e três berimbaus;

1.2.7) Primeiro plano: agachados, cumprimento ao pé do berimbau Treinel Tiago e Contramestre Rogério;

1.2.8): Primeiro plano: agachados, na saída de jogo aluno Mathias e Treinel Tiago; Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé), com três berimbaus, pandeiro e reco-reco;

1.2.9) Plano geral da Roda: pessoas sentadas no chão em círculo, duas pessoas jogando, bateria completa ao fundo (em pé);

1.2.10) Plano geral: pessoas sentadas no chão em círculo, duas pessoas jogando, bateria completa ao lado (em pé), ao fundo publico assistindo a roda. Contra plano roda: pessoas sentadas em círculo. Segundo plano: bateria de angola (pessoas em pé e cantando), com dois pandeiros e três berimbaus (uma pessoa está repassando o berimbau a outra, outra está sorrindo);

Postagem de repercussão de evento. Apesar de tratar-se de uma roda de rua dos angoleiros de Belo Horizonte (acontece desde 2009, todo o terceiro domingo do mês), é uma iniciativa da Fica em parceria com a Associação de Capoeira Angola Dobrada. As fotos demarcam a valorização do registro fotográfico enquanto meio de manutenção e difusão da memória coletiva. Faremos uma análise em conjunto de todas imagens desse post. Há uma concentração nas figuras dos treineis da FICA, Tiago, em primeiro plano, jogando e Alder, de dread, óculos e tocando o berimbau gunga. Esse instrumento é tocado por quem comanda a roda e os jogos. Quem toca o berimbau gunga em uma roda de capoeira angola geralmente é a pessoa com mais tempo de capoeira no local e quem detém o poder de conduzir os cânticos - ladainhas, chulas e corridos - durante o ritual. A presença dos treineis Tiago e Alder é constante, em oito, das nove fotos dessa postagem. Tiago é filho de Mestre Jurandir e representante do pai nos eventos externos da FICA. Alder é o treinel responsável pela Fica na ausência de mestre Jurandir. Apesar de no local existirem outros treineis e contramestres da FICA e de outros quatro grupos de capoeira angola (Angola Dobrada, Eu Sou Angoleiro, Camußerê e ACCA-BHZ), foi priorizada a divulgação da imagem de Tiago em primeiro plano, e de Alder no segundo plano. A predominância de ambos nas postagens imagéticas, somadas a falta de informação textual de contextualização de roda de rua, indicam uma apropriação da Fica da roda coletiva. Tanto no nível simbólico, quanto no nível pratico, já que o comando da roda é mantido por Alder em oito das nove fotos postadas, bem como de Tiago, que está jogando em oito, das nove fotos agora analisadas. m com o seu lado espiritual e fazem o primeiro contato visual de seu companheiro no jogo.



	MARATONAS DE RODAS EM BH - quatro posts	1.3) Roda na sede da FICA BH (Bonfim)- 13/julho - 3 fotos	Outro fator recorrente nas fotos é a imagem dos jogadores agachados ao pé do berimbau (1.2.1, 1.2.2, 1.2.7 e 1.2.8). Essa posição de saída de jogo conota a importância dada pelos capoeiristas de um elemento da tradição conhecido como ritual. É ao pé do berimbau, na saída de jogo, que os angoleiros fazem suas preces, ou seja, se conecta. Outro elemento recorrente em todas as seis fotos é o elemento tradicional musicalidade orgânica. Pode-se notar em todas essas fotos que os tocadores da bateria participam ativamente tocando e cantando. E mais, o fato de cantarem, tocarem e participarem da roda é motivo de alegria e prazer (veja os sorrisos: mulher de branco, tocando pandeiro nas fotos 1.2.4 e 1.2.7, homem tocando atabaque na foto 1.2.5 e homem de branco, tocando reco-reco na foto 1.2.6, o jogador de branco na foto 2.3.9). Na imagem 1.2.6 o treinel Tiago, apesar de estar jogando com outra pessoa aparece sozinho na foto fazendo um movimento denominado bananeira. A execução desse movimento, associado ao destaque do ângulo da foto, conotam a intenção de quem fez a postagem no blog de enfatizar que na Fica existem pessoas respeitáveis, com domínio de movimentos primorosos (para adquirir domínio nesse movimento é necessário de 8 a 10 anos de treino). As fotos 1.2.8, 1.2.9 e 1.2.10 referem-se ao mesmo jogo (treinel Tiago e Mathias) seguem a linha narrativa plano detalhe, 1.3) Roda na sede da FICA BH (Bonfim)- 13/julho - 3 fotos: 1 jogador sentado na roda, com atabaque ao fundo; 2 jogadores ao pé do berimbau. 1.3.1) Plano médio. Primeiro plano: dois jogadores ao pé do berimbau; Segundo plano: bateria de capoeira angola (dois berimbaus, até agogô). 1.3.2) Plano detalhe. Primeiro plano: 1 jogador sentado na roda; Segundo plano: uma mulher tocando atabaque ao fundo, ambos estão sorrindo 1.3.4) Plano médio. Primeiro plano: dois jogadores ao pé do berimbau; Segundo plano: bateria de angola quase completa – da esquerda para direita: agogô, reco-reco, pandeiro 1, B. Gunga, B. Médio, B. Viola, pandeiro 2; Post de caráter repercutivo de evento. IMAGEM: As três fotos do post seguem a narrativa imagética plano detalhe e plano médio. As pessoas que estão no primeiro plano das fotos 1.3.1 e 1.3.4 reforçam a importância que os capoeiristas dão ao elemento tradicional ritualidade, indo ao pé do berimbau para iniciar o jogo com rezas e proteção espiritual. Nessas fotos, apesar de serem dois jogos diferentes, um dos jogadores continua jogando (contramestre Rogério). Isso significa que ele é mais antigo na capoeira (tem prioridade no jogo). No segundo plano a bateria é apresentada parcialmente e depois quase que completamente (1.3.4), faltando apenas incluir na foto o atabaque. Talvez por isso, dando um sentido de complementariedade da bateria, que foi postada a foto 1.3.2. Nessa foto além da visualização da localização do atabaque na roda, pode se perceber a alegria dos angoleiros da FICA em participar daquela atividade. Importante notar que não existe uma foto que apresente a circularidade da roda. Talvez decorra do fato da FICA possuir poucos alunos, sendo pouco "publicitário" a ampla divulgação desse detalhe (mandinga). TEXTO: MARATONAS DE RODAS EM BH (escrito sobre uma retícula amarela). RODA NA SEDE DA FICA BH (BONFIM) - 13 DE JULHO. A diagramação do post é idêntica a da roda rua, o que amplia a similaridade desde post com o anterior, referendando ainda mais o caráter de apagamento do fato que o post anterior era uma roda não exclusiva da FICA. Com o adendo de que nesse post foi explicitado que essa roda é uma atividade da FICA, em sua sede. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento		CONTINUA
--	---	---	---	--	----------

		social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	2.4.2) Roda de Rua noturna na Pça Sete (Centro BH) - 15/julho - 3 fotospandeiro e atabaque. 2.4.2.3) Plano médio: pessoas em pé tocando e outras sem tocar.	2.4.2) Roda de Rua noturna na Pça Sete (Centro BH) - 15/julho - 3 fotos: 1 de detalhe berimbaus (somente pessoas graduadas); 1 de saída do pé do berimbau; 1 de momento de descontração (final de jogo). 2.4.2.1) Plano médio: três homens, todos de pé, tocam berimbau, dois estão cantando. 2.4.2.2) Plano geral: primeiro plano – dois homens na saída de jogo; segundo plano: todos de pé, bateria ao fundo – mulher toca pandeiro, homens tocando os berimbaus (gunga, médio e viola), Post de caráter repercutivo de evento. IMAGEM: As três fotos do post seguem a narrativa imagética plano detalhe e plano médio. Analisando as três fotos como complementares, percebe-se muito claramente o elemento tradicional circularidade. Não a circularidade geométrica da composição da roda, mas a circularidade dentro das possíveis atividades que existem dentro de uma roda. Ou seja, os dois homens que estão tocando na foto 2.4.2.1 (o do meio - treinel Iran, da Associação de Capoeira Angola Dobrada - ACAD-BH, e o da ponta direita, mestre Silvinho, da FICA - Seattle) são os mesmos que estão na saída de jogo da foto 2.4.2.2. Nessa mesma foto o treinel Tiago aparece tocando o berimbau viola e na próxima foto (2.4.2.3) é ele que está jogando. Nessa mesma foto percebe-se a participação de outras pessoas na roda, que são transeuntes (esse é um local bem movimentado no Centro de Belo Horizonte), mas que interromperam o seu percurso para apreciar os jogos. A foto também conota para os capoeiristas da cidade a disputa por território. Pois é nesse mesmo local que acontece no domingo a roda ordinária da capoeiragem de rua e regional de Belo Horizonte, sob a liderança do Grão Mestre Dunga, do grupo Senzala Eu Bahia. TEXTO: RODA NA PRAÇA SETE (CENTRO) - 15 DE JULHO FICA BH E ACAD BH. Aqui a pessoa responsável pela atualização do blog fez questão de frisar que a essa roda não é uma roda ordinária da FICA, no sentido mesmo de valorizar a aliança/parceria entre a FICA e a ACAD. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	2.4.3) Roda de rua na Praça. Floriano Peixoto	2.4.3) Roda de rua na Praça. Floriano Peixoto (Santa Efigênia, diurna) - 16/julho - 4 fotos: 1 bateria completa; 1 detalhe do jogo; 1 de jogadores no pé do berimbau; 1 do contexto global da roda. 2.4.3.1) Plano detalhe: primeiro plano – duas pessoas jogando; segundo plano: pessoas sentadas na roda e um pouco de instrumentos. 2.4.3.2) Plano geral da bateria completa: pessoas sentadas – homem no reco-reco, mulher no agogô e pandeiro, três homens tocam berimbau (gunga, médio e viola), mulher no pandeiro e atabaque. 2.4.3.3) Plano médio: dois homens ao pé do berimbau; pare da roda a partir de pandeiro (mulher), Berimbau Gunga e médio (homens). 2.4.3.4) Plano geral da roda: primeiro plano: pessoas sentadas na roda (de costas para a foto), duas pessoas ao pé do berimbau, parte da bateria (reco-reco, agogô, pandeiro e três berimbaus). Post de caráter repercutivo de evento. IMAGEM: As quatro fotos do post seguem a narrativa imagética plano detalhe, plano médio,	

CONTINUA

2) CONTEÚDO DE 2011- Dois posts de EVENTOS		plano geral, demonstrando a importância de quem atualiza o blog em dar uma visão geral do ritual. A sequência de fotos privilegia tanto o aspecto ritual da saída jogo ao pé do berimbau, a formação da bateria, a importância de se participar, conotada pelo fato do pessoal da bateria e as outras pessoas que fazem a circularidade da roda estarem cantando, quanto a presença de mestre Silvinho na Roda (ele aparece em três das quatro fotos do post). TEXTO: RODA NA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO (STA EFIGÊNIA) - 16 DE JULHO. Texto informativo, de localização temporal e de lugar.	
	EVENTOS: 2.1) PERMANGOLA RIO ACIMA MG	2.1) PERMANGOLA RIO ACIMA MG – IMAGEM: cartaz eletrônico. Fundo: Cor verde. Logomarca do Permangola Minas. Fotos sobrepostas de mestre Jurandir tocando berimbau, mestre Cobra Mansa, em pé e sorrindo, sobre imagens de flores, frutos, cachoeira, geral de montanha. TEXTO CARTAZ: CONHECER PARA PRESERVAR (sobre o evento), OFICINAS (programação, informações de local, data, valor, contato; frase mobilizadora (sobre o Parque Gandarela); TEXTO POSTAGEM (mais a direita): DATA, LOCAL, INVESTIMENTO, INSCRIÇÕES, LINK para vídeo sobre o evento, PROGRAMAÇÃO, TEL INFORMAÇÕES, FRASE em destaque (Permangola Minas apoia a criação do Parque Nacional do Gandarela – participe do passeio ecológico que faremos por lá”); Cartaz eletrônico de divulgação do evento. LOGOMARCA do evento é composta pelo traço de uma montanha e logo abaixo o texto Permangola Minas escrito com fonte cursiva, que humaniza a narrativa. IMAGEM: associa a idéia de preservação inerente da capoeira (mestres de capoeira angola da FICA) ao cuidado com a natureza, reforçado pelo verde do cartaz, pelo mosaico de fotos de cultivo de frutos e flores e da vida em meio natural. As imagens dos mestres Cobra Mansa (a esquerda, sorrindo) e Jurandir (a direita, cantando) foram sobrepostas sobre o mosaico de forma desarmônica, pois ambos encontram-se olhando e se movimentando para a esquerda, fora do foco central do cartaz. Esse arranjo, além de conotar um desconhecimento técnico da pessoa que produziu a peça, cria um desconforto para a leitura do texto, pois a imagem indica uma linha narrativa para a esquerda e o texto para o centro. TEXTO CARTAZ: Valorização e associação dos conceitos de preservação e tradição. Tanto no texto CONHECER PARA PRESERVAR quanto na programação das OFICINAS há uma proposta de fusão entre a prática angoleira e a permacultura. TEXTO POSTAGEM: posicionado a direita da postagem, tem preferência visual. Destaca-se a ênfase para a questão do "negócio" que é o evento. Ressaltado nos textos: INVESTIMENTO, INSCRIÇÕES e Depositar para, conteúdo repetido em três, dos seis blocos de textos da postagem. Tal procedimento reforça outro elemento tradicional, a autonomia e auto-gestão. No post a programação não menciona a titularidade de mestres de Cobra Mansa e Jurandir. Tal fato conota que quem redigiu o texto da postagem não é um capoeirista. O texto em destaque "Permangola Minas apoia a criação do Parque Nacional do Gandarela – participe do passeio ecológico que faremos por lá" reitera o caráter mobilizador, elemento tradicional, e contextualiza a ação do permangola com uma necessidade ambiental local. LINK: o post possui o link http://www.youtube.com/watch?v=QYalJEv5jgY&feature=youtu.be para um vídeo de 28 segundos. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	

CONTINUA

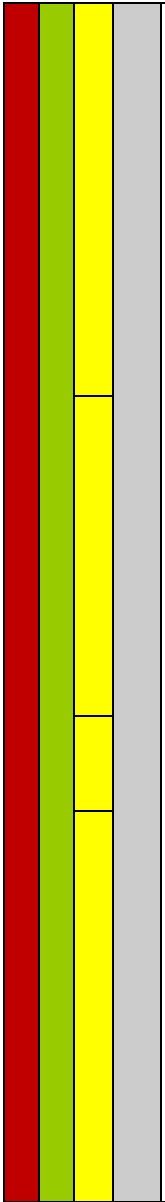
		2.2) MESTRE BIGO EM BH	2.2) IMAGENS POST 1: 2.2.1) Retrato de Mestre Bigo (mais a esquerda); TEXTO (mais a direita): convite, data, resumo sobre o mestre BIGO, programação, investimento, contatos; IMAGENS POST 2: 2.2.2) 3 fotos do evento: 2.2.2.1) Mestres Jurandir e Bigo de pé, em frente da bateria; 2.2.2.2) Mestre Bigo em pé durante oficina (10 alunos fazendo movimento); 2.2.2.3) Roda de Capoeira Angola numa praça (roda de rua), em foco seis homens em pé, três abraçados e dois segurando berimbau; Postagem de divulgação do evento, com fotos de repercussão. IMAGENS - 2.2.1) Foto em Plano Americano de Mestre Bigo (Academia de Capoeira Angola Ilê Axé, São Paulo). Apesar de morar em São Paulo, mestre Bigo é soteropolitano e foi aluno direto de mestre Pastinha, em Salvador. O fato de ter barba e bigodes brancos e usar chapéu (do tipo Panamá) conota que é um mestre antigo e que valoriza um aspecto em especial da tradição, a mandinga. "Ele usava uma calça rasgada, hoje usa um terno de linho, chapéu de panamá importado, sapato de couro, bico cor de vinho. Olha lá o nego, olha o nego, sinhá". O referido corrido de mestre Moraes discorre bem sobre essa questão da indumentária do capoeirista nas décadas de 40, 50 e 60, quando estava acontecendo um reposicionamento social dos capoeiristas na malha urbana. Na ocasião o chapéu fazia parte da indumentária de um tipo especial de capoeirista, o malandro, pessoa arredia e mandingueira. Mestre Bigo não está usando uniforme de sua academia de capoeira. Ou seja, a imagem que utilizada para apresenta-lo disassocia-o do seu grupo, e remete a uma referência imaginária ancestral na capoeira, a figura do bamba, do capoeirista com talento, virtude, domínio e mandinga. A imagem está posicionada do lado esquerdo do blog, o que significa que o texto está sendo mais valorizado em detrimento a imagem. A presença de mestre Bigo em Belo Horizonte para realizar a oficina conota a preocupação da FICA na manutenção em seu grupo de elementos tradicionais, como a valorização dos saberes ancestrais, a hierarquia, TEXTO: é um convite para um encontro de três dias do mestre Bigo com vários mestres (Jurandir e Silvino) e contramestre (Rogério Teber) da FICA. Ao lado da foto de mestre Bigo tem um resumo sobre quem é esse mestre, onde é ressaltado a sua linhagem pastiniana ("só teve um mestre, Vicente Ferreira Pastinha, de quem foi discípulo fiel"; "esse discípulo de mestre Pastinha"). A intenção de reforçar a linhagem pastiniana é tanta, que em dois parágrafos o mestre Pastinha foi citado quatro vezes. A programação do evento é montada tanto para um momento de introspecção (passagem dos ensinamentos), quanto para um momento de compartilhamento social (roda de rua na Praça da Liberdade). Nesse post a questão financeira é pouco enfatizada, e até mesmo mascarada, com apenas uma menção sobre o valor da oficina, designado como "investimento". IMAGENS POST 2 - três fotos que dão uma idéia geral de como ocorreu o evento. Os enquadramentos seguem uma lógica narrativa de plano detalhe, plano geral e plano médio. 2.2.2.1) Oficina realizada na sede da Fica (bairro Bonfim, Belo Horizonte). Plano detalhe de uma conversa que ocorre em primeiro plano entre os mestres Jurandir (a esquerda, sem uniforme) e mestre Bigo (a direita, agora	
--	--	-------------------------------	--	---

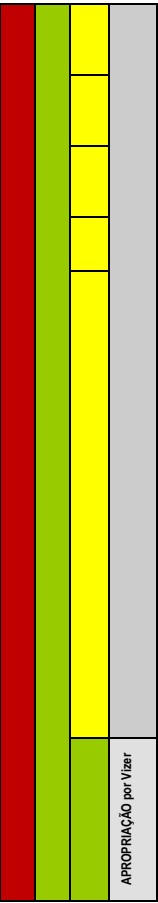
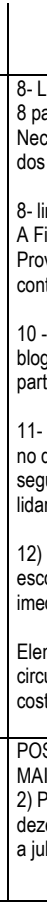
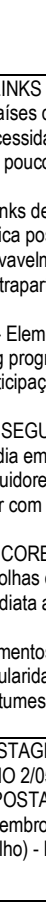
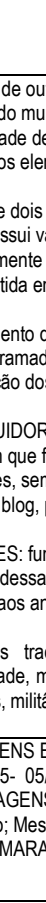
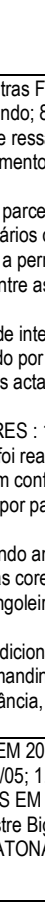
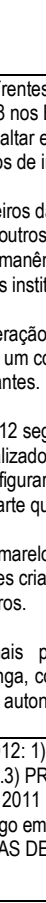
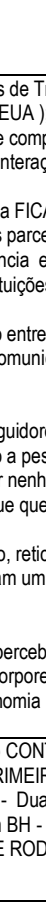
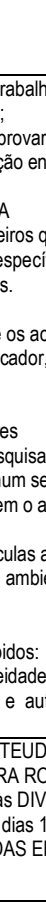
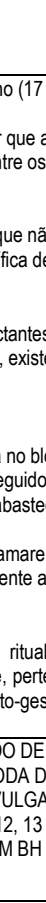
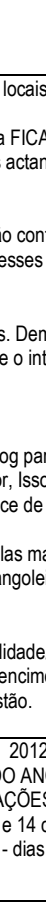
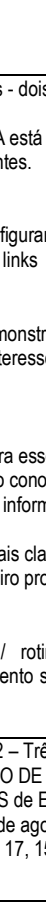
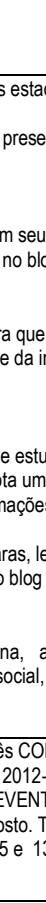
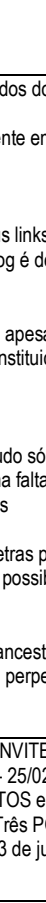
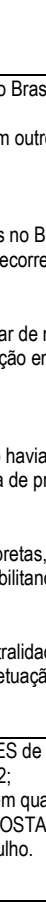
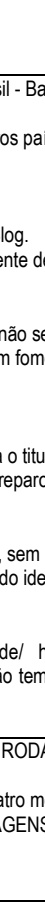
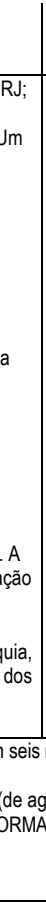
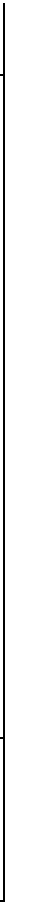
CONTINUA

		uniformizado. Vale a pena destacar que a camisa de uniforme de mestre Bigo é polo, o mesmo modelo adotado por mestre Pastinha em sua academia em Salvador) ambos estão de pé. Tal imagem reforça a questão da hierarquia e da oralidade, elementos tradicionais. No segundo plano o pessoal da bateria (sentados) estão divididos. Aqui nota-se a manutenção do elemento tradicional musicalidade orgânica. Metade das pessoas enquadradas na foto está prestando atenção no que está sendo falado. Outra metade está prestando atenção a algo que está ocorrendo do lado direito da foto. Significa que assunto tratado no momento não despertou tanto interesse nos presentes. 2.2.2.2) Plano geral da Oficina. No primeiro plano Mestre Bigo confere o movimento que está passando (ponte) com aluna da primeira fileira. Ao todo são 10 pessoas que estavam fazendo a oficina no momento da foto. A maioria são alunos da Fica, mas existe alunos de outros grupos (uniforme branco). Outras cinco pessoas (dentre elas Mestre Jurandir, sentado de branco) assistem ao treino sentados ou em pé. Todas as pessoas que estão em pé, estão de braços cruzados, conotando fechamento em relação a atividade proposta. A foto demonstra que na FICA existe a preocupação de registrar e divulgar fotograficamente suas ações, pois todas as paredes possuem painéis com fotos sobre a atuação da FICA. Outro elemento importante é a utilização das cores amarelo e preto na pintura das paredes da sede. Essas cores são trabalhadas como elementos identitários e sugerem a reprodução temporal da identidade angoleira da escola pastiniana. 2.2.2.3) Plano médio da bateria de uma roda de rua, realizada na Praça da Liberdade, centro de Belo Horizonte. A realização da roda de capoeira nesse espaço, é uma forma de continuidade de ocupação dos espaços, pois nos primórdios da capoeira em Belo Horizonte, década de 70, era nesse local onde foi iniciada a pratica da capoeira em MG. Ou seja, a roda de capoeira sendo realizada nesse local indica a manutenção do elemento tradicional perpetuação temporal dos costumes, reforçada pela presença dos mestres Jurandir e Rogério, que são precursores da capoeira angola em Belo Horizonte, e que frequentavam as rodas de capoeira (regional) realizadas na Praça da Liberdade, antiga feira Hippie. Trata-se de uma foto histórica pois registra o encontro de mestres que moram em locais muito distantes entre si, e da manutenção histórica da capoeira angola, pois na foto pode se perceber a linhagem dos mestres em questão. Os homens que estão de pé são, da esquerda para direita: mestres Bigo (reco-reco, está todo de branco, indumentária de capoeiristas antigos mandingueiros, reside em São Paulo), Jurandir (berimbau gunga, sem uniforme da Fica e todo de branco, remete a indumentária dos capoeiristas antigos mandingueiros, mestre de mestre Silvinho), Rogerio (com uniforme do Angola Dobrada - camisa branca e calça preta, reside hoje em Kassel, Alemanha, precursor da capoeira angola em MG, mestre de mestre João Angoleiro), Silvinho (com uniforme da FICA, formado por mestre Jurandir), João Angoleiro (segura berimbau médio, mestre da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, sem uniforme, aluno de mestre Rogerio), treinel Gabriel (segura berimbau viola, com uniforme de FICA). No momento da foto mestre Rogério está falando e todos prestam muito atenção (destaque para o elemento tradicional oralidade). TEXTO NAS FOTOS: essas são as únicas fotos do index com legenda. O fato conota uma preocupação da pessoa que atualiza o blog em identificar as atividades para o grande público. Ou seja, de uma maneira geral o blog é direcionado exclusivamente para o publico capoeirista angoleiro de Belo Horizonte, que conhece as pessoas que figuram nas fotos. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social,		CONTINUA
--	--	---	---	-----------------

		perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
CONTEÚDOS FIXOS:	3- POSTS FIXOS: PESQUISA POR ASSUNTO (7 temas):	3- 3.1) A FICA NO MUNDO; 3.2) Encontro Internacional de Capoeira Angola; 3.3) Eventos da Fica 3.4) Fotos; 3.5) MÚSICA; 3.6) Seminário; 3.7) SOBRE A FICA; Os posts fixos são informações que se mantêm visualizáveis, mesmo quando se está acessando outros conteúdos. Ou seja, elas são tratadas como informações mais importantes. Nesse blog as informações fixas estão posicionadas no lado direito da tela de visualização, dando ênfase maior no status de importância das informações ali contidas. A primeira delas trata-se de uma espécie de menu. Ali ele foi denominado PESQUISA POR ASSUNTO. Da forma ordenada como foram dispostos percebe-se a intenção de reforçar que a FICA é um grupo globalizado. Tal impressão está clara no título "A FICA NO MUNDO". O próximo item do menu, Encontro Internacional de Capoeira Angola, reforça ainda mais a questão da FICA globalizada. Os menus Eventos da FICA BH, Fotos, MÚSICA e Seminário, demonstram que FICA é uma instituição ativa, que realiza vários tipos de eventos. O curioso que o SOBRE A FICA é o último menu, o que conota uma preocupação maior com caráter globalizador da instituição do que propriamente a intenção de manutenção identitária e hierárquica do grupo.	
	4- LOGOMARCA da FICA:	4.1) Letras e imagens pretas, fundo branco; 4.2) Texto: Fundação Internacional de Capoeira Angola, escrito de forma circular; 4.3) Imagens dentro de um círculo, alusão ao globo terrestre – 4.3.1) O contorno de uma pessoa (homem) fazendo bananeira e olhando para frente (cor: preto total); 4.3.2) Uma zebra dando um coice (cor: listrada); 4.3.3) dois continentes: americano e africano, a pessoa está sobre o Brasil e a Zebra sobre a África, a pata da zebra e o pé da pessoa se tocam; 4.3.4) dois berimbaus cruzados ligam o continente africano e o Brasil; Na LOGOMARCA da FICA está muito clara a noção de circularidade, apresentada tanto pelo círculo externo, quanto pelo interno. O círculo externo é uma cobra engolindo o próprio rabo. A imagem da cobra deriva da imagem do Ouroboros - dragão que come a sua própria cauda, um dos mais antigos elementos da cultura humana. Algo que se enrola em si mesmo para se defender de seus adversários. Para os africanos a imagem remete a criação do mundo, dá idéia de continuidade, de perigo e atenção. O círculo interno que é uma alusão ao globo terrestre (reforça a idéia de globalização). Dentro do globo terrestre há um destaque para o Brasil (esquerda) e para África (direita). Dois berimbaus cruzados unem esses dois continentes (americano e africano). O berimbau é um instrumento sagrado tanto no Brasil quanto na África, o que remete a espiritualidade incrustada nessa prática. Sobre o Brasil existe a figura de um homem negro fazendo bananeira. Essa imagem faz alusão a origem da capoeira como sendo afro-brasileira, bem como demonstra que os angoleiros da FICA possuem destreza de movimentos, além de perceberem a realidade de outro ângulo, que não o da normalidade de quem vê vida somente sobre os pés. Sobre o continente africano para a imagem de uma zebra dando um coice. Para os capoeiristas a zebra tem um significado correlato a capoeira	

CONTINUA

		(derivado da tradição oral que diz que as matrizes culturais da capoeira são de origem africana e derivam de uma dança tribal conhecida como N'Golo, ou Dança da Zebra). A zebra está dando um coice, fazendo uma relação entre o coice e o movimento da capoeira denominado chapa de costas. Um outro elemento que explica a origem de vários movimentos capoeirísticos, baseados nos movimentos dos animais. Os pés do capoeirista e a pata da zebra se tocam. Além de reforçar a impressão de união que capoeira angola faz entre a África e o Brasil, tal contato demonstra que ninguém ali quer agredir ninguém, que o jogo que existe é um jogo "limpo", entre povos irmãos. O texto Fundação Internacional de Capoeira Angola está escrito em letra com serifa, sobre o círculo que forma o mundo. Pode ser interpretado como se FICA quisesse englobar, ou estar presente, em todo o mundo. Por ser um texto com serifa conota que FICA tem interesse no campo acadêmico e tecnológico. Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes	
	5- A Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA BH	5- - A Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA BH: texto informativo, com dois parágrafos. Abaixo do texto em português mesmo texto traduzido para o inglês. Parágrafo 1 aborda data de criação, mestres, objetivos, locais onde possui frentes de trabalho no Brasil e no exterior; Parágrafo 2 aborda especificamente o trabalho em Belo Horizonte; Ressalta a questão da globalização da pratica angoleira, proposta primordial da entidade, reforçada pela tradução do texto para inglês (logo abaixo) Se existe nesse texto outros elementos conotativos, eles não foram observados. Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	6-Horários de TREINOS: 7- Contatos	6- com endereço da sede atual, ênfase que as aulas são com o mestre e marcação dos horários de treinos, três vezes por semana (segundas, quartas e sextas), horário noturno (19 as 21h), 2 horas de treino; Como se trata de um quadro de horários, nota-se a ausência da informação do dia e horário da roda ordinária da FICA. Aqui se percebe o elemento tradicional mandinga. A pessoa que fez o site ocultou essa informação ou para preservar a segurança da roda (só vai quem sabe da data da roda através da tradição oral), ou para ocultar que a Fica BH possui poucos membros. 7- contatos telefônicos (mestre e de treinel) e de e-mails (próprios); Os telefones que figuram na pagina são dos celulares do Mestre Jurandir e do treinel Alder. Significa que a Fica-BH não tem telefone fixo, provavelmente porque não possui sede própria. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA 

																																																																																																																																																																																																																																																		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

				DISPOSITIVO por Agamen	ESPAÇO mundo virtual)	(mundo da vida,	MUNDO DA VIDA: TERRITORIALIDADE: existência de frentes de trabalho da FICA em 18 locais, em 9 países, sendo 3 no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Salvador), 8 nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), 1 no México, 1 no Canadá, 1 em Lima, 2 na Europa (França e Londres), 1 na África (Moçambique) e 1 no Japão (Tóquio). TREINOS: em Belo Horizonte acontecem com duas horas de duração, três vezes por semana, durante o ano inteiro. RODAS - acontecem com três a quatro horas de duração, mensalmente - na primeira quarta-feira do mês, no entanto não existe menção sobre esse fato no blog; EVENTOS: sempre que acontecem são divulgados no blog. MUNDO VIRTUAL - 1) POSTAGENS EM 2012 - de janeiro a julho: três CONVITES de RODAS que aconteceram na nova sede do grupo, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte em seis meses. 1.1) Roda do mês de Junho! - na UFMG, Pampulha; 1.2) RODA DE MAIO 2/05- na UFMG, Pampulha; 1.3) PRIMEIRA RODA DO ANO DE 2012- na UFMG, Pampulha; 2) POSTAGENS EM 2011 - de agosto a dezembro duas DIVULGAÇÕES de EVENTOS em dois locais da região metropolitana de Belo Horizonte e um em Rio Acima, há 43 km de BH. 2.1) Permangola em Rio Acima/MG - dias 9, 10 e 11 de dezembro; 2.2) Mestre Bigo em BH - dias 12, 13 e 14 de agosto (bairro Bonfim e Centro). Em seis meses, de janeiro a julho, três POSTAGENS INFORMATIVAS sobre rodas, todas ocorridas no mês de julho: MARATONAS DE RODAS EM BH - dia 17 (Feira Hippie, Centro), dia 15 (Praça Sete, Centro) e dia 13 (bairro Bonfim, região centro este de BH). 3) Links para blog de todas as frentes de trabalho da FICA no mundo.
					VISIBILIDADE colocar visível)	(meios de se	MUNDO DA VIDA: ocupação territorial em 18 locais no Brasil (3) e no mundo (14) através das sedes e frentes de trabalho, valorização da figura do mestre (hierarquia), adotar uniforme, manter uma rotina de treinos semanais, realizar rodas de rua em locais de grande circulação de pessoas, realizar rodas de rua com som ao vivo e acústico, utilização de coro (todos cantando ao mesmo tempo) para reforçar a amplitude do cantar, realização de Encontros Internacionais de Capoeira Angola, pelo menos uma vez por ano. MUNDO VIRTUAL: valorizar o nome, a logomarca e a história do grupo, posts de convites de roda (flyer virtual), cartaz virtual de evento, valorização da imagem (fotos) em relação ao texto, links de blogs de outras frentes de trabalho pelo mundo.
					SENTIDO colocar visível)	(por que se	MUNDO DA VIDA: manutenção cotidiana da cultura afro-brasileira; manutenção da vida econômica dos mestres, contramestres e treineis; manutenção da vida grupal, comunitária e social. MUNDO VIRTUAL: divulgação dos seus eventos em proporções globais (ampliação da abrangência local), ampliar e facilitar o contato com as outras frentes de trabalho no Brasil e no Mundo, ocupação do espaço midiático com conteúdo próprio.
					TECNOLÓGICO sociotécnicos)	(aparatos	1) Criação de Blog nas 18 frentes de trabalho da FICA; 2) Valorização da logomarca do grupo; 3) Concentração, facilidade de acesso e utilização de Links entre as frentes de trabalho.
					ESTRATÉGICO linguagem escrita, imagética e sonora)	(modos de empoderamento virtuais:	1) valorização da narrativa imagética; 2) Utilização de uniformes para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos;

CONTINUA

CATEGORIAS DE ANÁLISE UNIVERSO SIMBÓLICO COMUNICATIVO UNIVERSO SIMBÓLICO CULTURAL MARCADORES DE TRADIÇÃO - por Abreu	RITUALIDADE/ ROTINA a partir dela se estabelece a conexão com um tempo primordial originário de encontros espirituais e comportamentais com os antepassados, através da repetição de seus hábitos e costumes	ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: RITUALIDADE percebida primeiramente nas 12 fotos em Flash: tanto nas imagens de capoeira angola, quanto nas de dança afro, através dos elementos vestuário (uniforme na capoeira e amarrações na dança), organização da bateria de capoeira com oito instrumentos (da esquerda para direita (atabaque, berimbau gunga, berimbau médio, berimbau viola, pandeiro 1, pandeiro 2, reco-reco e agogô) e dança, da circularidade da roda e da oração coletiva que é realizada na foto 1.6 (VEJA categorização e descrição das fotos na Análise Conotativa abaixo); no título e conteúdo da Notícia em Destaque "Horários das Rodas - Compareça nas rodas da Acesa"; na foto da Galeria de Imagens: um menino todo concentrado, bem como na roda de capoeira em uma sala de aula. Na foto do Menu Publicações que é um jogo de capoeira na capa da revista Angoleiro é o que Eu Sou!; no assunto Lapinha Museu Vivo (valorização dos saberes e patrimônios imateriais), do menu "Projetos da Acesa". ROTINA: No títulos das Notícias em Destaque: "Aldeia Kilombo Século XXI: as raízes se encontram no templo da cultura" (dão idéia de rememoração de aspectos ancestrais na atualidade), Lapinha 2012 (dá noção de continuidade) e "Portal da acesso às coleções Educadores e História da África" (valorização dos saberes ancestrais). Nos assuntos "Treinos" e "Rodas" do menu "Sobre a Acesa" (indicam uma rotina). ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL do menu "Notícias em destaque": 1) "Aldeia Quilombo Século XXI - Programação. As raízes se encontram no templo da cultura". RITUALIDADE: percebida na frase "As raízes se encontram no templo da cultura", que remete a valorização de conhecimentos ancestrais e relaciona a cultura à religiosidade. Na logomarca do evento a circularidade também pode ser notado como um elemento ritual; percebida na montagem da programação de sábado (dia 9 de julho) , que inicia com uma benção dos Orixás, e domingo (dia 10 de julho) com uma benção de Nossa Senhora do Rosário. 2) "Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg, dias 16, 17, 18, 19 e 20 de maio". ROTINA: o título da notícia conota que o evento tem uma grande extensão temporal, tendo inclusive, atividades preparativas de cinco dias, etapa comum aos eventos ritualísticos. A imagem congelada do vídeo anexo ao post faz alusão a um tempo primitivo, demonstrando que práticas culturais ancestrais estão sendo revividas no momento presente. 3) "INSCRIÇÕES Lapinha 2012, 04,05, 06 de maio de 2012" - nenhum aspecto ritualístico ou rotineiro percebido; 4) "Portal dá acesso às coleções Educadores e História da África. História Geral da África". RITUALIDADE percebida através da valorização dos conhecimentos ancestrais, no sentido de que para se entender a história do Brasil é importante passar pelo contato e pela valorização da história africana. 5) "Compareça nas rodas da Acesa". ROTINA explicitada no texto "de segunda à sábado, uma roda pra vadiar".
	ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA valorização dos saberes ancestrais. Materializada na organização social e de poder de seus participantes e é similar a estruturas de poder comunitárias, que vão do mais baixo, ao mais alto escalão social.	ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: A ANCESTRALIDADE é percebida nos títulos de eventos produzidos pela Acesa "Aldeia Kilombo Século XXI" e "Lapinha Museu Vivo" que indicam valorização dos saberes ancestrais, bem como no título do assunto "Portal da acesso às coleções Educadores e História da África", que remete a importância que a Acesa dá a valorização dos conhecimentos ancestrais africanos. Também nas fotos em flash da dança afro, onde o elemento vestuário é composto exclusivamente por amarrações, uma técnica ancestral de vestimenta. A HIERARQUIA é notada no menu "Sobre a Acesa" que em primeiro lugar apresenta a instituição e, logo em seguida, o mestre responsável pela transmissão de saberes (Mestre João). Somente depois desses itens que seguem os outros 10 itens do menu. Também percebida nas fotos em flash relacionadas a capoeira angola, onde o Mestre João Angoleiro figura ou tocando o berimbau gunga (berimbau que comanda o jogo), ou jogando capoeira. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL- "Notícias em destaque": 1) "Aldeia Quilombo Século XXI - Programação. As raízes se encontram no templo da cultura" - valorização da ancestralidade percebida na montagem da programação de sábado (dia 9 de julho) , que inicia com uma benção dos Orixás, e domingo (dia 10 de julho) com uma benção de Nossa Senhora do Rosário; 2) "Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg, dias 16, 17, 18, 19 e 20 de maio" - ANCESTRALIDADE notada no vídeo anexo a postagem (http://www.youtube.com/watch?v=1CzvNIV228M) , onde apresenta a transmissão de saberes capoeirísticos feita pelo mestre João Angoleiro, como a valorização de outros mestres de capoeira de Belo Horizonte, outros estados, e outras manifestações culturais, na medida em que mestre João os convida, coloca-os em local de destaque na roda de capoeira e faz detalhada apresentação dos mestres presentes; No conteúdo das outras três notícias publicadas em destaque não foram averiguados elementos ancestrais ou hierárquicos.
	MUSICALIDADE ORGANICA priorizar o conhecimento e o domínio da técnica musical de todos os instrumentos utilizados na roda de capoeira.	ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: percebidas tanto na ilustração e em todas as fotos em flash de capoeira angola e em uma foto de dança afro, quanto nas fotos fixas do menu Imagens. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: 2) "Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg, dias 16, 17, 18, 19 e 20 de maio" - MUSICALIDADE notada no vídeo anexo a postagem, que apresenta a bateria de capoeira angola tocando enquanto o mestre João Angoleiro passa os movimentos na Oficina de Capoeira Angola; no momento que mostra as rodas de capoeira, na apresentação da Companhia Primitiva de Arte Negra, na apresentação de samba do Mestre Conga, na procissão dos reinados e candombes.
	CIRCULARIDADE elemento essencial das culturas afro, a realização das atividades em círculo além de demarcar o território onde acontecem as práticas culturais, potencializa a consciência de grupo e individual, onde todos podem ver e serem vistos, bem como mantém, harmoniza e	ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: presente na forma das logomarcas da Acesa e Flor do Cascalho (no cabeçalho do site, barra inferior e no menu "Vídeos"). Percebida principalmente nas fotos 1.3 e 1.6. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: 1) "Aldeia Quilombo Século XXI - Programação. As raízes se encontram no templo da cultura" - presente na forma do texto e da imagem da logomarca do evento; 2) "Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg, dias 16, 17, 18, 19 e 20 de maio" - notada no vídeo do post, durante a formação das rodas de capoeira e de conversa.

CONTINUA

	congrega a energia criada através da ritualidade.	
	MANDINGA são formas de atuação evasivas, informais, não esperadas	A sigla Acesa (Associação Cultural Eu Sou Angoleiro) figura na barra dos menus por duas vezes ("Sobre a Acesa" e "Projetos da Acesa"), no entanto, na ANALISE DE PRIMEIRO NIVEL não existe no index do site qualquer alusão que faça essa relação entre a sigla e nome da associação. Outro aspecto de Mandinga talvez seja o fato de que apesar de se tratar de uma associação cultural, justamente porque atua com dois tipos de expressões culturais, a capoeira angola e a dança afro, no index do site essa informação não está explicitada em nenhum texto explicativo. Mas pode ser "percebida" através das fotos em flashes e no menu "Sobre a Acesa", onde figuram os sub menus Capoeira Angola e Dança Afro. Ou seja, para entender exatamente qual a forma de atuação da Acesa é necessário uma reflexão de segunda ordem. Outro elemento entendido aqui como mandinga é a escolha das cores do site, amarelo e azul, que são, na verdade, uma reprodução (foto) das paredes internas da sede física da Acesa (no centro de Belo Horizonte). Ou seja, a intenção é trazer para o site a ambientação da sede. Também é um elemento de mandinga o nome do grupo "Eu Sou Angoleiro". Segundo o mestre João Angoleiro, quando se lê, ou se fala "Eu Sou" é uma forma de manifestar/trabalhar a espiritualidade de cada pessoa, pois o "Eu Sou", ou atma (em sânscrito) diferente do colocado pela cultura ocidental, não é a simples afirmação do ego, mas nada menos que a chave de acesso a alma, manifestada de forma física. Ou seja, só de ler, ou de se falar o nome da associação, de alguma forma, em algum nível, já se está trabalhando com a espiritualidade.
	CORPOREIDADE utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada em três níveis: corpo, mente e espírito.	Percebida em todas as imagens do site, seja nas fotos em flash do cabeçalho, quanto nas imagens dos menus "galeria de imagens" e publicações. Presente também na logomarca da Acesa, que apresenta dois movimentos simultâneos: a pessoa da esquerda da imagem jogador está de pé realizando um movimento denominado "chamada", e o outro responde a chamada com um segundo movimento, a bananeira.
	ORALIDADE Pressuposto básico da transmissão dos conhecimentos afro-brasileiros. Geralmente ocorre durante o contato presencial, onde os ensinamentos e ritualidades angoleiros são repassados de forma oral, sem a utilização de elementos externos a corporeidade do mestre.	Presente no nome do grupo "Eu Sou Angoleiro". O mestre João ensinou que atma é alma em sânscrito, que por sua vez é eu sou. Então quando afirmamos que eu sou algo, estamos afirmando que nossa essência é aquele algo e não transita por ele. Ou seja, quando dizemos "eu sou" estamos nos reconectando com esse aspecto espiritual de nosso ser. Uma espécie de mantra e invocação de nossa alma para aquele momento.
	PERTENCIMENTO SOCIAL Participar de um grupo gera integração, segurança e pertencimento ao indivíduo, que consegue se perceber não somente como um, mas sim como parte de um coletivo coeso e participativo no âmbito social	Percebido tanto na escolha da imagem de fundo do site (foto da parede da sede da Acesa), pela predominância das cores amarelo (fundo e retículas) e preto (cor das letras) que remetem à linhagem da escola pastiniana, pelo uso do uniforme, tanto do mestre quanto dos alunos. A divulgação do endereço completo da sede, como um elemento fixo de informação, localizando-a no centro Belo Horizonte, pode ser analisada como um elemento de pertencimento social.
	PERPETUAÇÃO TEMPORAL dos COSTUMES manutenção e permanência da experiência durante os tempos	Percebida nas fotos em flash: demarcada pela existência de uma hierarquia - aluno, Treinel e mestre- a qual conota que houve o investimento de pelo menos 15 anos de atividade capoeirísticos de alguns integrantes do grupo. Também pela adoção coletiva do uniforme como indumentária do grupo, pela formação da bateria de capoeira com oito instrumentos (3 berimbaus - gunga, médio e viola; Atabaque; 2 pandeiros; reco-reco e agogô); pela musicalidade orgânica (eles fazem questão de tocar os instrumentos nas rodas, inclusive levando instrumentos extras para o caso de estrago durante o ritual). E na escolha dos assuntos dos menus "Sobre a Acesa" (Capoeira Angola e Dança Afro) e "Projetos da Acesa" (Lapinha Museu vivo, Aldeia Kilombo) os quais explicitam a valorização/ intercâmbio de informações entre outras expressões culturais, através da realização de eventos entre comunidades afins (favorecem a convivência em grupo, o diálogo e troca de saberes)
	MILITANCIA Atuação político-social de enfrentamento a coação, lógica e ação social de reposicionamento do negro na sociedade. Uma lógica diferenciada, autônoma e dissociada do sistema vigente.	Notada tanto nas fotos em flash, que apresentam as mesmas pessoas participando de eventos diversos, nas "Notícias em Destaque": "Aldeia Quilombo Século 21", "portal da acesso as coleções Educadores e História da África", "Compareça nas rodas da Acesa", quanto no menu "Sobre a Acesa" (treino, rodas, calendário de eventos) e "Projetos da Acesa" (Paz no Mundo Camará, Lapinha Museu vivo, Aldeia Kilombo, Chamada Capoeira Angola).

AÇÕES DE RESISTÊNCIA por Vizer	AUTONOMIA e AUTO-GESTÃO Possibilitam que as atividades desenvolvidas na capoeira angola não sofram descaracterizações políticas/ideológicas		Indicada principalmente nas "Notícias em Destaque", post "Inscrições Lapinha 2012", que sugere uma auto-gestão do evento através da cobrança de uma taxa de inscrição. Também notada na barra de patrocinadores e realização do site, composta pelas logos do prêmio Capoeira Viva, Ministério da Cultura, Petrobras, Flor do Cascalho e Eu Sou Angoleiro. A presença dessas logomarcas no site conotam que o grupo tem uma forte organização institucional, a ponto de obter patrocínios do governo federal e receber prêmios por seu trabalho. E que apesar do patrocínio, ainda possui autonomia de trabalho, já que as logos do Ponto de Cultura e da Acesa figuram na barra com tamanho maior que a dos patrocinadores, bem como ocupam um local de destaque visual. CONTINUA
	RECONSTRUÇÃO DE VINCULOS (Elementos: Família, amor, amizade)		Percebida no menu "Notícias em destaque", nos posts "Aldeia Kilombo Século 21: as raízes se encontram no templo da cultura", "Compareça nas rodas da Acesa", ambos são um convite a esse momento de reconstrução de vínculos, bem como no menu "Sobre a Acesa", principalmente nos assuntos "Quem somos", "Frentes de Trabalho", "Treinos", "Rodas", "Calendário de eventos". Apesar do grupo ter uma forte funcionalidade familiar, ela não está expressa no site em momento algum. Ao contrário, a valorização ocorrida no nível das imagens (ilustração, logos e fotos e flash) aponta para um reforço das atividades realizadas por um grupo coeso, ou seja, no nível da AMIZADE.
	INSTITUIÇÕES DE CONTENÇÃO (vestuário, gestos específicos, pertencimento grupal)		Esse elemento apriorístico é novamente percebido em vários aspectos do INDEX, seja pela escolha das cores do site (principalmente amarelo e preto), seja pela presença da LOGOMARCA (designa o grupo em questão), seja no uso dos uniformes por parte de todos os capoeiristas que participam das rodas. CAPOEIRA ANGOLA: o uniforme do grupo é elemento exigência primordial para participar de todas as atividades de capoeira angola. É um elemento de pertencimento super valorizado entre os grupos angoleiros. No caso específico da ACESA: camisa amarela, calça preta e tênis. DANÇA AFRO: a utilização das amarrações (vestuário criado a partir de pedaços tecidos, sem cortes e costuras ocidentalizados, sendo utilizadas amarras para a fixação dos tecidos no corpo) como vestimenta padrão da Companhia Primitiva de Arte Negra.
	TRANSFORMAÇÕES (mudança nos hábitos rituais)		Notada pela mudança da localização dos 8 instrumentos na formação da bateria de capoeira da Acesa: atabaque, 3 berimbaus - gunga, médio e viola; 2 pandeiros; reco-reco e agogô. No Centro Esportivo de Capoeira Angola- CECA, de mestre João Pequeno de Pastinha (sucessor direto de mestre Pastinha, Salvador, Bahia) e referência tradicional para mestre João Angoleiro, a formação usual da bateria é de 7 instrumentos: Barimbaus Gunga, médio, viola, um pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque. O que já é considerado uma mudança, pois o CECA na época de mestre Pastinha utilizava uma bateria com 8 instrumentos, diferindo do CECA atual na utilização de dois pandeiros, localizados antes e depois dos berimbaus. Ou seja na ACESA, apesar de ser uma casa com influência direta do CECA mudou a localização do atabaque e do reco-reco e aumentou o número de pandeiros de um, para dois, colocando-os um ao lado do outro e ampliando o número de instrumentos da bateria de angola de sete para oito, como no CECA de Mestre Pastinha, mas mudando a posição dos instrumentos. Outra mudança percebida é a inclusão das cores azul, como elemento de fundo no site, o nome do grupo escrito de forma cursiva e em dourado. CONTINUA
NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO	DENOTAÇÃO (Aspectos da linguagem + antropológicos) CONOTAÇÃO (Aspectos culturais)	ANÁLISE DENOTATIVA CONTEÚDOS MÓVEIS: 1) 12 Fotos em flash; 2) Notícias em Destaque - 2.1) Três posts de eventos; 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das Rodas. CONTEÚDOS FIXOS: 3) Logomarca e nome do grupo; 4) Galeria de Imagens; 5) Vídeos ; 6) Publicações; 7) Barra inferior: Patrocinadores; 8) Endereço e Contatos; 9) MENUS - 9.1) Sobre Acesa com 12 itens: 9.1.1) Página Inicial; 9.1.2) Quem somos; 9.1.3) Mestre João Angoleiro; 9.1.4) Capoeira Angola; 9.1.5) Dança Afro; 9.1.6) Frentes de Trabalho; 9.1.7) Treinos; 9.1.8) Rodas; 9.1.9) Produtos; 9.1.10) Calendário de	ANÁLISE CONOTATIVA - ANÁLISE GLOBAL CONTEÚDOS MÓVEIS: localizados a esquerda do quadro visual conota prioridade menor de visualização que os CONTEUDOS FIXOS dos MENUS, que estão posicionados do lado esquerdo do quadro visual. CONTEUDOS MÓVEIS: 1) 12 Fotos em flash -1 ilustração sobre roda de capoeira angola, 5 imagens de praticas de capoeira angola (rodas de jogo e de oração), 5 imagens de praticas de dança afro, sendo que uma é repetida; 1 post sem imagem- predominância do tema capoeira angola em relação a dança afro; os posts da imagem repetida e o sem imagem conota a falta de preparação técnica dos desenvolvedores do site, bem como a não existência de uma cobrança editorial por parte da Acesa, pois esse erro está presente no site desde 2009, época da reformulação ocorrida nele. 2) Notícias em Destaque - 2.1) Três posts de eventos (um do evento Aldeia Quilombo Século 21 e dois do Lapinha Museu Vivo) ocorridos no primeiro semestre de 2012 (abril, maio e junho) com finalidade explícita de divulgação e de fortalecimento dos laços comunitários através da participação em vivências comuns, em espaços incomuns; Também conota a capacidade produtiva dos membros da Acesa em realizar dois eventos de grande porte no mesmo semestre; 2.2) Um post de 2011 relacionado a estudo/pesquisa História da África- conota a preocupação da Acesa em publicar uma informação qualificada e de valorização dos conhecimentos ancestrais e pode ser percebido como um elemento de militância política, no sentido de valorizar a história da África; 2.3) Um post de 2009 sobre os horários das Rodas, que demonstra uma preocupação editorial de valorização do ritualístico em relação a pratica. No entanto, quando se clica no link, o conteúdo não explicita o

		Eventos; 9.1.11) Links; 9.1.12) Revista; 9.2) PROJETOS da Acesa com quatro itens; 9.2.1) Paz no Mundo Camará; 9.2.2) Lapinha Museu Vivo; 9.2.3) Aldeia Kilombo; 9.2.4) Chamada Capoeira Angola; 10) Cores: Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: amarelo escuro e salmão. Letras : sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.	dia do evento, e o link que deveria levar aos horários de roda direciona para a pagina inicia. Ou seja, uma vez mais fica explicitado a falta de qualidade técnica e de coordenação editorial para a operacionalização do site. CONTEÚDOS FIXOS veja análise em profundidade abaixo. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão. CONTINUA
	CONTEÚDOS MÓVEIS: 1) 12 Fotos em flash, sem informação textual; Sendo que duas imagens não serão analisadas, pois uma de dança afro se repete, e outra figura sem conteúdo.	1) CAPOEIRA ANGOLA - seis fotos, sem informação textual DANÇA AFRO - quatro fotos, sem informação textual 1.7) pessoal tocando na bateria e pessoas em frente dançando em local externo; 1.8 e 1.9) Show de	1.1) Roda de capoeira angola em ambiente aberto, duas pessoas jogando; 1.2) Roda em ambiente fechado, pessoa aponta com o berimbau; 1.3) Roda em ambiente aberto e urbano; 1.4) Jogo e roda em ambiente aberto; 1.5) Ilustração de jogo com bateria ao fundo; 1.6) pessoas sentadas em círculo de mãos dadas. Encontram-se na sequencia de fotos os seguintes elementos tradicionais: ritual (formação da bateria, oração), ancestralidade, hierarquia, circularidade, musicalidade orgânica, oralidade (todos tocam e cantam), perpetuação temporal dos costumes (manutenção dos elementos ritualísticos, uniforme preto e amarelo - remete a escola pastiniana), pertencimento grupal, corporeidade (pessoas jogando); 1.1) Lapinha Museu Vivo (Lagoa Santa) - Plano médio: no primeiro plano imagem destaca a formação da bateria com atabaque, berimbaus Gunga (mestre João), médio e viola, pandeiros 1 e 2 (pessoa cortada); e jogo de capoeira, onde quem está de pé faz um movimento conhecido com meia lua, e a outra pessoa responde ao movimento com uma negativa (circularidade, diálogo); no segundo plano pessoas estão sentadas no chão formando a roda de capoeira. Na formação da bateria sobressai o elemento hierarquia, já que os berimbaus estão sendo tocados pelo mestre e por dois treines (Ricardo e Icaro); 1.2) Tambor Mineiro (Prado, BH, interna) - Plano médio: destaque bateria, mestre João comanda a roda e apontada com o berimbau para algum angoleiro iniciar seu jogo (hierarquia); 1.3) Tambor Mineiro, externa- Plano geral: angoleiros sentados à roda, bateria ao fundo. No centro o jogo de mestre João e uma aluna, que o está atacando com uma cabeçada. O mestre se defende do movimento fazendo uma chamada de força. A circularidade é o elemento predominante nessa imagem; 1.4) Lapinha Museu Vivo- Plano detalhe: no primeiro plano mestres Moraes (BA) e João estão na saída da chamada (mestre João foi aluno de Mestre Moraes, que por sua vez foi mestre de mestre Manoel- hierarquia). No segundo plano mestre Negão (berimbau viola, MG) e mestre Manoel (pandeiro, RJ) compõem a bateria. A plateia assistindo atentamente ao jogo e a presença de um cinegrafista em meio ao publico, conotam a importância do momento (circularidade, musicalidade orgânica, oralidade, perpetuação temporal dos costumes, pertencimento grupal, corporeidade); 1.5) Uma ilustração (feita por mestre João) de um jogo. Ele acontece de dia em um local aberto e montanhoso. No primeiro plano um jogador faz chamada e o outro responde com uma bananeira, eles não são da linha pastiana, pois ambos jogam de branco (situação de enfrentamento, demonstração de domínio corporal). No segundo plano uma bateria contendo, da direita para a esquerda, atabaque, três berimbaus, pandeiro e agogô. Importante ressaltar que nessa representação da roda de capoeira mestre João montou a bateria com uma organização inversa a que adota no mundo da vida (ritualidade, musicalidade orgânica, corporeidade); 1.6) Lapinha Museu Vivo- Plano geral: pessoas sentadas em círculo, de mão dadas, fazem uma oração (ritual, perpetuação temporal dos costumes). Encontram-se na sequencia os seguintes elementos tradicionais: ancestralidade (utilização de amarrações), musicalidade orgânica, perpetuação temporal dos costumes (base dos movimentos - vibração, totem - vindos da África, pertencimento grupal, corporeidade. 1.7) Lapinha Museu Vivo (Lagoa Santa). Plano geral: três homens tocam atabaque, mais de 15 pessoas que participam de uma oficina, fazem vibrações (musicalidade orgânica, CONTINUA



2.1.2) Pré-Lapinha exibição de filmes. Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg. Dias 16, 17, 18, 19 e 20 de abril e 4 de maio; 2.1.3) Inscrições. Inscrições Lapinha 2012. 04,05 e 06 de maio de 2012.

2.1.2) Lapinha 2012 - programação forumdoc.mg. ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: conota a parceria entre dois eventos, Lapinha Museu Vivo (Encontro de Culturas de Raiz) e Forum.doc.mg (exibição de filmes documentários etnográficos). O fato de ser indicado o ano do evento, 2012, faz referência a uma continuidade, ou seja, o evento já aconteceu em outros anos. A chamada "Pré-Lapinha exibição de filmes", indica uma organização social planejada do evento, no sentido de prepara-lo com atrativos culturais, para que a comunidade tenha participação efetiva quando ele acontecer "pra valer". O bigode "Dias 16, 17, 18, 19 e 20 de abril e 4 de maio" demonstra que o grupo tem uma organização interna consistente e a intenção de ampliar o contato com a população por cinco dias, duas semanas antes do evento. A atividade do dia 04 de maio demonstra a preocupação do grupo em não perder o contato com a comunidade, realizando uma atividade meio, e os preparando para os dias da efetivação do mesmo. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: notícia postada em 03/04/2012, com claro objetivo de divulgação do evento. Postada 15 dias antes da atividade proposta e um mês antes do evento principal. Demonstra uma preocupação de preparar o público externo com antecedência e também uma afinação maior do grupo para a realização do evento. A notícia trata de dois assuntos: 1) informa que trata-se da nona edição do evento Lapinha Museu Vivo, dá informações sobre a programação de filmes do Pré-Lapinha, faz um resumo sobre o evento que em breve vai acontecer e mostra, através de um vídeo, como foi o VI Lapinha Museu Vivo (2009). Sobre o tema do post ficou claro que programação do Pré-Lapinha é composta pela exibição noturna de 06 filmes etnográficos, em diferentes escolas públicas de Lagoa Santa e na sede da Academia da Irmandade da Pândega (frente de trabalho da Acesa em Lagoa Santa, equipe produtora do evento). Conota envolvimento do grupo local com os órgãos públicos (Secretaria Municipal de Educação), iniciativas culturais privadas (Forum.doc.mg) e com a comunidade. Apesar da divulgação dos filmes serem o tema do post, não foram informados as sinopses dos filmes, ano de produção, direção, o que demonstra o interesse primordial de divulgação do evento principal (IX Encontro de Culturas de Raiz, LAPINHA MUSEU VIVO). Contraditoriamente a data do referido evento não é informada, constando no texto apenas que brevemente novas informações serão postadas. Logo abaixo foi incluído na notícia um vídeo de 11'38' sobre o VI Lapinha (2009). O vídeo ressalta o envolvimento pessoal das pessoas participantes do evento, as atividades de capoeira angola ministrada por mestre João Angoleiro (mostra a transmissão dos saberes), a valorização dos saberes ancestrais através da participação do evento de mestre de capoeira de outros estados (Curió - Grupo Irmãos Gêmeos, Salvador/BA), bem como mestres de outros grupos de BH (Jurandir - FicaBH, Primo - Grupo Iúna, Negão - precursor da capoeira em MG e falecido em 2010), e de grupos de outras expressões culturais como a dança afro (Companhia Primitiva de Arte Negra - Acesa), o Samba de Raiz (mestre Conga e D. Elisa) e o Candombe de Nossa Senhora do Rosário da Lapinha. A diversidade cultural mostrada no vídeo aponta para ampla articulação sociocultural da Acesa com os representantes das culturas de raiz da Região Metropolitana de Belo Horizonte e Salvador, bem como com a comunidade local e com os integrantes de seu grupo. Elementos tradicionais percebidos no post: ritualidade/rotina, ancestralidade/hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão. 2.1.3) Inscrições Lapinha 2012. ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: o texto "inscrição" foi destacada tanto na "chamada", quanto no título da notícia, o que reforça a importância da informação. A data 04, 05, 06 de maio de 2012, confunde o leitor, pois não fica claro que se refere a data de realização do evento, ou se é o período de inscrição. Conota falta ou domínio de conhecimento jornalístico por parte de quem publicou a notícia. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: notícia postada em 27/04/2012, com claro objetivo de divulgação do evento. Postada uma semana antes do evento, conota um atraso na divulgação para o grande público. O valor de R\$ 60,00 para os três dias, incluindo alimentação demonstra a preocupação da Acesa ampliar a acessibilidade ao evento para as classes sociais menos favorecidas. Elementos tradicionais verificados no post: militância, autonomia e auto-gestão.



CONTINUA

	CONTEÚDOS MÓVEIS: 2.2) Um post relacionado a estudo/pesquisa História da África; 2.3) Um post horários das rodas.	2.2) www.dominiopublico.gov.br. Portal dá acesso às coleções Educadores e História da África. História Geral da África. 2.3) Horários das rodas. Compareça nas rodas da Acesa.	2.2) Portal dá acesso às coleções Educadores e História da África. ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: postagem informativa, de caráter político-pedagógico. Clara intenção de valorização dos conhecimentos ancestrais africanos no sentido de entender o desenvolvimento da cultura afro-brasileira. A frase História da África se repete no título e no bigode do post, reforçando a importância do conteúdo histórico e africano. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: postado em 05/04/2011. Texto da notícia faz referência a um portal do Ministério da Educação que possibilita acesso livre a duas coleções, Educadores e História Geral da África. O post parece ser uma reprodução do texto de divulgação do Ministério da Educação, mas indica somente o redator da notícia (Ionice Lorenzoni). A notícia reflete a orientação editorial do site de ampla valorização dos saberes ancestrais, onde se destaca o elemento tradicional perpetuação temporal dos costumes, pertencimento social e militância. 2.3) Compareça nas rodas da Acesa. ANÁLISE DE PRIMEIRO NÍVEL: postagem informativa com clara intenção de divulgação da roda. A utilização da palavra "compareça" ressalta o tom imperativo do post, deixando-o menos parecido com um convite, soando mais como uma ordem. ANÁLISE DE SEGUNDO NÍVEL: postagem realizada em 20/10/2009. O texto "De segunda à sábado, uma roda para vadiar" conota o elemento tradicional perpetuação temporal dos costumes e a importância que a Acesa dá a esse momento ritualístico. No entanto, no post não há uma informação direta do horário das rodas. Para tanto foi criado um link na notícia, que deveria levar as informações dos horários. Surpreendentemente o link não está correto, e direciona os leitores para o index. Esse erro conota a autonomia dos desenvolvedores desse site, a falta de preparação dos mesmos para lidar com ele, quanto a falta de uma equipe editorial que avalie, e verifique as atualizações de informações. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia.	 Compareça nas rodas da Acesa  CONTINUA  CONTINUA
	CONTEÚDOS FIXOS: 3) Logomarca e nome do grupo;	3.1) Imagem Logomarca: IMAGEM: duas pessoas, sol, triângulo, três berimbaus, roda; TEXTO: EU SOU ANGOLEIRO; ASSOCIAÇÃO CULTURAL; MESTRE JOÃO 3.2) Texto nome do grupo: Associação Cultural Eu Sou Angoleiro	3.1) IMAGEM: duas pessoas juntas representa interação. Uma está em pé e outra na bananeira significa uma propensão ao respeito a diferentes pontos de vista. Bananeira feita com uma mão indica extremo domínio de movimentos. Pessoas em cima do sol representam pessoas iluminadas. Sol dentro do triângulo sugerem a iluminação nos três âmbitos: corpo, mente e espírito. O triângulo é também o símbolo de MG. Três berimbaus diferentes entre si circundando tudo indicam que a capoeira angola (três berimbaus) é universal, ancestral e valoriza a diversidade. A roda reitera noções de diálogo, igualdade, união, oralidade. TEXTO: "Associação Cultural" indica a união de muitas expressões culturais, escrito com letras sem serifa faz referência a uma tendência a institucionalização. A frase está circundando toda a imagem é um elemento de integração. "Mestre João" escrito no centro e abaixo, aponta que existe humildade na pessoa responsável pela instituição. "Eu Sou" binômio que quando pronunciado ativa o alma (alma). "Angoleiro" aquele que adota e transmite os valores ancestrais africanos. "Eu Sou Angoleiro" significa a ativação da espiritualidade pessoal ancestral. Está escrito dentro da roda, representando valores internos. 3.2) Texto: Associação Cultural escrito em caixa alta, com letra sem serifa, cor preta. Conota uma certa institucionalização, sem a valorização da estética acadêmica, ou tipográfica institucionalizada. Eu Sou Angoleiro escrito em letra cursiva conota uma tendência a humanização e a cor dourada indica elevação espiritual, reforçando o significado da conjugação "Eu Sou". Elementos tradicionais: ancestralidade/hierarquia, ritualidade/ rotina, corporeidade, mandinga, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes..	CONTINUA
	4) Galeria de Imagens; 5) Vídeos ; 6) Publicações;	4) Galeria de Imagens: contendo duas fotos: 4.1) um menino tocando berimbau, de olhos fechados; 4.2) uma roda de capoeira angola em sala de aula; 5) Vídeos: publicado no you tube, congelado na imagem da logo da Acesa; 6) Publicações: capa da revista Angoleiro é o que Eu Sou!;	4) As duas imagens analisadas em conjunto demonstram a conjugação de aspectos internos (tocar berimbau leva a concentração) e aspectos externos (socialização, envolvimento social entre cultura popular e educação) relacionados a prática capoeirística. 4.1) Plano detalhe: em primeiro plano um menino tocando berimbau. O menino aparentar ter menos de 10 anos, está uniformizado. Sugere que ele está em treinamento há algum tempo, inclusive porque segura o berimbau com domínio, fato que ocorre pelo menos após um ano de treino. O fato de estar de olhos fechados indica concentração, entrega. Portanto a imagem conota que a prática da capoeira é acessível para pessoas de qualquer idade e que através dela pode-se desenvolver além, da musicalidade, também a concentração, ou o contato interior. 4.2) Plano geral: a bateria está montada de acordo com o posicionamento ritualístico da Acesa (da esquerda para direita: atabaque, berimbaus gunga, médio e viola, pandeiros 1 e 2). O ângulo da foto corta a configuração total da bateria, mas dá para saber que existem mais pessoas tocando, pois na extrema direita da foto aparece um pedaço de um joelho). Sentado ao chão está o treinel Gino. Ele está gesticulando com a boca e as mãos (oralidade). Apesar do treino estar sentado no chão, e abaixo do nível dos alunos, ainda	CONTINUA

			assim os alunos do berimbau médio e pandeiro 2 olham atentamente ele. Portanto trata-se de um treino de musicalidade e não de uma roda, como percebido na primeira impressão da imagem. Esse treino acontece dentro de uma sala de aula do ensino fundamental, pois nas paredes do recinto, por detrás dos alunos na bateria, figuram um quadro (verde) e acima dele letras do alfabeto em caixa alta e sobre elas imagens relacionadas às letras. A imagem conota que Acesa realiza trabalho em parceria com a escola, que a musicalização é utilizada como um instrumento pedagógico. Que apesar de haver uma clara hierarquia entre treinel e aluno ela não precisa ser imposta através dos padrões de ensino clássico ocidental (alunos sentados, um nível abaixo do professor que fica em pé). Elementos tradicionais: ritualidade/ rotina, musicalidade orgânica, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes. 5) Vídeos. Plano detalhe: IMAGEM: Logomarca do You Tube, logomarca da Acesa amarela, em fundo preto. Conota que a Acesa é da escola pastiniana e também está presente em outros territórios midiáticos da internet, como o You Tube. TEXTO: Aldeia Kilombo Século XXI. A palavra Kilombo, escrita com K, não é um erro de postagem. Em 2006 o evento era grafado desta forma. Significa que há uma distância temporal entre esse post de vídeo e o evento Aldeia Quilombo Século 21, realizado em 2012. Elementos tradicionais: circularidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes. 6) Capa da revista Angoleiro é o que Eu Sou!: Revista com fundo azul, com cabeçalho composto pela logomarca da Acesa e nome da revista escrita de forma cursiva. A formatação da composição da parte superior da capa da revista, é corelata a do site, demonstrando que há uma unidade gráfica entre os dois, ou que existe algum outro elemento que os une, não explicitado. O texto Angoleiro é o que Eu Sou! escrito em amarelo com bordas pretas, com letra cursiva e ponto de exclamação no final demonstram o intuito de humanizar escrita, aliando ao significado a linhagem pastiniana do grupo, o fator espiritual presente no binômio Eu Sou, a valorização da cultura afro-brasileira e afirmação de identidade (ponto de exclamação). A foto em plano detalhe do jogo de Mestre Moraes e João Angoleiro conota valorização dos saberes ancestrais e hierarquização, já que mestre Moraes, que mora em Salvador, foi chamado por mestre João Angoleiro para participar do evento (Lapinha Museu Vivo), aonde foi tirada essa foto. Existe um texto que fica abaixo da logomarca da Acesa, mas devido ao tamanho diminuto da postagem, ele fica ilegível, portanto foi descartado dessa análise. O fato da Acesa possuir uma publicação impressa própria conota além de sua organização institucional, o comprometimento social de repassar informações ancestrais, bem como seu trânsito no mundo midiático, pois suas informações circulam em vários formatos, inclusive no impresso. Elementos tradicionais percebidos nesse bloco de informação: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	7) Barra Inferior: Patrocinadores 8) Endereço e Contatos;	7) Barra inferior: Reticula em amarelo mais claro contendo cinco logomarcas, da esquerda para direita: Pequena - Capoeira Viva, Ministério da Cultura- Brasil um país de todos, Petrobras; Média - Flor do Cascalho Ponto de Educação e Cultura; Grande- Acesa. 8) Endereços: Rua da Bahia, 570, sala 1200. CEP 30160-010 - Centro - Belo Horizonte - Minas Gerais. Fale conosco: falecom@eusouangoleiro.org.br - Telefone (031) 4063-9822	7) Apesar do site não apresentar essa informação de forma textual, na barra inferior figuram as logomarcas dos patrocinadores e da realização desse dispositivo midiático. Percebe-se que as logos dos patrocinadores têm formato mais quadrado, figuram em tamanho proporcional entre si e menor em relação as logos do Ponto de Educação e Cultura Flor do Cascalho (tamanho médio) e da Acesa (tamanho grande). O posicionamento (mais a esquerda das logos quadradas, e mais a direita das logos circulares), bem como o tamanho das logos (pequenas, média e grande) conotam uma hierarquia imagética de graduação de valores, que vai do menos importante (Capoeira Viva) ao mais importante (Acesa). Dessa forma, pode-se inferir que o Ponto de Educação e Cultura Flor do Cascalho e a Acesa são os realizadores desse site. A presença de patrocinadores no site indica que trata-se de uma associação consolidada institucionalmente, com projetos financiados pelo governo federal e iniciativa privada, recebedora de prêmios (Capoeira Viva é um prêmio do Minc específico para projetos relacionados a capoeira) e que desenvolve projetos em parceria com pontos de cultura (apesar do Ponto de Cultura Flor do Cascalho ser da Acesa em nenhum local na barra inferior é indicada essa relação). 8) Endereço: contém informações sobre localização, origem e contatos. Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, circularidade, mandinga, pertencimento social, militância, autonomia e auto-gestão	

	APROPRIAÇÃO por Vizer	9) MENUS (Índice)	9.1) SOBRE ACESA com 12 itens: 9.1.1)Página Inicial; 9.1.2) Quem somos; 9.1.3) Mestre João Angoleiro; 9.1.4) Capoeira Angola; 9.1.5) Dança Afro; 9.1.6) Frentes de Trabalho; 9.1.7)Treinos; 9.1.8) Rodas; 9.1.9) Produtos; 9.1.10) Calendário de Eventos; 9.1.11) Links; 9.1.12) Revista; 9.2) PROJETOS DA ACESA com quatro itens: 9.2.1) Paz no Mundo Camará; 9.2.2) Lapinha Museu Vivo; 9.2.3) Aldeia Kilombo; 9.2.4) Chamada Capoeira Angola;	9.1) Este bloco de informações está posicionado a direita do site, ocupando uma posição visual de destaque. O destaque fica enfatizado pela retícula em tom mais alaranjado, por baixo dos textos. Tal formatação conota a importância do conteúdo latente desse menu. Da forma como os textos dos 12 itens estão dispostos conotam uma ordem hierárquica que vai do mais importante ao menos importante, do mais abrangente para o mais específico. A presença do texto Mestre João Angoleiro logo no terceiro item conota a importância que a Acesa dá a hierarquia. 9.2) Esse menu posiciona a Acesa em relação a sua atuação cultural externa e para além das atividades usuais de uma academia de capoeira angola (realizar treinos, rodas internas e de apresentação) ou de um grupo de dança afro (realizar treinos e apresentações). Indica que a Acesa possui quatro projetos socioculturais diversificados. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina (treinos/rodas/calendário de eventos), ancestralidade/ hierarquia (posicionamento dos textos), pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.		CONTINUA
		10) Cores	10) Fundo: predominância do amarelo, quase bege. Tarja azul superior e inferior. Reticulas: dois tons de amarelo escuro e mais alaranjado. Letras : sem serifa e fonte cursiva. A maioria são pretas, a exceção do nome Eu Sou Angoleiro, escrito em dourado.	10) Cores: a predominância do amarelo do fundo aliado a cor preta das letras do texto, cria no site um ambiente angoleiro, fazendo referência direta a escola pastiniana. Tal formatação proporciona aos internautas capoeiristas uma identificação direta com o site. As tarjas azuis nas partes superior e inferior foram utilizadas como elementos de destaque. A cor azul tem o dom de acalmar as pessoas, remete ao celestial, a espiritualidade. No candomblé ela é a cor do inquice Ogum, um guerreiro, vencedor de batalhas e demandas, entidade protetora da capoeira e dos capoeiristas. Outro elemento que existe no site e não é explicitado, é o fato da textura de fundo (amarelo com tarja branca) ser uma foto da parede da sede da Acesa (mandinga). Ou seja, é um fator de edificação momentânea para os angoleiros da Acesa e de quem frequenta a associação, dando a impressão que o site é uma extensão virtual da sede. O dourado é a cor da materialização da espiritualidade e da prosperidade. A aura das pessoas elevadas espiritualmente é dourada. As letras douradas do nome do grupo indicam a potencialização da espiritualidade e a intenção de relacionar o site, e a Acesa, a uma atividade próspera. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade, mandinga, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes.		
	APROPRIAÇÃO por Vizer	TEMPO (qual o período em que transcorre a prática)	SITE postagens analisadas - Dois anos e oito meses, de 20/10/2009 (postagem "Compareça nas rodas da Acesa") a 01/06/2012 (postagem Aldeia Quilombo Século XXI - Programação). SITE tempo de existência - sete anos, desde 2005. ACESA tempo de existência- 19 anos, desde 1993.			

					ESPAÇO (mundo da vida, mundo virtual) MUNDO DA VIDA: TERRITORIALIDADE: A Acesa possui uma sede no centro de Belo Horizonte e 10 frentes de trabalho espalhadas pela região metropolitana de BH (bairros de BH, Contagem, Venda Nova, Nova Lima e Lagoa Santa), no Pará (Belém e Ilha de Marajó) e na Itália (Milão). TREINOS DE CAPOEIRA ANGOLA: na sede (Rua da Bahia, Centro, BH) acontecem todos os dias da semana a noite e terça, quarta e quinta, pela manhã (com os treineiros do grupo), e sábado a tarde (com o mestre João) durante duas horas/treino. Nas outras 10 frentes de trabalho, os treinos acontecem com essa mesma duração, duas vezes por semana. AULAS DE DANÇA-AFRO: na sede acontecem terças e quintas (com o mestre João). RODAS DE CAPOEIRA: na sede acontece todos os sábados, com cinco horas de duração. Nas outras frentes de trabalho acontecem semanalmente, em dias e horários diferenciados. EVENTOS: Entre 2009 a 2012 a Acesa realizou 8 grandes eventos de valorização da cultura afro-brasileira e dos saberes ancestrais, sendo divididos em duas temáticas: a primeira relacionada a interlocução entre as várias expressões das culturas de raiz de matriz africana "(Lapinha Museu Vivo" e "Aldeia Quilombo Século 21")", e a segunda relacionada a capoeira angola (lançamentos dos primeiros produtos culturais do "DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá" e "Chamada de Angola". Mobilização Sociocultural: somente a última edição do Aldeia Quilombo Século 21 (entre 9 e 10 de junho de 2012) mobilizou na região metropolitana de Belo Horizonte 13 categorias de manifestações culturais de raiz (candomblé- cinco grupos, Dança afro - cinco grupos, Congado- quatro grupos, Capoeira angola, estética afro - moda, cabelo e maquiagem, Boi da Manta, Tambor de crioula, reggae, Soul, Hip Hop, Samba, rodas de conversa- três temas, e cinema étnico) em 36 atividades culturais, e um público de mais de 1000 pessoas por dia. MUNDO VIRTUAL, SITE: apesar de todos os grandes eventos para público externo serem mencionados no menu "Projetos da Acesa", somente dois deles figuram nas "Notícias em destaque": Aldeia Quilombo Século XXI e Lapinha 2012 (os mais recentes, realizados em 2012). Os Horários de RODAS também figuram ali e no menu "Sobre a Acesa", juntamente com os horários de TREINOS e o CALENDÁRIO DE EVENTOS. O site não tem marcadores de acesso, portanto não há com mensurar a repercussão do mesmo no seio social. CONTINUA
					RELACIONAMENTOS por Rodrigues VISIBILIDADE (meios de se colocar visível) MUNDO DA VIDA: ocupação territorial em 9 locais na Grande Belo Horizonte, um no Pará e um na Itália, através das sedes e frentes de trabalho, valorização da figura do mestre (hierarquia), adotar uniforme, manter uma rotina de treinos semanais, realizar rodas de rua em locais de grande circulação de pessoas, realizar rodas de rua com som ao vivo e acústico, utilização de coro (todos cantando ao mesmo tempo) para reforçar a amplitude do cantar, realização de eventos de grande porte, pelo menos duas vezes por ano. MUNDO VIRTUAL: valorizar o nome, a logomarca e a história do grupo, posts de convites de roda (foyer virtual), cartaz virtual de evento, valorização da imagem (fotos) em relação ao texto, links de blogs de outras frentes de trabalho pelo mundo.
					SENTIDO (por que se colocar visível) MUNDO DA VIDA: manutenção cotidiana da cultura afro-brasileira; manutenção da vida econômica dos mestres, contramestres e treineiros; manutenção da vida grupal, comunitária e social. MUNDO VIRTUAL: divulgação dos seus eventos em proporções globais (ampliação da abrangência local), ampliar e facilitar o contato com as outras frentes de trabalho no Brasil e no Mundo, ocupação do espaço midiático com conteúdo próprio.
					DISPOSITIVO por Anambé n. TECNOLÓGICO (aparatos sociotécnicos) 1) Criação de SITE; 2) Criação de Revista própria (Angoleiro É o que Eu Sou!); 3) Criação Audiovisual autoral (curtas, documentário televisivo, DVD); 4) Exibição de curta no Canal Brasil e em mostras de cinema; 5) Criação de perfil no Facebook; 6) Criação de Blog (DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ: a Capoeira Angola e a Volta que o mundo dá); 7) Criação de um Ponto de Cultura (Flor do Cascalho); 8) realização sistemática de eventos de grande porte (pelo menos dois por ano);
					ESTRATÉGICO (modos de empoderamento virtuais: linguagem escrita, imagética e sonora) 1) valorização da narrativa imagética; 2) Valorização da logomarca do grupo em camisas de uniforme para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos;

ANEXO E - TABELA 10e - OBJETO EMPIRICO **REDE SOCIAL DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA (FICA-BH)**

MIDIA ANALISADA

<https://www.facebook.com/fica.bhte>



POSTS do PERFIL PESSOAL da FICA BH no Facebook.

Sendo um perfil pessoal, e não institucional, facilita a comunicação direta entre a FICA-BH e seus amigos através da ferramenta chat.

Administradora: Jeane Julia (aluna da Fica-BH)

Criação: 16 de fevereiro de 2011

Período analisado: 16/02/2011 a 29/06/2012 – um ano e quatro meses

ITENS FIXOS

A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola

B) Foto Perfil: Logomarca da Fica

C) Número de amigos: 1591

D) Número de fotos: 21

E) Sobre a FICA: localização, dados de endereçamento e citação de mestre Pastinha (informação latente, precisa ser clicado para se obter o texto)

ITENS MÓVEIS

Número de postagens: 67

Tipos de postagens:

1) Convite de Jogos facebook: 2

2) Foto de rodas: 2

3) FICA convida roda oficial: 6

4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5]

5) Eventos próprios FICA-BH: 1

6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3

7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1 (roda da fica – 22/01/2012)

8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1

9) Antirracismo: 1

10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola, México, agosto 2012; Permangola, Minas Gerais, dezembro 2011)

11) Religiosidade: 1

12) Outros núcleos da FICA: 5

13) Treinos na Fica BH: 1

14) Fotos perfil: 1 (logo da FICA, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado)

15) Oficinas de capoeira angola: 1

16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14

17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercutivas (depois do evento acontecer)

18) Informações institucionais: 1

19) Vídeos: 2



RITUALIDADE/ ROTINA
a partir dela se estabelece a conexão com um tempo

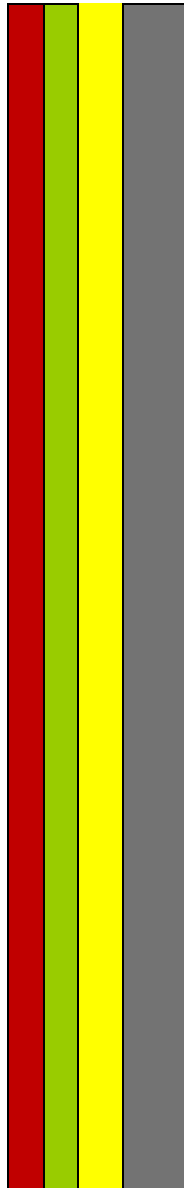
CONTINUA

	primordial originário de encontros espirituais e comportamentais com os antepassados, através da repetição de seus hábitos e costumes	Elemento pouco explorado nas postagens, onde as pessoas se apresentam uniformizadas, participando de rodas, oficinas e atividades grupais. Percebido somente em imagens 14 posts referentes aos temas: 2) Foto de rodas: 2 ; 3) FICA convida roda oficial: 6; 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer);
	ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA valorização dos saberes ancestrais. materializada na organização social e de poder de seus participantes e é similar a estruturas de poder comunitárias, que vão do mais baixo, ao mais alto escalão social.	Apesar de ter sido explorado de forma marcante somente em um item, 14) Fotos perfil: 1, é um elemento imagético de importância significativa para o grupo. Pois ele foi incluído como elemento visual representativo da "pessoa" Fundação Internacional de Capoeira Angola em 19 de dezembro de 2011 e foi mantido até o último dia objeto dessa análise, 29 de junho de 2012, ou seja, por seis meses.
	MUSICALIDADE ORGANICA priorizar o conhecimento e o domínio da técnica musical de todos os instrumentos utilizados na roda de capoeira.	Elemento percebido somente em 9 posts: 2) Foto de rodas: 2 ; 3) FICA convida roda oficial: 6; 19) Vídeos: 1
	CIRCULARIDADE elemento essencial das culturas afro. A realização das atividades em círculo além de demarcar o território onde acontecem as práticas culturais, potencializa a consciência de grupo e individual, onde todos podem ver e serem vistos, bem como mantém, harmoniza e congrega a energia criada através da ritualidade.	Elemento percebido somente em imagens de 10 posts referentes aos temas: 2) fotos de rodas, 14) Fotos de perfil e 17) álbum de fotos.
	MANDINGA são formas de atuação evasivas, informais, não esperadas	Elemento não percebido.
	CORPOREIDADE utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada em três níveis: corpo, mente e espírito.	Presente na maioria das imagens de fotos e ilustrações de eventos postadas no Facebook e na logomarca da FICA.
	ORALIDADE Pressuposto básico da transmissão dos conhecimentos afro-brasileiros. Geralmente ocorre durante o contato presencial, onde os ensinamentos e ritualidades angoleiros são repassados de forma oral, sem a utilização de elementos externos a corporeidade do mestre.	Presente de forma fixa no item latente F) Sobre a FICA, no texto "Capoeira de Angola é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista" (Mestre Pastinha)
	PERTENCIMENTO SOCIAL Participar de um grupo gera integração, segurança e pertencimento ao indivíduo, que consegue se perceber não somente como um, mas sim como parte de um coletivo coeso e participativo no âmbito social	Notado nos itens fixos: B) Foto Perfil: Logomarca da Fica e C) Número de amigos: 1591, D) Número de fotos: 21. E nos 14posts referentes aos temas: 2) Foto de rodas: 2 ; 3) FICA convida roda oficial: 6; 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer);
	PERPETUAÇÃO TEMPORAL dos COSTUMES manutenção e permanência da experiência durante os tempos	Percebida em 40 posts. ITENS FIXOS: B) Foto Perfil: Logomarca da Fica. E nos ITENS MÓVEIS: * divulgação de 24 eventos, que promovem o encontro e a troca de experiências entre as pessoas - 4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira – 7; 4.2) Festas: 5]; 5) Eventos próprios FICA-BH: 1; 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3; 7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1 (roda da Fica – 22/01/2012); * divulgação de seis rodas próprias - 3) FICA convida roda oficial: 6; *divulgação de horários de treinos; 12) Outros núcleos da FICA: 5; 13) Treinos na Fica BH: 1; * divulgação repercussiva de eventos da FICA-BH, 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer);
	MILITANCIA Atuação político-social de enfrentamento a coação, lógica e ação social de reposicionamento do negro na sociedade. Uma lógica diferenciada, autônoma e dissociada do sistema vigente.	Elemento percebido principalmente em 17 posts: 3) FICA convida roda oficial: 6; 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 9) Antirracismo: 1; 11) Religiosidade: 1; 5) Eventos próprios FICA-BH: 4

	14) Fotos perfil: 1 (logo da FICA, postada em 19/01/2012, mantida até o momento analisado) ; 15) Oficinas de capoeira angola: 1; 16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14; 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercussivas (depois do evento acontecer); 18) Informações institucionais: 1; 19) Vídeos: 2	CONTINUA ANÁLISE DENOTATIVA ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola B) Foto Perfil: Logomarca da Fica C) Número de amigos: 1591 D) Número de fotos: 21 E) Sobre a FICA: localização, dados de endereçamento e citação de mestre Pastinha ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola. IMAGEM: Fundo amarelo. Parte superior de um flyer virtual, composto por ilustrações laterais (se parecem com colunas barrocas) e central (não identificáveis). TEXTO: escrito com letras pretas, em espanhol – Fundación Internacional de Capoeira Angola invita a “Conexión Quilombolas” . Lado direito: 2,3,4 e 5 de agosto, 2012. Contramestres de FICA: CM Rogerio Teber, CM Gegê Poggi (resto do texto cortado pela borda do espaço da postagem). Lado esquerdo: texto está abaixo da foto do perfil, no entanto ainda dá para ler XVIII Conferência Internacional FICA. A postagem do flyer virtual na capa do perfil, ocorrido em 22 de maio de 2012, conota a ênfase no caráter publicitário do post, pois trata-se de um evento que vai acontecer em agosto, em outro país (México) e está sendo divulgado pela FICA-BH com dois meses de antecedência. Apesar das ilustrações da imagem possuírem um significado pouco perceptível para os brasileiros (pois além de serem produzidas em outro país, elas figuram cortadas no espaço destinado a capa) o fato do flyer possui um fundo amarelo com texto em preto, o que remete diretamente a linhagem pastiniana, possibilitando uma identificação instantânea aos angoleiros que acessarem o perfil da FICA-BH. B) Foto Perfil: Logomarca da Fica (veja análise conotativa da logomarca já realizada na análise do blog da Fica). Do lado direito da logomarca figura o texto “Fica Bhte” e abaixo “Mora em Belo Horizonte” e “De Belo Horizonte”. A conjunção da logomarca no local do perfil, associado aos textos lateral e inferior reforçam a identidade da Fica Belo Horizonte. C) Número de amigos: 1591. Tal informação conota a ampla penetração social da FICA. Clicando sobre o ícone, em uma análise superficial pode-se notar que esse publico é formado por pessoas tanto da Fica como de outros grupos de capoeira angola de diversos estados brasileiros (MG, BA, RJ, SP, GO), e do exterior (França, Londres, Guadalajara, Eua, Portugal, Africa, dentre outros). A visualização das fotos de perfis no Facebook e facilidade de acesso a internet das pessoas relacionadas a esse grupo, possibilita a inferência de que se trata de pessoas em sua maioria brancas e mulatas, com um nível social mais abastado, principalmente no que se refere ao acesso a esse dispositivo sócio-técnico. D) Número de fotos: 21. Apesar de no index das fotos indicar que há na pasta 21 fotos, quando se clica no ícone das fotos nota-se que a Fica-BH postou 11 albuns, com 112 fotos e os seguintes assuntos: D.1) Fotos de capa-3; D.2) Fotos de perfil – 6; D.3) fotos do mural- 29; D.4) Geração Mirim da Capoeira Angola-13; D.5) Encontro com M. Bigo e M. Jurandir-12; D.6) Contramestres da FICA- 4; D.7) Conferencia de 2011-6; D.8) Mestres da FICA- 5; D.9) 5 de maio de 2011 - 5; D.10) Encontro Nacional das Mulheres na Capoeira- 22; D.11) 19 de janeiro 2011-7. A forma como foram montados os albuns apontam para a valorização da ancestralidade e hierarquização (D.2, D.5, D.6, D.8), do pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, reconstrução de vínculos e ritualidade/rotina (D.4, D.7, D.10, D.11). E) Sobre a FICA: é de informação latente, ou seja, precisa ser clicado para se obter o texto. Quando ele se abre surgem informações, de localização em mapas, endereçamento e a citação “Capoeira de Angola é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista” (Mestre Pastinha). Tal texto conota a valorização pela Fica-BH do elemento tradicional oralidade. No entanto, não figuram nesse local nem os horários dos treinos semanais, nem informação alguma sobre as rodas mensais. A falta dessa informação conota ou um certo despreparo de quem administra o Facebook, ou a intencionalidade de ocultar no mundo virtual as praticas formais do mundo da vida. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, 
--	---	--

		oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	CONTINUA
	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS Tipos de postagens: 2) Foto de rodas: 2 3) FICA convida roda oficial: 6 7) Eventos do Facebook criados pela FICA BH: 1 10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica – Conexão Quilombola; Permangola) 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 19) Vídeos: 2	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE – SENTIDO DA IMAGEM Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 19 2) Foto de rodas: 2. No mesmo dia (29 de junho) a mesma foto da Roda de Rua de Belo Horizonte (Feira Hippie), com treinel Tiago e aluno Mathias jogando (movimento volta ao mundo), foi publicada por Marcia e republicada por Livia. O fato demonstra um engajamento dos componentes da Fica, que além de participarem das rodas de rua, fotografam e repercutem suas fotos nas redes sociais. A republicação da foto por Livia com o texto “eu não estava presente mas mandei representantes”, conota a explicitação do sentimento de integrante do grupo e da vontade dela de participar mais ativamente das atividades, o qual foi bem aceito e estimulado por Tiago no comentário “foi muito bem representada. Na próxima o pandeiro é dela”. Tal comentário também conota que a Livia é uma aluna novata, pois o manuseio dos instrumentos pandeiro, reco-reco e agogô, requerem pouca prática. 3) FICA convida roda oficial: 6. Desde o início de 2012 a Fica publica sistematicamente um convite com texto e foto para as suas rodas rotineiras, a exceção dos meses de fevereiro e março. O fato conota que a administradora em 2012 resolveu ampliar para o grande público a divulgação das rodas, pois em 2011 foi publicado somente um convite para roda (16/06/2011), e mesmo assim tratava-se da roda de rua, e não de uma atividade exclusiva da Fica-BH. Geralmente os convites de rodas são postados com dois dias de antecedência. A exceção do convite de junho de 2012, que foi postado no mesmo dia. 2012 - Convite de janeiro: postado em 23/01, uma pessoa curtiu e duas compartilharam. Foi produzido a partir do post no blog. O fato conota a intenção da administradora em desenvolver uma convergência midiática entre blog e a rede social, mas essa atitude fica restrita somente ao referido post. Convite de Abril: postado em 2/04, com 19 convidados, 12 pessoas curtiram a publicação e 14 compartilharam. Convite de maio: sem data de postagem, enviado a 29 pessoas. 12 pessoas curtiram, cinco comentaram e três compartilharam. O post apresenta um conflito de informação, pois no texto do post informa que a roda acontecerá no dia 04, e no texto da foto informa que acontecerá no dia 02/05. Convite de junho: postado no dia 06, mesmo dia da roda e enviado para 20 pessoas. 10 pessoas curtiram o post e cinco compartilharam. Analisando os posts pode-se inferir que o universo de angeleiros da Fica, participantes do Facebook gira em torno de 20 pessoas. Que a participação dos mesmos no Facebook é mais receptiva que ativa. Que a Fica está desenvolvendo uma estratégia comunicacional orgânica, pautada na militância e pertencimento social de seus membros. 10) Fotos de capa: 2 (sobre eventos da Fica). Ao colocar a imagem na capa a informação não se perde na vastidão de mensagens da linha do tempo. Conexão Quilombola: a imagem do evento Conexão Quilombola foi postada pela Fica no Facebook no dia 21 de maio, e no dia 22 se tornou capa do perfil. Tal fato conota a finalidade estritamente publicitária desse post, que está informando em maio sobre um evento que vai acontecer em outro país (México), em agosto. Permangola: a imagem do evento Permangola foi postada no dia 06 de fevereiro de 2012, ou seja, após a realização do evento. Ela traz Mestres Cobra Mansa e Jurandir, fundadores da Fica, na mesma foto. Nesse caso pode-se supor que o objetivo de inseri-la na capa do Facebook seja para reafirmar/valorizar a ancestralidade/hierarquia. 17) Álbum de fotos Fica FACE: 5 postagens repercutivas, postadas depois do evento acontecer. Post de 29/06/2012: uma pessoa curte o álbum de fotos “5 de maio de 2011”, com cinco fotos. Post 15/09/2011: 12 fotos do evento Encontro com Mestre Bigo e Mestre Jurandir Agosto de 2011, seis pessoas curtiram e uma comentou. Post de 16/07/2011: 13 fotos, Geração Mirim da Capoeira Angola, três pessoas curtiram e uma comentou. Post 31/03/2011: 13 fotos álbum Encontro Nacional das Mulheres na Capoeira, 13 pessoas curtiram e uma comentou. Post 30/03/2011: 10 fotos álbum Encontro Nacional das Mulheres na Capoeira, 13 pessoas curtiram e uma comentou. Analisando em separado os posts de álbuns de fotos pode-se inferir que o grupo possui mobilização interna e desenvolve ações para ampliar o pertencimento social, a perpetuação temporal dos costumes, a oralidade, a ritualidade. A utilização do uniforme amarelo e preto, e da bateria orgânica são fortes elementos de pertencimento grupal, reafirmado a cada foto. Com a frequência da realização eventos externos (março, julho e setembro) conota capacidade de organização e valorização da rotina, militância, autonomia e auto gestão. Apesar de figurar na linha do tempo o post de somente 5 álbuns de foto, na verdade a Fica-BH possui em seu Facebook 11 álbuns próprios.	

		CONTINUA	
		19) Vídeos: 2 – 19.1)Post 12/04/2011- Canta Menino Salvador. 26 pessoas curtiram, nove comentaram e uma compartilhou. Vídeo de 1'20", postado por contramestre que não é da Fica, contendo oito meninos, entre 6 a 12 anos aproximadamente, tocando berimbau e cantando o trecho de um corrido de capoeira, que inicia com a frase "Berimbau é um instrumento". Os meninos são em sua maioria mulatos ou negros, estão todos uniformizados de amarelo e preto (escola pastiniana) e demonstram certo domínio sobre o instrumento. A imagem conota que se trata de um trabalho de inclusão social, realizado em uma vila ou favela (os meninos estão alinhados num corredor estreito) há pelo menos dois anos (tempo que se leva para dominar – tocar e cantar - o berimbau); 19.2) Post 29/03/2011 - Encontro de Mulheres na Capoeira – Bhz. Com sete opções de curtir. Vídeo com 3'15", postado pela Fica BH, contendo roda de capoeira angola, com o jogo de Mestre Cobra Mansa e da Contramestra Gegê (RJ). O jogo é equilibrado entre eles, o que conota um desenvolvimento do trabalho da Fica por mais de 15 anos. As pessoas que formam a roda são em sua grande maioria brancas e adultas, estão uniformizadas de preto e amarelo e de branco e preto, conotando que há na roda a participação de pessoas de outros grupos. As imagens demonstram que a Fica tem poder de mobilização e inserção social na classe média. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	
	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS 4) Eventos divulgados por outros: 12 [4.1) De capoeira –7; 4.2) Festas: 5]	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - COMO OS OUTROS SE APRESENTAM Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 12 4) Eventos divulgados por outros: 12; 4.1) De capoeira – 7; 4.1.1) Post 30/05/12- Aldeia Kilombo Século 21 (BH/MG- Acesa); 4.1.2) Post 5/05/2012 – Evento Angolinha (RJ); 4.1.3)Post 29/04/2012 – Samba de Roda (M. Marrom, BA); 4.1.4) Post 1/04/2012- Vivencia na Ilha de Maré (ACANNE, BA); 4.1.5) Post 22/03/2012 – Workshop Alemanha (grupo Bantu, Alemanha); 4.1.6) Post 29/02/2012- Evento c m. Jorge Satellite (ACANNE, BA); 4.1.7) Post 16/10/2011 – Evento Angolinha (RJ) 4.2) Festas: 5; 4.2.1 e 4.2.2) Posts 18/05/2012 e 01/03/2012 - Projeto Saravá (BH/MG); 4.2.3) Festa aniversario (BH/MG); 4.3.4) Post 19/04/2012 – Rootstock (BH/MG); Post 29/05/2012 – magia dos Andes (BH/MG) Os 12 posts de eventos divulgados por amigos da Fica em seu Facebook são em sua maioria de eventos relacionados a capoeira angola ou a culturas de raiz. Destaca-se a abrangência nacional (RJ e BA) e internacional (Alemanha) da Fica-BH, já que somente um dos posts relacionados as culturas de raiz é de um grupo de Belo Horizonte (Acesa). Os outros cinco posts de eventos não possuem relação entre si, a não ser o fato de terem o intuito claro de publicização ou de um grupo (Saravá) ou de eventos de amigos da Fica-BH. A análise global de todos os posts relacionados a eventos possibilita a percepção que a Fica-BH tornou-se referencia para esses grupos/pessoas, sendo percebida por eles como um agente difusor de informações no mundo cultural. Também conotam que a Fica-BH é bem quista pela comunidade angoleira, principalmente do Rio de Janeiro e da Bahia, não por coincidência, estados onde a Fica também possui frentes de trabalho. Elementos tradicionais percebidos: pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	

	ANÁLISE DENOTATIVA 5) Eventos próprios FICA-BH: 1 12) Outros núcleos da FICA: 5	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - COMO A FICA SE APRESENTA Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 6 5) Eventos próprios FICA-BH: 1 ; 5.1) Post 21/01/2011- Permangola em Rio Acima/MG, de 9 a 11 de dezembro de 2011. Com 23 compartilhamentos no corpo da mensagem, 19 pessoas curtiram e 26 compartilharam; 12) Outros núcleos da FICA: 5 ; 12.1) Post 29/05/2012- link para blog Conexões Quilombolas. Sem compartilhamentos no corpo da mensagem. Uma pessoa curtiu, um compartilhamento; 12.2) Post 21/05/2012 - XVIII Conferencia da FICA, 2 a 5 de agosto 2012, México. Sem compartilhamentos no corpo da mensagem. Duas pessoas curtiram e três compartilharam; 12.3) Post 25/07/2011 – XVII Conferencia da FICA, 28 de julho de 2011. Com 44 compartilhamentos no corpo da mensagem, 18 pessoas curtiram e 7 comentaram; 12.4) Post de Nota 20/05/2011 – XVII Encontro Internacional de Capoeira Angola. Sem compartilhamentos no corpo da mensagem; 5.6) Post 27/04/2011- XVII Encontro Internacional de Capoeira Angola. Quatro pessoas curtiram e uma comentou. Em dois anos a FICA realizou 2 conferencias internacionais (2012- Mexico, 2011 – Bahia) e um evento de capoeira angola/permacultura (MG), o que demonstra uma circularidade do eventos e dos mestres e contramestres da Fica. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, mandinga, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	
	ANÁLISE DENOTATIVA 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - O QUE A FICA DIVULGA Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 3 6) Eventos de outros divulgados pela FICA BH: 3; 6.1) Post 25/05/2012 – Evento: Programação FAN 2012, com link para o blog do FAN. Três pessoas curtiram, um compartilhamento; 6.2) Post 03/05/2012 – Evento: Lapinha Museu Vivo (Acesa). Uma pessoa curtiu; 6.3) Post 28/05/2012 - Evento: Tradição e a nova geração (Angola de Minas). Quatro pessoas curtiram, um comentário. Analisando o conjunto dos posts observa-se que os eventos produzidos pelos grupos de capoeira se utilizam das cores amarelo e preto como elemento de identificação e procuram incluir em seus materiais de divulgação outros elementos de identificação instantânea, como gestos e instrumentos (homem fazendo bananeira – 6.3, pessoas dançando e dupla de angoleiros jogando, com instrumentos – 6.2). Já a imagem escolhida pelo Festival de Arte Negra, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura, é marrom e não remete a nenhum sentido imediato. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	
	ANÁLISE DENOTATIVA 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1 13) Treinos na Fica BH: 1 18) Informações institucionais: 1	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - CONVERSAÇÃO ENTRE PARES Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 3 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1 – post 30/05/2012 – Imagem: Kojo no carro e atras ilhas não identificadas. Texto: "vamos onde o outros não vão!.... Capoeira Angola" – postado por Kojo (americano), integrante da Fica Washington, DC, publica mensagem em português auto-referente de enaltecimento da Fica. Com 16 compartilhamentos no corpo da mensagem - Mestre Cobra Mansa, amigos e Fica Nova York, Sao Paulo e Costa Rica. Nove pessoas curtiram (universitários dos EUA, pessoas de Huston, Hawaii, Porto Alegre, Rio Grande do Norte) e quatro comentaram (amigos americanos e do Brasil). O conteúdo desse post e seus comentários conotam o sentimento de pertencimento e a força de mobilização entre os angoleiros da Fica, tanto que o americano aprendeu .	CONTINUA

		Apesar de ser somente esse post do gênero (enalticimento) demonstra que, de alguma forma, a administradora do facebook compartilha desse sentimento, pois ele foi mantido na linha do tempo. Os compartilhamentos e comentários de pessoas de diversos estados e países demonstra a amplitude do trabalho da Fica, que somente nesse post alcançou pessoas de quatro estados do Brasil (MG, SP, RS e RN) e de tres estados dos EUA (Washington, Huston, Hawai) e três países (Brasil, Eua e Costa Rica). 13) Treinos na Fica BH: 1 – Fica Bhte Posta em 19/01/2012 – “Novos horários de treino no novo espaço da Fica BH”, contendo horários de treino, texto convite e citação de mestre Pastinha “Capoeira é homem, menino e mulher. Só não aprende quem não quer”. Post sem compartilhamentos, nem comentários. O fato de em 16 meses ter somente uma postagem sobre treinos, e mesmo assim, não ter tido nenhuma repercussão aparente aponta para o fato de que talvez essa informação sobre horários de treinos seja reforçada muito mais pela oralidade, do que por meio virtual, sem a necessidade de ser reproduzida no Facebook. A postagem também faz referencia a oralidade e a hierarquia quando cita uma frase de mestre Pastinha. 18) Informações institucionais: 1 - Fica Bhte Posta em 30/07/2011 – “Parabéns aos novos contramestres da Fica: Gegê, Andréia e Beto. Parabéns Mestre Silvinho”. Sem compartilhamentos no corpo da mensagem. 45 pessoas curtiram (de Belo Horizonte, Betim, RJ, SP, GO, Italia, Oslo, Bogotá, Mexico, Washington, Barcelona, Okland) e 25 pessoas comentaram (dos grupos luna, Angola Dobrada, Acesa, Fica, N'Golo). O fato da mensagem ter sido escrita toda em caixa alta demonstra entusiasmo por parte de quem a escreveu. Trata-se de um momento especial e de outro post que conota a amplitude territorial do trabalho da Fica, alcançando o retorno de pessoas de quatro estados brasileiros (MG, RJ, SP, GO), seis países (Italia, Oslo, Bogotá, Mexico, Eua, Barcelona) e cinco grupos de capoeira angola, sendo quatro de BH e um do RJ (BH: luna, Angola Dobrada, Acesa e Fica; RJ: N'Golo) . Elementos tradicionais percebidos: oralidade, ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia.	
	ANÁLISE DENOTATIVA 9) Anti-racismo: 1 11) Religiosidade: 1	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA Número de postagens total: 67- Número de postagens aqui analisadas: 2 9) Antirracismo: 1- Post 30/04/2012 – Imagem: menina negra de tranças. Texto: “Tire o seu racismo do caminho que eu quero passar com a minha cor”. Nove pessoas curtiram e cinco compartilharam. 11) Religiosidade: 1 – Post 02/02/2012 – Imagem: Iemanjá. Texto: Salve a rainha do mar. 11 pessoas curtiram, cinco comentaram e duas compartilharam. Analisando as duas postagens em conjunto nota-se que trata-se de postagens isoladas, somente uma de cada tema em 16 meses de postagens. Que a abordagem dos aspectos anti-racismo e religiosidade não são os temas mais relevantes desse espaço virtual. Aponta para o fato de que talvez essa informação seja reforçada muito mais pela oralidade, do que por meio virtual. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia.	

					ANÁLISE DENOTATIVA	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - AÇÕES SOLIDÁRIAS		CONTINUA
					15) Oficinas de capoeira angola: 1 16) Ação solidária para mestre Jurandir: 14	Número de postagens total: 67 Número de postagens aqui analisadas: 15 15) Post 18/12/2012 TEXTO: Oficina de Mestre Jurandir- FICA- BH uma ação Solidaria! IMAGEM: cartaz com fundo amarelo e letras pretas, Mestre Jurandir em plano detalhe sorri. Texto com data da oficina e explicação do motivo da oficina: "Na 5ª feira ultima sua casa foi alagada e perdeu tudo." . Onze pessoas curtira, 12 comentaram, 18 compartilharam. 16) Post 2011. 14 amigos publicaram na linha do tempo da Fica. A maioria dos comentários referem-se a reforço e apoio ao evento da Oficina, bem como convites para rodas de final de ano da FICA e da Acesa. Elementos tradicionais percebidos: ancestralidade/ hierarquia, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia.		
					TEMPO (qual o período em que transcorre a prática)	MUNDO DA VIDA: a Fica-BH existe desde 1995, há 17 anos; TREINOS: em Belo Horizonte acontecem com duas horas de duração, três vezes por semana, durante o ano inteiro; RODAS: acontecem com três a quatro horas de duração, mensalmente - na primeira quarta-feira do mês, MUNDO VIRTUAL: inicia atividades em 16/02/2011; As 67 postagens ocorrem no período de 1,4 anos, ou 16 meses. Postagens em 2012: Janeiro a junho (seis meses) – 26; Postagens em 2011: fevereiro a dezembro (onze meses) 41.		
					ESPAÇO (mundo da vida, mundo virtual)	MUNDO DA VIDA: TERRITORIALIDADE: existência de frentes de trabalho da FICA em 20 locais, em 9 países, sendo 5 no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro Salvador, Brasília, São Paulo), 8 nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), 1 no México, 1 no Canadá, 1 em Lima, 2 na Europa (França e Londres), 1 na África (Moçambique) e 1 no Japão (Tóquio). TREINOS: em Belo Horizonte acontecem com duas horas de duração, três vezes por semana, durante o ano inteiro. RODAS: acontecem com três a quatro horas de duração, mensalmente - na primeira quarta-feira do mês, no entanto não existe menção sobre esse fato no blog; EVENTOS: evento internacional de capoeira angola, permacultura (MG), Oficina com Mestre Bigo, Encontro Nacional de Mulheres, Festa Junina da Fica, Rodas de Rua da Capoeira Angola; MUNDO VIRTUAL: TERRITORIALIDADE: Apesar de no Facebook a FICA possuir até a data analisada 1591 amigos, de diversos países e estados brasileiros, existem poucos contatos realizados entre elas, notados somente em SEIS posts: ITENS FIXOS - A) Foto Capa: evento Conexão Quilombola, de 2 a 5 de agosto de 2012, no México; ITENS MÓVEIS: 5) Eventos próprios FICA-BH: 4; 8) Contato entre pares (pessoas da Fica): 1. TREINOS: em 1,4 anos de existência do perfil no Facebook somente uma vez foi divulgado o horário dos treinos - 13) Treinos na Fica BH: 1. RODAS: em 2012 houve uma preocupação maior com a divulgação das rodas para o grande público, sendo que dos 6 posts sobre esse assunto, quatro são referentes as atividades de 2012 - 3) FICA convida roda oficial: 6. EVENTOS: 2 conferencias internacionais (2012- Mexico, 2011 – Bahia) e um evento de capoeira angola/permacultura (MG)		
					VISIBILIDADE (meios de se colocar visível)	MUNDO DA VIDA: ocupação territorial em 20 locais no Brasil (5) e no mundo (14) através das sedes e frentes de trabalho, valorização da figura do mestre (hierarquia), adotar uniforme, manter uma rotina de treinos semanais, realizar rodas de rua em locais de grande circulação de pessoas, realizar rodas de rua com som ao vivo e acústico, utilização de coro (todos cantando ao mesmo tempo) para reforçar a amplitude do cantar, realização de Encontros Internacionais de Capoeira Angola, pelo menos uma vez por ano. MUNDO VIRTUAL: valorizar o nome, a logomarca e a historia do grupo, posts de convites de roda (flyer virtual), cartaz virtual de evento, valorização da imagem (fotos) em relação ao texto, dar espaço para divulgação de eventos de outros grupos (ampliando sua atuação como formador de opinião), publicar informações que contribuam com a ressignificação simbólica do afro-brasileiro (anti-racismo e religiosidade), coesão grupal (ação solidária a Mestre Jurandir e informações institucionais)		
					SENTIDO (por que se colocar visível)	MUNDO DA VIDA: manutenção cotidiana da cultura afro-brasileira; manutenção da vida econômica dos mestres, contramestres e treineis; manutenção da vida grupal, comunitária e social. MUNDO VIRTUAL: divulgação dos seus eventos em proporções globais (ampliação da abrangência local), ampliar e facilitar o contato com as outras frentes de trabalho no Brasil e no Mundo, ocupação do espaço midiático com conteúdo próprio.		
					TECNOLÓGICO (aparatos sociotécnicos)	1) Ocupação de 20 espaços territoriais em cinco estados brasileiros, oito nos EUA (Baltimore, Mideletown, New York, Oakland, Philadelphia, Portland, Seattle, Washington), uma no México, uma no Canadá, uma em Lima, duas na Europa (França e Londres), uma na África (Moçambique) e uma no Japão (Tóquio); 2) Adoção de uniforme padrão em todos os locais de praticas; 3) Realização de prática de treinos semanal (pelo menos duas vezes por semana); 4) Realização de treinos e rodas com bateria orgânica; 5) realização de rodas mensais nos locais de pratica; 6) realização anual de eventos de intercambio de informações intra-grupal- âmbito internacional; 7) realização de rodas de rua com cobertura fotográfica; 8) Criação de perfil pessoal no Facebook (com chat habilitado); 9) Valorização da logomarca do grupo; 10) reiteração midiática - publicação nas redes sociais do mesmo conteúdo do blog		
					ESTRATÉGICO (modos de empoderamento virtuais: linguagem escrita, imagética e sonora)	1) valorização da narrativa imagética; 2) Utilização de uniformes para identificação visual do grupo; 3) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 4) Musicalidade orgânica presente nas fotos de treinos e rodas de rua; 5) Realização sistemática de eventos internacionais sobre capoeira angola (pelo menos um por ano);		

ANEXO F- TABELA 11f - OBJETO EMPIRICO: REDE SOCIAL ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO – ACESA

MÍDIA ANALISADA

https://www.facebook.com/pages/Eu-Sou-Angoleiro_-Grupo-de-Capoeira-Angola/172904819401064



POSTS do PERFIL INSTITUCIONAL da Acesa no Facebook.

Por ser um perfil institucional, classificado como "negócio local", ao invés de "AMIGOS" o perfil possui a opção "CURTIR".
Se por um lado os dados de acesso e repercussão estão acessíveis a cada post, por outro a ferramenta chat não funciona nesse perfil.
Ou seja, há uma facilitação do entendimento da recepção (números de visualizações, gráficos de repercussão, classificação de público) em contraponto a diminuição de interlocução interpessoal, ficando restrita somente a curtir posts, ou a comentários e compartilhamento de informações.

Administradores: Carem Abreu, Icaro Abreu, Ricardo Avelar
Criação: 28 de novembro de 2010
Período analisado: 28/11/2010 a 29/06/2012 – um ano e sete meses, ou 19 meses

ITENS FIXOS

- A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo
- B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa
- C) Pessoas que Curtem: 239
- D) Número de fotos: não visível na capa
- E) Sobre a Acesa: (informação latente) localização, endereço, telefone, e-mail, site, resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho- link para site, produtos: Oficinas Culturais, Apresentações Culturais e Espetáculos, Publicações – revista Eu Sou Angoleiro e DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ.

ITENS MÓVEIS

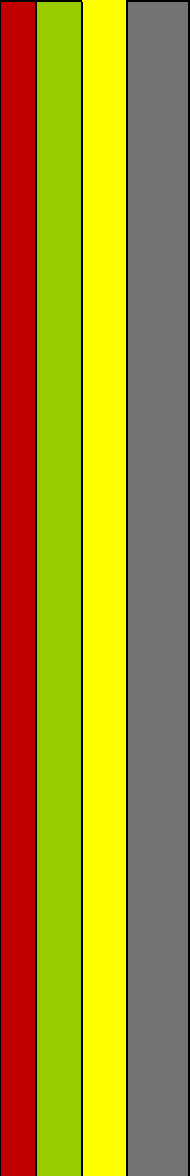
Número de postagens publicadas: 135
Número de postagens analisadas: 28
(São aqui analisadas as postagens dos administradores e contribuidores de conteúdo, a exceção das realizadas por Carem Abreu)

Tipos de postagens:

- 1) Convite de rodas: 5
- 2) Militância: 1
- 3) Frentes de Trabalho: 1
- 4) Evento criado no Facebook: 1
- 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2
- 6) Eventos próprios Acesa: 7
- 7) Fotos: 3
- 8) Repercussão de mídia impressa: 1
- 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1
- 10) Sobre editais: 2
- 11) Valorização ancestral: 2
- 12) Vídeos: 1
- 13) Divulgação de blog (outros): 1

CATEGORIAS DE ANÁLISE	UNIVERSO SIMBÓLICO COMUNICATIVO	UNIVERSO SIMBÓLICO CULTURAL	MARCADORES DE TRADIÇÃO por Abreu	RITUALIDADE/ ROTINA a partir dela se estabelece a conexão com um tempo primordial originário de encontros espirituais e comportamentais com os antepassados, através da repetição de seus hábitos e costumes	Elemento explorado em 2/3 das postagens, em informações textuais, como convites de rodas, ou em imagens onde pessoas se apresentam uniformizadas, participando de rodas, oficinas e atividades grupais. Percebido em textos e imagens de 21 posts referentes aos temas: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo 1) Convite de rodas: 5; 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2; 6) Eventos próprios Acesa: 7; 7) Fotos: 3; 12) Vídeos: 1, 13) Divulgação de blog (outros): 1
				ANCESTRALIDADE/ HIERARQUIA valorização dos saberes ancestrais. materializada na organização social e de poder de seus participantes e é similar a estruturas de poder comunitárias, que vão do mais baixo, ao mais alto escalão social.	Presente em 14 posts: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa; 1) Convite de rodas: 4; 11) Valorização ancestral: 2; 12) Vídeos: 1
				MUSICALIDADE ORGANICA Priorização do conhecimento e domínio da técnica musical de todos os instrumentos utilizados na roda de capoeira.	Elemento percebido em 18 posts: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; 1) Convite de rodas: 5; 6) Eventos próprios Acesa: 7; 7) Fotos: 3; 12) Vídeos: 1; 13) Divulgação de blog (outros): 1
				CIRCULARIDADE elemento essencial das culturas afro. A realização das atividades em círculo além de demarcar o território aonde acontecem as práticas culturais, potencializa a consciência de grupo e individual, onde todos podem ver e serem vistos, bem como mantém, harmoniza e congrega, a energia criada através da ritualidade.	Elemento percebido em imagens de 07 posts: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; 1) Convite de rodas: 1; 3) Frentes de Trabalho: 1; 6) Eventos próprios Acesa: 1; 7) Fotos: 3; 12) Vídeos: 1
				MANDINGA são formas de atuação evasivas, informais, não esperadas	Elemento não percebido.
				CORPOREIDADE utilização do corpo físico e etéreo como forma de expressão. Trabalhada três níveis: corpo, mente e espírito.	Presente na maioria das imagens de fotos e ilustrações de eventos postadas no Facebook e na logomarca da Acesa.
				ORALIDADE Pressuposto básico da transmissão dos conhecimentos afro-brasileiros. Geralmente ocorre durante o contato presencial, onde os ensinamentos e ritualidades angoleiros são repassados de forma oral, sem a utilização de elementos externos a corporeidade do mestre.	Presente em dois posts: 11) Valorização ancestral: 2
				PERTENCIMENTO SOCIAL Participar de um grupo gera integração, segurança e pertencimento ao indivíduo, que consegue se perceber não somente como um, mas sim como parte de um coletivo coeso e participativo no âmbito social	Percebido em 31 posts: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa; 1) Convite de rodas: 5; 2) Militância: 1; 3) Frentes de Trabalho / Treinos: 2; 4) Evento criado no Facebook: 1; 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2; 6) Eventos próprios Acesa: 7; 7) Fotos: 3; 8) Repercussão de mídia impressa: 1; 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1; 10) Sobre editais: 2; 11) Valorização ancestral: 2, 12) Vídeos: 1; 13) Divulgação de blog (outros): 1
CONTINUA				PERPETUAÇÃO TEMPORAL dos COSTUMES manutenção e permanência da experiência durante os tempos	Percebido em 30 posts: A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo; B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa; 1) Convite de rodas: 5; 2) Militância: 1; 3) Frentes de Trabalho: 1; 4) Evento criado no Facebook: 1; 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2; 6) Eventos próprios Acesa: 7; 7) Fotos: 3; 8) Repercussão de mídia impressa: 1; 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1; 10) Sobre editais: 2; 11) Valorização ancestral: 2, 12) Vídeos: 1; 13) Divulgação de blog (outros): 1

	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS Tipos de postagens: 1) Convite de rodas: 5 2) Militância: 1 3) Frentes de Trabalho: 1 4) Evento criado no Facebook: 1 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2 6) Eventos próprios Acesa: 7 7) Fotos: 3 8) Repercussão de mídia impressa: 1 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1 10) Sobre editais: 2 11) Valorização ancestral: 2 12) Vídeos: 2 13) Divulgação de blog (outros): 1	ANÁLISE CONOTATIVA GLOBAL Número de postagens total: 135 Número de postagens analisadas: 30 (São aqui analisadas as postagens dos administradores e contribuidores de conteúdo, a exceção das realizadas por Carem Abreu) ITENS MÓVEIS: são aqui considerados como aqueles que possuem uma estrutura de inclusão de dados móveis, cujo o conteúdo pode ser alterado tanto pelo administrador do Facebook, quanto por seus amigos. A grande maioria dos 31 posts analisados são relacionados a prática da capoeira angola, a exceção de nove posts (militância, criação de evento no Facebook, eventos próprios- Aldeia Quilombo, sobre editais, comunicação entre pares). Há prevalência do número de postagens com objetivo claro de divulgação, sendo que somente quatro posts não tem essa função, itens: 2) Militância: 1; 10) Sobre editais: 2 e 13) Divulgação de blog (outros): 1 Destacam-se também posts de eventos próprios (6- Eventos próprios Acesa: 7) e de convites para roda (1 - Convite de rodas: 5). Tal configuração demonstra que o Facebook da Acesa é utilizado prioritariamente como um instrumento de divulgação entre pares e de mobilização social (eventos, rodas). Embora os posts de militância (2.Militância: 1; 11.Valorização ancestral: 2) e a forma de produção dos eventos da Acesa (Lapinha Museu Vivo e Aldeia Kilombo, com o dialogo e valorização de outras culturas de raiz, como o congado, samba, reggae - 6.Eventos próprios Acesa: 7) sejam elementos significativos no que se referem a contribuição da Acesa para uma mudança simbólica da percepção social da cultura afro-brasileira. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, musicalidade orgânica, circularidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA 
	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS FIXOS A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa C) Pessoas que Curtem: 239 D) Número de fotos: não visível na capa E) Sobre a Acesa: informação latente	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE A) Foto Capa: evento Lapinha Museu Vivo. IMAGEM: foto preto e branco de roda de capoeira com pessoas sentadas cantando, duas pessoas jogando (uma delas é Mestre João Angoleiro). TEXTO: não visível. A postagem do flyer virtual na capa do perfil, ocorrido em 03 de maio de 2012, conota a ênfase no caráter publicitário do post, pois trata-se do evento Lapinha Museu Vivo: IX Encontro de Culturas de Raiz, que vai acontecer no outro dia, durante todo o final de semana (de 04 a 06 de maio). Ou seja, trata-se de um chamado de atenção para o evento. O fato de apresentar uma roda com o mestre jogando possibilita identificação direta entre os integrantes da Acesa e para capoeiristas em geral. O formato da roda e as pessoas sentadas, cantando conota que trata-se de uma roda de capoeira angola, onde são percebidos elementos tradicionais como circularidade, ritualidade, ancestralidade, musicalidade orgânica, pertencimento social. B) Foto Perfil: Logomarca da Acesa (veja análise conotativa da logomarca já realizada na análise do site da Acesa). Do lado direito da logomarca figura o texto "Eu Sou Angoleiro _Grupo de Capoeira Angola, 239 curtiram. 6 falando sobre isso" e abaixo ícones com os textos "Negócio Local", "Rua da Bahia, 570/12º, Belo Horizonte". A conjunção da logomarca no local do perfil, associado aos textos lateral e inferior reforçam a identidade da Acesa como sendo de Belo Horizonte. C) Pessoas que Curtem: 239. Tal informação conota a baixa da penetração virtual da Acesa. Clicando sobre o ícone opções curtir, em uma análise superficial pode-se notar que esse publico é formado por pessoas tanto da Acesa, como de outros grupos de capoeira angola. Essa opção de perfil institucional apresenta dados detalhados das opções de curtir. A título de exemplificação do publico do Facebook da Acesa analisamos o período de 2 de abril a 29 de junho de 2012. Nesse período de 57 dias, 232 pessoas interagiram com a fan page. Destes 55,9% são homens, e 43,7% mulheres. A maioria desse publico (20,2%) é formado por jovens entre 25 a 34 anos, em sua maioria brasileiros (197) e de Belo Horizonte (91), seguidos por Belém (8) e Rio de Janeiro (8). No entanto, há também presença de	

		estrangeiros, sendo que dessas 35 pessoas, em sua maioria são latino americanos, seguidos por espanhóis e europeus. O número de visualizações no Facebook conota que existe uma dificuldade de acesso a internet das pessoas relacionadas a Acesa, provavelmente por possuírem um nível social mais baixo, principalmente no que se refere ao acesso a esse dispositivo sócio-técnico. D) Número de fotos: não visível na capa, aonde figura a ilustração de movimento de capoeira (chapa de costas e bananeira). Mas entrando no link observa-se a existência de sete álbuns (D.1 - Fotos do mural: 15; D.2 – Aldeia Kilombo Século 21: 2; D.3- Fotos de Capa: 2; D.4- Lapinha 2012: 3; D.5 -Fotos do Perfil: 2; D.6 – Horários de treinos Capoeira Angola, Dança Afro e Roda:1; D.7 – Eu Sou Angoleiro – Memória: 82). E) Sobre a Acesa: informação latente. Quando se clica no item surgem informações de endereço, telefone, e-mail, site, resumo institucional, missão, informações gerais, descrição, horários de treinos - link p site; frentes de trabalho-link para site, produtos (Oficinas Culturais, Apresentações Culturais e Espetáculos, Publicações – revista Eu Sou Angoleiro e DVD PAZ NO MUNDO CAMARÁ), mostrando um preparo comunicativo de quem criou a fan page. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA 
	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS Tipos de postagens: 1) Convite de rodas: 5	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE – COMO ACESA SE APRESENTA Número de postagens total: 28; Número de postagens aqui analisadas: 5. 1) Convite de rodas: 6; 1.1) Post 29/06/2012. TEXTO: “Hoje é dia da tradicional Roda de capoeira angola da ACESA (...). Sejam bem vindos”. Contendo horário e endereço. IMAGEM: ilustração. No primeiro plano duas pessoas jogando (chapa de costas e bananeira). Segundo plano bateria de capoeira. Cores: fundo amarelo, traço preto. Quatro pessoas curtiram, uma comentou 68 visualizaram; 1.2) Post 07/04/2012. Somente texto: “Então galera....só pra ratificar o que foi dito ai embaixo: Hoje (sabado- 07/04/2012) a nossa roda sera realizada na floricultura da avenida afonso pena, ao lado do parque municipal (sentido rodoviária) a partir das quatro.... axé a todos!!!!” . Uma pessoa curtiu e 82 visualizaram; 1.3) Post 07/04/2012. Somente texto: “Galera...nesse Sábado (7/04/2012) a nossa roda será realizada na floricultura da rua Afonso Pena (ao lado do parque municipal) a partir das 16:00, devido ao fato de o predio da sede estar fechado por causa do feriado!!! Axé”; Quatro pessoas curtiram, uma compartilhou e 91 visualizaram; 1.4) Post 04/04/2012. Somente texto: “AE galera Roda de Aniversario de Mestre Pastinha, DIA 5 DE ABRIL de 19:30 as 21:30 na sede da rua da bahia, é roda sarau galera entao preparem, os textos de mestre pastinha. axe galera”. Três pessoas curtiram, quatro compartilharam e 93 visualizaram. 1.5) 12/01/2012. Somente texto: “Como esta dito ai embaixo, a ACESA ja iniciou as atividades culturais de 2012!!! E para comecar com o pé direito, sabado (dia 14/01/12) estaremos realizando a nossa primeira roda do ano!!! As portas estao abertas, quem puder comparecer sera muito bem vindo!!! axé!”. Três pessoas curtiram, uma comentou, 65 visualizaram. Interação direta (curtir, comentários compartilhamentos): 23. Interação indireta (visualizações): 380. Nestes cinco posts são valorizados principalmente os seguintes aspectos: ancestralidade, corporeidade, bateria orgânica (em 1.1- “dia da tradicional Roda”), pertencimento grupal (em, 1.2, 1.3 e 1.5 – “nossa roda”, 1.1-cores amarelo e preto – escola pastiniana). No mês de abril ocorreram três convites de roda pelo fato de se tratar de eventos em locais e horários diferentes do que acontecem normalmente (sede), demonstrando uma preocupação dos administradores de informar ao publico externo sobre o fato. Existe uma grande diferença de estrutura textual entre o primeiro post, mais formal, e os outros quatro que se apresentam menos formais contendo gírias e erros de português. Esse fato conota que o Facebook é administrado por várias pessoas, que no grupo há uma participação ativa de vários integrantes, mesmo com idades e níveis de escolaridade diferenciados. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
	ANÁLISE DENOTATIVA	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - COMO ACESA SE APRESENTA	CONTINUA

		ITENS MÓVEIS 4) Evento criado no Facebook: 1 6) Eventos próprios Acesa: 7 Número de postagens total: 28 Número de postagens aqui analisadas: 08; 4) Evento criado no Facebook: 1. Post 01/06/2012. TEXTO: "Camaradas vamos divulgar o evento, chame seus amigos. Aldeia Kilombo Século 21, sábado, 9 de junho às 10:00 em centoequatro". IMAGEM: homem negro, de costas faz um gesto com o braço, logo do evento e texto sem leitura. Quatro pessoas curtiram, uma comentou, duas compartilharam e 105 visualizaram. 6) Eventos próprios Acesa: 7. 6.1) Post 29/05/2012. TEXTO: Convite Aldeia Kilombo Século 21 (2012). IMAGEM: sobre um fundo preto um homem negro de costas (iluminado) faz um gesto com o braço, logo do evento em forma circular e parte de texto contendo data, local e contatos. Trata-se de repercussão do post 6.3, a seguir. Nove pessoas curtiram, 23 compartilharam e duas comentaram; 6.2) 29/05/2012. Evento em destaque (tamanho maior) Verso do Flyer eletrônico do evento. TEXTO: "Venha participar e construir o maior coletivo das Culturas de Raiz de Belo Horizonte. Samba, Reggae, Capoeira Angola, Hip Hop e Religiosidades Afro (Congado, Candombe e Candomblé)". Reticula cinza com texto da programação (de 9 da manhã a meia noite), dias 9 e 10 de junho IMAGEM: logos de realização (Aldeia Kilombo e Acesa) e apoio cultural (Rádio Inconfidência, Governo de Minas, Pop Cards, CentoeQuatro, Divina Presença, Quae). Uma pessoa curtiu, 29 compartilharam e 93 visualizaram; 6.3) 28/05/2012. Evento em destaque (tamanho maior). TEXTO: Convite Aldeia Kilombo Século 21 (2012). IMAGEM: sobre um fundo preto um homem negro de costas (iluminado) faz um gesto com o braço, logo do evento em forma circular, contendo a ilustração do Brasil e da África, sendo que elementos culturais como instrumentos e pessoas jogando capoeira e dançando "unem" esses dois continentes. Ambos continentes estão dentro de um círculo cinza, com bordas contendo vegetações. O texto "Aldeia Kilombo Século 21, as raízes se encontram no templo da cultura" circunda a parte externa da logomarca. Nove pessoas curtiu, duas comentaram, 23 compartilharam e 650 o visualizaram; 6.4) Post 04/05/2012. TEXTO: "GALERA.... quem for pro lapinha hj, tera um onibus que saia as 17 hrs la da praça da estacao, só dar o nome e o numero da identidade, é 0800!!! entao vamo fica antenado pra naum chegar atrasado e perde o bus.... abraçao, ate la!". Tres pessoas curtiram, quatro comentaram e 241 visualizaram; 6.5) Post. 02/05/2012. TEXTO: "Documentário dirigido por Carla Maia e Raquel Junqueira sobre a Velha guarda do Samba de BH". IMAGEM: parte de foto de uma mesa e cadeiras num quintal sem ninguém sentado. Sobre a foto trechos de textos, das quais com leitura completa somente "Dr. Lund, Lagoa Santa" e "Lapinha". Uma pessoa curtiu, uma comentou, duas compartilharam e 136 visualizaram; 6.6) Post 19/05/2012. TEXTO: Programação completa do Lapinha no site. Link para o site do grupo. Uma pessoa curtiu, duas compartilharam e 96 visualizaram; 6.7) Post 11/05/2012. Sem texto. Link para site do grupo, com informações sobre o Lapinha. 101 pessoas o visualizaram. Analizando de forma global nota-se que em dois meses (maio e junho) a Acesa realizou dois eventos culturais em locais diferentes da RMBH (Lagoa Santa e Belo Horizonte) com foco na valorização/ divulgação das culturas afro-brasileiras (não somente a capoeira angola, mas também samba, dança afro, reggae e religiosidades africanas). Que possui articulação entre governo e iniciativa privada (patrocínios em 6.2), procura desenvolver uma comunicação integrada entre postagens no site e no Facebook (6.6) e ampliar a divulgação de suas ações dentro do facebook com criação de eventos (4). Além de informar para o público sobre "facilidades" que seriam exclusivas do grupo, como por exemplo o post sobre ônibus para o evento Lapinha (6.4). No entanto, parece que Acesa não está posicionada como difusora no mundo virtual, pois num universo de 31 postagens apresenta apenas dois posts de pessoas de fora do grupo (5.1 e 5.2). Interação direta (curtir, comentários compartilhamentos): 140. Interação indireta (visualizações): 1624. Elementos tradicionais percebidos: circularidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
--	--	---	--

				ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - COMO OS OUTROS SE APRESENTAM - O QUE A ACESA DIVULGA Número de postagens total: 28 Número de postagens aqui analisadas: 02; 5) Eventos de outros divulgados pela Acesa: 2. 5.1) Post 10/05/2012. Evento em destaque (tamanho maior) TEXTO: evento do Grupo de Capoeira Angolinha, Seropédica- RJ. IMAGEM: foto PB, com mestre Angolinha no centro falando, atrás dele bateria de capoeira angola. Sobre essa imagem foram inseridas retículas pretas e sobre elas texto escrito em amarelo, contendo informações sobre o evento (local e data), investimento e contato. Cinco pessoas curtiram, uma comentou, duas compartilharam e 202 visualizaram. Post 09/03/2012. TEXTO: "Amigo: - amanhã, sábado, dia 10, 20h, tem Sarau da Capoeira no teatro de arena da Rainha da Sucata, Praça da Liberdade. Além do som que estamos preparando pra vocês, haverá a presença e manifestação artística de quem quiser se manifestar". IMAGEM: Foto PB de uma pessoa tocando berimbau, com textos sobrepostos que aparecem parcialmente, dos quais se sobressaem as palavras "sarau, aberto ao público" e a logomarca do governo de minas. A postagem é de Leandro Couri (pessoa que curte a pagina da Acesa). 16 pessoas curtiram. Elementos tradicionais percebidos: pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	
				ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS 3) Frentes de Trabalho: 1 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1 13) Divulgação de blog (outros): 1	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - CONVERSÇÃO ENTRE PARES Número de postagens total: 28 Número de postagens aqui analisadas: 3 3) Frentes de Trabalho: 1; Post 29/06/2012: Link para a fan page do Centro de Educação e Cultura Flor do Cascalho. IMAGEM: Logomarca Flor do Cascalho. Formato circular, com fundo amarelo, borda preta. No centro Uma flor de lótus com um caule de berimbau. Uma pessoa curtiu, 23 visualizaram 9) Contato entre pares (pessoas da Acesa): 1; Post 19/07/2011: TEXTO com link para nota do facebook – "Amanhã apresento parte de minha dissertação em uma palestra pra comunidade da capoeira. Vai ser lá na ACANNE (Rua do Sodré, 48, 2 de Julho, Salvador-BA) às 20h. Entrada franca, todo mundo convidado!". Uma pessoa curtiu, 40 visualizaram. 13) Divulgação de blog (outros): 1; Post 21/11/2011. Link para blog "Primavera Kaiundê: reflexões sobre o processo educativo na Capoeira Angola". Duas pessoas curtiram e 65 visualizaram. Os posts 3 e 13 refletem a ampliação da midiatização das frentes de trabalho da Acesa. O post 3 é um link para o a fan page no Facebook do Flor do Cascalho, situado no Morro das Pedras (BH, treinel Sérgio) e o 13 para o blog Primavera Kaiundê, sobre atividades da Acesa realizadas na frente de trabalho do distrito de Macacos (Nova Lima, treinel Ricardo Manaus). O post 9 trata-se de um convite de um angoleiro da Acesa, que vive em Salvador (Paulo Magalhães), para apresentação de um trecho de sua dissertação. Demonstra a penetração da capoeira angola no campo acadêmico e o sentimento de pertencimento e compartilhamento das pessoas do grupo. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, musicalidade orgânica, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	

	ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS 2) Militância: 1 8) Repercussão de mídia impressa: 1 10) Sobre editais: 2 11) Valorização ancestral: 2	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE - POLÍTICAS DE RECONSTRUÇÃO SIMBÓLICA- Número de postagens total: 28; Número de postagens aqui analisadas: 6 2) Militância: 1; Post 29/06/2012: IMAGEM em PB, plano médio de uma menina negra encostada em uma pilastra, olhando fixamente para o interlocutor, mais posicionada a direita da visualização. TEXTO "A liberdade jamais é dada pelo opressor. Ela tem que ser conquistada pelo oprimido." (Martin Luther King Jr). Na pilastra, lado direito: "Identidade Preta". Duas pessoas curtiram e 56 visualizaram. 11) Valorização ancestral: 2; 11.1) 29/06/2012: IMAGEM COLOR, plano médio de Mestre João Pequeno, descendente direto de mestre Pastinha, sorrindo e falando. Na mão esquerda ele carrega um berimbau, a direita aponta para alguém com quem está interagindo. As pessoas que estão por detrás dele o observam e também sorriem. TEXTO: "O capoeirista para bater no seu adversário, ele não precisa encostar o pé, ele deve ter o seu corpo freado, manejado, para ele levar o pé e ver que o adversário não se defendeu, antes do pé encostar, ele 'frea' o pé..., porque quem tá de parte vê: ele não bateu porque não quis." Mestre João Pequeno – 1917 -2012; Três pessoas curtiram, uma comentou e 59 visualizaram. 11.2) Post 11/04/2012: TEXTO: 5 de abril de 1889: - Nasce Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, que dedicou toda sua vida à capoeira Angola e seus fundamentos. Viva o mestre e a todos que acreditam nos seus ensinamentos!!! Lê camará! "Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista." Vicente Ferreira Pastinha - 5 de abril de 1889* / 13 de novembro de 1981+ IMAGEM COLOR, primeiro plano do rosto de Mestre Pastinha de olhos fechados e sorrindo, ao fundo uma parede azul e amarela. Duas pessoas curtiram e 121 visualizaram. 8) Repercussão de mídia impressa: 1. Post 17/03/2012. TEXTO: "Olha o Angola Dobrada e o EU SOU ANGOLEIRO aí gente!" LINK: para matéria do Jornal Estado de Minas On line – "Capoeira atrai estrangeiros em Minas Gerais – Gerais – Estado de Minas. Gringos se rendem à tradição afro-brasileira ao entrarem na roda de berimbaus(...)". Uma pessoa curtiu, uma compartilhou e 71 visualizaram. 10) Sobre editais: 2. 10.1) Post 16/05/2012. TEXTO: "até 06/06". LINK: "Ministério da Cultura – MinC Edital Memória do Mundo da Unesco – MOW – Brasil 2012". Uma pessoa curtiu, uma compartilhou e 119 visualizaram; 10.2) Post 28/01/2012. TEXTO: "Ao maravilhosos vídeos de capoeira de BH". LINK: Guia Fala – Festivais Audiovisuais da América Latina. Uma pessoa curtiu e 59 visualizaram. Os itens 2 e 11 estão relacionados a militância da ACESANO que se refere a divulgação exterior ao grupo de conteúdos ideológicos relacionados a valorização e aceitação social do negro e sua diversidade cultural, incorporando em sua linguagem as propostas políticas internacionais do movimento negro e da Unesco (post 2). Nos posts do item 11 há uma clara reverência a oralidade, aos saberes ancestrais e a perpetuação temporal dos costumes. O item 11.1 parece ser uma homenagem póstuma a Mestre João Pequeno de Pastinha, que faleceu há seis meses e era considerado como o Guardião da Capoeira Angola. O texto apresentado é um trecho da oralidade desse mestre no filme "Pastinha, uma vida pela Capoeira" (Muricy, 1998). Mestre João Pequeno foi sucessor direto de Mestre Pastinha, pessoa que configurou a capoeira angola no século passado através da criação do Centro Esportivo de Capoeira Angola, CECA, Salvador/BA, em 1941. Na foto Mestre João Pequeno está no interior do CECA, que herdou de seu mestre, dando a noção de continuidade temporal da capoeira angola. O item 11.2 faz reverência ao nascimento de Mestre Pastinha, uma data comemorada com rodas de capoeira angola no mundo inteiro. No post foram incluídos trechos da oralidade do mestre em seus manuscritos pessoais, que tratam da identificação do que seria a prática angoleira. A imagem de mestre Pastinha com os olhos fechados reforçam fato dele ter ficado cego em 1973. Já os itens 8 e 10 referem-se a forma como as pessoas e a mídia percebem/ enfocam as atividades do grupo. No item 8 há um link para uma matéria do jornal de maior circulação em Minas. Apesar da matéria tratar dos estrangeiros que vivem em Belo Horizonte e treinam no grupo Angola Dobrada, a ACESA surge na retransmissão e é apresentada pelo repórter Jefferson da Fonseca como sendo o local onde ele foi para entender o que é tradição na capoeira angola. O item 10.1 refere-se ao reconhecimento comunitário de que a ACESA desenvolve projetos de difusão cultural da capoeira angola para Leis de Incentivo e o item 10.2 que ACESA também produz conteúdo audiovisual sobre o tema. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, oralidade, corporeidade, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão	CONTINUA 
--	---	--	---

		ANÁLISE DENOTATIVA ITENS MÓVEIS 7) Fotos: 3 12) Vídeos: 1	ANÁLISE CONOTATIVA EM PROFUNDIDADE – SENTIDO DA IMAGEM Número de postagens total: 28 Número de postagens aqui analisadas: 4 7) Fotos: 3. 7.1) Post 17/06/2012. IMAGEM COLOR, Plano geral de uma roda de capoeira angola da Acesa, realizada com 25 angoleiros da Acesa, no Parque Municipal, em frente ao Teatro Francisco Nunes. A presença de um microfone boom na roda aponta para o fato de ser tratar de uma gravação. TEXTO: "Oi gente! Estamos começando hoje esse espaço para a divulgação e difusão das tradições culturais populares de raiz de matriz africana. Pode entrar: a casa é nossa". Comentário repercussivo do treinel da Acesa Benjamim Abras: "Ai que mico eu sem minha farda! Ainda bem que tenho um Mestre compreencivo! Rsrssrs". Tres pessoas curtiram, uma comentou. 7.2) Post 17/06/2012. IMAGEM COLOR, plano Americano de bateria de capoeira angola. TEXTO: comentário repercussivo de Benjamim Abras "Capoeira, presente de Nzambi!" Uma pessoa curtiu. 7.3) Post 18/05/2012. Album " IX Lapinha Museu Vivo – Encontro de Culturas de Raiz 2012, com 69 fotos postadas por Paulo Magalhães. Figuram quatro fotos. Uma em destaque e três menores. IMAGEM COLOR. A foto maior é um plano geral de uma roda de capoeira com mais de 40 pessoas e publico assistindo, realizada a noite numa praça. Os capoeiristas estão se cumprimentando. As tres fotos menores são planos detalhe, médio e geral de jogos de capoeira, com enfase na bateria e jogo. Uma pessoa curtiu e 50 visualizaram. 12) Vídeos: 1. Post 11/05/2012. TEXTO: "Um pouco do nosso trabalho". LINK para vídeo de 04 minutos de divulgação do trabalho "Corpo cidadão na Vila Fazendinha" Esse vídeo é um pouco do jeito do corpo cidadão atuar. As imagens foram registradas na Escola Municipal Vila Fazendinha." Duas pessoas curtiram, duas compartilharam 123 visualizaram. Em relação ao item 7 (fotos) analisando o conjunto das imagens, visualmente destacam-se três elementos tradicionais, a ancestralidade/hierarquia presente na figura do mestre em todas as fotos, a musicalidade orgânica, circularidade e ritualidade presentes na formação da roda, da participação ampla de capoeiristas da Acesa uniformizados com amarelo e preto, a militância e a perpetuação temporal dos costumes. A foto 7.1 aconteceu no centro de Belo Horizonte. A 7.3 foi na Praça central de Lagoa Santa, fato que demonstra a amplitude geográfica do trabalho da Acesa na Grande BH. Na foto 7.1 nota-se a presença de um microfone boom, o que significa que se trata de uma roda de apresentação para a gravação de um vídeo. O fato conota que a Acesa vem sendo objeto de midiatização videografica pelo menos desde antes 28/10/2010, data da postagem das fotos. Também nessa foto consta o comentário do treinel Benjamim sobre o fato de não estar uniformizado. Além do comentário demonstrar a importância da indumentaria na capoeira como elemento de identificação grupal, ele também se refere ao uniforme usando a expressão "farda", uma expressão comum nas guardas de congado. Na foto 7.2 onde aparece em destaque, Benjamim faz o seguinte comentário: "Capoeira, presente de Nzambi!". Nzambi é o deus supremo e criador nos candomblés de Nação Angola, equivalente à Olorun do Candomblé Ketu. Nos dois comentários mencionados conotam que o treinel Benjamim transita ou tem contato com diversas expressões do universo cultural afro-brasileiro. Sobre o item 12 (vídeos) trata-se de um post de divulgação do trabalho do projeto Corpo Cidadão (Grupo Corpo, cia. de dança Contemporânea), na vila Fazendinha, uma das frentes de trabalho da Acesa, onde o treinel Ricardo Manaus, dá aulas. O vídeo demonstra o poder de articulação social da Acesa que transita no campo institucional e desenvolve parceria com outros projetos culturais. Elementos tradicionais percebidos: ritualidade/ rotina, ancestralidade/ hierarquia, circularidade, corporeidade, oralidade, musicalidade orgânica, pertencimento social, perpetuação temporal dos costumes, militância, autonomia e auto-gestão.	CONTINUA 
--	--	--	--	---

UNIVERSO SIMBÓLICO COMUNICATIVO	Apropriação por Vaz	TEMPO (qual o período em que transcorre a prática)	MUNDO DA VIDA: A Acesa foi fundada em 1993. Existe há 19 anos. MUNDO VIRTUAL: O Facebook da Acesa foi iniciado em 29/11/2010. As 31 postagens analisadas ocorrem no período de 1,7 anos, ou 19 meses. 26 postagens em 2012; 5 Postagens em 2011	CONTINUA	
		ESPAÇO (mundo da vida, mundo virtual)	MUNDO DA VIDA: TERRITORIALIDADE: a Acesa possui frentes de trabalho em 14 locais, sendo: 4 em Belo Horizonte, 6 na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Nova Lima, Ribeirão das Neves, Vespasiano, Contagem, Santa Luzia), em 2 cidades do Estado (Lagoa Santa, Pará de Minas), no Norte do Brasil (Pará) e na Itália (Milão). TREINOS: em acontecem em todas as frentes de trabalho duas vezes por semana, com duas horas de duração, durante o ano inteiro. RODAS: na sede (BH) acontecem todos os sábados, com quatro horas de duração e nas frentes de trabalho quinzenalmente ou mensalmente. EVENTOS: Anuais: Maio- Lapinha Museu Vivo; Julho – Aniversario da Acesa; Novembro- Aldeia Kilombo. Bienais - Chamada de Angola MUNDO VIRTUAL: TERRITORIALIDADE: até a data analisada a fan page da Acesa possuía 239 opções de curtir. A título de exemplificação desse foi analisado o período de 2 de abril a 29 de junho de 2012. Durante esses 57 dias, 232 pessoas interagiram com a fan page. A maioria desse publico é formado por brasileiros (197) e de Belo Horizonte (91), seguidos por Belém (8) e Rio de Janeiro (8). No entanto, há também presença de estrangeiros, sendo que dessas 35 pessoas, em sua maioria são latino americanos, seguidos por espanhóis e europeus. TREINOS: nos posts analisados não foram encontrados posts relacionados a treinos. Nesse estudo foi analisado somente 20% do universo de postagens da fan page devido a restrição de análise dos posts de Carem Abreu, portanto a falta desse dado “treinos” não pode ser aqui considerada como significante. RODAS: Os 5 posts de rodas ocorreram entre junho a janeiro de 2012 (,em sua maioria tiveram a clara intenção de divulgar ao publico externo mudanças nas rotinas de roda da Acesa. A postagem de 12/01 refere-se as retomadas de inicio de ano das rodas a Acesa, a duas do dia 07/04 referem-se a mudança de local da roda, que acontece na sede (rua da Bahia 570/ sala 1200), para a Praça das Flores, na rua Afonso Pena, e a postagem de 04/04 trata-se da realização de uma roda extra na terça, pois a roda da Acesa acontece há 19 anos, aos sábados a tarde. É justamente do caráter tradicional, no sentido de perpetuação de costumes que trata o post de 29/06. EVENTOS: em dois meses (maio e junho) a Acesa realizou dois eventos culturais em locais diferentes da RMBH (Lagoa Santa e Belo Horizonte)		
	RELAÇÕES DE PODER por Rodrigues	VISIBILIDADE (meios de se colocar visível)	MUNDO DA VIDA: ocupação territorial através da sede e frentes de trabalho, sendo: 4 em Belo Horizonte, 6 na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Nova Lima, Ribeirão das Neves, Vespasiano, Contagem, Santa Luzia), em 2 cidades do Estado (Lagoa Santa, Pará de Minas), no Norte do Brasil (Pará) e na Itália (Milão); valorização da figura do mestre (hierarquia); adotar uniforme (no caso preto e amarelo/ritualidade); manter uma rotina de treinos semanais (rotina); realizar rodas de rua em locais de grande circulação de pessoas (perpetuação temporal dos costumes); realizar rodas de rua com som ao vivo e acústico (musicalidade orgânica); utilização de coro (todos cantando ao mesmo tempo) para reforçar a amplitude do cantar; realização de eventos congregando diversas expressões culturais de raiz de matriz africana (samba, congado, dança afro, candombe, dentre outros) pelo menos uma vez por ano. MUNDO VIRTUAL: valorizar o nome, a logomarca e a historia do grupo; posts de convites de roda; convite virtual de evento com diversas expressões culturais de raiz de matriz africana; valorização do texto em relação a imagem (fotos), presença temática em mídias de grande publico como jornal e vídeo.		
		SENTIDO (por que se colocar visível)	MUNDO DA VIDA: manutenção cotidiana da cultura afro-brasileira; manutenção da vida econômica dos mestres, contramestres e treineis; manutenção da vida grupal, comunitária e social; resistência sócio-cultural; inclusão da prática angolense em espaços de poder (instituições de ensino/ faculdades) MUNDO VIRTUAL: divulgação dos seus eventos em proporções globais (ampliação da abrangência local); ampliar e facilitar o contato com as outras frentes de trabalho no Brasil e no Mundo; ocupação do espaço midiático com conteúdo próprio; publicação de informações que contribuam com a ressignificação simbólica do afro-brasileiro (militância e valorização ancestral)		
		DISPOSITIVO por Agamben	TECNOLÓGICO (aparatos sociotécnicos)		1) Ocupação de 14 espaços territoriais em dois estados brasileiros e 02 países e continentes (Brasil e Itália) ; 2) Adoção de uniforme padrão em todos os locais de praticas; 3) Realização de prática de treinos semanal (pelo menos duas vezes semana); 4) Realização de treinos e rodas com bateria orgânica; 5) realização de rodas semanais ou quinzenais nos locais de pratica; 6) realização anual de eventos de intercambio de informações intra-grupal – âmbito regional; 7) realização de rodas de rua com cobertura fotográfica; 8) Criação de perfil institucional no Facebook ;9)Criação de outras fan pages (Flor do Cascalho) e Blog (Primavera Kauindê); 10) Valorização da logomarca do grupo; 11) reiteração midiática - publicação nas redes sociais do mesmo conteúdo do blog
			ESTRATÉGICO (modos de empoderamento virtuais: linguagem escrita, imagética e sonora)		1) Valorização da narrativa textual em detrimento a imagem; 2) Utilização de uniformes para identificação visual do grupo; 3) Valorização da logomarca do grupo; 4) Valorização Mobilização social e espacial - presença dos mesmos membros em vários locais de rodas e eventos; 5) Musicalidade orgânica presente nas fotos de treinos e rodas de rua; 6) Realização sistemática de eventos de grande porte com intermediação entre outras expressões culturais (pelo menos dois por ano);